

Coletânea MIGRAÇÃO & WASH

Reflexões sobre o contexto de Roraima

ORGANIZADORAS/ES

Maria Márcia de Oliveira

Cristina Mendes Altavilla Luttner

Raphael Douglas Macieira dos Santos



USAID
FROM THE AMERICAN PEOPLE



COLETÂNEA MIGRAÇÃO & WASH
reflexões sobre o contexto de Roraima

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RORAIMA**

REITOR

José Geraldo Ticianeli

VICE-REITOR

Silvestre Lopes da Nóbrega

DIRETOR DA EDUFRR

Fábio Almeida de Carvalho

CONSELHO EDITORIAL

Alcir Gursen de Miranda
Anderson dos Santos Paiva
Bianca Jorge Sequeira Costa
Edlauva Oliveira dos Santos
Georgia Patrícia Ferko da Silva
Guido Nunes Lopes
José Ivanildo de Lima
José Manuel Flores Lopes
Luiz Felipe Paes de Almeida
Luiza Câmara Beserra Neta
Núbia Abrantes Gomes
Rafael Assumpção Rocha
Rileuda de Sena Rebouças

**CÁRITAS BRASILEIRA
ORGANISMO DA CNBB**

DIRETORIA

Presidente

Dom Mário Antônio da Silva

Vice-presidente

Cleusa Alves da Silva

Secretária

Nilza Mar Fernandes de Macedo

Tesoureiro

Udelton da Paixão Espírito Santo

CONSELHO FISCAL

Anadete Gonçalves Reis
Aguinaldo Lima
Paulo Evangelista dos Santos

COORDENAÇÃO COLEGIADA

Diretor executivo

Carlos Humberto Campos

Coordenadora

Valquiria Lima

Coordenador

Rogério Augusto Cunha



**CÁRITAS
BRASILEIRA**
ORGANISMO DA CNBB



Editora da Universidade Federal de Roraima
Campos do Paricarana – Av. Cap. Ene Garcez, 2413,
Aeroporto – CEP: 69.310-000. Boa Vista – RR – Brasil
e-mail: editora@ufr.br / editoraufrr@gmail.com
Fone: + 55 95 3621 3111

A Editora da UFRR é filiada à:

**Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**

**ASOCIACION DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMERICA
LATINA Y EL CARIBE**

COLETÂNEA MIGRAÇÃO & WASH

reflexões sobre o contexto de Roraima

Vol. 1

Márcia Maria de Oliveira
Cristina Mendes Altavilla Luttner
Rapbael Douglas Macieira dos Santos
Organizadores(as)



CÁRITAS
BRASILEIRA
ORGANISMO DA CNBB



Boa Vista - RR

2020

Copyright © 2020
Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados ao autor, na forma da Lei.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Projeto Gráfico e Capa

Camila Valentina Apiscope Perez
George Brendom Pereira dos Santos
Raphael Douglas Macieira dos Santos

Diagramação

George Brendom Pereira dos Santos

Revisão Ortográfica

Elisangela Dias Barbosa

Fotos da Capa

Fernando Zamban (Projeto Orinoco)

Fotos do Livro

Arquivo do Projeto Orinoco

Dados Internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

C694 Coletânea Migração & Wash reflexões sobre o contexto de Roraima v. 1 / Márcia Maria de Oliveira ; Cristina Mendes Altavilla Lutner; Raphael Douglas Macieira dos Santos,
Organizadores. – Boa Vista Editora da UFRR, 2020.
310 p. : il.

ISBN: 978-68-86062-58-8

Livro digital

1 – Desenvolvimento sustentável. 2 – Migrantes. 3 – Xenofobia. 4 – Hospital materno infantil. 5 – Educação ambiental. 6 – Roraima. I - Título. II - Oliveira, Márcia Maria de Oliveira; Lutner, Cristina; Santos Raphael Douglas (organizadores).

CDU – 325.11(811.4)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista:
Marcilene Feio Lima - CRB-11/507-AM

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de
exclusiva responsabilidade dos autores

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
Dom Mário Antonio da Silva	

APRESENTAÇÃO	11
Márcia Maria de Oliveira	
Cristina Luttner	
Raphael Douglas Macieira dos Santos	

EIXO I - CULTURA **I.1 COMUNICAÇÃO** **I.2 VIVÊNCIAS**

CAPÍTULO 1 - O PROJETO ORINOCO E OS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	22
Cristina Mendes Altavilla Luttner	

CAPÍTULO 2 – RADIO ORINOCO: COMUNICAÇÃO BILÍNGUE PARA SENSIBILIZAR CONTRA A XENOFOBIA NA FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA	37
Tainá Aragão; Zoë Dutka	

CAPÍTULO 3 – XENOFOBIA, RACISMO E ESTIGMAS NA TERRA DE MACUNAÍMA	51
Gabriela da Costa Norberto Peres	
Francilene dos Santos Rodrigues	

CAPÍTULO 4 – PRÁTICAS DE ACOLHIMENTO DA MIGRANTE VENEZUELANA EM UM HOSPITAL MATERNO INFANTIL REFERÊNCIA NO EXTREMO NORTE DO BRASIL	69
Jessica Ferreira do Nascimento	
Tárcia Millene de Almeida Costa Barreto	

CAPÍTULO 5 – MIGRACIÓN E INTEGRACIÓN REGIONAL EN EL MERCOSUR: UNA MIRADA DESDE LA MOVILIDAD VENEZOLANA AL BRASIL	91
Militza Pérez Velásquez	

CAPÍTULO 6 – Educação Ambiental no Contexto Migratório em Roraima: Formação de Agentes Multiplicadores	112
Airlene de Medeiros Carvalho	
Noami Gibrana Queiroz Lemos	

CAPÍTULO 7 – Migração Venezuelana na Perspectiva das Mulheres	130
Viviane Lima de Almeida Oliveira	
Eliane Silvia Costa	

CAPÍTULO 8 – VIOLÊNCIAS ENTRELAÇADAS: APONTAMENTOS SOBRE MIGRANTES LGBTI VENEZUELANOS EM RORAIMA.....	149
Welthon Leal	
Caobe Rodrigues	
Márcia Maria de Oliveira	

EIXO II - ÁGUA, SANEAMENTO E HIGIENE
II.1 PROMOÇÃO DE HIGIENE
II.2 SOLUÇÕES EM WASH

CAPÍTULO 9 – CONTRIBUIÇÕES DA ENGENHARIA CIVIL NA RESPOSTA EMERGENCIAL E AJUDA HUMANITÁRIA.....	169
Raphael Douglas Macieira dos Santos	

CAPÍTULO 10 – CONCEPÇÃO DE UM PROJETO DE INFRAESTRUTURA DE ÁGUA, SANEAMENTO E HIGIENE: PROJETO ORINOCO.....	187
Lucas Matheus Gomes Santiago	

CAPÍTULO 11 – Reflexões sobre a concepção e prática das atividades de promoção de higiene do Projeto Orinoco nas instalações da igreja santo agostinho na cidade de Boa Vista	199
Luana Soares de Albuquerque	

CAPÍTULO 12 – ESCOVÓDROMO: UMA SOLUÇÃO CONCEBIDA PARA ATENDER IMIGRANTES VENEZUELANOS NO COMBATE À COVID-19	209
Rodrigo Edson Castro Avila	

**EIXO III - MONITORAMENTO, AVALIAÇÃO,
RESPONSABILIDADES E APRENDIZADOS**
III.1 INDICADORES
III.2 MUDANÇAS DE CENÁRIO
III. METODOLOGIAS DE *FEEDBACKS*

CAPÍTULO 13– DIMENSÃO PARTICIPATIVA E SOCIOTRANSFORMADORA DOS MIGRANTES EM BOA VISTA.....	225
Joel Valerio	
Márcia Maria de Oliveira	

CAPÍTULO 14 – PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E ACOMPANHAMENTO GESTACIONAL DAS PUÉRPERAS MIGRANTES VENEZUELANAS EM CONDIÇÕES DE ABRIGAMENTO NA CIDADE DE BOA VISTA-RR.....	244
Ana Beatriz Oliveira Costa	
Jhully Sales Pena de Sousa	
Tárcia Millene de Almeida Costa Barreto	

CAPÍTULO 15 – REFLEXÕES DE CAMPO COM MIGRANTES NO BRASIL: UMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA NAS PESQUISAS SOCIAIS.....	265
Maria Patricia Molina Contreras	
Welthon Leal	

**CAPÍTULO 16 - MIGRANTES E REFUGIADOS SURDOS VENEZUELANOS
EM RORAIMA 277**

Thaisy Bentes
Beatriz Teófilo
Anderson dos Santos Paiva

EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS

EXPERIENCIA MIGRATÓRIA COMPARTIDA I 293

Diego Pineda
Maracaibo, nordeste do país

EXPERIENCIA MIGRATÓRIA COMPARTIDA II 296

Gregorio Noriega
Ciudad Guayana, sudeste do país

EXPERIENCIA MIGRATÓRIA COMPARTIDA III 298

Neiber Pérez
Caracas, capital del país (centro norte)

EXPERIENCIA MIGRATÓRIA COMPARTIDA IV..... 301

Glimer Alcalá
Ciudad Guyana, sureste do país

EXPERIENCIA MIGRATÓRIA COMPARTIDA V 304

Andry Guerra
Miranda, centro norte del país

EXPERIENCIA MIGRATÓRIA COMPARTIDA VI..... 306

Gregoria Varela
Ciudad Guayana, sureste do país

PREFÁCIO

Antes de falar do Projeto Orinoco, responsável pela publicação do livro, cabe uma breve contextualização sobre a Instituição Cáritas. A Cáritas Brasileira, fundada em 12 de novembro de 1956, é uma das 170 organizações-membro da Cáritas Internacional. Sua origem está na ação mobilizadora de Dom Helder Câmara, então Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). As orientações do Concílio Vaticano II marcaram a ação da Cáritas que, desde então, vive sob os valores da pastoralidade transformadora. A Cáritas é um organismo da CNBB e possui uma rede com 187 entidades-membro, 12 regionais e 5 articulações.

Em 2018 foi realizada uma avaliação pela Cáritas Brasileira acerca da situação quantitativa e qualitativa necessidades mais urgentes dos migrantes que entram no estado de Roraima. Os entrevistados indicaram as seguintes necessidades em ordem de importância: 1) Trabalho; 2) Alimentação; 3) Abrigo; 4) Produtos de higiene; 5) Água e 6) Banheiros. Além disso, 78% dos entrevistados disseram não ter acesso a água potável e 55% disseram não ter água suficiente para beber, cozinhar ou fazer higiene pessoal.

A partir dessas informações, em 2019, surgiu o Projeto Orinoco como o primeiro projeto de infraestrutura em água, saneamento e higiene (WASH) para pessoas em situação de rua, em sua grande maioria migrantes venezuelanos, no estado de Roraima. Financiado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional - USAID, seu principal objetivo foi garantir acesso à água potável, instalações sanitárias e chuveiros, bem como atividades de promoção de higiene.

O Projeto visou a construção de duas instalações completas com banheiros, chuveiros, fraldário, bebedouro e lavanderia em Boa Vista (na Paróquia Nossa Senhora Consolata) e Pacaraima (no Centro de Formação). Além da reforma das instalações sanitárias e a construção de chuveiros e fraldário na Comunidade de Santo Agostinho em Boa Vista. Ao todo foram atendidas 3.894 pessoas com mais de 28.000 acessos às essas instalações.

Em seu viés sustentável contou com a instalação de painéis solares, de um sistema de disposição final do esgoto tratado (*wetland*) e um

biodigestor para tratamento do esgoto gerado em Pacaraima, onde não há sistema público. Além das atividades de promoção de higiene que garantiram um percentual de 100% dos migrantes entrevistados conhecendo os cinco momentos críticos da lavagem das mãos na pesquisa da Linha Final em Boa Vista.

Com o objetivo de sistematizar as experiências relacionadas à questão migratória em Roraima os coordenadores do Projeto Orinoco Cristina Luttner e Raphael Macieira, juntamente com a Professora da Universidade Federal de Roraima Márcia Oliveira, organizaram o livro intitulado: *Migração & WASH: reflexões sobre o contexto de Roraima*. Além de registrar as experiências no setor de WASH, outros temas como Cultura e Monitoramento também são abordados nesta obra por meio de artigos completos e relatos. O conteúdo foi produzido tanto pela equipe do Projeto Orinoco, quanto pelos agentes de outras entidades, parceiros e universidades.

Ao todo, a obra é formada por 17 artigos subdivididos nos três eixos já citados - WASH, Cultura e Monitoramento. O livro conta também com seis partilhas de experiências de migrantes e suas relações com as instalações do Orinoco. Essa obra traz consigo histórias, relatos, vivências e experiências técnicas que com certeza trarão contribuição e visibilidade ao estado de Roraima e a todo o trabalho árduo que tem sido realizado por todas as entidades no contexto migratório.

Assim, eu, Dom Mário Antonio, agradeço a realização do Projeto Orinoco, que diante do sério problema da qualidade de água disponível aos pobres, proporcionou vida saudável e dignidade às pessoas beneficiadas e, também, irrigou os nossos corações com as águas da sensibilidade e da solidariedade, inundando as fronteiras geográficas e existenciais de esperança e condições para o exercício dos direitos humanos.

Dom Mário Antonio da Silva
Bispo da Diocese de Roraima
Presidente da Cáritas Brasileira

APRESENTAÇÃO

A ‘Coletânea Migração & WASH: reflexões sobre o contexto de Roraima’ reúne 15 artigos distribuídos organizados por eixos temáticos que permitem conhecer a migração venezuelana em Roraima através do olhar das pessoas envolvidas com projetos de estudos, atuação ou atendimento aos migrantes. Estes olhares mudam o conceito da migração pensada à distância e recorda que os migrantes são pessoas com rostos e identidades próprias, são crianças, jovens, famílias, idosos, deficientes, doentes, todos e todas portadores de sonhos e esperanças que os fazem deixar a Venezuela em busca de melhores condições de vida e dignidade.

São reflexões ou partilhas de experiências que permitem novas abordagens sobre a temática migratória com possibilidades de novas interpretações e ampliação do conhecimento sobre a situação dos/as migrantes à luz da atuação de projetos de atendimento aos migrantes como é o caso do Projeto Orinoco com o programa de *Wash*, palavra inglesa que em tradução literária significa ‘lavar’. O programa de *Wash*, no entanto, envolve uma série de atividades vinculadas a diversas formas de higiene, limpeza, saúde, prevenção, orientação e tudo o que envolvem as questões sanitárias.

Alguns textos desta coletânea compartilham experiências de *Wash* realizadas num conjunto de interações com importante participação dos migrantes em todas as fases do seu planejamento e desenvolvimento. Mas, não são apenas relatórios técnicos. São textos carregados de sentimentos e entendimentos que representam as trocas simbólicas de conhecimentos nas quais os projetos entram com os componentes técnicos e os recursos financeiros e os migrantes entram com seus saberes e conhecimentos numa interação permanente.

Outros textos sistematizam estudos ou experiências com migrantes não necessariamente vinculadas ao projeto em questão. Mas, referem-se à migração venezuelana com abordagens de diversas áreas do conhecimento e da atuação acadêmico-científica de grupos de estudos ou pesquisas que envolvem migrantes em diversas circunstâncias.

Em comum, os textos definidos como capítulos em cada eixo temático, apresentam familiaridade com a temática, respeito aos

migrantes e elementos para elaboração do perfil migratório e de um amplo diagnóstico do atual contexto dos deslocamentos de venezuelanos em Roraima. Com riqueza de informações, vivências e interpretações das experiências migratórias, o conjunto de autores/as nos oferecem gratas surpresas na abordagem e análise de uma conjuntura que parece perdurar ainda por muitos anos.

Os textos foram organizados de acordo com os eixos temáticos propostos no edital de convocação da coletânea. O Eixo I aborda o tema da Cultura e sua relação com a comunicação e as vivências relacionadas com o programa de *Wash*. Desta forma, o primeiro capítulo intitulado ‘o Projeto Orinoco e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável’, escrito por Cristina Luttner, é um guia que nos apresenta o projeto na sua totalidade, complexidade, abrangência e desdobramentos. Na sequência da apresentação do projeto, o artigo se dedica a “avaliar os impactos do Projeto Orinoco: águas que atravessam fronteiras, executado em Boa Vista e Pacarima, no estado de Roraima, pela Cáritas Brasileira, sob o olhar dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS”. A autora informa que “o Projeto Orinoco tem como principal objetivo a construção/reforma de instalações sanitárias e promoção de higiene para 2.900 migrantes em situação de rua”. Explica que os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável “fazem parte de uma Agenda Global para a construirmos um mundo melhor nos aspectos sociais e ambientais”. Por fim, destaca os sete principais Objetivos do Desenvolvimento Sustentável executados pelo Projeto Orinoco. Com estes esclarecimentos, a autora abre caminhos para os debates seguintes.

O segundo capítulo intitulado ‘Rádio Orinoco: Comunicação para a sensibilização e acolhimento de migrantes em Roraima’ das autoras Tainá Aragão e Zöe Dutka sistematiza uma brilhante experiência de enfrentamento à xenofobia através da comunicação social. Nesta perspectiva, a comunicação representa “um mecanismo com o potencial de transgredir as fronteiras físicas e imagéticas que são criadas entre o “nativo” e o “estrangeiro”. A Rádio Orinoco foi criada com o compromisso de sensibilizar através das ondas sonoras, com mecanismos da comunicação colaborativa e ação para paz e acolhimento, propondo um novo olhar sobre a migração venezuelana para o Brasil e contra a xenofobia” informam as autoras com grande desenvoltura no tema.

O tema da xenofobia continua no terceiro capítulo com novas abordagens e aprofundamentos apresentados pelas autoras Gabriela da Costa Norberto Peres e Francilene dos Santos Rodrigues. Com o título ‘xenofobia, racismo e estigmas na terra de Macunaima’, o texto analisa “as diversas formas de manifestações xenofóbicas e como elas se reproduzem no cotidiano dos venezuelanos em Boa Vista”. As autoras aplicam a metodologia de Análise de Conteúdo em pronunciamentos de brasileiros nos *websites* da Folha de Boa Vista e nas páginas abertas de grupos do Facebook. As autoras identificam vasto material que configura racismo e xenofobia praticados contra os migrantes venezuelanos neste comportamento observado em Boa Vista. É um texto envolvente e revoltante porque denuncia o que há de pior na terra de Macunaima: a permanência da xenofobia, do racismo e dos estigmas que tornam as pessoas mais próximas da barbárie e muito longe da civilização.

Na sequência, Jessica Ferreira do Nascimento e Tárzia Millene de Almeida Costa Barreto compartilham suas observações sobre as ‘práticas de acolhimento da migrante venezuelana em um hospital materno infantil referência no extremo norte do Brasil’. As autoras traçam o perfil sociodemográfico dos profissionais que prestam assistência às migrantes venezuelanas e analisam as práticas de acolhimento, desenvolvidas pelos enfermeiros do Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth, voltadas à assistência de mulheres migrantes venezuelanas. Identificam “que as barreiras existentes, durante o processo do cuidar, podem interferir de maneira direta na qualidade da assistência ofertada, embora, algumas destas barreiras independam, exclusivamente, da atual situação migratória”. O texto lida com dados quantitativos e qualitativos que podem subsidiar muitas outras análises e interpretações.

No quinto capítulo somos agraciados/as com o texto intitulado ‘*migración e integración regional en el MERCOSUR: una mirada desde la movilidad venezolana al Brasil*’ de autoria de Militza Pérez Velásquez. O texto permanece em espanhol por ser a língua materna da autora e por apresentar uma análise da migração venezuelana a partir da Venezuela. A autora nos apresenta, com precisão de detalhes e autoridade teórica, novos olhares ou “miradas” sobre o tema migratório com interpretações a partir da Venezuela, refém da dominação das relações políticas e

econômicas internacionais com reflexos nas vinculações inter-regionais comandadas pelo MERCUSUL. Orientada pelo método de estudo bibliográfico e documental, a autora analisa as políticas migratórias ou a ausência destas, quando da recepção e acolhimento aos venezuelanos no Brasil.

‘Educação Ambiental no contexto migratório em Roraima: formação de agentes multiplicadores’ é o título do sexto capítulo escrito por Airlene de Medeiros Carvalho e Noami Gibrana Queiroz Lemos. De forma didática e sintética, as autoras compartilham uma experiência de educação ambiental, em um dos abrigos que acolhem migrantes venezuelanos, tendo como eixo central a relação com a água. Elas explicam que “para conter o desperdício, ou mal uso da água tratada, os venezuelanos do abrigo Jardim Floresta receberam cursos de saneamento e de manutenção hídrica”. O projeto foi conduzido pela equipe do Núcleo de Meio Ambiente da Companhia de Águas e Esgotos de Roraima que adotaram estratégias capazes de sensibilizar os migrantes para o consumo consciente da água e o conserto de vazamentos, para reduzir o desperdício. A melhoria das condições de vida no abrigo depende das ações de cada indivíduo e de mudanças de atitude. As autoras concluem que a “Educação Ambiental é a base condutora para um novo pensar sobre o modo de vida no ambiente coletivo”.

O sétimo capítulo ‘Migração venezuelana na perspectiva das Mulheres’ é um recorte da dissertação de mestrado de Viviane Lima de Almeida Oliveira orientada pela professora doutora Eliane Silvia Costa. As autoras nos apresentam com uma interpretação dos processos migratórios pelo olhar das mulheres. Apresentam os resultados de uma experiência de pesquisa de campo realizada com um grupo de quatro mulheres migrantes, que se encontravam morando no espaço localizado no entorno da Rodoviária Internacional de Boa Vista-RR. A descrição das trajetórias de vida e de migração destas mulheres, suas forças e seus dilemas são transcritos de forma envolvente. Carregado de subjetividades, o texto recolhe memórias de como eram suas vidas no local de partida, e de como está sendo suas vidas no local provisório de chegada. Observam as transformações drásticas de suas vidas e de seus núcleos familiares e, ao mesmo tempo, descrevem a

força, que nem imaginavam possuir, para enfrentar este e os outros processos de deslocamento que terão que realizar com a possibilidade de interiorização para outras regiões do Brasil.

O oitavo e último capítulo deste primeiro eixo novamente incorre em outra abordagem de gênero. Sob o título ‘Violências entrecruzada: apontamentos sobre migrantes LGBTI venezuelanos em Roraima’, Welthon Leal, Caobe Lucas Rodrigues de Sousa e Márcia Maria de Oliveira nos convidam reinterpretar as migrações a partir algumas reflexões sobre as especificidades apresentadas pelos/as migrantes LGBTI no estado de Roraima. A partir de levantamentos bibliográficos, entrevistas e observações realizadas em Boa Vista, capital de Roraima, evidencia-se que antes de serem expostos/as a situações de xenofobia na sociedade receptora, estas pessoas deparam-se com discriminações e violências por conta de suas identidades de gênero e orientações sexuais tanto pela sociedade brasileira quanto por outros migrantes venezuelanos. De acordo com os estudos apresentados pelos/as autores/as, as narrativas deste seguimento de migrantes LGBTI são profundamente marcadas por processos de violências entrelaçadas que continuam sendo reproduzidas nos percursos e destinos migratórios. Concluem que “apesar de filiados a tendências políticas comumente tidas como opostas, discursos dos governantes de ambos os países sinalizam a omissão frente às violações de direitos humanos enfrentadas por migrantes venezuelanos LGBTI no Brasil”.

O segundo Eixo trabalha a questão da água, saneamento e higiene, proposto no edital, e apresenta duas proposições: a Promoção de Higiene e as Soluções em WASH.

O primeiro capítulo deste eixo e nono da coletânea é um convite à reflexão sobre as ‘contribuições da engenharia civil na resposta emergencial e ajuda humanitária’. De autoria de Raphael Douglas Macieira dos Santos, o texto nos apresenta de forma fluente e envolvente o atual contexto migratório com sua demanda por ajuda humanitária e respostas emergenciais a milhares de pessoas em situação de vulnerabilidade. O autor compartilha sua experiência pessoal como engenheiro civil no âmbito das respostas emergenciais no que se refere principalmente ao setor de WASH. Explica de forma detalhada qual é o serviço humanitário desenvolvido pelos profissionais da engenharia civil

no Brasil e de que forma estes/as profissionais atendem as demandas neste setor. Demonstra a importância da criação de estruturas e infraestruturas sanitárias para além das demandas emergenciais. Aponta dicas importantes para se pensar na questão sanitária e os serviços públicos na cidade de Boa Vista independentemente da situação humanitária emergencial.

No décimo capítulo intitulado ‘concepção de um projeto de infraestrutura de água, saneamento e higiene: Projeto Orinoco’ de autoria de Lucas Matheus Gomes Santiago nos deparamos com um detalhado relato de experiência do Projeto Orinoco. O autor descreve os fatores e considerações levantadas por todos os membros da equipe do projeto e as escolhas construtivas utilizadas para definir os layouts das instalações *Wash* do Projeto Orinoco, situadas em terrenos pertencentes à Diocese de Roraima nos municípios de Boa Vista e Pacaraima, no Estado de Roraima-Brasil. Com a finalidade de proporcionar condições básicas e suficientes de acesso e acessibilidade à água, higiene e condições sanitárias à população em situação de rua, migrantes ou não, bem como espaços para atividades de promoção de higiene aos beneficiários atendidos pela abrangência do projeto.

O décimo primeiro capítulo nos apresenta importantes ‘reflexões sobre a concepção e prática das atividades de promoção de higiene do Projeto Orinoco nas instalações da igreja santo agostinho na cidade de Boa Vista’. Autoria de Luana Soares de Albuquerque, o texto é uma forma de compartilhar com toda a sociedade os resultados de uma experiência que parece ser muito simples, mas, que provoca importantes mudanças de comportamento na vida dos migrantes neste tenso período de enfrentamento à propagação de doenças como as causadas pelo novo coronavírus (COVID-19). A autora informa que “as atividades tinham como principal objetivo fomentar a prática de lavagem das mãos para combater doenças infecciosas, em especial a diarreia, e atenderam mulheres e crianças, ou migrantes da Venezuela que se encontravam em situação de rua”. A experiência pode ser refletida e reproduzida em outras igrejas e comunidades com a mesma finalidade de contribuir com a multiplicação de práticas de higiene e cuidados pessoais.

No décimo segundo capítulo nos deparamos com a experiência do ‘Escovódromo – uma solução concebida para atender imigrantes

venezuelanos sendo usada para combate ao covid-19'. Descrita por Rodrigo Edson Castro Ávila, a experiência de intervenção demonstra “a preocupação e o processo construtivo de entidades afim de se implantar um sistema viável para ajuda no combate ao novo corona vírus e outras patologias, de forma a construir um sistema barato, acessível e que ao mesmo tempo permitisse sua implantação e replicação em locais de difícil acesso de forma a atender o máximo da população de baixa renda”. Além da descrição técnica da experiência que confirma sua viabilidade e acesso, o texto é ilustrado com uma série de gráficos e fotografias do projeto que contribuem para uma leitura dinâmica e uma maior compreensão.

O terceiro e último eixo do projeto dedica-se a apresentação das estratégias de monitoramento, avaliação, responsabilidades e aprendizados. Dividido em três subeixos que descrevem os indicadores, as mudanças de cenário e, por últimos, as metodologias de Feedbacks, conceitos muito pertinentes na área de *Wash*.

No campo dos indicadores sociais, o primeiro capítulo desta última sessão de autoria de Márcia Maria de Oliveira e Joel Valerio descrevem aspectos da “dimensão participativa e sociotransformadora dos migrantes em Boa Vista”. Trata-se de um recorte da pesquisa realizada no Programa Institucional de Bolsas de iniciação Científica – PIBIC da Universidade Federal de Roraima. De acordo com os/as autores/as, “com a nova Lei de Migrações (Lei nº. 13.445/2017), o Brasil passa por um processo de reconhecimento dos migrantes como sujeitos de direitos. Esta é uma condição primordial para o exercício pleno da cidadania, que confere aos migrantes, dentre outros, o direito à livre associação e auto-organização social e política. Estas prerrogativas foram analisadas nesta pesquisa de cunho qualitativo, com a participação de 357 migrantes venezuelanos, cubanos, colombianos, peruanos e haitianos, na cidade de Boa Vista. Foi possível identificar algumas características destes grupos que podem contribuir para a elaboração do perfil migratório e para compreender melhor a dimensão participativa dos migrantes nos diversos segmentos organizativos.

A referida pesquisa confirma que as migrações em Roraima abriram novos debates em torno do papel que a Amazônia ocupa na nova conjuntura internacional e indica a existência de dinâmicas internas de organização social e participação política dos migrantes. Com

destaque especial para a participação dos venezuelanos nas “ocupações espontâneas”, foram identificadas 41 redes migratórias formais ou informais, reconhecidas e legitimadas por instituições que atuam com os migrantes em Boa Vista. Concluiu-se que através das redes migratórias os grupos se unem em torno de objetivos comuns, definem estratégias de pertencimento social e engajamento político sociotransformador nos mais diversos espaços de participação, num exercício contínuo de cidadania e de trocas culturais, sociais e políticas entre as diversas nacionalidades de migrantes e com os brasileiros.

Também no campo dos indicadores sociais o décimo quarto capítulo discorre sobre o ‘Perfil sociodemográfico e acompanhamento gestacional das puérperas migrantes venezuelanas em condições de abrigo na cidade de Boa Vista-RR’. Escrito por Jhully Sales Pena de Sousa, Ana Beatriz Oliveira Costa e Tárzia Millene de Almeida Costa Barreto, uma equipe vinculada à saúde, o estudo com abordagem quantitativa, de recorte transversal, com pesquisa descritiva do acompanhamento gestacional das migrantes venezuelanas que residem em abrigos, no município de Boa Vista (RR), no período de junho a agosto de 2019. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, com questionário traduzido para o espanhol. “Por meio desse estudo, pôde-se perceber que a maioria das migrantes venezuelanas realizaram alguma consulta enquanto gestantes, no entanto, com uma frequência muito baixa. Logo, sugere-se que as Unidades Básicas de Saúde tenham um trabalho interdisciplinar com os profissionais de saúde dos abrigos, para uma assistência integral à migrante durante o período gravídico”.

No décimo quinto capítulo nos deparamos com as ‘Reflexões de campo com migrantes no Brasil: uma perspectiva metodológica nas pesquisas sociais’, texto escrito por Maria Patrícia Contreras e Welthon Leal. O texto revela que o Projeto Orinoco foi “uma das primeiras equipes humanitárias, no Brasil, e uma das primeiras a exercer a função de monitoramento de dados” até então centralizados nas agências internacionais ligadas à Organização das Nações Unidas. Desta forma, o Projeto Orinoco representa o pioneirismo do Brasil em monitoramento de *Wash* sendo o primeiro projeto pensado, desenvolvido e avaliado por equipes brasileiras sem a intermediação nem intervenção de agências internacionais. Os/as autores/as informam que “aferir e mensurar o impacto do Projeto Orinoco era o objetivo principal e, para isso, era

necessário não apenas a compreensão de processos metodológicos de pesquisas sociais, mas o manejo qualificado de ferramentas novas para toda equipe: *Bartender*, *Commcare* e *PowerBI*. Os resultados obtidos mostram que o Projeto Orinoco atendeu às expectativas dos beneficiários” e inaugura as experiências de Wash na perspectiva das instituições brasileiras.

O décimo sexto e último capítulo desta coletânea compartilha a linda experiência realizada com ‘migrantes e refugiados surdos venezuelanos em Roraima’ de autoria de Thaisy Bentes, Beatriz Teófilo e Anderson dos Santos Paiva. O texto descreve as experiências de trabalho com surdos migrantes e refugiados venezuelanos em Boa Vista-RR, por meio do projeto de extensão ‘Rede de colaboradores: acessibilidade à comunidade surda em tempos de pandemia’, em parceria com a Pastoral do Surdo de Boa Vista e a Associação de Surdos de Roraima. Trata-se de uma ação colaborativa interinstitucional que busca diminuir as barreiras linguísticas e dar acesso ao trabalho, a cidadania, direitos humanos e inclusão social.

A equipe informa que o “público do projeto compreende cerca de cem pessoas que compõe a comunidade surda venezuelana, com presença de crianças, gestantes e idosos em situação de vulnerabilidade social e com sérios problemas para acessar os programas e políticas públicas no Brasil”. Num diagnóstico preciso, mapeiam os locais de residência dos surdos participantes do projeto, através de “atendimentos de apoio à tradução e interpretação com vistas à solução de demandas emergenciais, com destaque para ações da Diocese de Roraima e do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)”. Por fim, o relatório apresenta a “importância das ações para ensino da Libras como língua de acolhimento e LSV como língua de fronteira e a real situação desta comunidade surda frente às necessidades de instalação no Brasil”.

Na última parte, e não menos importante desta coletânea, apresentamos a partilha de seis experiências migratórias de pessoas que participaram diretamente do Projeto Orinoco. Elas apresentam de forma espontânea a sua interpretação dos impactos do projeto na comunidade venezuelana. São apresentadas na língua espanhola traduzidas, na sequência de cada uma, para a língua portuguesa na seguinte sequência:

- 1) Experiencia migratória compartida I: Diego Pineda (Maracaibo, nordeste do país);
- 2) Experiencia migratória compartida II: Gregorio Noriega (Ciudad Guayana, sudeste do país);
- 3) Experiencia migratória compartida III: Neiber Pérez (Caracas, capital del país - centro norte);
- 4) Experiencia migratória compartida IV: Glimer Alcalá (Ciudad Guyana, sureste do país);
- 5) Experiencia migratória compartida V: Andry Guerra (Miranda, centro norte del país);
- 6) Experiencia migratória compartida VI: Gregoria Varela (Ciudad Guayana, sureste do país)

Cada experiencia compartilhada carrega um universo de subjetividades, sonhos e esperanças entrelaçadas na experiência do Projeto Orinoco confirmando que as águas deste rio “atravessam fronteiras” e promovem novas experiências de encontro, acolhida, integração, promoção e novos protagonismos dos migrantes e da sociedade acolhedora. Confirmam que as migrações representam grandes oportunidades de trocas culturais, sociais, políticas, econômicas, religiosas e interinstitucionais.

Desejamos a todos e todas um leitura atenta dos textos e das experiencias aqui compartilhadas e agradecemos imensamente a contribuição de todos/as os/as migrantes, autores e autoras que trouxeram para esta coletânea suas importantes contribuições e a partilha de seus conhecimentos que muito engrandece as experiencias do Projeto Orinoco na perspectiva de *Wash* (água, saneamento e higiene), executado pela Cáritas Brasileira em parceria com a Cáritas Diocesana de Roraima e financiado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID).

Organizadoras(es):

Márcia Maria de Oliveira (PPGSOF/UFRR)

Cristina Luttner (Cáritas Brasileira)

Raphael Douglas Macieira dos Santos (Cáritas Roraima)

EIXO I

Cultura

I.1 Comunicação

I.2 Vivências



ORINOCO

QUE ATRAVESSA FRONTEIRAS

Capítulo 1

O Projeto Orinoco e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

Cristina Mendes Altavilla Luttner



O PROJETO ORINOCO E OS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

THE ORINOCO PROJECT AND THE SUSTAINABLE DEVELOPMENT GOALS

Cristina Mendes Altavilla Luttner¹

RESUMO: Este artigo buscou avaliar os impactos do Projeto Orinoco: águas que atravessam fronteiras, executado em Boa Vista e Pacarima, no estado de Roraima, pela Cáritas Brasileira, sob o olhar dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS. O Projeto Orinoco tem como principal objetivo a construção/reforma de instalações sanitárias e promoção de higiene para 2.900 migrantes em situação de rua. Os ODS fazem parte de uma Agenda Global para a construirmos um mundo melhor nos aspectos sociais e ambientais. Concluiu-se que o Projeto Orinoco impacta diretamente 7 ODS: ODS 1, ODS 3, ODS 5, ODS 6, ODS 7, ODS 11 e ODS 16.

Palavras-chave: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Saneamento. Higiene.

ABSTRACT: *This article sought to evaluate the impacts of the Orinoco Project: waters that cross borders, carried out in Boa Vista and Pacarima, in the state of Roraima, by Cáritas Brasileira, under the 17 Sustainable Development Goals - SDGs. The Orinoco Project's main objective is to build / reform sanitary facilities and promote hygiene for 2,900 homeless migrants. The SDGs are part of a Global Agenda to build a better world in social and environmental aspects. It was concluded that the Orinoco Project directly impacts 7 SDGs: SDG 1, SDG 3, SDG 5, SDG 6, SDG 7, SDG 11 and SDG 16.*

Key-words: *Objective of Sustainable development. Sanitation. Hygiene.*

¹ É engenheira ambiental e mestre em gestão social, educação e desenvolvimento local e coordenadora nacional do projeto Orinoco. E-mail cristina.luttner@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O mundo está mudando rapidamente. A população mundial está prevista para atingir os 8,5 bilhões de pessoas em 2030². Enfrentamos desafios, sem precedentes, em escala global: crises humanitárias, mudanças climáticas e, em 2020 uma pandemia da COVID-19, que nos pegou de surpresa e muito despreparados. A Agenda 2030 surge como um esforço mais coordenado com objetivos e metas orientativas para os países no enfrentamento destes, e outros, desafios.

Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), lançados em 2015, têm como principal papel alcançar um futuro melhor e mais sustentável para todos e todas. “Esta é a Agenda do Povo, um plano de ação para acabar com a pobreza em todas as suas dimensões, de forma irreversível, em todos os lugares, não deixando ninguém para trás” disse o então secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon (2015).³

O cumprimento destas metas vem exigindo um trabalho significativo de diversos atores, dentre eles as Organizações da Sociedade Civil (OSC) e Organizações Não Governamentais (ONG), na execução de projetos, disseminação de conhecimentos e denúncias de más práticas.

Nesse sentido, a Cáritas Brasileira, em parceria com a Cáritas Diocesana de Roraima, elaborou o *Projeto Orinoco: águas que atravessam fronteiras* – neste artigo, carinhosamente chamado apenas de Orinoco -, financiado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). O Projeto tem como principal objetivo a construção/reforma de instalações sanitárias (chuveiro, banheiro, fraldário, lavanderia e bebedouros) e a promoção de higiene para 2.900 migrantes/pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Este artigo revela como as ações e os indicadores do Projeto Orinoco contribuem para que os alguns ODS sejam alcançados. Para isso, foram abordados os 17 ODS, aprofundando naqueles em que o Projeto impacta diretamente, sendo eles: ODS 1, ODS 3, ODS 5, ODS 6, ODS 7, ODS 11 e ODS 16. Todas as questões foram embasadas na relação percebida pela autora entre o Projeto e os ODS.

² Informação disponível em: <https://www.un.org/en/sections/issues-depth/population/index.html>.

³ <https://nacoesunidas.org/pos2015/cupula/>.

METODOLOGIA

Para este artigo, buscou-se realizar uma revisão de literatura a partir da pesquisa bibliográfica sobre desenvolvimento sustentável, os ODS no terceiro setor e os documentos do Projeto Orinoco (a proposta técnica, relatórios mensais, relatório analítico e indicadores). Esses documentos foram organizados nos resultados da construção/reforma das instalações do Projeto e seus indicadores. Posteriormente, cada ação e indicador foi relacionado a um ODS com uma justificativa.

DESENVOLVIMENTO

Neste tópico, serão apresentados os dois pontos-chaves deste artigo: (1) os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e (2) o Projeto Orinoco; para, no tópico seguinte, serem apresentados os resultados e as conclusões.

OS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Antes de entrar na esfera dos ODS, é necessária uma breve abordagem do conceito de desenvolvimento sustentável. É um termo dinâmico, que gera debates e interpretações de autores que apresentam análises, por vezes, complementares e, por vezes, contraditórias (Nascimento, 2012).

Mas o que se tem em comum é que o termo se tornou conhecido no relatório da Comissão Brundtland, divulgado em 1987, sob o título “Nosso Futuro Comum”, com a seguinte definição: “desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades” (WCED, 1987, p. 16 – tradução livre).

Os ODS fazem parte da Agenda 2030, estabelecida por líderes mundiais que se reuniram na sede da ONU, em Nova York, entre os dias 25 e 27 de setembro de 2015, para adotar, formalmente, uma nova agenda de Desenvolvimento Sustentável. Foi elaborado um plano de

ação – um compromisso dos países - para erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir que as pessoas alcancem a paz e a prosperidade.

A agenda é única em seu apelo por ação a todos os países – pobres, ricos e de renda média. Ela reconhece que acabar com a pobreza deve caminhar lado a lado com um plano que promova o crescimento econômico e responda a uma gama de necessidades sociais, incluindo educação, saúde, proteção social e oportunidades de trabalho, ao mesmo tempo em que aborda as mudanças climáticas e proteção ambiental. Ela também cobre questões como desigualdade, infraestrutura, energia, consumo, biodiversidade, oceanos e industrialização (ONU, 2015).

Esta agenda é formada pelos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e suas 169 metas, que devem ser implementados, por todos os países do mundo, durante os próximos 15 anos, até 2030. Para fins deste artigo, serão abordados todos os 17 ODS, aprofundando em suas metas naqueles em que o Projeto Orinoco impacta diretamente.

- Objetivo 1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares.
- Objetivo 2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável.
- Objetivo 3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.
- Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.
- Objetivo 5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.
- Objetivo 6. Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos.
- Objetivo 7. Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos.
- Objetivo 8. Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos.
- Objetivo 9. Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.

- Objetivo 10. Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles.
- Objetivo 11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis.
- Objetivo 12. Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis.
- Objetivo 13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos.
- Objetivo 14. Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.
- Objetivo 15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.
- Objetivo 16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.
- Objetivo 17. Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Figura 1: Sistematização dos 17 ODS.



Fonte: ONU, 2015.⁴

Os ODS funcionam de maneira integrada e equilibram as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental. Portanto, os ODS constituem uma desafiadora lista de tarefas para todas as pessoas, em todas as partes do mundo.

⁴ <https://nacoesunidas.org/pos2015/>.

O PROJETO ORINOCO

Antes de falar sobre o Projeto Orinoco, segue uma breve contextualização da Instituição Cáritas. A Cáritas Brasileira, fundada em 12 de novembro de 1956, é uma das 170 organizações-membro da Cáritas Internacional. No Brasil, sua origem está na ação mobilizadora de Dom Helder Câmara, então Secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Atualmente, conta com 187 entidades-membro, 12 regionais e 5 articulações e é parte integrante da CNBB⁵.

Nessa nova realidade, para uma ação conjunta global, as OSCs e as ONGs se colocam como os atores sociais que mais trabalham pelos ODS. As organizações da sociedade civil têm papel fundamental, tanto informativo quanto operacional, na elaboração e execução de projetos, em denunciar maus procedimentos e gerar e aplicar conhecimento para a solução de problemas (GTSC A2030, 2019).

O projeto Orinoco nasceu da necessidade ao acesso à água, ao saneamento e à higiene, dado o crescimento do fluxo migratório de venezuelanos para o norte do Brasil, com o agravamento da crise econômica que a Venezuela enfrenta desde 2016. Em Roraima, a cidade de Pacaraima é a porta de entrada deles, no Brasil, e muitos se deslocam para Boa Vista em busca de apoio e oportunidades. Essas duas cidades são contempladas pelo Projeto. Trata-se de uma ação humanitária da Cáritas Brasileira, em parceria com a Cáritas Diocesana de Roraima, e conta com o financiamento da USAID, para a construção de instalações sanitárias (Quadro 01) e promoção de higiene, para atender necessidades básicas de pessoas em situação de vulnerabilidade social, principalmente, migrantes e refugiados, em Boa Vista e Pacaraima. O projeto atende também a população brasileira dessas localidades, que vive em situação de rua ou vulnerabilidade social.

⁵ <https://caritas.org.br/historia>.

Quadro 01: Instalações do Projeto Orinoco.

	Consolata (BV)	Sto Agostinho (BV)	Café Fraterno (PC)	Centro de Formação (PC)	Total
Banheiro	16	2		8	26
Chuveiro	14	3		8	25
Fraldário	1	1		1	3
Pias para lavagem das mãos	20	4		14	38
Máquina de lavar	2			2	4
Máquina de secar	1			1	2
Banheiro Químico					20*
Bebedouros	1	1	1	1	4
Sistema captação de chuva	1			1	2
Reator anaeróbio e wetland				1	1
Biodigestor			1		1
Painés solares	1			1	2

* Locados na Rodoviária, pelo período de 01 de junho a 31 de agosto de 2020.

Fonte: Adaptado do Projeto, 2020.

O Projeto Orinoco possui 10 indicadores, sendo 1 geral e 09 nesses três aspectos: (1) água; (2) saneamento e (3) promoção de higiene. No Quadro 02, eles são apresentados com detalhes cada um.

Quadro 02: Indicadores do Projeto Orinoco.

	Meta	WASH - Geral
1	80%	Percentual de pessoas que relatam melhor acesso à água, saneamento e higiene.
Sub-Sector: Água		
2	2900	Número de pessoas que utilizam diretamente os serviços de água aprimorados fornecidos com financiamento do OFDA
3	25	Estimativa de água potável fornecida por beneficiário em litros / pessoas / dia
4	1	Percentual de pontos de água desenvolvidos, reparados ou reabilitados com cloro residual livre (CRF) > 0,2 mg / L
SubSector: Sanitation		
5	2030	Número de pessoas que utilizam diretamente serviços de saneamento melhorados fornecidos com financiamentos da USAID / OFDA
6	20	Número médio de usuários por banheiros em funcionamento
7	20	Número de pessoas por instalação de banho segura concluída na população-alvo
Sub-Sector: Promoção de Higiene		
8	2030	Número de pessoas que recebem promoção direta de higiene (excluindo campanhas de mídia de massa e sem contagem dupla)
9	80%	Percentual de pessoas visadas pelo programa de promoção de higiene que conhecem pelo menos três (3) dos cinco (5) momentos críticos para lavar as mãos
10	80%	Percebtual de pessoas visadas pelo programa de promoção da higiene que relatam usar banheiros na última vez que defecaram

Fonte: Adaptado do Projeto, 2020.

Para entender os impactos do Projeto, sob a perspectiva dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, foram analisados, em conjunto, as principais ações realizadas que possibilitaram o monitoramento dos indicadores.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

O Projeto Orinoco é bastante amplo em suas ações e seus indicadores, além de possuir uma equipe multidisciplinar. Portanto, a relação entre o Projeto e os ODS, por vezes, baseou-se na experiência e nos relatórios mensais, como no caso da proteção social descrita nos itens 3.1 e 3.6.

Os principais ODS relacionados ao Projeto foram: ODS 1, ODS 3, ODS 5, ODS 6, ODS 7, ODS 11 e ODS 16. A seguir, explicam-se os

motivos pelos quais o Projeto Orinoco impacta em cada um deles e suas metas. Os indicadores foram informados no texto com os valores medidos até junho de 2020.

ODS 1. ACABAR COM A POBREZA EM TODAS AS SUAS FORMAS, EM TODOS OS LUGARES

Apesar de o Orinoco não ser um projeto de erradicação da pobreza, seu público-alvo são pessoas, migrantes venezuelanos/as em sua maioria, em situação de rua, portanto, de vulnerabilidade social e pobreza. Duas metas desse objetivo estão ligadas aos indicadores e às ações do Projeto – como ação, aqui, não estão as construções foco do Orinoco, mas relacionado à sua equipe multidisciplinar que conta com o serviço social.

A Meta 1.3, “Implementar, em nível nacional, medidas e sistemas de proteção social adequados, para todos, incluindo pisos, e até 2030 atingir a cobertura substancial dos pobres e vulneráveis”, é impactada pela profissional do Serviço Social que, de dezembro de 2019 a junho de 2020, recebeu e encaminhou cerca de 2.000 casos de proteção social, em Boa Vista e Pacaraima, classificados em (1) Direitos Sociais, (2) Saúde; (3) Educação E (4) Emergências⁶.

Meta 1.4: Até 2030, garantir que todos os homens e as mulheres, particularmente os pobres e vulneráveis, tenham direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso a serviços básicos, propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, herança, recursos naturais, novas tecnologias apropriadas e serviços financeiros, incluindo microfinanças (grifo nosso).

Os serviços básicos de saneamento, previsto na Lei 11.445/2007, contemplam o abastecimento de água e esgotamento sanitário e são de responsabilidade municipal. O Projeto Orinoco vai ao encontro desta meta, tanto com a construção das instalações - 26 Banheiros, 25 Chuveiros, 2 Fraldários, 38 Pias para lavagem das mãos, 20 Banheiros químicos – e dos sistemas de tratamento em Pacaraima (1 Reator anaeróbio com wetland e 1 Biodigestor), como com seu indicador geral “80% das pessoas que relatam melhor acesso à água, saneamento e higiene”.

⁶ Fonte relatório mensal do Serviço Social de Junho/2020.

ODS 3. ASSEGURAR UMA VIDA SAUDÁVEL E PROMOVER O BEM-ESTAR PARA TODOS, EM TODAS AS IDADES

A vida saudável está ligada também à saúde como ausência de doenças. A esse objetivo, de forma geral, estão relacionadas todas as atividades de promoção de higiene, promovidas pelos 6 educadores sociais do Projeto Orinoco e, também, seus 2 indicadores “80% de pessoas visadas pelo programa de promoção da higiene que conhecem pelo menos três (3) dos cinco (5) momentos críticos para lavar as mãos” e “2.030 pessoas que recebem promoção direta de higiene (excluindo campanhas de mídia de massa e sem contagem dupla)”. A lavagem de mãos previne uma série de doenças desde diarreia até a COVID-19, que culminou em uma pandemia em escala global.

Além da promoção de higiene, o Projeto também tem com indicador que “100% dos pontos de água desenvolvidos, reparados ou reabilitados com cloro residual livre (CRF) > 0,2 mg / L”, o que garante a potabilidade da água para consumo, o que busca atender à Meta 3.3: Até 2030, acabar com as epidemias de AIDS, tuberculose, malária e doenças tropicais negligenciadas, e combater a hepatite, doenças transmitidas pela água, e outras doenças transmissíveis.

ODS 6. ASSEGURAR A DISPONIBILIDADE E GESTÃO SUSTENTÁVEL DA ÁGUA E SANEAMENTO PARA TODOS

Sem dúvida, esse é o OSD que o Orinoco mais impacta, pois, está diretamente relacionado à concepção do Projeto – WASH: água, saneamento e higiene. Ligados à Meta 6.1: Até 2030, alcançar o acesso universal e equitativo a água potável e segura para todos, estão dois indicadores “100% dos pontos de água desenvolvidos, reparados ou reabilitados com cloro residual livre (CRF) > 0,2 mg / L”, e “Estimativa de 25 L água potável fornecida por beneficiário em litros / pessoa / dia”. O projeto busca não só garantir a potabilidade ao clorar a água e instalação de 4 bebedouros para água para beber, mas também uma quantidade mínima de água.

Já a Meta 6.2: Até 2030, alcançar o acesso a saneamento e higiene adequados e equitativos para todos, e acabar com a defecação a céu

aberto, com especial atenção para as necessidades das mulheres e meninas e daqueles em situação de vulnerabilidade, pode ser alcançada pelo Projeto Orinoco com a construção dos 26 Banheiros, 25 Chuveiros, 2 Fraldários, 38 Pias para lavagem das mãos e instalação dos 20 Banheiros químicos.

São 6 os indicadores que buscam medir e monitorar o uso dessas instalações, são eles: (a) 80% de pessoas que relatam melhor acesso à água, saneamento e higiene; (b) 2.900 pessoas que utilizam diretamente os serviços de água aprimorados fornecidos com financiamento do OFDA; (c) 2.030 pessoas que utilizam diretamente serviços de saneamento, melhorados, fornecidos com financiamento da USAID / OFDA; (d) 80% de pessoas visadas pelo programa de promoção da higiene que relatam usar banheiro na, última vez, que defecaram; (e) média de 20 de usuários por banheiro em funcionamento; (f) média de 20 pessoas por instalação de banho segura concluída na população-alvo.

Com relação aos itens (e) e (f), na escrita do Projeto, ao selecionar as instalações da Paróquia de Santo Agostinho, em Boa Vista, já se sabia que, devido ao espaço e ao número de pessoas que frequentam o local para receber o café da manhã, que essa média seria mais alta. Durante as reformas, as irmãs decidiram que apenas mulheres e crianças poderiam frequentar a paróquia (por motivos de reclamações e denúncia dos vizinhos), mas, mesmo assim, a média está acima de 20 pessoas por banheiro/chuveiro por dia.

ODS 7. ASSEGURAR O ACESSO CONFIÁVEL, SUSTENTÁVEL, MODERNO E A PREÇO ACESSÍVEL À ENERGIA PARA TODOS

O Orinoco previu a compra e instalação de painéis solares, para atender a demanda de energia (ou parte dela) nas instalações da lavadeira, em Boa Vista e em Pacaraima. A primeira foi construída na Paróquia da Nossa Senhora da Consolata e os painéis solares suprem 26% da energia, podendo ampliar para 46%, com o mesmo equipamento, apenas com a instalação de mais painéis. A segunda, no Centro de Formação em Pacaraima, foi inicialmente contemplada com a mesma capacidade dos painéis solares e, quando da escrita deste artigo, estava

sendo ampliado o sistema para suprir 100% da demanda de energia do local.

Com isso, o Projeto contribui com a Meta 7.2 do ODS 7: Até 2030, aumentar substancialmente a participação de energias renováveis na matriz energética global.

ODS 11. TORNAR AS CIDADES E OS ASSENTAMENTOS HUMANOS INCLUSIVOS, SEGUROS, RESILIENTES E SUSTENTÁVEIS

Para cidades inclusivas e sustentáveis, bom serviço de saneamento básico é fundamental. Em sua Meta 11.1: Até 2030, garantir o acesso de todos à habitação segura, adequada e a preço acessível, e aos serviços básicos e urbanizar as favelas (grifo nosso), o ODS ressalta o acesso ao serviço básico, mencionado no item 4.1. Então o indicador “*80% de pessoas que relatam melhor acesso à água, saneamento e higiene*” e a construção dos 26 Banheiros, 25 Chuveiros, 2 Fraldários, 38 Pias para lavagem das mãos e instalação dos 20 Banheiros químico vão ao encontro deste ODS 11.

ODS 16. PROMOVER SOCIEDADES PACÍFICAS E INCLUSIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, PROPORCIONAR O ACESSO À JUSTIÇA PARA TODOS E CONSTRUIR INSTITUIÇÕES EFICAZES, RESPONSÁVEIS E INCLUSIVAS EM TODOS OS NÍVEIS

As instalações do Projeto Orinoco, que ficam na Igreja Nossa Senhora da Consolata e Santo Agostinho, em Boa Vista, e no Centro de Formação, em Pacariama, são um espaço seguro. A equipe do Projeto é treinada, além de ter uma profissional do Serviço Social para receber e encaminhar casos de abuso, exploração, tráfico e violência contra crianças, mulheres e idosos.

Portanto a Meta 16.2: Acabar com abuso, exploração, tráfico e todas as formas de violência e tortura contra crianças também é contemplada dentre as ações do Projeto Orinoco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ODS possuem uma agenda ousada, mas que se, realmente, conseguirem o compromisso dos países em voltar suas ações, seus projetos e suas políticas públicas para cumpri-los, podem trazer uma melhora significativa no combate à pobreza, na preservação ambiental, no bem-estar da população e no combate às mudanças climáticas.

Na realidade brasileira, isso se torna um desafio ainda maior, não só pela dimensão do país e suas diferentes realidades, mas, também, pela falta de compromisso do poder público.

Assim o papel das ONGs, como a Cáritas Brasileira, que tem como prática ouvir respeitosamente o sofrimento dos empobrecidos e dos que estão em situação de vulnerabilidade e favorecer ferramentas para transformar suas vidas, é ainda mais importante a busca de parcerias para elaboração e execução de projetos como o Orinoco.

REFERÊNCIAS

Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030 (GTSC A2030) (2019). **III Relatório Luz da Sociedade Civil da Agenda 2030 do Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: https://brasilnaagenda2030.files.wordpress.com/2019/09/relatorio_luz_portugues_19_final_v2_download.pdf . Acesso em: 21 jun. 2020.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do (2012). Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estud. Av.**, vol. 26, n. 74, pp. 51-64. ISSN 0103-4014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142012000100005>. Acesso em: 21 de jun. 2020.

Organização das Nações Unidas (ONU) (2015). **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

Report of the World Commission on Environment and Development (WCED) (1987). **Our Common Future**. Disponível em: <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/5987our-common-future.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

Capítulo 2

Rádio Orinoco: Comunicação para a sensibilização e acolhimento de migrantes em Roraima

Tainá Aragão
Zoë Dutka

**RÁDIO
ORINOCO**

ÁGUAS QUE ATRAVESAM FRONTEIRAS



RADIO ORINOCO: COMUNICAÇÃO BILÍNGUE PARA SENSIBILIZAR CONTRA A XENOFOBIA NA FRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA

*RADIO ORINOCO: RADIO PROGRAMMING TO COMBAT
XENOPHOBIA AGAINST VENEZUELAN IMMIGRANTS
IN BRAZIL*

*Tainá Aragão¹
Zoë Dutka²*

RESUMO: O processo de xenofobia em Roraima, estado do extremo norte brasileiro, se intensificou a partir da migração venezuelana para o Brasil. Nesse contexto, a comunicação aparece como um mecanismo com o potencial de transgredir as fronteiras físicas e imagéticas que são criadas entre o “nativo” e o “estrangeiro”. A Rádio Orinoco foi criada com o compromisso de sensibilizar através das ondas sonoras, com mecanismos da comunicação colaborativa e ação para paz e acolhimento, propondo um novo olhar sobre a migração venezuelana para o Brasil e contra a xenofobia.

Palavras-chave: migração. xenofobia. sensibilização.

ABSTRACT: *Xenophobic incidents in Roraima, the northernmost state in Brazil, have increased with the influx of Venezuelan immigrants to the region. In this shifting context, radio programming can be a tool for crossing both physical and imaginary boundaries that exist between the “local” and the “foreigner.” Radio Orinoco was created to raise awareness in order to prevent further xenophobic acts, while offering new ways of looking at Venezuelan migration to Brazil. The program is rooted in collaborative radio and popular communication theory, with an emphasis on peaceful political actions.*

Keywords: *Migration. xenophobia. raising awareness.*

¹ É jornalista e assessora nacional de comunicação da Cáritas Brasileira.

² É uma escritora, Mestre em Escrita Criativa, migrante no Brasil.

INTRODUÇÃO

Para sensibilizar, é preciso ir além do espaço comum, transcender as barreiras do eu ao se aproximar do “outro”. Nessa aproximação, nota-se que o diferente de nós, no fundo, possui várias similitudes, pontos de encontros. Na junção das particularidades individuais, também pode-se construir um espaço de convivência mais harmonioso para todos: diverso e rico, social e culturalmente. Foi a partir dessa reflexão que a Rádio Orinoco foi criada, pensada para transmitir, através das ondas sonoras, outras versões sobre a migração venezuelana para o Brasil, que apresentem a integração como um caminho possível, se trilhado em comunhão e empatia.

Lançada em outubro de 2019, a Rádio Orinoco foi dividida em duas temporadas. Sua periodicidade de veiculação era semanal, na FM Monte Roraima (107,9 mgz) e na Rede de Notícias da Amazônia (RNA). O programa também foi veiculado simultaneamente em 20 rádios da região Amazônica e na Associação Latino-Americana de Comunicação e Educação Popular, que transmitiu as temporadas em 127 rádios associadas do Continente. Além disso, o programa foi disponibilizado no Spotify da Cáritas Brasileira³.

O projeto comunicacional bilíngue, entre português e espanhol, é iniciativa da Cáritas Brasileira e da Cáritas Diocesana de Roraima, apoiadas pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento (USAID). Sua produção completa se deu pela equipe de comunicadores da *La Mochila Migrante*, produtora especializada no contexto comunicacional para a migração em Roraima; também contou com o apoio da assessoria de comunicação da Cáritas Brasileira.

Os temas dos 16 episódios permearam a questão fronteiriça, o encontro de duas culturas vivenciado atualmente em Roraima, oportunidade garantida graças ao processo migratório venezuelano para o Brasil. Nessa travessia, pôde-se perceber que em uma fronteira cabem muitos significados: além de ser trânsito de pessoas, é intercâmbio de informações, saberes e fazeres, capazes de dinamizar a economia local e criar uma nova cultura por meio dessa fusão. Roraima representa atualmente uma potencia para o futuro do Brasil; apesar dos grandes desafios ainda vivenciados pelo aumento demográfico, a migração é

³ <https://open.spotify.com/show/7rl0ZzRFND7jtiopwN2ysu>.

uma grande oportunidade para o estado de Roraima desenvolver uma economia própria e menos dependente do funcionalismo público.

Esse terreno híbrido de conexão e novas possibilidades garantiu uma produção completa de rádio: bilíngue, intercultural, fronteiriça e empática. **A Primeira Temporada** inaugurou os oito episódios do programa “Rádio Orinoco”, que aprofundaram as oportunidades de aprendizado que os encontros entre culturas e pessoas promovem. Além de informações históricas básicas sobre Venezuela e Brasil, o programa abordou temáticas ligadas a turismo, geografia, esportes, culinária, festas tradicionais, migração e *florestania*, música e um resumo de ideias e aprendizagens que a integração entre países proporciona. Houve seções como: “É verdade que vocês...?” ou “De onde vem esse ritmo?”. Tendeu-se a criar um ambiente de parceria entre pessoas que, embora tenham culturas diferentes, têm várias coisas em comum.

A Segunda Temporada do programa, também com oito episódios, passou a ser conduzida por duas vozes femininas, da Evilene Paixão e da jornalista venezuelana Morelia Morillo, que conversavam com diversas pessoas “Nas Ruas de Roraima”, nome do quadro de entrevistas. Morelia entrevistava *in loco* pessoas que desenvolvem trabalhos sociais voltados ao apoio de migrantes em Boa Vista. Muitas das iniciativas também eram conduzidas por migrantes, que através de projetos coletivos de partilha propiciam um acolhimento mais digno para seus conterrâneos. Essas histórias possuíam o objetivo de estimular ações de acolhimento a partir de pequenas iniciativas e ações diárias.

“Os contos de banheiro” também foi outro quadro lançado na segunda temporada, que discorria sobre histórias dos objetos de higiene que nos cercam, de uma forma cômica e informativa. Esse quadro foi criado a partir de referências latino-americanas de rádio dos anos 80’s e 90’s, que possuíam um tom de humor, baseado em uma sonoplastia elaborada, para tratar temas corriqueiros de forma inusitada.

COMUNICAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO: HETEROGENEIZAR PARA DEMOCRATIZAR OS ESPAÇOS

A comunicação é a via imageticamente palpável onde as realidades se formam. É por ela que os discursos são criados, veiculados e

recepcionados – mecanismo no qual são criadas as materialidades. Portanto, seguindo os passos de Chimamanda (2013), é de suma necessidade frisar que as histórias importam, e muitas *histórias importam*. “Histórias têm sido para expropriar e tornar maligno, mas histórias também podem ser usadas para capacitar e humanizar”. Portanto, algumas histórias podem devastar a dignidade de um povo, mas outras podem também recuperar essa dignidade perdida, através da cidadania e de processos comunitários capazes de dimensionar novas histórias, a partir do protagonismo.

Desta maneira, é indispensável afirmar que uma linguagem multicultural não só faz sentido na esfera do bem-viver⁴, mas cria sentidos mais complexos e plurivalentes, direcionando o olhar para outros rumos possíveis, mais solidários e empáticos.

Pensar a comunicação como um mecanismo para a democracia e a criação de uma identidade cidadã parece ir de encontro a diferentes fronteiras dentro dos territórios. Então, surge a questão: como pensar o direito à comunicação como garantia ao sujeito migrante de representar seu espaço no embate de discurso? Canclini (2013, p. 43) relembra:

La extranjería es también, en ciertos momentos, una percepción y una representación simbólica. Es la conciencia que surge de un desajuste, una momentánea pérdida de la identidad en la que tradicionalmente nos reconocemos.

Ao migrante cabe, além da fronteira física, a fronteira porosa do lugar e do não-lugar. Na travessia de um país para outro, as identidades absorvem referências e se transformam; fazendo com que as memórias afetivas do lugar de origem se mesquem com a necessidade de interagir com os lugares desconhecidos de destino. Em outra perspectiva, esse limbo do lugar e não-lugar cria e co-cria novas esferas de interação e possibilidades narrativas.

Por causa dos entraves da legislação brasileira para as comunicações, a possibilidade da expansão de uma comunicação mais heterogênea se faz possível, em grande parte, dentro do ciberespaço. Neste, diferentes grupos e movimentos culturais passam a produzir seu próprio conteúdo e, mesmo sem recursos, veiculam outros tipos de narrativas, com uma

⁴ Paulo Feire e Leonardo Boff.

carga de representatividade mais ampla. Consolida-se aos poucos o consenso dentro das comunidades, no sentido de que a produção de discursos, a criação de narrativas e a montagem de mensagens funcionais engendram um lugar político. Espaço este que se mostra fundamental para obtenção de direitos e oportunidades mais dignas e justas dentro da sociedade.

Nesse sentido, existem três movimentos conceituais que podem ser evidenciados como principais para se pensar a heterogeneização da comunicação: Hegemonia, Democratização e Apropriação Social. Adotamos o conceito de *hegemonia* cunhado a partir dos Estudos Culturais (HALL, 2011), que enfatiza algo além da concentração de bens, mas implica a confluência e transformação cultural, entendendo o cânone e o recriando. Por outro lado, a democratização é pensada em um viés mais de possibilidade de produção por vias institucionalizadas. Ou seja, é a Lei que garante, ou não, que a comunicação se estabeleça de forma democrática. Por fim, a *apropriação social* é evidenciada como o mecanismo legítimo de intento dos setores populares para exercer o protagonismo social.

Hall (2011) enfatiza que a **hegemonia**⁵ deve ser entendida a partir do viés cultural como uma norma pré-estabelecida, que impõe transformações e reflexões profundas sobre as estruturas sociais estabelecidas:

As metáforas de transformação devem fazer pelo menos duas coisas. Elas nos permitem imaginar o que aconteceria se os valores culturais predominantes fossem questionados e transformados, se as velhas hierarquias sociais fossem derrubadas, se os velhos padrões e normas desaparecessem ou fossem consumidos em um festival de revoluções (HALL, 2011, p. 205).

A partir da hegemonia, se podem perceber as hierarquias que são postas ao discurso e, ainda, como elas intervêm politicamente sobre as construções sociais. Por outro lado, se compreende como os discursos dominantes também moldam, em certa medida, o histórico e as relações sociais, estabelecendo lugares, ou não-lugares, de outras intervenções – das minorias sociais – necessárias para o equilíbrio. Outro conceito que está embutido e é indissociável à hegemonia é o conceito de ideologia. A ideologia aparece como pensar o mundo através da

⁵ Grifo nosso

produção simbólica dos sujeitos e suas representações (HALL, 2011).

O processo de intervenção e reinvenção através da consciência da hegemonia compreende a materialização das realidades, que são estabelecidas por meio dos discursos hegemônicos. Por esse viés, a questão de hegemonia é central nos Estudos Culturais e constitui um ponto de partida para se discutir o que estabelece socialmente as esferas de poder e os insumos de reimaginação da política, para a democratização dos espaços (HALL, 2011).

A democratização da **comunicação**⁶ é um pilar indispensável para a expansão dos discursos heterogêneos, indissociável desde a raiz. Esse movimento conceitual dentro da comunicação representa como são estabelecidos os meios que favoreçam a multiplicidade das narrativas. Para pensar em uma comunicação que produza outras versões do mesmo contexto, é importante verificar como a legislação nacional prevê o direito à comunicação.

Para Moreno (1999), estudioso dos movimentos populares na América Latina, a apropriação social não é a moderada intervenção de grupos sociais na modernidade, mas o ato de criar, recriar ou co-criar outras modernidades através da reivindicação do espaço de produção, construção e veiculação de conteúdos de feição protagonista, e por isso, autênticos.

La apropiación se trata de la posibilidad de que exista otra u otras epistemes, es decir horizontes de precomprensión del mundo, distintos al moderno y que además esa otra episteme se pactique desde mundo de vidas populares. Es decir, hacen visibles las formas como perciben y comprenden al mundo, cargados de sentidos distintos al esperado en las sociedades neoliberales pero no por ello descalificados de la práctica social (1999, p.33).

A prática a partir dos mundos de vidas populares apontada pelo autor é o cerne que conduz à apropriação social das comunicações. Ou seja, o seu núcleo é composto pela comunidade e todas as referências e simbologias aí embutidas. Através do lugar de pertencimento, da invisibilização e estigmatização, se dá a codificação, e por fim, e não necessariamente, o impulso para a apropriação social dos espaços de poder, em busca de representação linear e horizontal daqueles que se encontram à margem.

⁶ Grifo nosso.

A Rádio Orinoco, por sua vez, possibilitou que se criasse um espaço de reimaginação dos espaços de integração, propondo novas formas de sensibilizar contra a xenofobia, mostrando através de um viés prático como duas culturas podem mutuamente ser o sentido de empatia e aprendizagem do outro. Quando se conhece o outro, se conhece um mundo. O conceito narrativo do programa permeou esse viés. A seguir, vamos compreender mais a fundo a construção narrativa para o programa.

ROTEIRO E CONCEITO ESTÉTICO

Quando nós de *La Mochila* Produções⁷ fomos chamados para desenvolver um projeto de rádio com a Cáritas Brasileira, a primeira coisa que nos chamou a atenção foi o nome: Rádio Orinoco. Nós somos uma equipe de produção formada por migrantes, majoritariamente por venezuelanas que vivem na cidade de Boa Vista-RR, e a palavra Orinoco —do rio Orinoco— é de grandíssima importância na cultura venezuelana. Para nós, o nome do programa foi um sinal de respeito, e com esse impulso nos juntamos ao projeto com o empenho criativo de quem se sente incluído. Para nós, a Rádio Orinoco foi também um compromisso pessoal, uma oportunidade para colocar na rádio uma voz migrante, numa região onde muitos locutores falam sobre os migrantes, mas nunca os ouvem.

Através de uma série de reuniões com Cáritas, conseguimos desenvolver o conceito estético do projeto. Todo conceito estético é igual a um projeto da casa, um desenho feito de ideias e sonhos. A equipe de produção atua como um engenheiro de construção, concretizando os projetos. Nós, de *La Mochila*, encaixamos perfeitamente com os objetivos sociais da Rádio Orinoco, mas como realizar esses objetivos?

⁷ A equipe da produção da Rádio Orinoco, além da assessoria de comunicação da Cáritas, estava composta pela equipe técnica de *La Mochila* Produções. A produção foi feita por Adriana Duarte e Benjamin Mast, quem também fez a direção técnica, a musicalização e a edição. A assistência técnica e de musicalização foi feita por Fernando Millán. A locução do programa ficou por José Antonio Paolini, Evilene Paixão e Morelia Morillo. O roteiro da primeira temporada foi escrito por Zoë Dutka, e da segunda temporada, foi elaborado por Adriana Duarte e Morelia Morillo.

A roteirista da primeira temporada de Rádio Orinoco viu logo que estava trabalhando com três restrições principais: (a) as falas em espanhol e português deviam ser fáceis de entender para o ouvidor monolíngue; (b) a Rádio Orinoco devia apresentar um programa comum e não pedagógico, apesar de ter muita informação sobre higiene, cultura e história; (c) o tom do programa devia ser sempre acolhedor, abordando os problemas regionais contenciosos, como a xenofobia e o desmatamento, sem colocar o ouvidor na defensiva.

O primeiro ponto foi simples de abordar. Se tratava de escolher as palavras cognatas em cada oportunidade, sem ajustar o sentido da narrativa, nem perder a naturalidade da narração. Por exemplo, a palavra em espanhol *mixturada* é mais rara do que *mezclada*, mas a primeira seria compreendida facilmente tanto pelos lusófonos como pelos hispanofalantes.

Mesmo priorizando as cognatas, o espanhol e o português continuam sendo línguas distintas (de fato, a barreira linguística é o maior desafio inicial para o migrante hispanofalante no Brasil). Quando não for possível mudar a palavra para outra cognata, indicava-se ao locutor para repetir na sua língua, de maneira espontânea, as principais palavras da pessoa entrevistada. Também os dois locutores foram instruídos a falar devagar e com pronúncia clara.

Apesar das precauções, é inevitável que uma parte do conteúdo não seja entendido por uma pessoa monolíngue. Mas há um valor simbólico em apresentar duas pessoas se entendendo mesmo através da barreira linguística, e a Rádio Orinoco foi concebida com esse propósito.

No lugar de evitar a temática, decidimos enfrentar as dificuldades da língua diretamente, com muitas risadas resultantes. Um dos sons mais difíceis para os iniciantes de Português é o ditongo nasal, utilizado em palavras pronunciadas com timbre fechado, como “mãe”, “põe”, “pão”, etc. No caso do espanhol, é a vibrante múltipla alveolar, que ocorre em palavras como “rato” e “perro”. Obviamente, ninguém usa o término “ditongo nasal” no programa, mas já desde o primeiro capítulo os locutores gracejaram sobre estas dificuldades, experimentando os novos sons.

Aproveitar essa energia amigável foi o impulso que inspirou a seção “É verdade que vocês...?” Em cada capítulo da primeira temporada, a

seção foi introduzida como um momento para esclarecer as dúvidas. Cada locutor tinha a oportunidade de fazer qualquer pergunta sobre a cultura do outro, com a condição de que a mesma fosse feita na língua do outro. Queria-se capturar a vulnerabilidade que todos sentem quando falam uma língua nova, e a recompensa de vencer esse constrangimento, neste caso matando a curiosidade com uma pergunta direta sobre a cultura do outro.

A seção também foi uma oportunidade para dizer coisas fora do comum. Como foi dito, um dos principais desafios do roteiro foi sensibilizar a população regional contra a xenofobia, sem provocar uma resposta defensiva. A seguir, damos um exemplo de como as perguntas diretas podem levar a uma reflexão íntima que, ao mesmo tempo, combate o preconceito.

EVILENE: Chegou o momento de esclarecer as dúvidas! Você pode me perguntar qualquer coisa, mas a pergunta tem que ser feita em português.

JOSÉ: Tú primero, Evilene. En español!

EVILENE: Tudo bem. Entonces, mi última pregunta para ti. Que es lo que más te gusta de Brasil?

JOSÉ: La gente. No tengo que pensarlo dos veces. La gente como tú, que me ha recibido aquí, que siempre me ha tratado con respeto y cariño. Tengo mucha admiración por la gente de Brasil.

(Rádio Orinoco, Capítulo 8, 1º temporada, Seção: É verdade que vocês...?)

Uma maneira simples de sensibilizar um público é surpreendê-lo com um ato de afeto. José vocaliza aqui um sentimento genuíno de gratidão, que talvez o público brasileiro não teve muitas oportunidades de ouvir antes, ainda mais se não se relaciona muito com migrantes.

A outra seção, chamada “De onde vem esse ritmo?”, oferece uma pausa musical enquanto os locutores curtem uma música característica do Brasil ou do Caribe. Entre os gêneros destacados houve forró, salsa, MPB, boi-bumbá, bachata e joropo (música tradicional venezuelana). A seção musical acabou sendo o melhor momento para abordar a xenofobia de maneira criativa, agitando sentimentos regionais para depois buscar outra visão sobre a situação migratória dos venezuelanos. Um exemplo:

JOSÉ: ¿Que és eso — forró?

EVILENE: É uma música do nordeste do Brasil! É muito bom pra dançar.

JOSÉ: Hmm...provoca pararme a bailar!

EVILENE: Dá vontade, né?

JOSÉ: ¿Donde puedo escuchar esta música aquí em Roraima?

EVILENE: Tem muitos lugares! Você sabe que muitos roraimenses são de raízes nordestinas, né?

JOSÉ: No! No lo sabía.

EVILENE: Sim, teve uma migração muito grande de nordestinos nos anos 70 e 80. O meu pai é nordestino, e a minha mãe é do Amazonas, mas eu nasci aqui. Sou roraimense.

JOSÉ: Y por qué vinieron?

EVILENE: Bom, o nordeste é muito lindo. Para mim, tem as praias mais bonitas do Brasil. Mas também pode ser um lugar difícil para viver. Muitos saíram procurando oportunidades e vida melhor.

JOSÉ: Playas lindas... música buena... y mucha dificultad para vivir? Se parece a mi país! (Risadas)

(Rádio Orinoco, Capítulo 1, 1ª temporada, Seção: De onde vem esse ritmo?)

Para a segunda temporada, decidimos abrir o espaço para diversas vozes, além dos locutores. Na seção “Nas ruas de Roraima”, a jornalista venezuelana Morelia Morillo nos apresentou diferentes iniciativas sociais de apoio para migrantes, lideradas por roraimenses e migrantes também.

Ouvimos de Mirian Blos, a maestrina brasileira dos Canarinhos da Amazônia, um coral infantil formado por meninos venezuelanos que moram nos abrigos e nas ruas de Pacaraima. Também escutamos a história de Nilsa Hernandez, a fundadora venezuelana da organização Valentes pela Vida, que oferece casa, comida e suporte logístico para os migrantes com doenças crônicas. Muitas pessoas morando na área da fronteira têm se dedicado, com poucos recursos, a apoiar as pessoas migrantes no seu momento de desamparo. Achamos importante registrar o seu trabalho, que também forma parte do tecido social atual de Roraima.

A palavra xenofobia vem do grego, uma composição de *xénos*: “estranho” e *phóbos*: “medo”. Mas a xenofobia não é só medo do outro, é também o medo da precariedade própria da pessoa. A presença do migrante é uma lembrança desconfortável de como a história humana tem ciclos, e que a estabilidade que hoje nós temos talvez não a teremos amanhã. Há pessoas que preferem acreditar que o culpável desta

insegurança é o migrante, e não um sistema político e econômico que favorece a poucos; um programa curto de rádio não vai mudar a opinião dessas pessoas. Mas a Rádio Orinoco não foi criada com a ideia de apontar culpados.

Com a Rádio Orinoco, tenta-se abrir espaço para uma conversa simples, amigável, própria da fronteira. Quando se fala de combate à xenofobia, trata-se principalmente de criar respeito, neste caso através da comunicação aberta. O programa tem o nome de um rio, mas a Rádio Orinoco acabou parecendo mais uma pequena ponte, atravessando as correntes turbulentas da nossa fronteira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criar pequenas pontes, transgredir fronteiras: isso faz parte de uma comunicação que transforma, uma comunicação tecida juntos e com as pessoas, superando a noção de “público alvo”, ou de “beneficiárias-os”, e alcançando o conceito de sujeitos-as da ação, num território onde diariamente se cria e recria, em um fluxo de interação, desprendimento e passagem. Esse é o compromisso de fundo que orientou Rádio Orinoco no decorrer de suas duas temporadas: comunicar para sensibilizar contra a xenofobia.

O nome do programa faz menção ao maior rio da Venezuela, que se interliga com o Brasil, chegando a ser um afluente do rio Amazonas. A conexão das águas é um tema natural que inspirou a Rádio Orinoco, mostrando as infindas possibilidades que surgem a partir dos relacionamentos humanos, ligações igualmente naturais, que deveriam ser fluidas.

A comunicação que transforma conecta conhecimentos distintos a uma visão holística e engajada socialmente; o percurso realizado pela rádio Orinoco, como se fosse um percurso das águas, colocou o público ouvinte em contato com narrativas positivas e soluções que vêm sendo tecidas pelo processo migratório. Nesse intento, seguimos buscando que essa iniciativa deságue em outras ações, experiências e práticas que transcendam, como um rio, as fronteiras.

REFERÊNCIAS

BOLAÑO, C. (2009). **Comunicación, educación e movimientos sociales em América Latina**. Casa das Musas. Brasília.

BONDANINI, Francesco Bruno (2012). **La metodología participativa en un trabajo de investigación y acción con los migrantes del centro de estancia temporal de inmigrantes (CETI) de Melilla**. Diversidade Cultural, [S.l.]. Depto. Antropología Social, Universidad de Granada (UGR).

CANCLINI, N. (2013). **Las fronteras dentro de los países, las naciones fuera de su território**. México.

FREIRE, P. (1970). **Pedagogía del Oprimido**. México: Siglo XXI. (1970).

_____. (1989). **La educación como práctica de la libertad**. Madrid: Siglo XXI.

GARCEZ, José Roberto (2006). **O direito à comunicação: necessidade de uma política pública para promover a inclusão social**. Inclusão Social. Brasília.

GRAMSCI, Antonio (2001). **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GÓMEZ, G. (2006). Os meios de comunicação de massa na era da internet. **Comunicação & Educação**. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v11i3p373-378>. Acesso em: 20 jun. 2020.

HALL, S. (2003). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG.

LIMA, V. (2014). Em defesa da democratização dos meios de comunicação. **Comunicação & educação**, Ano XIX, número 1: Brasília.

MORENO, A. (1999). Resistencia Popular a la modernidad en America Latina. **Revista Venezuelana de Economia y Ciencias Sociales**, n. 2-3, abril, Caracas.

Capítulo 3

Xenofobia, racismo e estigmas na terra de Macunaíma

Gabriela da Costa Norberto Peres
Francilene dos Santos Rodrigues



XENOFOBIA, RACISMO E ESTIGMAS NA TERRA DE MACUNAIMA

XENOPHOBIA, RACISM AND STIGMS IN THE LAND OF MACUNAIMA

*Gabriela da Costa Norberto Peres¹
Francilene dos Santos Rodrigues²*

RESUMO: Com o aumento da imigração venezuelana para diversos países da América Latina, o Brasil, tendo Roraima como porta de entrada através de sua fronteira terrestre com a Venezuela, passou a ser também um dos destinos de grande procura. Ao chegar na Amazônia brasileira, muitos venezuelanos passam a ser visibilizados nos meios de comunicação local, porém eles são representados como sendo os responsáveis pelo caos na saúde pública, pelo aumento da violência, da mendicância, da prostituição, entre outros. A intensificação de migrantes venezuelanos nos mais diversos locais da cidade de Boa Vista os tornou alvos de manifestações xenofóbicas e racistas. A xenofobia, aversão ao estrangeiro, é dirigida aos venezuelanos independentemente de sua idade, condição econômica e gênero. Além disso, ser mulher, pessoa negra ou indígena agrava ainda mais os estigmas. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é analisar as diversas formas de manifestações xenofóbicas e como elas se reproduzem no cotidiano desses venezuelanos em Boa Vista. Como procedimento metodológico, foi utilizada a Análise de Conteúdo (AC) no website da Folha de Boa Vista, no período de 2016 e 2017, e em grupos no Facebook, buscando produções midiáticas sobre temas relacionados a racismo e xenofobia contra os migrantes venezuelanos. Concluiu-se que a imagem do brasileiro acolhedor e “boa gente” foi desmistificada através desta

¹ Graduanda de Ciências Sociais da Universidade Federal de Roraima; ex-bolsista PIBIC; pesquisadora discente do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Fronteiras – GEIFRON/UFRR.

² Doutora em Sociologia; Professora no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira (PPGSOF) e Recursos Naturais (PRONAT) na da Universidade Federal de Roraima. Email: france.rodrigues@ufrr.br

migração venezuelana, retratando na verdade uma população brasileira intolerante e ressentida.

Palavras-chave: Migração venezuelana. Xenofobia. Racismo. Estigmas.

ABSTRACT: *As the Venezuelan immigration rate increases in many Latin America countries, Brazil, which has Roraima as a gateway through its land border with Venezuela, has also become one of the most requested destinations. Upon arriving in the Brazilian Amazon, many Venezuelans start to receive visibility in the local media, however, they are represented as responsible for the chaos in the public health, the increase in violence, begging, prostitution, among others. The expansion of Venezuelan migrants in the most diverse places of Boa Vista has made them the target of xenophobic and racist demonstrations. Xenophobia, the aversion to foreigners, is aimed at Venezuelans regardless of age, economic condition or gender. In addition, being a woman, a black or an indigenous person further aggravates the stigmas. Thus, the objective of this work is to analyze the many forms of xenophobic demonstrations and how they are reproduced in the daily lives of these Venezuelans in Boa Vista. As a methodological procedure, we used the Analysis of Content (AC) in the website of Folha de Boa Vista, in articles from 2016 and 2017, and in Facebook groups, searching for media productions on topics related to racism and xenophobia against Venezuelan migrants. It is concluded that the image of Brazilians as welcoming and “good people” was demystified because of the Venezuelan migration, portraying in fact an intolerant and resentful Brazilian population.*

Keywords: *Venezuelan migration. Xenophobia. Racism. Stigms.*

INTRODUÇÃO

Este texto faz parte do relatório final da pesquisa realizada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC da Universidade Federal de Roraima -UFRR, entre 2017 e 2018, com atualização de dados em 2020, sob a orientação da Professora Doutora Francilene dos Santos Rodrigues.

A pesquisa está vinculada a um projeto maior, chamado ‘Fronteiras e Mobilidades na Amazônia: Deslocamentos, Violência e Direitos Humanos’, coordenado pela já citada Professora Doutora Francilene

dos Santos Rodrigues, e faz parte também do Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras: Processos Sociais e Simbólicos – GEIFRON, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF/UFRR.

Na fronteira entre Brasil e Venezuela, o grupo nacional mais relevante, até recentemente, era de brasileiros, tendo em vista que a migração fronteiriça é uma das estratégias dos migrantes interestaduais, em parte devido às condições de proximidade com este país. A imigração venezuelana no Brasil e, em especial, Roraima é algo extremamente recente. Em Roraima, os venezuelanos aparecem nas estatísticas da Polícia Federal e passam a ser visibilizados nos meios de comunicação a partir do ano de 2016.

Segundo dados da Polícia Federal (abril/2017), em 2014 só havia 268 solicitações de vistos e/ou refúgio; em 2015 foram 1.073; em 2016 já se totalizavam 3.155 solicitações, representando um aumento de 184,7%. Em 2017 (25/04), o total de atendimentos foi de 2.899 solicitações de refúgio e 70 solicitações de residência temporária. Outro dado da Polícia Federal é que até o mês de abril havia em torno de 6.000 agendamentos, para serem atendidos até outubro de 2017.

No sistema da Polícia Federal, ainda consta a entrada de 92.656 venezuelanos por Pacaraima de 2017 a abril de 2018; destes, 44.632 saíram, permanecendo 48.024 em território brasileiro. Segundo o mapeamento feito pela Prefeitura de Boa Vista em junho de 2018, atualmente 25 mil venezuelanos vivem na capital, o que representa um percentual de 7,5% da população de Boa Vista.

Estes dados sofreram modificações em 2019 e 2020. Os dados oficiais das agências internacionais ligadas à Organização das Nações Unidas (ONU) que atuam com migrantes e refugiados em Roraima, especialmente o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a Organização Internacional para as Migrações (OIM) e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), informam que, entre janeiro de 2015 e maio de 2019, foram registradas oficialmente 254.769 entradas de venezuelanos no Brasil. Destes, mais de 178 mil pessoas realizaram solicitações de refúgio e de residência temporária³. Dada a proximidade entre os dois países e o histórico de relações

³ Dados informados na página oficial da UNICEF no Brasil. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>. Acesso em: 15 mai. 2020.

transfronteiriças (SANTOS, 2018), a maioria dos migrantes venezuelanos entram no País por Roraima e se concentram nos municípios de Pacaraima e Boa Vista, capital do Estado. Na cidade de Boa Vista, se concentram as ações de documentação e acolhimento aos migrantes e solicitantes de refúgio e de residência temporária⁴.

O aumento dos deslocamentos de migrantes venezuelanos nos mais diversos locais da cidade de Boa Vista os tornou alvo de manifestações xenofóbicas e racistas. A xenofobia, aversão ao estrangeiro, é dirigida aos venezuelanos independentemente de sua idade, condição econômica e gênero. Além disso, ser negro ou indígena warao agrava ainda mais os estigmas.

Dessa forma, esse relatório apresenta os dados da pesquisa, realizada no período de outubro de 2017 a junho de 2018, cujo objeto foi a análise das produções midiáticas no website do Jornal Folha de Boa Vista, buscando identificar as manifestações xenofóbicas e estigmatizantes sobre os migrantes venezuelanos em Roraima.

O objetivo principal foi a análise e identificação das diversas formas (explícitas e implícitas) de manifestações xenofóbicas e racistas no cotidiano da vida dos migrantes venezuelanos em Boa Vista, por meio de comentários no jornal Folha de Boa Vista online. Dentre os objetivos específicos, buscamos verificar o perfil das venezuelanas vítimas de xenofobia e racismo; a identificação de elementos de racismo e xenofobia no cotidiano dessas pessoas e nas postagens e comentários de páginas locais do *Facebook*; os mapeamentos, no grupo do Facebook “Venezolanos em Brasil”, de relatos de venezuelanos vítimas de preconceitos por brasileiros.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a qualitativa e como procedimento metodológico a Análise de Contúdo (AC). Ainda, como parte da pesquisa, realizamos levantamento bibliográfico na biblioteca da UFRR, em portais de conteúdo científico, na internet, em banco de teses da CAPES, entre outros sites, sobre os temas migrações, migrações

⁴ Definição apresentada na página oficial da Operação Acolhida no site do Governo Federal disponível em: <https://www.gov.br/acolhida/historico/>. Acesso em: 15 mai. 2020.

venezuelanas, xenofobia, racismo e demais formas de preconceitos.

Devido ao aumento do deslocamento migratório venezuelano ser algo muito recente e as bibliografias específicas sobre a temática ainda estarem em construção, tornou-se necessário fazer associações com outros temas para logarmos uma discussão sobre a temática de migrações de forma geral e, assim, fazermos os aportes necessários para contextualizar a atual situação venezuelana. Isso foi importante para nos aproximarmos dos aspectos teóricos sobre as migrações. A participação em Seminário Internacional (SIATAT), encontros e reuniões de estudo do GEIFRON, seminários e eventos contribuíram para estabelecermos contatos e localizarmos o que está sendo dito ou escrito, em outros espaços, sobre a migração venezuelana.

Sendo assim, citamos aqui alguns desses materiais que foram imprescindíveis para a pesquisa, tais como o livro 'Ações e Nacionalismo - desde 1780' (HOBSBAWN, 2008), a tese doutoral 'Interação social e estigma na fronteira Brasil/Venezuela: um olhar sociológico sobre a migração de brasileiros e venezuelanos' (SANTOS, 2018) e 'Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada' (GOFFMAN, 1975). Essa foi a primeira etapa, iniciada em outubro, mas realizada durante todo o processo da pesquisa até o presente momento.

Na segunda fase da pesquisa, passamos para a realização do levantamento das produções midiáticas do Jornal Folha de Boa Vista *online*, no período de 2016 e 2017, sobre temas relacionados à migração venezuelana. Essa fase, denominamos *pré-exploração* do material midiático, a partir de leituras das reportagens no Jornal Folha de Boa Vista. Dessa forma, fomos selecionando o *corpus* a ser analisado, ou seja, as reportagens que continham alguma referência aos venezuelanos [Palavras-chave: venezuelanos, xenofobia e migração].

Depois, procedemos às leituras de todo o material, com o intuito de apreender e organizar, ainda de forma não estruturada, alguns aspectos importantes. Esse levantamento foi, inicialmente, organizado em uma tabela *word*, contendo data, título, autoria, matéria integral, resumo da matéria e fonte (*link*). Isso nos proporcionou uma percepção sobre o contexto da produção e impressões gerais sobre o tema.

Tentamos aqui apreender de uma forma global as ideias principais e alguns dos significados gerais. Ainda nessa etapa, com o fim do

levantamento foram identificadas a partir dos títulos das reportagens 113 notícias no ano de 2016 e 170 no ano de 2017, totalizando assim 283 notícias, que tratam das seguintes temáticas: criminalidade/violência; ações do governo/ações governamentais; crise humanitária. Esse levantamento não levava em consideração se existiam ou não comentários nas matérias.

A partir do material resultante dessa *pré-exploração*, foi feito o levantamento das matérias com comentários, para uma categorização e apreensão de sentido deles. Devido ao grande número de matérias levantadas, decidimos contabilizar os comentários apenas do ano de 2017. Com isso, selecionamos 95 matérias no jornal *online* da Folha de Boa Vista relacionadas à migração venezuelana, com comentários, em sua grande maioria, feitos por brasileiros. Dessas matérias foi selecionado um total de 308 comentários.

Cada matéria costuma ter em média 2 ou 3 comentários, mas em algumas notícias de temas controversos foram encontrados até 32 comentários, como é o caso da matéria que trata do ajuizamento de uma ação pelo MPF contra a remoção forçada de venezuelanos para um abrigo na capital Boa Vista. Das 95 notícias do ano de 2017, 44 são do primeiro semestre e 51 do segundo semestre. Dessa maneira, selecionamos, para análise em profundidade, 4 notícias com comentários, sendo 1 do primeiro semestre e 3 do segundo semestre.

A terceira etapa da pesquisa foi o levantamento no grupo do *Facebook* “Venezolanos en Brasil” em que mapeamos alguns relatos de vítimas de racismo ou xenofobia. Existem dezenas de grupos no Facebook referentes a venezuelanos no Brasil, mas são fechados e necessitam da permissão de moderadores para participar. Conseguimos entrar apenas no grupo “Venezuelanos en Brasil”, que é composto por 24.615 membros, a maioria venezuelanos, mas também encontramos a presença de brasileiros e de uma peruana.

Nem todos os venezuelanos do grupo moram no Brasil, alguns ainda estão na Venezuela e buscam informações de como chegar ao Brasil, ou outros países da América do Sul. Na busca de relatos de vítimas de racismo ou xenofobia, fizemos uma publicação no grupo perguntando, em espanhol e português, se alguém já havia sido vítima de preconceito aqui no Brasil. Utilizamos 20 comentários válidos para

análise, que foram averiguados com 7h de duração. A publicação recebeu outros comentários, mas não foram considerados, pois não se encaixavam na premissa.

Devido ao tempo, não foi possível realizar, formalmente, entrevistas com algumas dessas vítimas com a finalidade de traçar perfil socioeconômico, motivações das migrações, percepção da recepção na sociedade de destino, sensação de ser vítima de preconceito, entre outros. No entanto, de maneira informal, logramos algumas informações sobre quem são esses sujeitos/interlocutores vítimas da xenofobia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O jornal Folha de Boa Vista é um dos mais antigos e tradicionais do estado de Roraima, e por isso é uma mídia que tem um grande papel na construção de opiniões. No que concerne à questão migratória dos venezuelanos, é perceptível como este meio de comunicação, quando publica notícias sobre criminalidade envolvendo venezuelanos, sempre apresenta o gentílico que os diferencia dos brasileiros na manchete.

As notícias mais carregadas de manifestações negativas são as relacionadas a ações do governo para auxílio dos venezuelanos, e aquelas que tratam de criminalidade. Com essas notícias, surge um sentimento comum nos comentários, de aversão aos venezuelanos. Creem-se que eles são “criminosos” e “perigosos”, não cabendo ao governo implementar políticas públicas para os mesmos. Com respeito à análise dos comentários, é difícil montar um perfil dos seus autores, pois muitos não usam seu nome verdadeiro, ou nem mesmo um nome. Há comentários escritos por pessoas que têm como *nickname* caracteres aleatórios, ou pessoas com nome masculino que, porém, utilizaram o cadastro como se fossem do gênero feminino. Pode-se concluir que o sistema de comentários é insuficiente para podermos extrair um perfil válido das pessoas que lá se manifestam.

No grupo do *Facebook* “Venezolanos en Brasil”, a publicação em que perguntávamos sobre vítimas de preconceitos e xenofobia obteve 20 comentários válidos (11 do gênero masculino e 8 do gênero feminino). Nestes 20 comentários, 5 pessoas (2 homens e 3 mulheres)

afirmaram não ter sofrido nenhum tipo de preconceito e xenofobia no Brasil, enquanto 14 (9 homens e 5 mulheres) afirmaram já ter sofrido algum tipo de preconceito.

Houve 1 comentário de uma peruana que afirmou ter sofrido xenofobia. Os relatos dos homens que já sofreram algum tipo de preconceito podem ser resumidos em: “ser impedido pelo proprietário e/ou pelo cliente de trabalhar em determinado lugar”; “ser humilhado” e “ser impedido de alugar uma casa”.

As narrativas das mulheres que já sofreram algum tipo de preconceito incluem: “ser impedida de permanecer em determinado local”, “ser humilhada” e “ser agredida fisicamente”. Como afirma Goffman (1975), a pessoa que carrega um estigma não é considerada uma criatura comum, e sim vista como uma pessoa estragada e diminuída. Nesse sentido, o atributo “venezuelano/a” se torna um estigma, causa aversão aos que se sentem “normais” ou “superiores” (nesse caso específico, os brasileiros e, mais especificamente, os roraimenses).

Os comentários nas matérias do jornal Folha de Boa Vista online trazem em sua maioria discursos preconceituosos. Os migrantes venezuelanos são referidos como: *ladrões*, *mendigos*, *corja*, *delinquentes*, *imundície*, *marginais*, *criminosos*, *doentes*, *bandidos*, *sequestradores*, *traficantes*, entre outros termos negativos. Os comentários nas matérias apresentam, em sua maioria, discursos xenofóbicos; alguns deles são mais implícitos, como por exemplo esses abaixo, que deixam a entender que os venezuelanos são sem educação, desrespeitoso às normas, interesseiros, tratando-se, portanto, de um povo desprovido de valor e inferior.

Figura 1: Notícia do dia 16/11/2017

AVENIDA VENEZUELA

Acidente com carreta deixa um venezuelano morto e outro gravemente ferido

Gostei (4) Não gostei (30)

Motorista de uma carreta que vinha pelo viaduto atropelou as vítimas que estavam em uma bicicleta no mesmo sentido

Por **Luan Guilherme Correia**

Em 16/11/2017 às 09:00

[Redacted] disse: Em 16/11/2017 às 10:18:17

"Bom dia, era de se esperar em qualquer momento esse tipo de acidente, pois já muitas pessoas perceberam que a maioria dos venezuelanos que usam bicicletas não respeitam as regras de trânsito, sabemos que na Venezuela não existe educação de trânsito. Um exemplo é que vi numa rua da cidade que tem ciclovia, dois venezuelanos andavam fora da ciclovia e ainda na contra mão da rua..outra vez estava esperando o sinal abrir e outro venezuelano de bicicleta atravessou no sinal vermelho. Esse tipo de atitude permite a ocorrência de acidentes. Minha sugestão é que os órgãos competentes oferecessem cursos para essa nova população, afim de ajudar à adaptação à nova cultura."

(213) (2) Responder

[Redacted] disse: Em 19/11/2017 às 13:57:54

"Sem contatar que existe o seguro DPVAT, a bolsa familia, esmolinhas das esquinas, campanhas fraternais.... verdadeiro paraíso para galera. Se tivesse algo deste tipo em outro país.... eita heim? Assim tipo suíssa, europa, Inglaterra, na própria Venezuela, ou em Cuba..."

(0) (0) Responder

Fonte: Folha de Boa Vista, 2017.

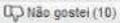
Ao culpabilizar os venezuelanos pelos acidentes e falta de educação no trânsito, os brasileiros desconhecem ou omitem, propositadamente, o fato de que Roraima ocupava, em 2015, a segunda posição no ranking de vítimas de acidentes com motocicletas, cuja taxa de mortalidade no estado é de 17,6 para cada 100 mil habitantes. Vale lembrar que 50% da frota de veículos do estado era composta por motocicletas (RORAIMA, G1RR, 2015). Ainda, nessa reportagem, o próprio diretor do DETRAN, afirmou que as principais causas dos acidentes estão ligadas à imprudência e ao desrespeito às normas de trânsito, além da embriaguez e do consumo de entorpecentes. Portanto, desrespeito às regras de trânsito não seria “privilegio” somente de venezuelanos.

Há outros comentários com um discurso de ódio mais explícito, como abaixo (figura 2).

Figura 2: Notícia do dia 18/02/2017

MIGRAÇÃO VENEZUELANA

Roraima espera maior migração de venezuelanos este ano

 Gostei (0)  Não gostei (10)

Só no ano passado, cerca de 30 mil ingressaram em Roraima

Por **Folha Web**
Em 18/02/2017 às 12:00

 **[Redacted]** disse: Em 18/02/2017 às 16:50:51

"Vai aumentar muito é a criminalidade no estado de Roraima pois esse venezuelanos que estão vindo são uns atoa sem coragem de lutar pela melhoria de seu país porque eles não decidem lutar por sua melhora já não basta agente trabalhador brasileiro sufocado por um governo que só nos massacra e pouco faz por nós agora desvia nossos impostos para atender não refugiados de guerra mais pessoas que não tem a mínima coragem de lutar no seu país por melhor reprove essa ajuda que o Brasil dá até porque quando vamos para lá somos humilhados e destravados vamos acorda povo brasileiro."

 (1)  (4)  Responder

Fonte: Folha Web, 2017.

A relação do aumento da criminalidade em Roraima com a chegada dos venezuelanos permeia a maioria dos comentários. É também discriminadora a solução mais frequentemente apresentada para a dita “crise migratória”, ou seja, a deportação de todos os migrantes aqui presentes de forma irregular. Vale lembrar que Roraima apareceu no Mapa da Violência, em 2013, como 4o estado mais violento da região Norte (atrás apenas do Pará, Amazonas, Rondônia), com uma taxa de homicídios de 14 para 100 mil habitantes. Boa Vista ocupava a 5ª posição no ranking das capitais mais violentas no Brasil. (WASELFSZ, 2016, p 25).

O Atlas da violência de 2018 apresenta um crescimento da violência de 44,2% no período de 2006 a 2016, superando a média nacional, que foi de 14% (SIQUEIRA, 2018). Portanto, Roraima e Boa Vista já apresentavam taxas crescentes de violência antes da chegada de venezuelanos.

Em diversos comentários com discurso de ódio explícito ou velado, é possível observar certo rancor e ressentimento quando os brasileiros fazem comparação entre o tratamento que os venezuelanos recebem aqui das ONGs e do próprio Estado e, supostamente, o tratamento que os brasileiros recebiam na Venezuela. São citados casos em que os brasileiros em suas viagens a passeio sofreram algum tipo de tratamento hostil na Venezuela. Segundo Kehl (2007), ressentimento é uma categoria do senso comum, embora apropriado, posteriormente, pela psicanálise, “que nomeia a impossibilidade de esquecer ou superar um agravo”. Para a autora, “ressentir-se significa atribuir a outro a responsabilidade pelo que nos faz sofrer. O Outro a quem delegamos, em um momento anterior, o poder de decidir por nós, de modo a poder culpá-lo do que venha a fracassar” (KEHL, 2007, p.12). Um comentário, na matéria do dia 09/11/2017, na Folha de Boa Vista, expressa um pouco esse sentimento:

Vai os brasileiros lá pra Venezuela fazer o que eles estão fazendo aqui pra ver o que a polícia de lá faria com os brasileiros. Sou a favor da ajuda humanitária, então o governo mande todos de volta e mande entregar alimentos e roupas lá no país deles ai sim estaria certo; através da cruz vermelha ou outro órgão que tenha capacidade pra isso (FOLHA DE BOA VISTA, 09/11/2017).

Ainda segundo Kehl (2007, p. 12), ao analisar o mesmo fenômeno a partir da ótica do filósofo Max Scheler, que classifica o ressentimento como um “autoenvenenamento psicológico”, o ressentido é como um introspectivo ocupado com ruminações acusadoras e fantasias vingativas; é um vingativo que não se reconhece como tal. O ressentido é tão incapaz de vingar-se quanto foi impotente para reagir de imediato ao agravo. Uma maneira de expressar esse ressentimento está representada no comentário acima.

Figura 3: Notícia do dia 04/10/2017

CAPITÃO CLÓVIS

Venezuelanos são retirados de Praça no Centro da Capital

Gostei (40) Não gostei (5)

A Praça fica a poucos metros das sedes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e estava servindo de moradia a dezenas de estrangeiros

Por Folha Web
Em 04/10/2017 às 09:00

f t G e +

disse: Em 02/01/2018 às 23:14:58
"PQP!!!! Tá acabando nossa cidade esse situação !!!! Absurdo!"
Gostei (0) Não gostei (0) Responder

disse: Em 04/10/2017 às 12:59:37
"Se devam ... Acham ruim, querem ajudar, acham ruim, se retiram também acham ruim. Vai entender"
Gostei (1) Não gostei (0) Responder

disse: Em 04/10/2017 às 11:52:27
"Porque não deporta logo essa gente caramba só estão trazendo calamidade para nosso estado se fosse os brasileiros lá não teriam nenhum auxílio será que esses governos não tem um pingo de desalienação a Venezuela não está cometendo genocídio por isso não tem porque manter essa gente perambulando e aumentando a criminalidade "
Gostei (4) Não gostei (0) Responder

Fonte: Folha Web, 2017.

Outra característica do estigma, também observado nos comentários, é a negação da humanidade do Outro (Goffman, 1975). Os comentários nas matérias relacionadas à ocupação dos migrantes em praças públicas mostram uma maior preocupação com o dano ao patrimônio público, que pode vir a ser causado com a presença desses migrantes, do que com a necessidade daquelas pessoas de conseguirem um abrigo (figura 03).

Mesmo em notícias que retratam os venezuelanos como vítimas de algum crime cometido por brasileiros, há comentários de brasileiros expressando desconfiança e antipatia. Isso demonstra como o estigma tem uma força muito grande para inferiorizar as pessoas, considerando-as diferentes, anormais, fora do padrão geral e aceito (Figura 04).

Figura 4: Notícia do dia 25.08.2017

PLANO MIGRATÓRIO

Venezuelanos moradores de rua receberão aluguel e alimentação

 Gostei (343)  Não gostei (191)

Proposta foi apresentada juntamente com várias medidas para auxiliar a crise migratória de venezuelanos em Roraima

Por **Luan Guilherme Correia**
Em 25/08/2017 às 04:15

 **[Redacted]** disse: Em 25/08/2017 às 13:08:25

"Que Deus proteja os boavistenses de bem, porque a criminalidade vai aumentar, a Venezuela vai se mudar inteira pra Boa Vista."

 (13)  (2)  Responder

Fonte: Folha Web, 2017.

As ações do governo relacionadas a suporte aos migrantes são interpretadas de forma negativa e duramente criticadas nos comentários. Isso revela uma forte individualidade e intolerância nos brasileiros. Entretanto, o tema transfronteiriço é extremamente complexo e as estigmatizações podem ser observadas em ambos os lados, como assinala Santos:

Em virtude disso, cada fluxo migratório é definido por sua época e suas necessidades, o que nos ajuda a perceber que existem diferenças, como algumas já ressaltadas, entre a emigração de brasileiros para a Venezuela e a emigração de venezuelanos para o Brasil. Nessa perspectiva, enquanto muitos brasileiros encontraram-se numa situação ambígua de escolher ou não “abandonar” o Brasil em busca de oportunidades na Venezuela, é possível, em alguns casos, que os venezuelanos que migraram recentemente para o Brasil não tenham passado por essa questão de escolha; muitos se afastaram de seu país de nascimento sem noção de retorno, até pelo menos a situação política e econômica da Venezuela se estabilizar. Por se tratar de uma experiência que envolve ganhos e perdas, a migração fronteiriça pode ser encarada por brasileiros e venezuelanos de maneira diferente, podendo ser uma possibilidade de recomeço e de transformação (SANTOS, 2018, p. 114).

Enquanto os brasileiros que buscavam a Venezuela por conta própria poderiam voltar ao Brasil quando quisessem, o mesmo não acontece na atual imigração venezuelana em direção ao Brasil. Motivações diferentes para migrar implicam em uma recepção diferente na chegada a outra nação, mas da mesma forma que a Venezuela serviu para o recomeço de diversas famílias brasileiras que para lá foram, o Brasil também pode ser um ambiente de recomeço para as famílias venezuelanas. Ainda pensando a fronteira Brasil/Venezuela, Santos (2018) comenta que,

No caso da fronteira Brasil/Venezuela, embora a convivência nesta fronteira pareça harmoniosa [...] há alguns discursos estigmatizados a respeito dos brasileiros e venezuelanos que foram construídos ao longo do intenso contato entre esses dois povos na zona fronteira. [...] Esses discursos são diversificados e estão em ambos os lados da fronteira. Os venezuelanos, por exemplo, costumam se queixar que o povo brasileiro é “abusado” no sentido de sempre querer reivindicar algo (SANTOS, 2018, p. 105).

Os discursos estigmatizados a que Santos (2018) se refere fizeram-se presentes primeiramente nos moradores das cidades fronteiriças de Pacaraima (Brasil) e Santa Helena de Uairén (Venezuela), mas posteriormente também na cidade de Boa Vista. Enquanto os brasileiros eram vistos como “abusados”, as mulheres venezuelanas eram vistas apenas como trabalhadoras sexuais, sendo por diversas vezes desrespeitadas nos ambientes que frequentavam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo que nos propomos era analisar e identificar as diversas formas de manifestação xenofóbicas e racista; a partir disso, a afirmação que o mito e a construção ideológica do brasileiro acolhedor, “boa gente”, hospitaleiro, em parte é desmistificada nesse processo da migração venezuelana. Os comentários sobre as reportagens e notícias publicadas nos jornais a respeito da migração venezuelana evidenciaram que o brasileiro, em grande parte, é intolerante, tem dificuldade de respeitar as diferenças, é revanchista e ressentido.

O retrato ou a representação dos venezuelanos como inferiores, mal educados, monstros, perigosos, desumanos, são também uma

forma de controle social. O estigma tem essa função, uma vez que seleciona, de acordo com os princípios da sociedade, o que é adequado à luz do pensamento hegemônico e o que é tido como anormal. A mídia, nesse processo, assume um papel fundamental na construção da alteridade, do “outro”; o venezuelano é posto em contraste com o “nós” brasileiro, marcando assim, por meio das relações contrastivas, as diferenças, e identificando o brasileiro como superior, altivo, valoroso.

Aquele elemento do “caráter brasileiro”, apresentado por Gilberto Freyre e outros autores do nosso pensamento social, que define a brasilidade, ou seja, a cordialidade, a receptividade e o calor humano do brasileiro, é coisa para turista ver. É esse o grande legado da migração venezuelana para o Brasil e, em especial, para Roraima: é uma oportunidade de sabermos exatamente quem somos.

REFERÊNCIAS

BOA VISTA (2018). **Prefeitura apresenta resultado do mapeamento de venezuelanos que vivem em Boa Vista**. Disponível em: <https://www.boavista.rr.gov.br/noticias/2018/06/prefeita-apresenta-resultado-do-mapeamento-de-venezuelanos-que-vivem-em-boa-vista>. Acesso em: 09 jul. 2018.

CERQUEIRA, Daniel, et. al. (2018). **Atlas da Violência 2018**. Brasília: IPEA e FBS. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf. Acesso em: 10 jul. 2018.

CORREIA, Luan Guilherme (2017). Acidente com carreta deixa um venezuelano morto e outro gravemente ferido. **Folha de Boa Vista**, Boa Vista, 16 de nov. 2017. Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/noticia/-Acidente-com-carreta-deixa-um-venezuelano-morto-e-outro-gravemente-ferido/34139>. Acesso em: 10 jul. 2018.

_____. (2017). Venezuelanos moradores de rua receberão aluguel e alimentação. **Folha de Boa Vista**, Boa Vista, 25 ago. 2017. Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/noticia/Venezuelanos->

moradores-de-rua-receberao-aluguel-e-alimentacao/31641>
Acesso em: 10 jul. 2018.

FOLHA WEB (2017). Venezuelanos são retirados de Praça no Centro da Capital. **Folha de Boa Vista**, Boa Vista, 04 out. 2017. Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/noticia/Venezuelanos-sao-retirados-de-Praca-no-Centro-da-Capital/32903>. Acesso em: 10 jul. 2018.

G1 RORAIMA (2015). Roraima é o segundo no ranking de acidentes envolvendo motocicletas. **G1RR**, Boa Vista, 27 mai. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2015/05/roraima-e-o-segundo-no-ranking-de-acidentes-envolvendo-motocicletas.html>. Acesso em: 10 jul. 2018.

GIMENES, Nicholas (2015). **Livro e Palestra Ressentimento** – Maria Rita Kehl. Disponível em: <http://www.nicholasgimenes.com.br/2015/11/livro-e-palestra-ressentimento-maria.html#livroKehl>. Acesso em: 10/07/2018.

GOFFMAN, E. (1975). **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC.

HOBSBAWN, Eric J. (2008). **Nações e nacionalismo desde 1780**. Programa, Mito e Realidade. São Paulo: Paz e Terra.

KEHL, Maria Rita (2007). **Ressentimento**. 3ª Ed. - São Paulo: Casa do psicólogo (Coleção Clínica Psicanalítica).

RORAIMA espera maior migração de venezuelanos este ano. 2017. **Folha de Boa Vista** Disponível em: <http://www.folhabv.com.br/noticia/Roraima-espera-maior-migracao-de-venezuelanos-este-ano/25602> Acesso em: 10/07/2018

SALGADO, Daniel (2018). **Atlas da Violência 2018**: Brasil tem taxa de homicídio 30 vezes maior do que Europa. O Globo, Rio de Janeiro, 05 jun. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/>

brasil/atlas-da-violencia-2018-brasil-tem-taxa-de-homicidio-30-vezes-maior-do-que-europa-22747176. Acesso em: 10 jul. 2018.

SANTOS, Alessandra Rufino (2018). **Interação social e estigma na fronteira Brasil/Venezuela**: um olhar sociológico sobre a migração de brasileiros e venezuelanos. Porto Alegre: Tese (Doutorado); Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

SIQUEIRA, Ranyella de; CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello (2011). O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. **Imagonautas**, v. 2, n. 1, pp. 92-113. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/127032>. Acesso em: 10 jul. 2018

WASELFISZ, Julio Jacob (2016). **Mapa da Violência 2016**: Homicídios por armas de fogo no Brasil. Brasília: Flacso.



Capítulo 4

Práticas de acolhimento da migrante venezuelana em um hospital materno infantil referência no extremo norte do Brasil

Jessica Ferreira do Nascimento
Tárcia Millene de Almeida Costa Barreto

PRÁTICAS DE ACOLHIMENTO DA MIGRANTE VENEZUELANA EM UM HOSPITAL MATERNO INFANTIL: REFERÊNCIA NO EXTREMO NORTE DO BRASIL

*WELCOME PRACTICES FOR THE VENEZUELAN
MIGRANT IN A CHILDHOOD MATERNAL HOSPITAL:
REFERENCE IN THE EXTREM NORTH OF BRAZIL*

*Jessica Ferreira do Nascimento¹
Tárcia Millene de Almeida Costa Barreto²*

RESUMO: A migração é um fenômeno que vem ocorrendo em escala mundial. Devido à crise econômica que assola a Venezuela, pessoas buscam melhores condições de vida, migrando para outros países, e dentre estes o Brasil. Em solo brasileiro, muitos acabam vivendo em situação de vulnerabilidade, e, muitas vezes, o acesso aos serviços de saúde podem ser limitados. O presente estudo teve como objetivos delinear o perfil sociodemográfico dos profissionais que prestam assistência às migrantes venezuelanas; analisar as práticas de acolhimento, desenvolvidas pelos enfermeiros do Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth (HMINSN), voltadas à assistência de mulheres migrantes venezuelanas; e descrever as dificuldades que possam surgir durante a assistência. Para isto, foram utilizados métodos de estudo do tipo de campo, com abordagem qualitativa, no qual utilizou-se entrevista semiestruturada. Foram realizadas 11 entrevistas. Com base nas respostas dos entrevistados, os resultados foram divididos entre três eixos: perfil sociodemográfico, do qual notou-se que boa parte dos profissionais eram do sexo feminino (73%), com média de formação de 17,72 anos e 9,18 de atuação nos setores; o acolhimento das mulheres imigrantes, do qual discorreu-se acerca da forma de acolhimento realizadas pelos profissionais; por fim, o terceiro eixo trata sobre as

¹ Enfermeira - Universidade Federal de Roraima.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais (PRONAT/UFRR); Professora da Universidade Federal de Roraima.

principais barreiras encontradas, da qual elencou-se a língua/comunicação, diferenças culturais acerca do parto e problemáticas na realização do pré-natal. Concluiu-se que as barreiras existentes, durante o processo do cuidar, podem interferir de maneira direta na qualidade da assistência ofertada, embora, algumas destas barreiras independam, exclusivamente, da atual situação migratória.

Palavras-chave: Migrante. Enfermagem. Acolhimento.

ABSTRACT: *Migration is a phenomenon that has been occurring on a worldwide scale, and due to the economic crisis that is plaguing Venezuela, people seeking better living conditions have ended up migrating to other countries, including Brazil. On Brazilian soil, many end up living in a situation of vulnerability, and their access to health services can often be limited. The present study aimed to outline the sociodemographic profile of professionals who provide assistance to Venezuelan migrants, to analyze the welcoming practices developed by nurses at Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth (HMINSN) aimed at assisting Venezuelan migrant women, as well as to describe the difficulties that may arise during assistance. For this, field type study methods were used, with a qualitative approach, where semi-structured interviews were used. Eleven interviews were conducted, and based on the responses of the interviewees, the results were divided into three axes: sociodemographic profile, where it was noted that a large part of the professionals were female (73%), with an average of 17.72 years and 9.18 working in the sectors, the reception of immigrant women, where it was discussed about the form of reception performed by the professionals, the third axis deals with the main barriers found where the language / communication was listed, differences cultural aspects about childbirth and problems in carrying out prenatal care. It was concluded that the existing barriers during the care process can directly interfere in the quality of the assistance offered, although some of the barriers listed are independent of the current migratory situation.*

Keywords: *Migrant. Nursing. Host.*

INTRODUÇÃO

Considerava-se o Brasil como um país que, tradicionalmente, não constituía áreas-alvo de destino da população migratória venezuelana,

porém, este quadro está invertendo-se e o número de migrantes cresce constantemente (BÓGUS; FABIANO, 2015). Com isto, surge a necessidade de adaptação dos serviços de Saúde, conforme as demandas derivadas deste novo cenário de atuação, e as adequações devem acontecer para atender, de maneira eficaz, às necessidades da população de migrantes (DIAS et al., 2011).

No ano de 2017, de acordo com estimativas do ACNUR (Alto Comissariado Das Nações Unidas para os Refugiados), existiam, até o mês de julho, cerca de 30 mil venezuelanos no Brasil. Este número alcançou o dobro de solicitações feitas no ano inteiro de 2016 (ONU, 2017). Para o ano de 2019, até o mês de maio, estimou-se que o número de migrantes residentes em Boa Vista aumentou para quase 32 mil, destes, cerca 9.500 eram crianças, e a estimativa é que, até o final do ano de 2019, este número dobre, alcançando, assim, 195 mil pessoas (UNICEF, 2019).

Devido a este crescente fluxo de migrantes, sendo que grande parte encontra-se vivendo nas ruas ou em abrigos superlotados, em condições insalubres, o sistema de saúde acaba sendo afetado com a superlotação (CAMPOREZ; SOARES, 2018). Existem vários aspectos, acerca do local de inserção do migrante, que podem influenciar diretamente em suas necessidades, como sua ocupação, padrões de alimentação, horários e clima, condição de habitação, entre outros. Além disso, o acesso aos serviços de saúde encontra-se em processo de deterioração para todos os que dele precisam, e para o migrante isto torna-se ainda mais evidente (PADILLA, 2013). De acordo com Dias et al., (2009), problemas, como a falta de escolhas e pobreza, aumentam a fragilidade da população de migrantes.

Para a população feminina, segundo Prates et al. (2008), a situação de pobreza acaba levando as mulheres à necessidade de atravessar várias barreiras, diariamente, que envolvem tanto questões pessoais e individuais, como o estudo, como questões sociais, envolvendo inclusive a desvalorização pessoal, no que se trata das questões de trabalho, diminuindo as oportunidades ou fechando portas. Ainda segundo o autor, este fator de pobreza leva a uma redução no poder de autonomia destas mulheres. É por esta redução do poder de autonomia pessoal e social que limita-se as mesmas o poder e o conhecimento para conseguir

entrar em um consenso com seu parceiro, expor suas preferências e ser capaz de controlar sua própria fertilidade, tornando-a suscetível a consequências em sua vida sexual e reprodutiva, na qual muitas destas mulheres irão vivenciar a multiparidade.

Outra vertente, igualmente importante, é sobre a taxa de natalidade das mulheres em situação de migração, a qual vem aumentando, desde 2016 (BENEDETTI, 2019). De acordo com Benedetti (2018), somente no ano de 2017, foram registrados 355 nascimentos vivos de mães migrantes; destes, 278 eram de mães venezuelanas. Em 2018, de acordo com os dados divulgados pelo SINASC (Sistema De Informações Sobre Nascidos Vivos), foram registrados 12.584 nascidos vivos em Roraima; destes, 495 eram de mães de outros países ou Unidades da Federação e, dentre estas, 402 eram provenientes da Venezuela (BENEDETTI, 2019).

Baseado no exposto, buscou-se conhecimentos sobre as práticas de acolhimento voltadas a estas mulheres, para que assim pudessem ser identificadas as necessidades de adequações, ou mesmo a implantação de novos métodos, que sejam suficientemente capazes de suprir, de maneira satisfatória, tais necessidades advindas destas pessoas, a fim de garantir a assistência livre de riscos e humanizada.

METODOLOGIA

O estudo em questão trata-se de um estudo de campo, com abordagem qualitativa, realizado de maneira direcionada aos profissionais enfermeiros, com intuito de identificar as práticas de acolhimento, desenvolvidas por estes profissionais frente à mulher migrante, em processo de trabalho de parto e parto propriamente dito, bem como as dificuldades decorrentes da assistência prestada a esta população.

A pesquisa foi realizada no HMINSN³, localizado no município de Boa Vista, Roraima, sendo a maior maternidade pública do Estado, que atende por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), e a maternidade referência do município. Para o desenvolvimento da pesquisa, a qual foi realizada mediante autorização da instituição, foram entrevistados profissionais que atuavam em três setores distintos do hospital. O

³ Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré.

primeiro setor foi a sala de acolhimento e classificação de risco, localizada na emergência do hospital; neste setor, as mulheres passam por uma triagem inicial com o profissional enfermeiro, para ser, então, direcionadas conforme suas necessidades. O segundo setor foi a ala das orquídeas, onde encontra-se localizado o centro obstétrico; este é o setor responsável pela admissão da mulher em fase de pré-parto e parto. Por fim, o terceiro foi o centro cirúrgico, onde são realizados os procedimentos cirúrgicos. Estes setores foram selecionados por serem considerados os principais pontos de acolhimento da maternidade.

A população-alvo, deste estudo, foi composta por profissionais enfermeiros, atuantes nos três principais setores de acolhimento do Hospital Materno Infantil Nossa Senhora de Nazareth, mencionados anteriormente. Os setores do hospital contam com um quantitativo de 21 enfermeiros. Destes, apenas 11 concordaram em participar da pesquisa; 3 encontravam-se de férias; 1 profissional estava de licença e 1, com período inferior a um ano no setor; e 5 profissionais recusaram participar da pesquisa. Cada profissional recebeu um código para que não fossem identificados, no desenvolver desta pesquisa, sendo empregados os seguintes códigos: E01, E02, E03, E04, E05, E06, E07, E08, E09, E10 e E11.

Como critérios de inclusão, foram determinados todos os profissionais enfermeiros, que atuam nos setores-alvos há mais de 1 ano, que aceitaram de maneira espontânea participar e contribuir para a pesquisa e que estavam trabalhando no setores-alvo, durante o período da coleta de dados. Como critérios de exclusão, foram determinados os profissionais que encontravam-se em período de férias, licença ou afastamento no período da coleta de dados.

A coleta de dados ocorreu no período de março a julho de 2019, no HMINSN, após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Roraima, e anuência da instituição onde fora realizada a coleta de dados. Os profissionais foram convidados a participar da pesquisa durante seu horário de trabalho, em momento oportuno a estes; de forma que não interferisse em suas atividades, sob assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para tanto, foi realizado o levantamento do quantitativo de profissionais enfermeiros que atuam nos setores-alvo, por meio da

escala de trabalho destes setores. A entrevista foi, então, realizada de forma individualizada, por meio de entrevista semiestruturada, utilizando-se um roteiro de entrevista composto por perguntas norteadoras, para determinar o perfil sociodemográfico dos participantes (setor, sexo, tempo de formação, tempo de atuação no setor e o nível de conhecimento em espanhol) e perguntas abertas para classificar as estratégias de acolhimento utilizadas e identificar as barreiras existentes durante o desenvolver do acolhimento, com o objetivo de nortear a entrevista e identificar aspectos técnicos acerca do acolhimento das mulheres venezuelanas, desde sua entrada no acolhimento e classificação de riscos do hospital até a realização de seu acolhimento para a concretização do parto, ao serem admitidas nas salas de parto individuais ou mesmo nas salas de parto cesárea.

A realização da pesquisa deu-se ainda, por meio de gravação, ferramenta empregada com finalidade de garantir fidedignidade às respostas, para tanto, foi solicitado aos entrevistados permissão para gravar a conversa, lembrando que sua identidade encontra-se protegida neste estudo por intermédio da utilização de códigos e após a utilização, os áudios foram descartados.

Para aprimorar a pesquisa e tornar os dados coletados na entrevista mais fidedignos, utilizou-se um diário de campo, que é o instrumento onde são feitas notas relacionadas à observação, ou seja, aspectos indiretamente ligados a entrevista, como conversas pessoais, comportamentos, situação de lotação da unidade e oposição aos depoimentos prestados (MINAYO, 2010). Os dados coletados foram examinados com base na proposta de análise temática, na qual, por meio da recorrência de informações, pode-se chegar a um significado concreto do objeto de estudo. Este tipo de análise ocorre em três etapas distintas e inter-relacionadas (MINAYO, 2014).

A primeira etapa deste tipo de análise é a de pré-análise, na qual ocorre a organização do trabalho propriamente dito. É a fase em que as ideias são organizadas e sistematizadas de modo preciso. A segunda etapa seria a de exploração do material, a qual utiliza meios de classificar o objeto de estudo para aprimorar a compreensão do conteúdo. Por fim, a terceira etapa é a de tratamento dos resultados que foram obtidos durante a pesquisa e interpretação destes. Esta etapa visa à interferência

e interpelação, ou seja, o pesquisador irá discutir os resultados obtidos através de um resgate teórico e definir suas próprias conclusões, o que, posteriormente, viabilizará a interpretação final do leitor do conteúdo elaborado (MINAYO, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 11 profissionais, as mulheres representam um total de 73% (8 pessoas), já os profissionais do sexo masculino representam 27% (3 pessoas) do total de profissionais entrevistados. Com tempo de formação médio de 14,72 anos de formação, e tempo de atuação médio de 9,18 anos. Os resultados das entrevistas foram divididos em dois eixos temáticos: as estratégias de acolhimento e as principais barreiras encontradas.

O ACOLHIMENTO DAS MULHERES MIGRANTES

Os participantes foram indagados acerca das estratégias utilizadas para a realização do acolhimento das mulheres migrantes. Grande parte deles apontou que a forma de acolhimento realizada não difere, de um paciente para outro, pelo fato do paciente ser um indivíduo migrante ou não, como pode ser observado nas seguintes afirmações:

Aqui temos vários migrantes, com várias nacionalidades e temos que fazer um acolhimento sem preconceitos, pois são todos seres humanos e fazemos o juramento ao nos formar, que iremos salvar vidas, independente de quem [...] E05.

O acolhimento é bem parecido com o de qualquer outra paciente, as diferenças somente existem pelo idioma [...], mas a gente tenta igualar o máximo possível, mostrar que elas estão sendo bem-vindas e que, mesmo não entendendo o que elas falam, elas vão ser bem recebidas [...] E09.

O acolhimento é realizado da mesma forma das brasileiras, já estamos tão acostumados com elas (migrantes) que já enrolamos um “portunhol” e quando vemos é brasileira, estávamos falando em espanhol até com as brasileiras [...] E10.

Como sabemos, o acolhimento é o momento onde recepciona-se a mulher que acaba de chegar na unidade, é o momento de escuta da paciente e não devem existir julgamentos ou preconceitos (JANEIRO, 2013). O acolhimento não pode ser apenas um ato de educação do profissional, ou mesmo um ato de bondade, mas, sim, uma ação inerente ao cuidado, no qual o profissional estabelece uma relação de confiança com o usuário (AMARO et al., 2016). Nota-se, com base nas afirmações acima, que estes profissionais recebem as pacientes de maneira equânime e buscam ofertar o cuidado a todas elas, independentemente de suas origens.

Todo profissional, com o qual o migrante tenha um primeiro contato, deve estar preparado para realizar uma acolhida de maneira humanizada, sendo este o elemento-chave para o acesso aos serviços (ICMPD, 2016). Todavia, é possível notar que, mesmo que o profissional receba este paciente de maneira indiscriminatória, a comunicação e interação entre o profissional e as pacientes, que deveria existir durante o acolhimento, não ocorre de maneira eficaz, como pode ser notado no seguinte discurso:

Não há diferenciação, as pacientes chegam caminhando ou em cadeira de rodas e só se sabe quem é a paciente quando lemos o prontuário. A nossa prioridade é a emergência da situação e não a nacionalidade delas [...] E01.

Por meio desta fala, observa-se a necessidade de uma interação maior com a paciente, para que haja uma troca de informações de maneira efetiva. Além disso, conforme observações descritas em diário de campo, pôde-se notar que a comunicação é algo desvalorizado durante o acolhimento das pacientes; os profissionais focam sua atenção à parte burocrática, pois esta é extremamente complexa e volumosa, e a comunicação acaba se perdendo neste processo.

De acordo com Queiroz et al. (2011), ao se pensar em Enfermagem, deve ser levada em consideração a importância da comunicação, pois a mesma tem a capacidade de promover o bem-estar do paciente, além de contribuir para a sua recuperação, e, ainda, é por meio da comunicação que qualquer dúvida pode ser esclarecida. Em seus estudos, Teixeira (2004) refere que usuários necessitam mais que apenas cuidados físicos, principalmente, no que se trata de atenção ao seu bem-estar psicológico,

seus anseios e suas ansiedades relacionadas à sua moléstia. Quando esta atenção não ocorre, geralmente, o usuário irá manifestar insatisfação com a qualidade dos cuidados ofertados.

O mesmo deve ser aplicado no HMINSN, onde supõe-se que a maternidade para a mulher é um momento pelo qual muitas dúvidas podem surgir e o profissional pode saná-las. Além do exposto, de acordo com alguns profissionais, o acolhimento acaba sendo prejudicado ainda por outras questões, como a falta de recursos humanos e materiais, além da superlotação, e acreditam ser devido à elevada demanda que a maternidade possui; acabam não dispondo de um tempo adequado para a realização do acolhimento, tanto das migrantes quanto das brasileiras, como podemos notar a seguir.

O trabalho com as migrantes é bem complexo, a gente acaba não tendo tempo suficiente, pois muitas das vezes o setor está superlotado! [...] E08.

A gente faz (acolhimento), mas não como deveria, porque a gente não tem tempo, está tudo lotado, é muita gente, todas as unidades, não tem mais condições. Além disso, não tem material, não tem profissional suficiente! [...] Não tem nada, nada funciona, falta tudo. [...] E06.

[...] Atualmente a maternidade encontra-se em uma superlotação tamanha e nós não temos aquele tempo exclusivo para elas e tem umas que realmente cobram [...] E03.

Todos os dias, os enfermeiros perpassam por diversas dificuldades, durante o desenvolvimento das atividades de cuidar. Estes contratempos podem acabar gerando certa desmotivação, uma vez que estes profissionais encontram-se em condições de trabalho nada favoráveis, como a pouca valorização profissional, baixa remuneração, além do descaso com os problemas identificados pela equipe, além da exposição constante a situações emocionalmente intensas (GALLO; MELLO, 2009).

Tal problemática pôde ser percebida *in loco*, por meio dos registros em diário de campo, no qual notou-se a superlotação em 8 dos 10 dias de visita a unidade; além do déficit de profissionais, pois o enfermeiro encontrava-se sozinho com mais de 20 pacientes; ou mesmo a ausência de profissionais necessitando realocação dos enfermeiros de outros setores, ou solicitando a presença dos que encontravam-se de folga.

Silva et al. (2011) revelou, em sua pesquisa, que há uma grande dificuldade no processo de aplicação da humanização, e isto dá-se em

resposta à superlotação e aos ambientes inadequados para a atuação, fatores estes que acabam levando a uma demanda superior à sua capacidade, causando, assim, uma sobrecarga sob estes profissionais. O mesmo aplica-se a este estudo, no qual pôde ser notado, com base nas afirmações dos profissionais, que a superlotação e a falta de materiais são bastante recorrentes.

Caçador et al. (2015) refere, em seu estudo, que é cobrado dos profissionais algo incongruente com as condições de trabalho ofertadas, levando a conflitos para a tomada de decisão, pois algum aspecto de suas atividades será negligenciado para que outros sejam realizados. Os autores Sato e Ayres (2015) referem que, ao se conhecer as limitações existentes no campo de atuação profissional, como a baixa probabilidade de redução da demanda, as dificuldades, acerca do aumento no quantitativo de profissionais, revela-se a importância de desenvolvimento de estratégias capazes de promover mudanças realmente significantes nas unidades e interações ali estabelecidas.

AS BARREIRAS IDENTIFICADAS E AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELOS PROFISSIONAIS

Com base na análise dos dados coletados, por meio da metodologia proposta, pôde-se observar que a comunicação foi a principal barreira referida pelos profissionais, para que pudesse ser realizado um acolhimento que houvesse uma boa interação entre profissional e paciente, porém, esta não foi a única problemática levantada. Com isto, pôde-se distinguir as seguintes categorias: língua/comunicação; superlotação do hospital e sobrecarga dos profissionais; diferenças culturais acerca do parto e realização de assistência pré-natal insatisfatórias. Vejamos algumas.

LÍNGUA/COMUNICAÇÃO VERBAL

Durante as entrevistas, a principal barreira, citada por grande parte dos profissionais, foi a comunicação verbal, pois, grande parcela destes

não consegue comunicar-se com os pacientes por não compreendê-los, como pode ser notado nas seguintes falas:

“A barreira mais gritante é a língua, pois eu não sei Espanhol e elas falam muito rápido, mas peço que elas falem mais devagar e a gente vai se entendendo [...]” E04.

“A principal barreira é a comunicação, o idioma, elas falam bem rápido e enrolado, parece até um dialeto, e falar para ela as coisas que ela precisa fazer é muito complicado [...]” E08.

“O idioma é o mais difícil, nem todo mundo domina o espanhol e os venezuelanos falam muito rápido, se a gente não pedir para eles falarem lento, fica difícil de compreendê-los, mas com o tempo a gente desenvolve o ‘portunhol’ e a gente consegue se comunicar com eles [...]” E02.

“A linguagem, pois às vezes fica difícil a comunicação tanto para elas saberem o que a gente fala como a gente entender [...]” E11.

Sem dúvida, para que possa existir a construção de um ambiente possível de interação entre os indivíduos, é necessário que haja a língua (BUENO, 2018).

De acordo com o estudo de Wanderley (2016), a comunicação interfere diretamente na interação do profissional com o usuário, pois a linguagem é o elo para que exista uma relação recíproca e influencia, diretamente, no trabalho que o profissional produz na Saúde. O mesmo pôde ser observado na fala dos profissionais, de acordo com estes, existe uma barreira muito grande com relação à língua; além disso, nota-se que a velocidade da fala pode dificultar o entendimento, e esta barreira, por sua vez, pode levar a diversas vertentes acerca da saúde destas pessoas, principalmente, no que se trata de troca de informações sobre o que as pacientes estão sentindo no momento.

No estudo de Guerra e Ventura (2017), foi dito que, para sanar as dificuldades de comunicação nos serviços, houve a contratação de profissionais voltados a intermediar a comunicação entre o usuário e os profissionais, porém, estas iniciativas não foram suficientes e, em muitas unidades, as ações sequer foram institucionalizadas, como no caso do HMINSN, sendo que o mesmo há um déficit no que se refere ao quantitativo de profissionais voltados à comunicação com estas mulheres.

Para tanto, Guerra e Ventura (2017) afirmam que é perceptível a necessidade de formulação de novas políticas públicas, visando o

aperfeiçoamento das que já encontram-se vigorando, pois, tanto os profissionais quanto os gestores não estavam preparados para lidar com as especificidades desta população. O mesmo pode ser aplicado à realidade da maternidade, na qual o fluxo de migrantes é bastante expressivo. Ao mesmo tempo em que os profissionais apontavam a língua como uma das principais barreiras para que fosse realizado um acolhimento eficaz, alguns elencavam estratégias para lidar com essa dificuldade, como pode ser notado nas seguintes falas:

“[...] quando nós não conseguimos estabelecer uma comunicação mais favorável, a gente vai tentando buscar meios de passar a informação, como por exemplo: para ela tirar a roupa, nós mostramos de maneira dinâmica em nós mesmos, utilizamos mímica, pois nem todas conhecem a língua (português) [...]” E3.

“O diálogo já foi barreira, hoje não vejo mais, a gente fala mais devagar e elas tentam entender [...]” E10.

“[...] nós fazemos mímica, hoje em dia têm aplicativos que ajudam [...]” E07.

“[...] temos colegas que falam bem (espanhol) e quando não entendemos, os chamamos [...]” E09.

De acordo com os autores Alves e Santos (2017), o processo de comunicação vai além do fenômeno da linguagem. Ela corre por meio de movimentos do corpo ou mesmo no silêncio. Com base nas afirmações dos entrevistados, uma de suas principais estratégias para efetivar a comunicação eram os gestos. Estes gesticulavam com as mãos para passar as informações às pacientes. Esta estratégia é a mais utilizada, por ser o meio mais acessível e rápido de lidar com esta barreira.

O processo de comunicação deve acontecer de maneira efetiva e terapêutica, ao mesmo tempo, e, ao identificar-se as dificuldades existentes no processo comunicativo, é necessário que haja uma atenção e reflexão acerca das consequências de uma comunicação inadequada na vida dos usuários. Em contrapartida, é preciso uma maior observância, por parte dos gestores, para que sejam identificados os aspectos que acabam interferindo ou prejudicando o processo de comunicação, para que possam realizar intervenções para aprimorá-las (OTANI, 2013).

DIFERENÇAS CULTURAIS ACERCA DO PARTO – ASSISTÊNCIA PRÉ-NATAL INSATISFATÓRIA

Os profissionais, além das barreiras já citadas, elencaram dificuldades acerca da forma de realização do parto. Segundo eles, é comum, na Venezuela, a adesão ao parto cesárea sem critérios elegíveis, e este fato reflete, diretamente, na oferta de cuidados, como pode ser observado nas seguintes colocações:

“[...] outra dificuldade bem grande que a gente tem, é fazer com que elas aceitem o trabalho de parto natural, pois na Venezuela o índice de cesáreas é exorbitante e aqui se trabalha com o trabalho de parto natural. Quando elas chegam aqui na maternidade, elas já vêm com a cabeça preparada para uma cesariana e isso atrapalha na nossa dinâmica no trabalho de parto, pois elas não têm paciência, você vai trabalhar com elas e elas não te dão espaço para isso [...]” E03.

“[...] com relação ao cultural, a gente tem a impressão que elas estão acostumadas com o atendimento de um jeito lá (Venezuela) e aqui é um pouquinho diferente. Lá, pelo que elas falam se realiza muita cesárea, elas já chegam e pedem pela cesárea [...]” E09.

“[...] outra barreira é a cultura, parece que lá eles já têm enraizado a cultura da cesárea, então elas já chegam pedindo cesárea [...]” E08.

Sabe-se que o índice de cesarianas elevado é uma realidade mundial e representa um grave problema da Saúde pública, pois se relaciona com um maior índice no número de óbitos fetais e maternos, além de elevação dos custos hospitalares (LAVADO et al., 2016).

De acordo com Rodrigues et al. (2016), o parto cesárea é considerado como um tipo de parto a ser utilizado, pelos profissionais, como exceção e não como uma regra; a primeira escolha deve ser sempre a natural. Este procedimento deve ser realizado em casos em haja desproporção cefalopelvica, ou em casos em que o parto vaginal não está evoluindo, placenta prévia, ou mesmo condições diretamente ligadas ao feto, como uma má-apresentação, por exemplo, macrosomia, anomalias congênitas, em casos de trombocitopenia, entre outros.

Porém, de acordo com o estudo de Zorzetto (2006), os próprios profissionais afirmam que esta cultura de “naturalização” do parto cesárea é muito difícil de ser modificada; é bastante preocupante o fato de que boa parte dos partos sejam cesáreas desnecessárias, inclusive, nem sempre este é o meio mais adequado e .

Entretanto, a Venezuela, no ano de 2017, tornou-se a pioneira na criação de políticas públicas com a finalidade de incentivar o parto sem qualquer tipo de interferências, sejam elas cirúrgicas ou medicamentosas, pois, é de conhecimento que as cesáreas são incentivadas pelo seu alto custo, mercantilizando o parto (MELLO, 2019).

Supõe-se, então, por meio do exposto, que o país busca a humanização do parto, e que as cesáreas, assim como no Brasil, estão sendo cada vez mais desincentivadas.

Durante as entrevistas, foi bastante citada a questão do pré-natal destas pacientes migrantes. De acordo com os enfermeiros, há um grande déficit no que se trata da realização do pré-natal, muitos disseram que as pacientes não possuem cartão de pré-natal, e mais grave que isso, outras não a realização, como pode ser observado nos seguintes discursos:

“[...] muitas não fazem o pré-natal, o que traz muitos problemas, os bebês nascem mais graves e vão para a UTI, pois não tiveram acompanhamento [...]” E11.

“[...] muitas vêm com um pré-natal totalmente inadequado sem nada às vezes uma consulta e às vezes nem caderneta elas têm [...]” E04.

“[...] o pré-natal delas são mais precários que o das brasileiras. Os das brasileiras já não são um bom exemplo o das venezuelanas então, nem se fala [...]” E02.

“[...] a falta de pré-natal, elas vêm sem exames, sem informação e orientação e tudo isso acaba atrapalhando a nossa assistência [...]” E08.

“[...] temos poucas informações sobre o estado de saúde delas, elas também não vêm com os exames ou caderneta do pré-natal [...]” E 01.

Conforme Tomasi et al. (2017), a assistência pré-natal, no país, alcançou uma área considerável de cobertura, entretanto, persistem as dificuldades de acesso aos cuidados que têm elevado potencial de reverter indicadores desfavoráveis acerca do pré-natal, no Brasil. Segundo Machado et al. (2007), a fragilidade e a vulnerabilidade, inerentes à condição de migrante, acabam refletindo-se em maus resultados de saúde; além disto, os cuidados pré-natais adequados são um fator essencial para uma gestação e uma fase neonatal livres de complicações.

Sugere-se, por meio dos resultados aqui expostos, que as dificuldades relacionadas ao acesso à saúde, enfrentada pela população de migrantes,

podem levar a riscos durante a gestação, isto porque estas mulheres não possuem a quantidade adequada de consultas e exames direcionados à detecção e prevenção de agravos à saúde, tanto da mãe, quanto da criança. Para que sejam prevenidas complicações à saúde, é essencial a elaboração de estratégias voltadas às populações menos favorecidas, com finalidade de facilitar a inserção das mulheres, de maneira precoce nos serviços de saúde (TOMASI et al., 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo identificou que a principal barreira existente para o desenvolvimento do acolhimento das mulheres migrantes é a comunicação. Os profissionais não têm um conhecimento aprofundado da língua espanhola e acabam não conseguindo comunicar-se, de maneira efetiva, com os usuários; apesar da comunicação ser um fator importante para a realização eficaz do acolhimento, os profissionais não são estimulados pela própria instituição para que esta problemática seja sanada, ou seja, não são ofertados cursos ou capacitação voltados à comunicação para com esta população. Além disso, foi evidenciado, pela pesquisa, que durante o período escolar, a disciplina de língua espanhola, geralmente, é ofertada para o ensino médio e apenas de maneira optativa, o que leva a uma carência acerca da língua.

Todavia, os profissionais conseguem lidar com esta barreira de maneira, utilizando-se das ferramentas que possuem durante o acolhimento, como pedir para que a velocidade da fala seja mais lenta, ou mesmo de uma maneira mais lúdica, como a utilização de mímica e aplicativos tradutores, métodos estes empregados devido a demanda de investimento financeiro ser inexistente.

Já com relação à problemática da sobrecarga, nota-se que pode haver um fortalecimento das barreiras pré-existentes, no local de atuação profissional. Devido a esta problemática, os profissionais não possuem um tempo adequado para a sua realização, ou encontram-se exaustos, por consequência da própria rotina diária e do desfalque de profissionais, e acabam por não conseguir suprir as necessidades da demanda provinda dos usuários, de maneira geral. Entretanto, esta questão independe, exclusivamente, da situação atual de crise migratória.

Outra problemática levantada deu-se acerca da realização do pré-natal: muitos profissionais afirmaram que grande parte das pacientes migrantes não realizaram as consultas de maneira adequada, ou possuíam a caderneta da gestante. Desta forma, não se sabe, ao certo, se esta paciente possui algum problema para que fosse realizado o tratamento adequado.

Recomenda-se, então, a implantação de artifícios capazes de proporcionar uma maior interação dos pacientes com os profissionais, como a disponibilidade de dicionários, desenhos autoexplicativos, capacitação profissional, ou, ainda, disponibilidade de um profissional tradutor para que possa ser ofertada ao profissional da saúde uma maior variedade de recursos, para que este consiga lidar com a população imigrante de maneira mais eficaz.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisca; SANTOS, Jakeline (2017). **A assistência humanizada da enfermagem durante o trabalho de parto e parto no serviço de maternidade do Hospital Regional João Morais**. 79p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Escola Superior de Saúde, Universidade do Mindelo, Mindelo. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/92946078.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2018.

AMARO, A. T.; FERREIRA, J. A. G.; SILVA, L. D. L. (2016). **As dificuldades encontradas por enfermeiros na implantação da classificação de risco em um setor de emergência de uma unidade hospitalar do interior paulista**. UNISALESIANO. São Paulo: 2016.

BENEDETTI, M. S. G. (Org.) (2018). **Relatório anual de epidemiologia de Roraima 2017**. Governo do Estado de Roraima. Boa Vista: Secretaria de Saúde do Estado de Roraima.

_____. (2019). **Relatório anual de epidemiologia de Roraima 2018**. Governo do Estado de Roraima. Boa Vista: Secretaria de Saúde do Estado de Roraima.

BÓGUS, Lucia Maria M.; FABIANO, Maria Lucia Alves (2015). O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. Ponto-e-Vírgula: **Revista de Ciências Sociais**, nº 18.

BUENO, Alexandre Marcelo (2018). Norma linguística, preconceito e imigração no Brasil. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 21, nº 1, pp. 427-447.

CAÇADOR, Beatriz Santana et al. (2015). Ser enfermeiro na estratégia de saúde da família: desafios e possibilidades. **REME rev. Min. enferm**, 19(3), pp. 612-619.

CAMPOREZ, Patrick; SOARES, Jussara (2011). Infância Migrante. **O globo**, n. 30877, p. 3.

DIAS, Sónia et al. (2009). **Saúde sexual e reprodutiva de mulheres migrantes africanas e brasileiras – Um estudo qualitativo**. Lisboa: ACIDI.

_____. (2011). **Barreiras no acesso e utilização dos serviços de saúde pelos migrantes a Perspectiva dos Profissionais de Saúde**. Acta Med Port. Portugal.

GALLO, Adriana Martins; MELLO, Hellen Caroline de (2009). Atendimento humanizado em unidades de urgência e emergência. **Rev Fapciência**, v. 5, n. 1, pp. 1-11.

GUERRA, Kátia; VENTURA, Miriam (2017). **Bioética, imigração e assistência à saúde: tensões e convergências sobre o direito humano à saúde no Brasil na integração regional dos países**. Caderno de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro.

ICMPD (2016). **Guia de Atendimento aos Migrantes, Refugiados, Vítimas de Tráfico de Pessoas e Brasileiros Retornados, em situação de vulnerabilidade e em áreas de fronteira**. Viena: (International Centre for Migration Policy Development).

JANEIRO, Paula Dores Pinto (2013). **Experiências Vivenciadas Pela Mulher em Trabalho de Parto e Nascimento**. Dissertação de mestrado (Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia), Escola superior de enfermagem do Porto, Porto.

LAVADO, Mylene Martins et al. (2016). Fatores associados à via de parto atual em mulheres com cesariana prévia. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 44, n. 3, pp. 11-22.

MACHADO, Maria do céu et al. (2007). Cuidados de saúde materna e infantil a uma população de imigrantes. **Revista Migrações - Número Temático Imigração e Saúde**, n. 1. Lisboa, Setembro.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria (2011). **Metodologia científica**. 6ª Ed., pp. 269-271. São Paulo: Atlas.

MELLO, Michele (2019). **Venezuela comemora dois anos do plano nacional de parto humanizado**. Brasil de fato, Caracas, Venezuela, 31 de julho.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (2014). **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª Ed., São Paulo: Hucitec, pp. 316-318.

ONU (2017). **Mais de 52 mil venezuelanos já pediram refúgio em outros países: Brasil é o 2º com mais solicitações**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mais-de-52-mil-venezuelanos-ja-pediram-refugio-em-outros-paises-brasil-e-2o-com-mais-solicitacoes/>. Acesso em: 27 nov. 2018.

OTANI, Maria Aparecida Padovan (2013). **Comunicação entre profissional de saúde e paciente: percepções de mulheres com câncer de mama**. Campinas: UNICAMP.

PADILLA, Beatriz (2013). Saúde dos migrantes: multidimensionalidade, desigualdades e acessibilidade em Portugal. **REMHU: Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana**, v. 21, n. 40, pp. 49-68.

PAZ, Patrícia R. S. A. et al. (2018). O acolhimento de trabalhadores em saúde no contexto das residências multiprofissionais. **Perspectivas Experimentais e Clínicas, Inovações Biomédicas e Educação em Saúde (PECIBES)**, v. 4, n. 2.

PEREIRA, Cícero Roberto; VALA, Jorge (2010). Do preconceito à discriminação justificada. In-**Mind Português**, v. 1, pp. 1-13.

PRATES, Cibeli S. et al. (2008). Poder de gênero, pobreza e anticoncepção: vivências de multiparas. **Revista gaúcha de enfermagem**. Porto Alegre. n. 4, pp. 604-611.

QUEIROZ, Alessandra T. et al. (2011). **A importância da comunicação em enfermagem no cuidado com o cliente**. Trabalho de conclusão de curso (Técnico em enfermagem), Etec Parque da Juventude, São Paulo.

RIOS, Izabel Cristina (2009). **Caminhos da humanização na saúde: prática e reflexão**. São Paulo: Áurea Editora.

RODRIGUES, J. C.T.; ALMEIDA, I. E. S. R.; NETO, A. G. O.; MOREIRA, T. A. (2016). Cesariana no Brasil: uma análise epidemiológica. **Revista Multitexto**, v. 4, n. 1, pp. 48-53.

SANTOS, F. N. Z. P.; VASCONCELOS, T. M. (2016). Venezuelanos no Brasil: da crise econômica para a crise política e midiática. **XVII ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO**, pp. 1-16.

SATO, Mariana; AYRES, José Ricardo de C. M. (2015). Arte e humanização das práticas de saúde em uma Unidade Básica. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, pp. 1027-1038.

SILVA, L.F. P.; MARTINS, N. F.O. ; OLIVEIRA, V. L. G.; NASCIMENTO, M. H. M.; TEIXEIRA, E. (2011). Dificuldades de enfermagem com a humanização do cuidar/cuidados em urgência e emergência em um pronto socorro de Belém. 16° SENPE, **Anais**, Campo Grande/MS.

SILVA, F. L.; SOUZA, A. L. S.; LEITE-SALGUEIRO, C. D. B.; BARBOSA, L. S.; LOBATO, L.; PEREIRA, Ju. S. (2018). O Protagonismo do Enfermeiro na Política Nacional de Humanização do Parto e do Nascimento e com vistas a Erradicação de Abuso e Violência Obstétrica. Id on Line **REVISTA DE PSICOLOGIA**, v. 12, n. 41, pp. 1068- 1082.

SILVA, L. M. M.; LIMA, S. S. (2017). Os migrantes no Brasil, sua vulnerabilidade e o princípio da igualdade. **Rev. Bras. Polít. Públicas**, Brasília, v. 7, n. 2, pp. 386-388.

SILVA, Stéfanie Angélica Gimenez Jarochinski (2017). **Desafios e dificuldades no atendimento a pacientes estrangeiros em Roraima**: Na perspectiva da saúde do trabalhador. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UNIRIO.

TEIXEIRA, José A. Carvalho (2004). Comunicação em saúde: relação técnicos de saúde- utentes. **Análise Psicológica**, v. 22, n. 3, pp. 615-620.

TOMASI, Elaine et al. (2017). Qualidade da atenção pré-natal na rede básica de saúde do Brasil: indicadores e desigualdades sociais. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, p. e00195815.

UNICEF (2019). **Crise migratória venezuelana no Brasil**: o trabalho do UNICEF para garantir os direitos das crianças venezuelanas imigrantes. Brasília: Unicef.

VENTURA, Deisy (2015). Mobilidade humana e saúde global. **Revista USP**, n. 107, p. 58.

WALDMAN, T. C. (2011). Movimentos migratórios sob a perspectiva do direito à saúde: migrantes bolivianas em São Paulo. **Revista de Direito Sanitário**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 90-114.

WANDERLEY, Karina Brasil (2016). **Internação hospitalar materna e infantil indígena**: a intersubjetividade no processo do cuidar. Ciências da Saúde da Universidade Federal de Roraima, Roraima: UFRR.

ZAGONEL, Ivete P. S. (2016). Contribuição do cuidado de enfermagem à humanização da parturição. **Cogitare Enfermagem**, v. 2, n. 2.

ZORZETTO, Ricardo (2006). Escolha errada. **Rev.Pesquisa Fapesp**, n. 124, pp. 40-44.

Capítulo 5

Migración e integración regional en el MERCOSUR: una mirada desde la movilidad venezolana al Brasil

Militza Pérez Velásquez



MIGRACIÓN E INTEGRACIÓN REGIONAL EN EL MERCOSUR: UNA MIRADA DESDE LA MOVILIDAD VENEZOLANA AL BRASIL¹

MIGRATION AND REGIONAL INTEGRATION IN MERCOSUR: A LOOK FROM VENEZUELAN MOBILITY TO BRAZIL

Militza Pérez Velásquez²

RESUMEN: La migración internacional en América Latina se mantiene en aumento, presentando una diversificación en el número de países de origen y destino. En este contexto, Venezuela transita un camino inédito en cuanto a la movilidad de su población y los países receptores como Brasil, enfrentan puertas adentro grandes desafíos. Ambos son miembros del MERCOSUR, mecanismo que promueve la complementariedad, brindando una nueva forma al espacio subregional. El proceso conlleva simultáneamente, la profundización de sus ventajas, la competitividad y la construcción de estructuras sociales más amplias, siendo la gestión migratoria ineludiblemente parte de la dimensión social abordada en la agenda integracionista. Se buscó con el presente trabajo, comprender proceso de recepción de los venezolanos en Brasil, en el marco de la integración y su gestión. El método utilizado fue el estudio bibliográfico-documental y la revisión normativa, tomando como referencia teórica a los autores que desarrollan estudios sobre derecho, migración e integración.

Palabras-clave: Migración internacional. Movilidad venezolana. Integración regional. MERCOSUR. Venezolanos en Brasil.

¹ Este texto constituye parte de la Tesis presentada para la Defensa de la Especialización en Derecho Internacional Económico y de la Integración del Centro de Postgrado de la Facultad de Ciencias Jurídicas y Políticas de la Universidad Central de Venezuela en el mes de marzo de 2020 y que por el contexto de cuarentena por el Covid-19, quedó suspendido hasta el retorno de las actividades universitarias.

² Licenciada en Estudios Internacionales en la Universidad Central de Venezuela. Especialista en Derechos Humanos. Actualmente cursando maestría en el Programa de Sociedad y Fronteras en la Universidad Federal de Roraima.

ABSTRACT: *International migration in Latin America continues to increase, with a diversification in the number of countries of origin and destination. In this context, Venezuela is on an unprecedented path in terms of the mobility of its population and the receiving countries, such as Brazil, face great challenges behind closed doors. Both are members of MERCOSUR, a mechanism that promotes complementarity, providing a new form to the sub regional space. The process entails simultaneously the deepening of its advantages, competitiveness and the construction of broader social structures, migration management being unavoidably part of the social dimension addressed in the integrationist agenda. The present work sought to understand the process of reception of Venezuelans in Brazil, within the framework of integration and its management. The method used was bibliographic-documentary study and normative review, taking as theoretical reference the authors who develop studies on law, migration and integration.*

Keywords: *international migration, Venezuelan mobility, regional integration, MERCOSUR, Venezuelans in Brazil.*

INTRODUCCIÓN

La regulación del tema migratorio en el espacio suramericano se ha convertido sin duda alguna, en uno de los retos más importantes que tiene planteado el Mercado Común del Sur (MERCOSUR) en los últimos años. La gestión en el marco de la dimensión social conlleva la suscripción de acuerdos y articulación de acciones que buscan fortalecer la posición asumida por la organización, adoptando medidas comunes para los países parte y asociados, en el entendido de una movilidad intrínsecamente relacionada con el avance en la consolidación de un mercado único en la región.

Formalmente, la base normativa vino a establecer las condiciones de acceso, regularización y derechos de la población inmigrante, así como la promoción de los mecanismos de cooperación y una base jurídica para los países del MERCOSUR, con el objeto de garantizar la vigencia de los Derechos Humanos y la libre movilidad humana, en coherencia con los objetivos del organismo de integración.

Se desprende entonces, la importancia de una consecuente armonización de las legislaciones de los países que conforman el

esquema subregional, con miras a consolidar las estructuras de protección e integración de los migrantes, así como, la ejecución de una política común, integral y unitaria, en un espacio social dinámico que evidencia un considerable aumento y complejidad de los flujos en movilidad humana.

Analizar la situación particular de migrantes venezolanos en Brasil, constituyó el objetivo de la investigación, particularmente, las posibilidades e influencia del marco regulatorio del MERCOSUR, analizando los aspectos normativos de la gestión migratoria y las perspectivas dentro del proceso de integración, circunscribiéndose el estudio al período comprendido entre los años 2015-2019. El método utilizado fue el estudio bibliográfico-documental y la revisión normativa, tomando como referencia teórica a los autores que desarrollan estudios sobre derecho, migración e integración.

MIGRACIÓN INTERNACIONAL, MERCADO COMÚN DEL SUR Y LA SITUACIÓN VENEZOLANA

El estudio Migración Internacional en las Américas, elaborado conjuntamente por la Organización de los Estados Americanos (OEA) y la Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económico (OCDE), apuntó que la migración intrarregional entre países de América Latina y el Caribe representa una cuarta parte de toda la emigración registrada en la región, como consecuencia, entre otros factores, de la estabilización de los flujos hacia los países de la OCDE y de la consolidación de procesos de integración regional como MERCOSUR (OEA, 2017).

Por su parte, la Organización Internacional para el Trabajo señalaba: “que cerca del 27% de todos los trabajadores migrantes del mundo se encontraban en las Américas (37 millones en América del Norte y 4.3 millones en América Latina y el Caribe), una cifra que está en aumento. Sólo entre 2010 y 2015, el número de trabajadores migrantes en la región se incrementó en un 34%” (GUERRERO, 2018, p. 1).

A este respecto, la Organización Internacional para las Migraciones (2017, p. 3) indicaba que el desplazamiento dentro de la subregión ha

estado promovida y facilitada por “la aprobación de nuevos marcos normativos e institucionales a nivel nacional y de acuerdos de integración a nivel regional (UNASUR, el MERCOSUR y la Comunidad Andina de Naciones)”.

Los países fundadores del MERCOSUR son Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay, signatarios del Tratado de Asunción del 26 de marzo de 1991. Posteriormente, a efectos del Derecho Internacional su personalidad jurídica fue asumida con el Protocolo de Ouro Preto, firmado el 17 de diciembre de 1994, que entró en vigor el 15 de diciembre de 1995³.

Inicialmente, este organismo regional tuvo como objetivo según el Tratado Constitutivo de Asunción, la promoción de “un espacio común que generara oportunidades comerciales y de inversiones a través de la integración competitiva de las economías nacionales al mercado internacional” (MERCOSUR, 1991, p. 1), para lo cual se instituyó el desarrollo simultáneo de una zona de libre comercio, de una unión aduanera y un mercado común.

Como parte del impulso integracionista, paralelamente, se incorporaron ámbitos relacionados con la cultura, ciudadanía, aspectos laborales, migratorios y políticos. Respecto a este último, se aprobó en 1998 el Protocolo de Ushuaia sobre Compromiso Democrático en el MERCOSUR, Bolivia y Chile, estableciéndolo como “condición esencial para el desarrollo del proceso de integración entre las partes” (ARELLANO, 2013, p. 2), siendo profundizada la iniciativa con el Protocolo de Ushuaia de 2011.

Venezuela en el año 2006 se constituyó como el primer país latinoamericano en adherirse al acuerdo constitutivo, completando en el año 2012 su incorporación y convirtiéndose como miembro pleno (VILLALOBOS; ORTIZ, 2012). Durante el proceso, Brasil se ofreció como promotor de la inserción venezolana al mercado común, mostrándose un renovado impulso en consonancia con la integración en evolución, resultado de la dinámica económica y la estabilidad política durante el gobierno de Hugo Chávez (MORALES, 2001, p. 265).

Sin embargo, será con base en la referida cláusula democrática, que en el 2017 se sustente la suspensión de nuestro país indefinidamente en

³ Página web oficial del MERCOSUR. Disponible en <https://www.mercosur.int>.

todos los derechos y obligaciones inherentes a su condición de Estado Parte del MERCOSUR, de conformidad con lo dispuesto en el artículo 5° del referido Protocolo, argumentándose una “ruptura del orden democrático” (MERCOSUR, 2017, p. 1).

La ampliamente difundida situación venezolana y su tránsito por una profunda crisis humanitaria y en sus diversos espacios: económico, político y social, se agudizaban sin que se evidenciara un cambio sustancial en las circunstancias que lo propiciaban. Para el 2018, se daba cuenta del desplazamiento de sus nacionales (Cuadro 1), con “tres millones de personas, siendo el mayor en la historia reciente de América Latina” (SPINDLER, 2018, p.1).

Cuadro 1: Evolución de la población migrante venezolana en Sudamérica

AÑOS			
2005	2010	2015	2019
54.616	62.240	86.964	3.659.570

Fuente: Organización Internacional para las Migraciones (2019).

Analizando variables económicas, cifras publicadas por el Fondo Monetario Internacional, estimaban que la inflación anual de Venezuela podría haber alcanzado el 1.370.000% antes de finalizar el 2018 (CAÑIZÁLEZ, 2018).

Para el año 2019 tampoco fueron optimistas, en su Informe Perspectiva de la Economía Mundial, el FMI proyectaba que “los precios al consumidor aumentarán hasta 10.000.000%, infiriendo que la contracción del Producto Interno Bruto (PIB) sería del 18%” (EL UNIVERSAL, 2019), acumulando más de un 50%, adicionalmente a una caída vertiginosa de la producción, exportación y precios del petróleo.

Simultáneamente, como resultado de un deterioro político y social, grave y generalizado (ESPAÑA; PONCE, 2018), tal y como se preveía para el año 2019, Venezuela experimenta una forma sin precedente de desplazamiento humano, con el aumento constante de sus cifras, constituyendo aproximadamente 4.769.498 de sus nacionales alrededor del mundo (ACNUR; OIM, 2019).

Concentrando el 77% del total de este flujo en el extranjero, América del Sur se transforma en el principal receptor del desplazamiento (OIM, 2019), y en este tránsito, Brasil constituye el quinto país de destino en la subregión (OEA, 2019) (Cuadro 2).

Cuadro 2: Estimaciones de venezolanos migrantes en Brasil

AÑOS	
2015	2019
3.425	224.102

Fuente: Organización Internacional para las Migraciones (2019).

Constituye por lo referido, un momento histórico que sienta precedente y oportunidades en la región, colocando en análisis los diversos lineamientos de la respuesta a tan urgente situación. La afluencia de connacionales que han elegido buscar nuevas alternativas que respondan a sus expectativas de vida, o en *migración de sobrevivencia*⁴, se han constituido como un particular reto para los países receptores y consecuentemente para la institucionalidad y gestión del MERCOSUR.

SOBRE LA MOVILIDAD VENEZOLANA AL BRASIL

Intentar trazar algunos lineamientos para determinar las recientes tendencias del desplazamiento venezolano frente a la agenda suramericana sobre migración y la articulación del espacio actual, con el sistema normativo vigente para los países miembros del MERCOSUR, permitió valorar algunas facetas de un Brasil como país receptor de la movilidad venezolana.

La especificidad que nos brinda el estudio de fenómeno migratorio, sus acepciones económicas y legales en el escenario de la integración multidimensional en la subregión, identifica el proceso regional como un mecanismo socioeconómico, susceptible de avances, retrocesos que indiscutiblemente implicarían inexorables cambios para su consolidación.

Ahora bien, en la perspectiva relativa a la integración, particularmente en el contexto del MERCOSUR, se ponen evidencia las ventajas

⁴ Alexander Betts (2013), conceptualiza la migración de supervivencia como el desplazamiento de personas que están fuera de su país de origen debido a una amenaza existencial para la cual no tienen acceso a un recurso interno o resolución.

estratégicas que adquieren los estados al asumir reglamentaciones basadas en acuerdos multilaterales (SARMIENTO, 2014). Siendo Brasil figura clave en el desarrollo del mecanismo y promotor de la profundización normativa e institucional, en la gestión migratoria la nación auriverde se evidencian contradicciones para su avance unilateral en un contexto complejo de movilidad internacional.

En lo relativo a la recepción de venezolanos, básicamente migrantes laborales, hasta el año 2015, en el marco establecido para países del MERCOSUR, se observa que nuestros nacionales utilizaron el mecanismo instituido en los acuerdos derivados de la integración para su regularización y se inicia el incremento del índice de permanencia, es decir, una variación negativa para los venezolanos entre 2014 y 2015 (OBMIGRA, 2016).

A partir de 2016, se data que el flujo de venezolanos que se trasladó hacia Brasil lo realiza con una mayor permanencia (OBMIGRA, 2017) y el aumento en el flujo de connacionales, por esta y otras situaciones políticas planteadas en la región, se introducen en la agenda, debates y políticas públicas de los diversos mecanismos en la región.

Las variables en esta nueva movilidad humana vulnerable se convierten en nuevos desafíos: la acogida humanitaria y de migrantes en el ámbito MERCOSUR, así como la recepción y autorización de residencia para nacionales venezolanos, sólo por mencionar los que responden a nuestro espacio de estudio.

Será la visa brasilera temporal V (nacionales del MERCOSUR con visa permanente y automática), la que, en consonancia a los acuerdos suscritos sobre residencia de países miembros, Argentina, Paraguay y Uruguay, posee un acuerdo que flexibiliza la libre residencia y que se extiende también a Bolivia, Chile, Perú, Colombia y Ecuador, como países asociados a este mercado común suramericano (Cuadro 3). En este sentido, el registro evidencia una baja concesión de autorizaciones para ciudadanos de esos países (OBMIGRA, 2016, p. 9).

Cuadro 3: Número de autorizaciones de trabajo concedidas a nacionales de países del MERCOSUR por autoridades de Brasil entre 2011-2015

PAÍSES	2011	2012	2013	2014	2015
Argentina	530	487	459	310	241
Perú	640	629	488	413	216
Venezuela	765	519	621	447	205
Colombia	1.006	999	630	348	191
Chile	300	309	282	266	107
Uruguay	62	34	54	59	42
Ecuador	99	95	106	57	28
Bolivia	70	80	43	33	20
Paraguay	15	23	12	13	7
TOTAL	3.487	3.175	2.695	1.946	1.057

Fuente: Observatorio para las Migraciones de Brasil (2016).

En los últimos cinco años, Brasil a través del Consejo Nacional de Inmigración (CNIg), registra dentro sus informes anuales, especialmente en los datos recogidos entre 2011 a 2015, nuevos flujos –oficialmente– y nuevas incidencias que desafían las políticas públicas y la gestión de las migraciones.

Se observa que, durante el período referido, los países que recibieron más autorizaciones fueron Argentina, seguido de Perú y Venezuela. Según el análisis del Observatorio para la Migraciones (OBImigra), Chile y Venezuela fueron los que tuvieron un mayor índice de permanencia, es decir, una variación negativa entre 2014 y 2015, establecido entre el -59,77% y el -54,14% respectivamente (OBIMIGRA, 2016, p. 19)

Para los primeros semestres 2017-2018, en cuanto a los países miembros del MERCOSUR y asociados, se observa que Venezuela continua con el mayor número de registros –con visado laboral– en el primer semestre de 2018 con 31,43%, y a pesar de las circunstancias registra una leve disminución en lo cuantitativo de autorizaciones comparado en el mismo período en 2017 (Cuadro 4), cerca de 13,61% (OBMIGRA, 2018, p. 39).

Cuadro 4: Número de autorizaciones de trabajo concedidas a nacionales de países del MERCOSUR por autoridades de Brasil

Países	1º Sem. 2017	1º Sem. 2018
Venezuela	147	127
Colombia	65	80
Perú	45	66
Argentina	81	52
Chile	52	43
Bolivia	5	19
Ecuador	14	11
Paraguay	3	3
Uruguay	23	3
Total	435	404

Fuente: Observatorio para las Migraciones de Brasil (2018).

Es relevante señalar que Brasil, temporalmente aplicó esta categoría migratoria, de ámbito estrictamente laboral. Posteriormente, Brasil no aplicó a los venezolanos en Acuerdo de Residencia MERCOSUR, a consecuencia de nuestro país no haberse adherido a dicha normativa.

En su defecto inicialmente en 2017 y en base a la Resolución Consejo Nacional de Inmigración CNIg No. 126⁵, se concede residencia temporaria por 2 años a nacionales de países fronterizos para los cuales aún no está en vigor el Acuerdo de Residencia MERCOSUR (BRASIL, 2017), medida que facilita y favorece sobre todo la regularización a los venezolanos, buscando la prevención del tráfico, explotación y trata de inmigrantes, favoreciendo –formalmente– la posibilidad de incorporarse al mercado de trabajo.

En el sentido, se crea un mecanismo alternativo y paralelo que coadyuvaría la política de libre circulación y promoción de la regularización migratoria de los nacionales de la región, sobre todo de los países fronterizos que no son parte de dicho Acuerdo. En cumplimiento de esta Resolución hasta el mes de noviembre de 2017 se concedieron 3.015 de estos permisos temporales (OIM, 2017).

⁵ Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 3 mar. 2017. Disponible en: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2017/11016.pdf>.

Para 2018, la Portaria Interministerial N ° 9 del mes de marzo, reemplazó la Resolución CNIg 126/2017⁶, permitiendo la opción de regularización migratoria con la solicitud de residencia temporal por dos años⁷, manteniendo su aplicabilidad a ciudadanos de países vecinos que no forman parte del Acuerdo de Residencia MERCOSUR (BRASIL, 2018).

Bajo estos esquemas de regularización disponibles y utilizados en gran medida por los venezolanos, aunado a la posibilidad de solicitud de refugio⁸, las cifras oficiales muestran el aumento desde el año 2017, contabilizándose hasta agosto de 2019, a 481.864 entradas y 280.407 salidas, con un saldo migratorio de 201.354 (BRASIL, 2019).

Argumentando una reciprocidad frente a Venezuela, Brasil marca distancia en cuanto a la aplicación del Acuerdo de Residencia del MERCOSUR. Para dar una respuesta a un nuevo patrón de movilidad ofrece la regularización, utilizando otras medidas institucionales, enfocada y asumida con un carácter economicista-laboral, sin dejar de responder a una situación de vulnerabilidad sin precedentes —refugio—, ofreciendo, en términos formales, garantías y facilidades en la recepción, en el marco de la inclusión de esta población en la sociedad brasilera.

¿MOVILIDAD CONSTRUCTIVA EN EL MARCO DEL MERCOSUR?

La Oficina de la Organización Internacional para las Migraciones, sección Suramérica indicaba que el MERCOSUR entregó cerca de dos millones de residencias temporarias y permanentes, así como la promoción de diálogos regionales (OIM, 2018a), fundamentándose en el Acuerdo de Residencia para Nacionales de los Estados Parte y Asociados, como base para el acceso a la residencia regular sus países integrantes.

⁶ Que concedía la residencia temporal, pero solo por un año.

⁷ Autorización que después de dos años se puede convertir en un permiso de residencia con plazo indeterminado, pero que debe ser justificado en cuanto se ejerza un empleo formal.

⁸ Mecanismo de refugio establecido en la Ley 9.474, la cual regula el procedimiento para determinar, cesar y perder el estatus de refugiado (BRASIL, 2017).

El MERCOSUR, sí bien es cierto que inicialmente respondió a objetivos netamente económicos, como proceso regional advirtió que, para poder avanzar hacia la integración, era necesario incluir la variable social y construir una estructura institucional que pudiese canalizarla. Esto tiene su propia concepción en las directrices adoptadas a favor de una mayor movilidad y la garantía de derechos laborales, asistencia social y educación entre los miembros y asociados al mecanismo (OBMIGRA, 2017, p. 19).

En un entorno de una creciente migración internacional venezolana, este acuerdo va a señalar el camino para la aplicación por algunos países miembros del MERCOSUR del Acuerdo de Residencia. Aun cuando Venezuela no se ha adherido a este tratado, tal como se ha señalado anteriormente, su población se ve beneficiada con la entrada en vigor de instrumentos normativos que les brindan residencia regular en Argentina, con la Ley No. 25.871/2004 y en Uruguay, con Ley No. 19.254/2014 (OIM, 2018b).

Se puede observar, como el territorio brasilero se va configurando como punto de ingreso en el corredor terrestre y/o puente aéreo utilizado por emigrantes que se dirigen a Argentina, Uruguay, Chile y Perú, por lo podría asegurarse que su rol en este escenario de desplazamiento es secundario, al no ser un destino prioritario para los venezolanos (OIM, 2019). Para más de la mitad de las personas que ingresaron entre 2017-2019, constituye parte de la “ruta migratoria”, a través de la cual se mueven los nacionales de Venezuela en la región.

Imagen 1: Rutas migratorias en las Américas desde Venezuela.



Fuente: Organización Internacional para las Migraciones (2018b).

Uldemolins explica pertinentemente que “la sociedad receptora tiene, por tanto, un papel decisivo en la integración de los inmigrantes, dado que son las instituciones de la sociedad de acogida son las que definen las políticas y el marco en el que se realizará la pretendida integración en torno a los tres ámbitos que acabamos de mencionar: legal, socioeconómico y cultural” (ULDEMOLINS, 2017, p. 88)

Simultáneamente, un marco de responsabilidad binacional compartida y trabajo conjunto a mediano y largo plazo tendría el potencial de brindar protección a miles de personas que se salen diariamente de su país, se establecen o se encuentran en tránsito, sentando una base sólida para facilitar soluciones duraderas. Se desprende la dimensión humana de los desplazamientos y la necesidad de que los estados receptores garanticen efectivamente un marco normativo de protección de los migrantes (PEREZ, 2011).

Factores económicos, sumados a la tensión política y una crisis humanitaria de gran escala, son fundamentales para entender los nuevos patrones en el desplazamiento de venezolanos y definitivamente no escapan de elementos generadores, resultado del sistema mundial capitalista (SASSEN, 2015). Para el Brasil, ya puntualizaban Baeninger y Bonk que:

las migraciones internacionales tenderán a intensificarse, correspondiendo a la velocidad de movilidad del capital con la consecuente redefinición en el papel de la migración en el desarrollo y constitución del mercado de trabajo de Brasil (BAENINGER; BONK, 2016, p. 16).

Es importante destacar que, aunque Brasil posee la economía más grande de la región, los inmigrantes representaban hasta 2015 solo el 0,3% de la población, lo cual en contraste con la media mundial estimada en 3%, constituye un promedio bajo, con un total de población que para esa fecha rondaba los 200 millones de habitantes (PISON, 2019). La escena en 2019 no ha variado sustancialmente con aproximadamente 210 millones de habitantes y un 0,4% de población inmigrante⁹.

En la complejidad un proceso migratorio inédito como el venezolano, no se evidencia que la gestión para su atención pueda ser reorientada a lineamientos establecidos en el marco del cumplimiento de la normativa

⁹ Información generada en tiempo real por Portal de datos mundiales sobre la migración. Disponible en: https://migrationdataportal.org/es?i=stock_perc_&t=2019&cm49=76.

MERCOSUR, así como los aplica al resto de los países miembros y asociados.

Un viraje al enfoque multilateral podría representar la oportunidad de tener “acceso a capital humano relativamente calificado, subsanar desequilibrios demográficos, sostener sistemas de seguridad social como contribuyentes y aumentar el desarrollo económico en general” (SELEE; BOLTER; MUÑOZ; HAZAN, 2019, p. 3).

En este sentido, según Betilde Muñoz, Directora de Inclusión Social de la OEA “al menos 60% de los venezolanos/as migrantes tienen estudios universitarios. La gran mayoría también cuenta con experiencia laboral” (MUÑOZ, 2019, no paginado). La atención a esta población debería atenderse con políticas públicas que, como sujetos de derecho, más allá de una acción solidaria, constituye una herramienta en la medida de que se evita el trabajo irregular y la competencia con trabajadores locales.

Para los inmigrantes se traduce en el incentivo a establecerse en el país, ingresar al mercado de trabajo con mejores salarios, incorporarse a la población económicamente activa, la contribución con el PIB de Brasil y la posibilidad de fomentar la diversidad y el pluralismo.

CONSIDERACIONES FINALES

Aun con las debilidades presentadas, inicialmente en la recepción de venezolanos, el estado brasileño instituyó vías de regularización alternativas. La intención quedó plasmada en la adecuación de su marco legal, institucionalidad y la cooperación con organismos internacionales. Existen numerosos desafíos que en la práctica continúan surgiendo, así como una gran deuda en cuanto al ejercicio de una residencia con los correspondientes derechos y obligaciones, de la cual el MERCOSUR sería el referente.

La puesta en marcha de la libre circulación de trabajadores en el marco del MERCOSUR ha permitido la reducción de la irregularidad migratoria y la vulnerabilidad de los inmigrantes en la subregión. Se suma el ya mencionado Acuerdo de Residencia y la creación de un estatus migratorio especial para pequeños empresarios de países de Suramérica (OBMIGRA, 2017, p. 3).

Como se puede observar y a fin de responder a la situación actual, a favor de una movilidad constructiva, es imprescindible el conocimiento sistemático del fenómeno de la movilidad internacional suramericana. Ciertamente, mientras más abstracto sea el conocimiento sobre la materia, mayores serán los prejuicios, las imprecisiones sobre sus reales dimensiones e implicaciones y, por consiguiente, mayores serán las dificultades que deberán enfrentar en el diseño y la ejecución de políticas adecuadas.

Finalmente, la meta a cumplir está vinculada ineludiblemente al cumplimiento del ordenamiento nacional e integracionista, que fortalezcan las capacidades nacionales, en el manejo de una situación inédita en la subregión, a través de la articulación, de la promoción y la protección de los Derechos Humanos de las diversas categorías de migrantes, de acuerdo con las necesidades específicas de asistencia.

Del mismo modo se hace vital, estimular la reflexión sobre el principio de responsabilidad compartida en el tema migratorio que compete, tanto a los sujetos en tránsito, como a los países de origen y receptores, a fin de facilitar la regulación, ordenación de los flujos migratorios y en general, evitando en principio su carácter irregular, aún más, cuando la vecindad entre ambos países evidencian una movilidad dinámica, con entradas, salidas, circulación, tránsito e inclusive retorno al territorio de ambos países (ACNUR; OIM, 2019).

Las acciones tomadas por el Gobierno de Brasil han reconocido y atendido a la población venezolana que cruza la frontera, buscando responder a los nuevos flujos internacionales en la subregión y particularmente en un país parte del MERCOSUR, el cual, puertas adentro, discute su posicionamiento como nación abierta a la migración, en el marco de la aplicación de una nueva ley en la materia.

Estas acciones unilaterales frente a este desplazamiento humano han dejado en evidencia la falta de unicidad en la aplicación de las normativas comunitarias con respecto a al caso venezolano. Las interpretaciones y razones argumentadas por los países del bloque pueden catalogarse como discrecionales, evidenciándose discrepancias y dudas frente a una respuesta común, que efectivamente contrarreste los efectos de un nuevo desafío regional y fortalezca el proceso de integración en evolución.

En consecuencia, no puede reducirse este análisis solamente a la posibilidad de residir en la zona común. Como ya fue indicado, los acuerdos del MERCOSUR van más allá, transversalizando la circulación de personas, en coherencia con las estrategias integracionistas que lo inspiran. La implementación de los acuerdos en materia laboral, entre otros concebidos en el mecanismo, complementan la acogida y radicación de trabajadores entre sus países miembros, conllevando a mejores condiciones, mayores ingresos y contribución a las sociedades receptoras. Del mismo modo el mecanismo cuenta con el reconocimiento de títulos y créditos de educación, con el objeto de facilitar a los inmigrantes la posibilidad de cualificarse o perfeccionar conocimientos en las sociedades receptoras.

REFERENCIAS

ACNUR; OIM. AGENCIA DE LA ONU PARA LOS REFUGIADOS; ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES (2019). **Plataforma Regional de Coordinación Interagencial para Refugiados y Migrantes de Venezuela** - R4V, 05 dic. 2019. Disponible en: <https://r4v.info/es/situations/platform>. Acceso en: 07 dic. 2019.

ARELLANO, Félix Gerardo (2013). **La entrada de Venezuela al Mercado Común del Sur (MERCOSUR):** Implicaciones políticas y económicas. Caracas: Instituto Latinoamericano de Investigaciones Sociales, 26 p.

BAENINGER, Rosana; BONK, Romeu (2016). Integração regional e fronteiras: desafios para a governança das migrações internacionais na América Latina. **Revista Transporte y Territorio**. São Paulo, n. 5, p. 146-163. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5692927.pdf>. Acceso en: 8 sep. 2019.

BETTS, Alexander (2013). State fragility, refugee status and ‘survival migration’. States of fragility, Forced. **Migration Review** 43, Refugee Studies Centre Oxford. Julio. Disponible en: <https://www>.

fmreview.org/sites/fmr/files/FMRdownloads/en/fragilestates/betts.pdf. Acceso en: 2 jul. 2019.

BRASIL (2017). **Resolução Normativa Nº 126 de 3 de março de 2017**. Dispõe sobre a concessão de residência temporária a nacional de país fronteiriço. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 3 mar. 2017. Disponible en: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2017/11016.pdf>. Acceso en: 11 nov. 2019.

_____. (2018). Ministério de Estado da Justiça, Ministério Extraordinário da Segurança Pública, Ministério das Relações Exteriores e do Trabalho. Portaria Interministerial nº 9, de 14 de março de 2018. **Regulamenta a autorização de residência ao imigrante que esteja em território brasileiro e seja nacional de país fronteiriço, onde não esteja em vigor o Acordo de Residência para Nacionais dos Estados Partes do MERCOSUL e países associados**. Diário Oficial da República Federativa de Brasil, Brasília, DF, 15 mar. 2018. Disponible en: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/6653698/do1-2018-03-15-portaria-interministerial-n-9-de-14-de-marco-de-2018-6653694. Acceso en: 17 jun. 2019.

_____. (2019). **Refúgio em números**. 4. ed. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 46 p. Disponible en: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>. Acceso en: 10 nov. 2019.

CAÑIZÁLEZ, Andrés (2018). Diáspora: La transformación migratoria de Venezuela en el siglo XXI. **Journal of Latin American Communication Research**, 11 dic. 2018. Disponible en: <https://www.medianalisis.org/wp-content/uploads/2018/12/300-979-1-PB.pdf>. Acceso en: 15 nov. 2019.

EL UNIVERSAL (2018). FMI prevé hiperinflación de 1.370.000% al finalizar 2018. **Diario El Universal**. 20 dic. 2018. No paginado. Disponible en: <https://www.eluniversal.com/economia/28694/fmi-preve-hiperinflacion-de-1370000-al-finalizar-2018>. Acceso en: 25 dic. 2018.

ESPAÑA, Luis Pedro; PONCE, María (2018). **Encuesta sobre condiciones de vida en Venezuela febrero 2018**. Caracas: IIES-UCAB, 18 p. Disponible en: <https://encovi.ucab.edu.ve/wp-content/uploads/sites/2/2018/02/ucv-ucab-usb-encovi-pobreza-2017.pdf>. Acceso en: 05 oct. 2019.

GUERRERO, Sofía (2018). **¿Cómo fortalecer la protección de los trabajadores migrantes en las Américas?** Buenos Aires: Oficina Regional de la OIM para América del Sur, 12 p. Disponible en: <http://rosanjose.iom.int/site/es/blog/c-mo-fortalecer-la-proteccion-de-los-trabajadores-migrantes-en-las-amicas>. Acceso en: 3 ene. 2019.

MERCOSUR (1991). Mercado Común del Sur. Tratado de Asunción para la Constitución de un Mercado Común. **Web oficial del MERCOSUR**. No paginado, Disponible en: <https://www.mercosur.int/documento/tratado-asuncion-constitucion-mercado-comun/>. Acceso en: 3 ene. 2019.

_____. (2017). **Decisión sobre la suspensión de la República Bolivariana de Venezuela en el MERCOSUR, en aplicación del Protocolo de Ushuaia sobre compromiso democrático en el MERCOSUR-2017**. Página web oficial del MERCOSUR. Disponible en: http://www.cartillaciudadania.mercosur.int/uploads/decision-suspension-de-venezuela-del-mercosur_es.pdf. Acceso en: 3 dic. 2018.

MORALES, Juan (2001). Perspectivas de la integración venezolano-brasileña. **Revista de Ciencias Sociales (RCS)**, Maracaibo, v. VII, n. 2, p. 249-266, may-ago. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5850461.pdf>. Acceso en: 3 jul. 2018.

MUÑOZ, Betilde (2019). **Migración: Los venezolanos en la mira**. Oraculus Mex. 15 ene. 2019. No paginado. Disponible en: <https://oraculus.mx/2019/01/15/migracion-los-venezolanos-en-la-mira/>. Acceso en: 1 feb. 2019.

OBIMIGRA (2016). **Observatório para as Migrações Resumo executivo**. Migrações e Mercado de Trabalho no Brasil 2016.

Conselho Nacional de Imigração. Brasília. Disponible en: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados_anuais/RELATORIO_FINAL_PDF_CRGD.pdf. Acceso en: 20 oct. 2019.

_____. (2017). Resumo executivo. Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil 2017. Conselho Nacional de Imigração. Brasília. Disponible en https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2017/Perfil_imigracao_ven_Roraima_resumo.pdf. Acceso en: 20 oct. 2019.

_____. (2018). **Resumo executivo. Migrações e Mercado de Trabalho no Brasil 2018**. Conselho Nacional de Imigração. Brasília. Disponible en: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/publicacoes-obmigra/publicacoes-do-obmigra>. Acceso en: 20 dic. 2019.

OEA (2017). Organización de Estados Americanos. OEA y OCDE presentan Informe sobre Migración Internacional en las Américas SICREMI 2017. Web de la OEA, Washington. Disponible en: https://www.oas.org/es/centro_noticias/comunicado_prensa.asp?sCodigo=C-093/17. Acceso en: 3 jul. 2019.

_____. (2019). **Informe del Grupo de Trabajo de la OEA para abordar la crisis de migrantes y refugiados venezolanos en la región**. Bogotá: Sigma Editores, 98 p.

OIM (2017). Organización Internacional para las Migraciones. Informe Migratorio Sudamericano. Buenos Aires: **Oficina Regional de la OIM para América del Sur**, n. 1, 8 p. Disponible en: https://robuenosaires.iom.int/sites/default/files/Documentos%20PDFsInforme_Tendencias_Migratorias_Am%C3%A9rica_del_Sur_N1_SP.pdf. Acceso en: 02 jun. 2019.

_____. (2018a). Evaluación del Acuerdo de Residencia del MERCOSUR y su incidencia en el acceso a derechos de los migrantes. Buenos Aires: **Oficina Regional de la OIM para América del Sur**, 214 p. Disponible en: https://publications.iom.int/system/files/pdf/estudio_sobre_la_evaluacion_y_el_impacto_del_acuerdo_de_residencia_del_mercosur.pdf. Acceso en: 09 jun. 2018.

_____. (2018b). **Tendencias Migratorias Nacionales en América del Sur**: República Bolivariana de Venezuela Febrero-2018b. Buenos Aires: Oficina Regional de la OIM para América del Sur, 12 p. Disponible en: <https://robuenosaires.iom.int/sites/default/files/Documentos%20PDFs/SerieTendenciasNacionalesRepBolVenezuela.pdf>. Acceso en: 16 sep. 2018.

_____. (2019). **Tendencias migratorias nacionales en Américas Venezuela octubre 2019**: República Bolivariana de Venezuela. Buenos Aires: Oficina Regional de la OIM para América del Sur, 12 p. Disponible en: <https://robuenosaires.iom.int/sites/default/files/Informes/Tendencias-Migratorias-en-Américas-Octubre.pdf>. Acceso en: 2 oct. 2019.

PEREZ, Militza (2011). **Marco teórico conceptual de las migraciones internacionales a la luz de las normas y sistemas vigentes en la República Bolivariana de Venezuela**. 2011.106 f. Trabajo especial de grado. (Especialización en Derechos Humanos)-Dirección de Investigaciones y Postgrado. Universidad Nacional Abierta, Caracas.

PISON, Gilles (2019). **¿En qué lugar del mundo hay más inmigrantes?** The Conversation US, 14 de mar. 2019. No paginado. Disponible en: <https://theconversation.com/en-que-lugar-del-mundo-hay-mas-inmigrantes-113330>. Acceso en: 11 nov. 2019.

SARMIENTO, S Santiago (2014). Estrategias de internacionalización y globales para países en desarrollo y emergentes. **Revista Dimensión Empresarial**, Barranquilla, v. 12, n. 1, p. 111-138. Disponible en: <http://www.scielo.org.co/pdf/diem/v12n1/v12n1a10.pdf>. Acceso en: 11 nov. 2019.

SASSEN, Saskia (2015). **Expulsiones: Brutalidad y complejidad en la economía global**. Buenos Aires: Katz Editores, 286 p.

SELEE, Andrew; BOLTER, Jessica; MUÑOZ, Betilde y HAZAN, Myrian (2019). **Creatividad dentro de la crisis: opciones legales para los migrantes venezolanos en América Latina**. Washington:

OEA/MPI, 24 p. Disponible en: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/VenezuelansLegalPathwaysBrief-Spanish-Final.pdf>. Acceso en: 9 dic. 2019.

SPINDLER, William (2018). **La cifra de personas refugiadas y migrantes venezolanas alcanza los 3 millones**, ACNUR. Web del ACNUR. 08 nov. 2018. Disponible en: <https://www.acnur.org/noticias/press/2018/11/5be443b54/la-cifra-de-personas-refugiadas-e-inmigrantes-venezolanas-alcanza-los-3.html>. Acceso en: 3 ene. 2019.

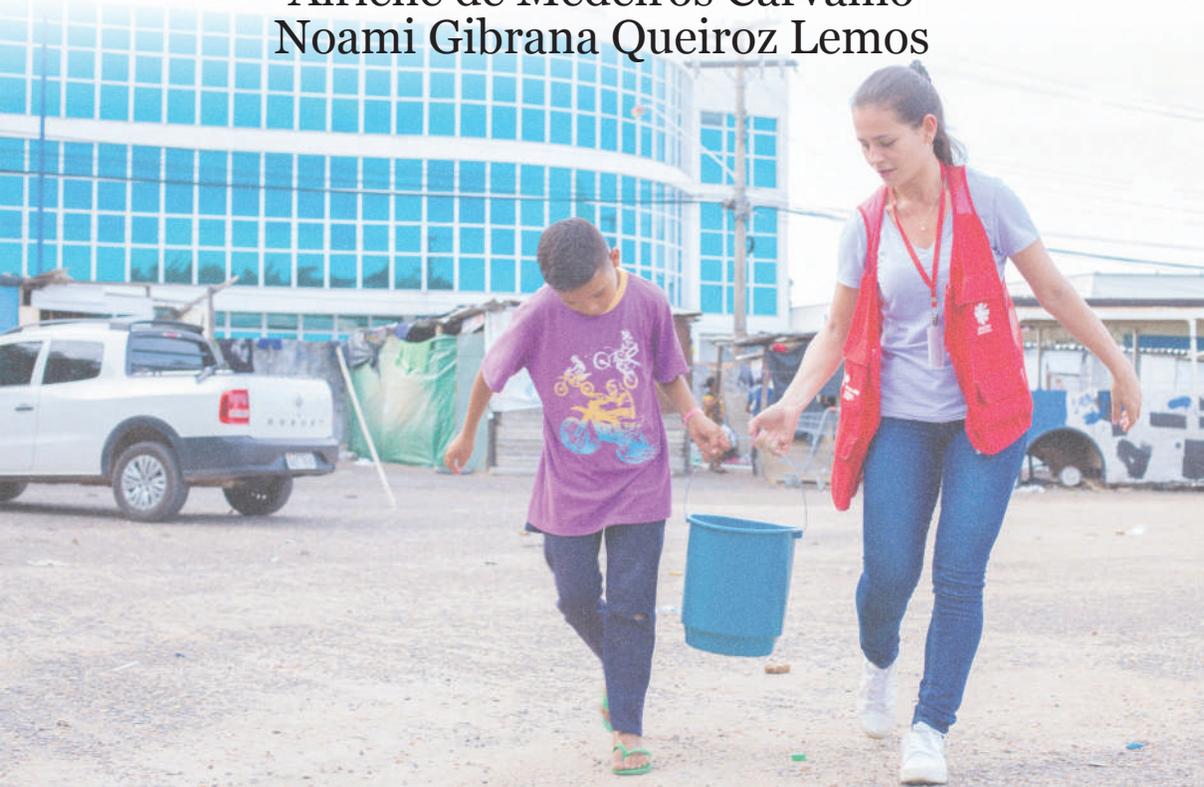
ULDEMOLINS, Enrique (2017). Migraciones, modelos de integración y riesgo. La inmigración ¿un riesgo social? Barcelona: **Revistes Científiques**, Número 5, pp. 75-103.

VILLALOBOS Soto, Dani; ORTIZ Valenzuela, Enio (2012). Venezuela en el proceso de incorporación al MERCOSUR. **Revista ciencia e interculturalidad**, Managua, v. 10, n. 1, a. 5, p. 116-130, Ene-jun. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=26178>. Acceso en: 9 feb. 2019.

CAPÍTULO 6

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO MIGRATÓRIO EM RORAIMA: FORMAÇÃO DE AGENTES MULTIPLICADORES

Airlene de Medeiros Carvalho
Noami Gibrana Queiroz Lemos



EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO MIGRATÓRIO EM RORAIMA: FORMAÇÃO DE AGENTES MULTIPLICADORES

ENVIRONMENTAL EDUCATION IN THE MIGRATORY CONTEXT IN RORAIMA: TRAINING OF MULTIPLICATING AGENTS

*Airlene de Medeiros Carvalho¹
Noami Gibrana Queiroz Lemos²*

RESUMO: Na Venezuela, o agravamento da crise econômica e social fez milhares de venezuelanos migrarem para o Brasil. Entre 2015 e 2019, foram registradas cerca de 180 mil solicitações de refúgio e de residência temporária. O estado de Roraima, que faz fronteira com o país vizinho, conheceu um deslocamento sem precedentes de refugiados e migrantes. Na capital Boa Vista, foram instalados onze abrigos para acolher os cidadãos venezuelanos. São moradias temporárias administradas pelo Exército e pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Mais de 6,4 mil pessoas vivem nesses locais com necessidades urgentes de assistência humanitária. Entre as medidas adotadas, houve o abastecimento de água potável, distribuída pela Companhia de Águas e Esgotos de Roraima. Para conter o desperdício, ou mal uso da água tratada, os venezuelanos do abrigo Jardim Floresta receberam cursos de saneamento e de manutenção hídrica. O trabalho piloto foi desenvolvido pela equipe do Núcleo de Meio Ambiente da Companhia. Para atender esse novo público, foram adotadas estratégias capazes de transformar os migrantes em pessoas sensíveis aos problemas

¹ Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Roraima. Bacharel em Publicidade e Propaganda, pelo Centro Universitário Estácio da Amazônia. Pós-graduada em Gestão Empresarial e em Gestão de Pessoas, pelo Centro Universitário Estácio da Amazônia. Coordenadora do projeto Caer Educação Ambiental pelo Núcleo de Meio Ambiente da Companhia de Águas e Esgotos de Roraima. E-mail: airlenemc@hotmail.com;

² Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Roraima. E-mail: noami.gibrana9@gmail.com.

e engajadas na busca de soluções simples, como o consumo consciente da água e o conserto de vazamentos, para reduzir o desperdício. A melhoria das condições de vida no abrigo depende das ações de cada indivíduo e de mudanças de atitude; a Educação Ambiental é a base condutora para um novo pensar sobre o modo de vida de cada um no ambiente coletivo.

Palavra-chave: Educação ambiental. Água. Sustentabilidade.

ABSTRACT: *En Venezuela, el empeoramiento de la crisis económica y social hizo que miles de venezolanos migraran a Brasil. Entre 2015 y 2019, se registraron aproximadamente 180 mil solicitudes de refugio y residencia temporal. El estado de Roraima, que limita con el país vecino, ha visto una afluencia sin precedentes de refugiados y migrantes. Se instalaron once refugios en la capital, Boa Vista, para dar la bienvenida a los ciudadanos venezolanos. Son viviendas temporales administradas por el Ejército y el Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados. Más de 6.400 personas viven en estos lugares con necesidades urgentes de asistencia humanitaria. Entre las medidas adoptadas estaba traer agua potable, distribuida por la Compañía de Aguas e Esgotos de Roraima. Y para contener el desperdicio o el mal uso del agua tratada, los venezolanos en el refugio Jardim Floresta recibieron cursos de saneamiento y mantenimiento hidráulico. El trabajo piloto fue desarrollado por el equipo del Centro de Medio Ambiente de la Compañía. Para servir a esta nueva audiencia, se adoptaron estrategias para transformar a los migrantes en personas sensibles a los problemas y dedicarse a la búsqueda de soluciones simples, como el consumo consciente de agua y la reparación de fugas para reducir el desperdicio. La mejora de las condiciones de vida en el refugio depende de las acciones de cada individuo, el cambio de actitud y la Educación Ambiental es la base para un nuevo pensamiento sobre la forma de vida de cada uno en el entorno colectivo.*

Keyword: *Environmental education. Water. Sustainability.*

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, os povos sempre migraram de um lugar para outro, por diversos motivos, seja por fatores climáticos, guerras ou crises econômicas. Em *Migrações, Refúgio e Apatridia — Guia para Comunicadores* (2019), obra elaborada pelo Instituto Migrações e Direitos

Humanos, Migra Mundos e Ficas, é possível constatar que, no decorrer dos anos, um dos principais deslocamentos migratórios de milhares de pessoas com destino ao Brasil ocorreu na segunda década do século XXI, proveniente da Venezuela. A crise política, econômica e social alterou de forma significativa o cenário daquele país. O governo venezuelano cortou programas sociais, a inflação atingiu patamares altíssimos e a população vem sofrendo com a escassez de alimentos e medicamentos.

Para fugir da atual situação e buscar melhores condições de vida, muitos venezuelanos entraram no Brasil pelo município de Pacaraima, que faz fronteira com o país vizinho. De acordo com a Polícia Federal, somente em 2017, mais de 30 mil venezuelanos se deslocaram para a cidade de Boa Vista, capital de Roraima. Esta chegada em massa causou um grande impacto local. O Governo Federal, com o apoio do Exército Brasileiro, criou onze abrigos temporários na cidade, para reduzir o número de venezuelanos nas ruas. Mais de 6 mil pessoas, das quais 2,5 mil são crianças e adolescentes, vivem nesses abrigos, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF (2019).

Os migrantes de baixa renda que viviam na Venezuela não pagavam pela água consumida. Como o serviço de distribuição não era cobrado, essas pessoas não tinham a preocupação em usar a água de forma consciente. Este fato foi notado nos abrigos, pois a demanda por este recurso hídrico aumentou significativamente e, como consequência, criou um peso adicional para rede de abastecimento de água da Companhia de Águas e Esgotos de Roraima – CAER³, que também enfrenta dificuldades de captação de água no período de verão, quando o nível do Rio Branco, principal manancial da região, começa a baixar.

Chegando ao Brasil, os migrantes e refugiados precisam zelar pelo local que os acolheu. Em alguns casos, eles recebem uma boa infraestrutura de assistência, mas contribuem com os impactos negativos ao meio ambiente, devido ao descarte incorreto de lixo, ou ao desperdício de energia e de água. Isso pode acontecer seja por não perceberem a extensão dessas ações danosas, ou por não se sentirem responsáveis pelo lugar em que vivem.

³ Empresa criada em 04 de março de 1969 no Estado de Roraima, responsável pela prestação de serviços de abastecimento de água tratada a partir da captação, coleta e tratamento de esgoto sanitário.

Só se podem encontrar soluções para os problemas quando se toma consciência de que eles existem e que afetam a vida das pessoas.

Este artigo, em forma de estudo de caso, apresentará o projeto piloto de Educação Ambiental (EA), aplicado no abrigo em Boa Vista pelo Núcleo de Meio Ambiente – NMA⁴ da CAER, com a finalidade de formar agentes multiplicadores para minimizar as dificuldades que são enfrentadas durante o crescimento do processo migratório na capital de Roraima. O projeto do NMA consiste na Educação Ambiental não formal, por meio do Curso de Capacitação em Saneamento e da Oficina de Manutenção Hidráulica, com aulas teóricas e práticas. As atividades realizadas em outubro de 2019 e em fevereiro de 2020, contribuíram para a construção do conhecimento e para a formação de cerca de 70 abrigados, sensíveis com as questões ambientais e comprometidos em manter o abrigo sempre limpo para evitar doenças, usar a água de forma sustentável e zelar pela manutenção da rede hidráulica interna, para não desperdiçar água potável. Esta ação educativa é essencial para as famílias que precisam viver nos abrigos, conviver com outras pessoas e compartilhar problemas e soluções.

RECURSOS HÍDRICOS

A água é um recurso fundamental para a vida do ser humano. Ainda que 70% do Planeta Terra seja coberto por água, apenas menos de 1% da água doce está disponível para o consumo. Dessa pequena percentagem, 12% fica no Brasil, e a maior concentração de água doce está na Bacia Amazônica. O restante está distribuído de forma desigual em todo o mundo; essas reservas são constantemente ameaçadas de escassez e contaminação.

Tudo isso faz com que seja muito importante praticar bons hábitos. Mas o mal uso da água e as possíveis consequências do manejo incorreto deram início as discussões referentes ao consumo sustentável no Brasil. Em 8 de janeiro de 1997, foi criada a Lei nº 9.433, conhecida como “Lei das águas do Brasil”, que instituiu a Política Nacional de Recursos Hídricos – PNRH. Em decorrência, se originou o Sistema Nacional de

⁴ Núcleo de Meio Ambiente – NMA, criado pela Caer para realizar ações socioambientais envolvendo colaboradores da companhia, consumidores e a comunidade em geral.

Gerenciamento de Recursos Hídricos – SINGREH. Conforme artigo 1º da Lei Federal, a gestão dos recursos hídricos deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades. Além de estabelecer regras para a preservação dos mananciais, a Lei das Águas do Brasil também trata do uso racional. Em seu artigo 2º, parágrafo 4º, explicita que se deve “incentivar e promover a captação, a preservação e o aproveitamento de águas pluviais”. Esse tema é sempre abordado por técnicos do NMA para estimular e incentivar o reuso da água para atividades domésticas, como lavagem do chão e dos banheiros.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA O USO CONSCIENTE DA ÁGUA

A forma como nos relacionamos com o meio ambiente à nossa volta está diretamente ligada à qualidade de vida que temos. Dessa forma, considerando a EA e a perspectiva de contribuir na construção de uma visão crítica e holística, o NMA usou uma metodologia simples, com a preocupação de ensinar conscientizando, onde educador e educando são sujeitos do processo. É uma “educação libertadora”, como defende Paulo Freire (1997). Carvalho (2004) afirma que a EA na perspectiva crítica, leva o indivíduo a transformar “valores e atitudes”, pela e para capacidade de “problematizar as questões socioambientais e agir sobre elas” (p.157). A prática da EA no ambiente não formal contribui com o conhecimento da comunidade abrigada e desperta a consciência crítica, fazendo com que todos reflitam sobre o meio em que estão inseridos, deixando de serem meros agentes passivos para assumirem a condição de cidadãos transformadores, com atitude para solucionar os problemas relacionados aos recursos hídricos.

No Estado de Roraima, a Lei nº 445, de 07 de junho de 2004, dispõe sobre a Educação Ambiental, instituindo a Política Estadual de Educação Ambiental, complementando a Lei Federal nº 9.795/99. No seu art. 2º, a Educação Ambiental é colocada como um componente essencial e permanente da educação estadual e nacional, e que deve estar presente em todos os níveis e modalidades do processo educativo,

em caráter formal e não formal. Ainda de acordo com a Lei nº 445, o art. 7º define que se deve reunir iniciativas voltadas para a formação de cidadãos e comunidade em geral, que sejam capazes de tornar compreensível a problemática ambiental, promovendo assim uma atuação responsável para melhor aproveitamento dos serviços que são oferecidos pelas agências locais. Desta forma, o espaço do abrigo Jardim Floresta, em Boa Vista, efetiva-se como espaço formador de agentes de mudanças, com valores sociais como cooperação, igualdade, autonomia, democracia, integração e participação. Com uma visão e um saber crítico-reflexivos dentro do seu contexto social, os migrantes são pautados na sustentabilidade para o uso adequado da água tratada e da rede de esgoto.

A CAER é a empresa responsável por 99% de distribuição de água potável para a população de Boa Vista, mas cabem aos usuários usar sem desperdiçar. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cada pessoa necessita de até 110 litros de água/dia para consumo e higiene pessoal. Mas no Brasil o consumo chega a 160 litros/dia.

Foto 1: Primeiro curso em Saneamento no abrigo Jardim Floresta, com dinâmica em grupo



Fonte: arquivo NMA, 2019.

PROJETO: CAPACITAÇÃO EM SANEAMENTO E OFICINA DE MANUTENÇÃO HIDRÁULICA

O projeto piloto, elaborado e executado pelo Núcleo de Meio Ambiente da CAER, foi realizado em três períodos para turmas diferentes, com aproximadamente 20 integrantes cada: foram dois cursos no mês de outubro de 2019 e um em fevereiro de 2020. Todos os cursos tiveram entrega de Certificados pela CAER e parceiros.

A primeira capacitação aconteceu por meio de um convite do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – ACNUR, em que técnicos do NMA receberam o desafio de ministrar uma palestra para venezuelanos, durante a Semana de Integração Socioambiental, organizada pelo Conselho Norueguês para Refugiados. O local foi o abrigo Jardim Floresta, localizado na zona Oeste de Boa Vista. A palestra se transformou em um curso, dividido em dois dias, incluindo as etapas teórica e prática, e uma visita guiada à Estação de Tratamento de Água, onde todos os participantes tiveram uma noção básica sobre o processo de captação, tratamento e distribuição de água. Os profissionais do laboratório da CAER receberam os alunos e explicaram como é feito o monitoramento da qualidade da água, com critérios exigidos pelo Ministério da Saúde. De acordo com os dados do Instituto Trata Brasil, de 2020, o município de Boa Vista ocupa o 38º lugar no ranking de cem cidades do Brasil com os melhores indicadores de saneamento.

Foto 2: Visita a Estação de Tratamento de Água



Fonte: arquivo NMA, 2019.

O mesmo processo foi aplicado na segunda Capacitação em Saneamento. Já na terceira, em fevereiro deste ano, houve a necessidade de mudar a estratégia para melhorar os resultados com relação ao uso da água. Em janeiro de 2020, chegou-se a quase 300 m³ de consumo, tendo no abrigo uma população menor do que a registrada no ano anterior, quando foi ministrada a primeira capacitação. A perda na distribuição da água na capital já é um problema enfrentado pela CAER. A pesquisa do Trata Brasil revelou que Boa Vista está entre as três capitais do país com o maior índice de perdas na distribuição da água (73,77%). Para tentar solucionar o problema, foi inserida então a Oficina de Manutenção Hidráulica, para combater vazamentos dentro do abrigo.

Como parte da metodologia do NMA, foi aplicada dinâmica em grupo para instigar nos alunos o senso crítico e o raciocínio rápido na busca de soluções para as dificuldades apresentadas por eles. Trata-se também de uma maneira para formar lideranças capazes de envolver a comunidade nas ações definidas pelos grupos, para melhorar as condições de vida dentro dos abrigos e utilizar a água tratada de forma mais responsável, assim que não falte. A tomada rápida de decisões e o trabalho em equipe são desafios práticos e podem ser bastante eficientes quando existem metas e pessoas comprometidas com o meio ambiente.

RESULTADOS

Na primeira experiência do projeto, em outubro de 2019, houve a participação de 42 migrantes, divididos em duas turmas. O foco era o saneamento, com vistas ao uso sustentável da água e a higiene. A senhora Moraima Ruiz, que participou do primeiro curso, faz parte de um grupo de limpeza de um dos banheiros do abrigo Jardim Floresta e fiscaliza quando há problema de vazamento, ou quando está sujo. *“Aquí, yo y otros voluntarios siempre estamos buscando mantener nuestro lugar limpio y también recomendamos a las personas que no tomen mucho tiempo en el baño para no desperdiciar el agua”*, relatou a abrigada, que usa o diálogo com as pessoas à sua volta sobre o consumo consciente de água. A equipe de limpeza foi uma das propostas apresentadas pelos alunos durante a capacitação.

Foto 3: Senhora Moraima, uma das líderes do grupo de limpeza



Fonte: Arquivo NMA/CAER, 2019.

No referido período, havia uma população de 593 venezuelanos e um consumo mensal de 245 m³ (metros cúbicos) de água. O valor pago

pelo Exército Brasileiro foi de R\$ 7.144,60 (sete mil cento e quarenta e quatro reais e sessenta centavos). O efeito, após o curso, apareceu gradativamente nos meses seguintes. É compreensível a demora em atingir os resultados esperados, devido ao pequeno percentual de abrigados nessa primeira experiência. Mas, aos poucos, os multiplicadores conseguiram reverter o quadro de desperdício, conforme a tabela 1.

Tabela 1: Consumo de água registrado nos três meses

Data de leitura informada	Consumo de água (m ³)	Valor (R\$)
01/10/2019	245	7.144,60
04/11/2019	320	9.696,24
02/12/2019	262	7.722,97

Fonte: Divisão de Leitura e Consumo da CAER/2019.

Já no mês de janeiro de 2020, houve uma redução no número de abrigados, chegando a 530. Porém, o consumo aumentou de forma significativa, até 287 m³, em decorrência, principalmente, de vazamentos de água. Por esta razão, o NMA ofereceu no mês de fevereiro a Capacitação em Saneamento, com foco no uso consciente do recurso hídrico, e incluiu a Oficina de Manutenção Hidráulica para que os participantes aprendessem a consertar pequenos vazamentos nas torneiras e tubulações. As atividades foram de baixo custo para as agências internacionais parceiras, as quais forneceram os equipamentos necessários para a oficina. Os cursos geraram resultados positivos nos meses seguintes, de acordo com a tabela 2:

Tabela 2: Consumo de água registrado pela CAER

Data de leitura informada	Consumo de água (m ³)	Valor (R\$)
03/01/2020	287	8.573,52
03/02/2020	159	3.926,95
02/03/2020	082	1.546,59

Fonte: Divisão de Leitura e Consumo da CAER/2020.

Além do conhecimento técnico, o curso proporcionou aos venezuelanos uma oportunidade de atuarem como prestadores de serviços de manutenção hidráulica na comunidade, contribuindo para o processo de geração de renda, bem como de promoção do desenvolvimento econômico local. Nesta etapa, um dos profissionais do NMA, com formação em Gestão Empresarial, compartilhou informações de como empreender e divulgar serviços utilizando técnicas de vendas.

A metodologia de EA aplicada gerou ações ambientais práticas dentro do abrigo e contribuiu para a sensibilização da coletividade e para o aprendizado de cada um.

Para a senhora Greisy Hurtado, que participou dos dois cursos, as aulas foram muito úteis. *“Aprendí muchas cosas sobre la reparación de grifos de agua blanca. Lo que más me gustó fue arreglar los grifos en el refugio, y que quedaron excelentes”*, declarou a migrante.

Foto 4: Aluna consertando torneira



Fonte: Arquivo NMA/Caer, 2020.

A Capacitação em Saneamento e a Oficina de Manutenção Hidráulica, aliadas à Educação Ambiental, tiveram o propósito de

conscientizar os abrigados para o correto consumo da água e para o cuidado com a estrutura hidráulica do abrigo, evitando novos vazamentos e, conseqüentemente, o desperdício. Também serviram para que os migrantes tivessem conhecimento sobre o uso adequado da rede de esgoto, evitando o descarte de resíduos nas pias e vasos sanitários.

Os monitores, que trabalham dentro do abrigo Jardim Floresta, ajudaram na mobilização dos migrantes e refugiados interessados nos cursos teórico e prático. A monitora Yurianny Martinez percebeu uma melhora na limpeza do abrigo e disse que também aprendeu a trocar torneiras durante a oficina.

A presença das mulheres foi expressiva; elas participaram de forma ativa na manutenção das instalações hidráulicas, mostrando interesse e compreensão dos ensinamentos.

Na atividade prática, os alunos, sob a orientação dos técnicos da CAER, consertaram vazamentos identificados nas torneiras da área de lavagem de roupas e tiraram dúvidas sobre as normas técnicas referentes ao sistema de distribuição de água. A metodologia experimental possibilitou desenvolver as habilidades e competências de cada um e integrar o grupo, para um trabalho eficiente.

Foto 5: Aula prática de manutenção hidráulica



Fonte: Arquivo NMA/CAER, 2020.

A manutenção preventiva é fundamental para garantir a durabilidade das instalações, evitando desgastes naturais das estruturas. Além disso, o conhecimento adquirido ajuda a reduzir riscos e prejuízos com reparos e, principalmente, a economizar água tratada, evitando desperdício.

O senhor Yogli Opereza, que também participou da Oficina de Manutenção Hidráulica, afirmou que não é difícil fazer pequenos reparos, mas “*es necesario que todos contribuyan a terminar con las fugas y el desperdicio de agua*”. O alerta do senhor Opereza é um reflexo da sensibilização e da conscientização ambiental incutidas nos conceitos apresentados e debatidos. Neste contexto, a EA não formal aparece como “mais uma ferramenta de mediação necessária entre culturas, comportamentos diferenciados e interesses de grupos sociais para a construção das transformações desejadas”, segundo Tamaio (2000). Essa “mediação” é exercida por profissionais do Núcleo de Meio Ambiente da CAER ligados às questões do meio ambiente; eles têm como meta desenvolver projetos socioambientais, para despertar a responsabilidade em cada cidadão para o uso consciente da água.

A população do abrigo Jardim Floresta, mais atenta à sua realidade, procura desenvolver uma compreensão integrada do meio ambiente, respeitando os aspectos ecológicos, legais, sociais e éticos, para o melhor aproveitamento dos recursos hídricos. Nenhum esforço é perdido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sensibilização e mobilização de migrantes e refugiados, por meio das capacitações, são processos longos e que devem ser permanentes, em função da rotatividade de pessoas no abrigo. É importante destacar que a cada curso anunciado, muitos migrantes procuram se inscrever, mas nem todos conseguem vaga. Na Oficina de Manutenção, por exemplo, mais de 30 pessoas procuraram pela inscrição. Mas, devido ao espaço reduzido, houve um limite de participantes. O interesse pela capacitação é um indicador de que há uma demanda crescente por qualificação e por conhecimento. Um migrante capacitado se torna, imediatamente, um replicador do conteúdo aprendido, contribuindo com a educação ambiental da comunidade abrigada. Em um cenário de

refúgio temporário, ações educativas são um dos melhores investimentos para gerar oportunidades para uma população carente de educação formal.

Neste período de pandemia do Covid-19, a estratégia sugerida pelo NMA para manter as capacitações, é usar plataforma online, através da qual os alunos são convidados a participar com desafios, resolução de problemas e busca do conhecimento com pesquisas paralelas e complementares.

Pessoas sensibilizadas, por meio da EA, são mais abertas à reflexão crítica e compreendem melhor as relações que se estabelecem nos ecossistemas naturais. Cada ser humano tem uma forma diferente de enxergar o meio onde vive e de contribuir para melhorar a sua condição de vida (TUAN, 1980). Essa visão sobre o cotidiano e os problemas ambientais que afetam toda uma comunidade ou cidade revela um vasto campo de experimentação.

A população, ainda sem práticas sustentáveis, não imagina que está comprometendo o futuro do ambiente ao seu redor, enquanto a concessionária e os órgãos públicos tentam minimizar os estragos. O problema é que reverter a situação depois que o dano já foi feito é muito mais trabalhoso e consome muito mais recursos.

As boas práticas podem contribuir com as atividades internas e formar pessoas mais responsáveis e sensíveis às questões ambientais, ao cuidado com a água, pois este é um recurso natural essencial para a vida de todos.

Foto 6: Entrega de certificados aos participantes



Fonte: Arquivo NMA/CAER, 2020.

A experiência mostra que, quando há um processo de conscientização, a resposta das pessoas é imediata. Isso é parte do compromisso da CAER, através do Programa Socioambiental criado pela empresa para estimular atitudes saudáveis.

Formar cidadãos capazes de criar novos valores e hábitos sustentáveis é um desafio diário. A reta atuação de cada abrigado parece pouco, porém, se todos se conscientizarem, por meio da EA, acerca dos níveis de consumo de água potável, os resultados serão enormes.

O apoio do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – ACNUR, do Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF, do Conselho Norueguês para Refugiados – NRC, da Associação Voluntários para o Serviço Internacional – AVSI e dos monitores da Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais – ADRA, foi essencial para que o projeto piloto do NMA fosse realizado com sucesso no abrigo Jardim Floresta. A divulgação dos cursos e a mobilização dos migrantes, com o auxílio dos parceiros, foram os primeiros passos para formar as turmas de multiplicadores. Agradecemos também a participação da Vigilância em Saúde Ambiental do Estado, que auxiliou os migrantes na parte de higiene e saúde.

REFERÊNCIAS

BRASIL (1997). **Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997**. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, regulamenta o inciso XIX do art. 21 da Constituição Federal, e altera o art. 1º da Lei nº 8.001, de 13 de março de 1990, que modificou a Lei nº 7.990, de 28 de dezembro de 1989. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF 09/01/1997, P. 470. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9433.htm. Acesso em: 10 jul.2020.

_____. (1999). **Lei nº 9.795, 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm. Acesso em: 13 jul. 2020.

_____. (2000). **Lei nº 9.984, de 17 de julho de 2000**. Dispõe sobre a criação da Agência Nacional de Águas - ANA, entidade federal de implementação da Política Nacional de Recursos Hídricos e de coordenação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, DF, 18 de julho de 2000, P. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9984.htm. Acesso em: 10 jul.2020.

CAER (s.d.). **Ações Ambientais**: Oficina de saneamento e higiene para refugiados. Disponível em: <http://www.caer.com.br/ambiental/#acoes-ambientais>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CARVALHO, L. M. et al. (1996). Conceitos, Valores e Participação Política. In: Trajber, R; Manzochi, M.L. (Orgs) **Avaliando Educação Ambiental no Brasil**: materiais impressos. São Paulo: Gaia.

FREIRE, Paulo (2001). **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

IMDH; MIGRA MUNDOS; FICA (2019). **Migrações, Refúgio e Apátridia** - Guia para Comunicadores.

Instituto Trata Brasil 2020 (2018). **Ranking do Saneamento (snis 2018)**. Disponível em: http://www.tratabrasil.org.br/images/estudos/itb/ranking_2020/Relatorio__Ranking_2020_18.pdf. Acesso em: 20 jul. 2020.

RORAIMA (2004). **Lei nº 445, de 07 de junho de 2004**. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Estadual de Educação Ambiental, cria o Programa Estadual de Educação Ambiental. Disponível em: <https://www.tjrr.jus.br/legislacao/phocadownload/leisOrdinarias/2004/Lei%20Estadual%20445-2004.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2020.

TAMAIÓ, I. (2000). **A Mediação do professor na construção do conceito de natureza**. Campinas. Dissertação (Mestrado). Campinas: FE/Unicamp. Disponível em: http://www.epea.tmp.br/epea2001_anais/pdfs/plenary/tr26.pdf. Acesso em: 18 jul. 2020.

TUAN, Yi-Fu (1980). **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL.

UNICEF (s.d.). **Crise migratória venezuelana no Brasil**. O trabalho do UNICEF para garantir os direitos das crianças venezuelanas migrantes. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>. Acesso em: 10 jul. 2020.



Capítulo 7

Migração venezuelana na perspectiva das Mulheres

Viviane Lima de Almeida Oliveira
Eliane Silvia Costa

MIGRAÇÃO VENEZUELANA NA PERSPECTIVA DAS MULHERES¹

VENEZUELAN MIGRATION FROM THE PERSPECTIVE OF WOMEN

*Viviane Lima de Almeida Oliveira*²

*Eliane Silvia Costa*³

RESUMO: Este artigo representa um pequeno fragmento da Dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira da Universidade Federal de Roraima e teve como objetivo analisar a migração feminina realizada por venezuelanas com destino a Boa Vista, Roraima, tentando entender o que leva uma pessoa a sair do seu lugar de origem e migrar para um lugar indefinido, requerendo compreender quais pontos positivos e negativos envolveram essa decisão e a experiência no novo território boa-vistense. Foram realizadas entrevistas qualitativas com quatro mulheres migrantes, que se encontravam morando no espaço localizado no entorno da Rodoviária Internacional de Boa Vista-RR. São essas mulheres, suas forças e seus dilemas que buscamos conhecer. Como resultados da pesquisa, foi possível conhecer a trajetória de vida delas, o que as fizeram decidir por migrar, como eram suas vidas no local de partida, como está sendo suas vidas no local provisório de chegada, as transformações vividas por elas das quais brotaram uma força que nem imaginavam possuir para que pudessem enfrentar os contratempos encontrados durante o percurso migratório, as adversidades que tiveram e que ainda têm que continuar enfrentando seja no local de partida ou no local provisório de chegada.

¹ Este texto é um fragmento da Dissertação de mestrado intitulada 'Mulheres migrantes: trajetórias de venezuelanas em Boa Vista, RR' defendida em 2020 no Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima, na linha de pesquisa Fronteira e Processos Socioculturais, sob a orientação da professora doutora Eliane Silva Costa.

² Cientista Social. Mestre em Sociedade e Fronteiras; pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Fronteiras (GEIFRON/PPGSOF/UFRR).

³ Doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP (IPUSP), com formação em Psicanálise dos Laços Sociais pelo Institut de Recherche en Psychothérapie (France) e pelo Laboratório de Estudos em Psicanálise e Psicologia Social do IPUSP (LAPSO-IPUSP). Professora da Universidade Federal de Roraima.

Palavras-chave: Migração em Roraima. Migração venezuelana. Migração feminina. Gênero. Psicologia Social.

ABSTRACT: *This article represents a small fragment of the Master's Dissertation carried out in the Post-Graduate Program in Society and Border of the Federal University of Roraima and aimed to analyze the female migration carried out by Venezuelans to Boa Vista, Roraima, trying to understand what it takes a person to leave their place of origin and migrate to an indefinite place, requiring to understand which positive and negative points involved this decision and the experience in the new territory of Boa Vista. Qualitative interviews were conducted with four migrant women, who were living in the space located around the International Highway of Boa Vista-RR. It is these women, their strengths, and their dilemmas, that I have sought to know. As a result of the research, it was possible to know their life trajectory, what made them decide to migrate, what their lives were like at the place of departure and how their lives are at the provisional place of arrival, the transformations experienced by them sprang up in them a strength they did not even imagine they had so that they could face the setbacks encountered during the migratory journey, the adversities they had and must continue to face, either at the place of departure or at the provisional place of arrival.*

Keywords: *Migration in Roraima, Venezuelan migration, Female migration, Gender, Social Psychology.*

INTRODUÇÃO

Este texto é um recorte da Dissertação de Mestrado fruto da participação no *Projeto Respeito à Diversidade: Defesa Pessoal e Rodas de Conversa*, um projeto de extensão da Universidade Federal de Roraima (RR) em parceria com a Organização das Nações Unidas (ONU), a Cáritas e o Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH). Nesse projeto tivemos a oportunidade de coordenar rodas de conversas em que as participantes eram pessoas LGBTIs⁴ e mulheres cis⁵ migrantes.

⁴ LGBTIs: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexo.

⁵ O termo cisgênero indica que a pessoa se identifica com o gênero que lhe foi atribuído socialmente. Assim, trata-se de um indivíduo que nasceu com os órgãos sexuais masculinos e se considera homem ou nasceu com os órgãos sexuais femininos e se considera mulher. Quando não ocorre esta identificação estamos falando de uma pessoa transgênero. Disponível em: <https://conceitos.com/cisgenero/>. Acesso em: 13 mai. 2019.

Nos encontros realizados semanalmente várias histórias de vida foram compartilhadas. Tendo em vista as falas relacionadas à migração, compreendemos que algumas dessas pessoas migraram buscando encontrar formas para se fortalecer e ajudar financeiramente os que ficaram em seus países: várias mulheres tinham filhos, maridos, pais e mães que ficaram à espera de apoio; outras pessoas justificavam a migração como sendo a possibilidade de renascer em outro país, pelo fato da discriminação vivida na Venezuela por ser membro do grupo LGBTI (talvez não soubessem que aqui também há discriminação). As mais diferentes e complexas histórias colaboraram para que se percebesse a importância que esses agentes sociais (as mulheres) representavam nessa migração emergencial.

Além das rodas de conversa, um dos pilares do projeto foram as aulas de defesa pessoal, que tinham como objetivo a possibilidade de oferecer às mulheres uma forma de autodefesa, já que Roraima é um dos Estados do Brasil com maior índice de violência contra as mulheres e a população LGBTI. Conforme o Atlas da Violência 2019 (IPEA, 2019) no ano de 2017 o Estado de Roraima apresentou a maior taxa de feminicídios por 100 mil mulheres (10,6), um índice mais de duas vezes superior à média nacional, com uma distância significativa dos Estados com taxas mais próximas (Acre e Rio Grande do Norte com 8,3). “As taxas de Roraima flutuaram ao longo da série histórica que vai de 2007 a 2017, mas chegaram a picos de 14,8, em 2013, 11,4, em 2015 e, com exceção de 2011, nos demais anos a taxa de feminicídio em Roraima foi superior à taxa brasileira”. (IPEA, 2019, s.p.).

Sequenciando essa experiência ocorreu a chance de trabalhar com a migração venezuelana em uma ONG que realiza chamadas internacionais gratuitamente, facilitando a comunicação dos(as) migrantes com seus familiares e amigos(as). O que era interesse foi tornando-se realidade: por meio desse trabalho tivemos a oportunidade de ampliar o contato direto com migrantes, em especial, com as mulheres. Logo, pudemos observar o processo feminino de migração de perto, inclusive, com acesso aos Abrigos de Refugiados pois, para atingir o maior número de beneficiários (as) de ligações telefônicas internacionais, era necessário que as equipes estivessem presentes nos lugares onde havia concentração de migrantes, tanto nos Abrigos de Refugiados como nos pontos de

apoio a eles, por exemplo, na Rodoviária Internacional de Boa Vista, na Igreja da Consolata, na operação dos Jesuítas, na Cáritas.

METODOLOGIA

Este estudo apresenta análises da trajetória de vida de quatro mulheres venezuelanas, levando em consideração que a trajetória de vida pode ser descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa e o curso de uma vida adquire sua estrutura pela localização desses acontecimentos e pelos estágios do tempo biográfico, sendo que a biografia além de incluir o local dos acontecimentos, soma também a opinião, os motivos e os planos futuros, assim como a percepção/interpretação do passado. (BORN, 2001).

Antes de apresentar as mulheres que fazem parte desta pesquisa, é importante apresentar a rodoviária e seu entorno, locais que fizeram parte constitutiva do campo desta pesquisa, a começar pelo Posto de Recepção das Pessoas Migrantes e Apoio, que está localizado no entorno da Rodoviária Internacional de Boa Vista e é dividido em 4 áreas: a primeira é a Base Milita no qual a (o) migrante é acolhida(o) por agências de ajuda humanitária parceiras e é direcionada(o) aos protocolos legais aos quais as pessoas devem se dirigir o mais breve possível, assim como para o cadastro ao processo de interiorização, o qual possibilita que ela(e) seja interiorizada(o) para outras partes do país. Nessa base também se encontra o guarda volumes, no qual os pertences das (os) migrantes são guardados. A segunda área refere-se ao espaço de pernoite onde os(as) migrantes podem dormir e se acomodar sob o olhar dos militares. Nela há cerca de 700 barracas estilo militares pequenas, cada uma comportaria no máximo uma pessoa, mas nessa situação emergencial é utilizada por um número maior de pessoas ao mesmo tempo. Também se encontram algumas barracas de porte maior, denominadas como “Barraca de Proteção” que são reservadas para pessoas que passam por situações dilemáticas, seja por alguma ameaça física e psicológica ou ainda em casos de problemas de saúde. Todos esses casos de proteção são direcionados com maior urgência para abrigos oficiais da Operação Acolhida. Um refeitório, construído

para que as (os) migrantes possam receber a alimentação diária, constitui a terceira área. Por fim, há outra área chamada lavanderia em que os(as) migrantes podem tomar banho, lavar suas roupas, deixar as crianças em um espaço educativo aos cuidados do UNICEF (Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância) em parceria com a Visão Mundial, ambas entidades voltadas principalmente para a ajuda humanitária de crianças e adolescentes, conforme figura 1.

Figura 1: PRA- Rodoviária Internacional de Boa Vista



Fonte: Operação Acolhida (2019).

O espaço da lavanderia, especificamente, foi o local escolhido para realizar as entrevistas, pois é o ambiente no qual, além de realizarem as necessidades básicas mencionadas, os(as) migrantes podem parar para conversar. Foi lá que encontramos as quatro mulheres que, por necessidade de encontrar ouvidos alheios e pelo desejo de compartilhar, prontamente, se dispuseram a relatar sobre suas trajetórias de vida.

A metodologia escolhida foi a observação participante que é uma técnica de investigação que usualmente se complementa com a entrevista semiestruturada ou livre (CORREA, 2009). A estadia dessas mulheres nesse local (lavanderia), já revela uma significação de como elas estão sendo inseridas no processo migratório do seu núcleo familiar. Explicamos: algumas das entrevistadas são casadas e vieram para Boa

Vista juntamente com seus companheiros e filhos e o fato de estarem diariamente nesse local enquanto seus companheiros buscam trabalho, nos faz pensar que o papel dessas mulheres no contexto da migração é, em certo nível, continuar como a protetora da família, sendo a que fica “em casa” cuidando dos afazeres do “lar”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A facilidade por encontrar essas mulheres na lavanderia remete à obrigação dos afazeres domésticos. Nesse local estão localizados o ambiente em que lavam-se as roupas, em que se toma banho e se dá banhos nas crianças e o ambiente escolar das crianças e isso permite perceber a existência de um acordo realizado entre os componentes do seu núcleo familiar de que elas assumem a responsabilidade de estar no local, assumindo o que se subentende como sendo obrigação delas, ou seja, lavar as roupas, dar banho nos filhos e se preocupar com a educação dos mesmos. Essa é uma primeira explicação plausível e que deve ser considerada, mas temos de nos perguntar se ela por si só é suficiente. Caso consideremos a lavanderia como sendo um espaço para essas mulheres muito além do lugar funcional onde se lava roupa, mas também como um centro de encontro onde compartilham e trocam as novidades, os endereços, as receitas, os remédios, as informações de todos os tipos o sentido atribuído a esse lugar amplia-se.

Apoiando-nos em escritos de Perrot (2006) sobre os espaços da lavanderia podemos entender que os lavadouros são também uma sociedade aberta de assistência mútua caso uma mulher esteja em um “atoleiro”, ali a acolhem. Dessa forma, a lavanderia aglutina uma soma de significados subjetivos e sociais que envolvem as relações sociais que dali surgem, configurando-se em um espaço de troca entre as mulheres.

A primeira pessoa da família da Beth a migrar foi a sua cunhada que atualmente mora nos EUA. Em seguida a sua mãe, duas irmãs e um primo migraram para Roraima e com o processo de interiorização sua mãe e suas irmãs foram para São Paulo e hoje estão no Rio Grande do Sul, na modalidade Abrigo/Abrigo. Posteriormente seu primo foi interiorizado para Mato Grosso para trabalhar. Somente no final do

ano de 2019 Beth, seu marido, seus dois filhos, uma de suas irmãs com um filho e outro irmão vieram para Roraima. Nota-se que a pioneira foi uma mulher que migrou sozinha. Ao total, em relação às pessoas adultas dessa família, migraram mais mulheres que homens, totalizando cinco enquanto migraram somente três homens.

A primeira entrevista foi realizada com Beth na manhã do dia 07 de novembro de 2019 e ela se encontrava acompanhada de seus dois filhos. Ela estava providenciando seus banhos e sua alimentação e o contato iniciou-se com a pesquisadora chegando ao local e brincando com seus filhos o que fez com que Beth procurasse saber o que a mesma estava fazendo ali e se precisava de alguma ajuda.

Encontramo-nos formalmente três vezes, sendo possível registrar as conversas que, somando, renderam mais de duas horas de conversas gravadas. No entanto, além desses encontros ocorreram outros pontuais em outros momentos, incluindo algumas vezes nas quais a mesma nos solicitou que a encontrássemos informalmente. Ao todo, entre encontros formais e informais, encontramos cinco ou seis vezes. Em média, nossas conversas eram longas, pois, como será verá na descrição das mesmas, ela tinha a necessidade de compartilhar com detalhes sua rotina, angústias e felicidades, entre outros aspectos.

Beth tem 32 anos, é negra, é casada com um homem racialmente branco, tem dois filhos sendo uma menina de 7 anos e um menino de 10 anos. Ela migrou junto com esse seu núcleo familiar, além de uma irmã com filho e um irmão e está no Brasil há mais de 8 meses. Quando a conhecemos tinha acabado de completar 3 meses de chegada em Boa Vista. Sua mãe foi a primeira pessoa da sua família a migrar para o Brasil, há cerca de um ano com duas filhas e um sobrinho.

A entrevistada trabalhava como professora de castelhano e inglês na Venezuela e abandonou seu trabalho para morar no Brasil, vindo do Estado de Sucre. Ela e sua família dormem na Rodoviária, no espaço em que ficam localizadas as barracas de pernoite. Seu marido trabalhava com mecânica de automóveis e eles estão juntos há 15 anos entre namoro, noivado e casamento. Esta é a sua primeira experiência migratória e a fez com recursos próprios.

Quando nos apresentou sua rotina no Brasil, contou-nos que acordava às cinco horas da manhã, às sete era obrigada pelas regras do

exército a sair do local da dormida, depois seguia caminhando até as “Monjas”, onde era servido o café da manhã para as mães com filhos e de lá ia para a Lavanderia onde tomava banho e dava o banho nos seus filhos que eram deixados na escolinha da UNICEF e, por volta de onze horas, seguia caminhando até o “Comedouro”, para buscar o almoço, depois retornava à Lavanderia, arrumava as crianças para a escolinha que fica na Igreja da Consolata e retornava à Lavanderia para fazer outros afazeres. No final da tarde voltava à Igreja para buscar as crianças e seguia para a fila das “Carpas” (barracas de dormir) onde pernoitava, sendo que tinha de higienizar e organizar o espaço para receber as crianças e na sequência ia até o “Comedouro” para buscar o jantar e, finalmente, descansar.

A primeira pessoa da família da Ruth a migrar foi sua irmã, na ocasião ela migrou sozinha para Roraima. Posteriormente veio a prima do seu esposo, que migrou para Roraima e foi interiorizada por reunificação social para o Rio Grande do Sul. Em seguida Ruth migrou para Roraima com seu esposo e seus dois filhos.

O primeiro contato com Ruth aconteceu junto com a entrevista de Beth em que as duas começaram a conversar e Ruth se interessou também em colaborar com a pesquisa, ou seja, deu-se de forma espontânea com ela envolvendo-se aos poucos na conversa com Beth, rapidamente se prontificou a participar da pesquisa, assim que o convite foi feito. Acreditamos que Ruth queria desabafar com alguém seus sentimentos de indignação.

Após a primeira conversa marcou-se um encontro na Lavanderia no dia 09 de novembro de 2019. Encontramo-nos formalmente por quatro vezes e Ruth foi a entrevistada com quem mais conversamos e nossos encontros renderam mais de 3 horas de gravação. Além desses encontros tivemos mais alguns informais que foram solicitados por ela. Ao todo aconteceram uns 7 ou 8 encontros. O seu processo migratório rendeu muitas mudanças, o que iremos perceber nas análises das entrevistas posteriormente.

Ruth tem 24 anos, é branca e, assim como Beth, migrou com seu núcleo familiar que, coincidentemente, também é de dois filhos, sendo uma menina de 2 anos e um menino de 6 anos e seu esposo. Ruth é do Estado de Barcelona/Oriente, da cidade de Porto La Cruz. Diferentemente de Beth, Ruth não trabalhava na Venezuela, apenas seu

esposo e sua função era ser dona de casa e cuidar dos filhos e do marido. Ela e sua família vieram até a fronteira na cidade de Pacaraima com recurso próprio e, chegando lá, foram inseridos no Abrigo BV-8 para um pernoite, em seguida vieram caminhando e pedindo carona até chegar à cidade de Boa Vista, juntamente com uma amiga.

Ruth não é a única de sua família que migrou para Roraima, pois já estava aqui sua irmã com os filhos em um abrigo, além de uma prima de seu esposo que já foi interiorizada.

A terceira entrevista é Mityali que, conforme podemos perceber, tem algumas características migratórias em comum com Beth, já que elas são irmãs e migraram juntas, vindo também o seu filho que à época tinha menos de um ano, além de um irmão. Nosso primeiro encontro foi no dia 21 de novembro de 2019 e, diferentemente da Beth, Mityali é muito introvertida, tem 28 anos e um único filho. Relata ter esposo, mas que não vive junto com ele. Mityali não estava trabalhando na Venezuela, mas afirmou que antes da crise venezuelana trabalhava no comércio como vendedora e que nos últimos meses estava se mantendo com os recursos que seu esposo enviava para ela, já que ele morava em uma outra cidade na Venezuela, onde permaneceu.

Encontramo-nos formalmente uma vez, diferentemente de Beth e Ruth, Mityali é muito reservada e nossa conversa durou pouco mais de vinte minutos, mas foi possível nos encontrar por mais algumas vezes informalmente, inclusive entre as conversas que tivemos com sua irmã Beth. Ao todo foram quatro vezes que nos encontramos.

A quarta entrevistada é Yexis que é uma mulher negra, cuja história migratória é um pouco mais complexa, pois quem primeiro migrou foi seu tio há alguns anos para Colômbia e lá constituiu família e retornou para Venezuela, mas, devido aos fatos correntes, retornou para Colômbia outra vez. Há pouco mais de dois anos, Yexis migrou para Roraima com sua irmã e seu pai, pouco tempo depois ela e seu pai retornaram à Venezuela e sua irmã permaneceu no Brasil. Posteriormente, ela refez o trajeto migratório para Roraima, mas, agora com outra irmã. Suas duas irmãs foram interiorizadas para São Paulo por reunificação social e Yexis ficou em Roraima e posteriormente conseguiu trazer seus pais e sua filha, unindo-se a seu atual esposo e seu novo filho.

Nós nos encontramos na área das carpas de proteção no dia 07 de dezembro de 2019 e ela estava morando em uma barraca destinada a

casos de proteção, que fica localizada na área de pernoite da Rodoviária. Ela tem 20 anos e se encontrava morando com seus pais, dois filhos, sendo uma menina e um menino e seu esposo. Eu já a conhecia de um abrigo no qual trabalhei nas visitas que fazia com a ONG de telefonia e o contato também foi de forma tranquila, pois prontamente se interessou em compartilhar sua trajetória. Yexis é da cidade de Monagas, morava com seus pais e só estudava.

Com Yexis só foi possível um encontro formal que durou por cerca de cinquenta minutos e não ocorreu nenhum encontro informal, pois estava com o pai muito doente e foi logo transferida para um abrigo.

As trajetórias de migração de cada uma dessas mulheres são bem diferentes e suas memórias apresentam elementos importantes para pensar a feminização das migrações. A trajetória de Beth ilustra bem esta realidade.

Sou do Estado de Sucre, minha pátria amada, era muito feliz, muito alegre eu era. Eu era professora de castelhano e de inglês, adorava meu trabalho, muito tempo trabalhando com meus alunos nas escolas, deixei as aulas na metade, tive que deixar para poder vir para cá, em escola do governo, tinha minha casa e todas as minhas coisas, me dá muita tristeza, tantos anos para construir minha casa, meu lugar, todas as minhas coisas e vim para cá sem destino, com uma maleta algumas coisas nas mãos (choro). Minha vida na Venezuela era ir trabalhar, levar meus filhos para a escola, depois voltava para casa a cozinhar, fazia as coisas que precisava fazer e ia para casa de minha mãe, toda minha família é muito unida, e todos íamos para lá ficávamos até as sete da noite, e isso estou falando de minha mãe, porque ela gostava de fazer as coisas lá, mas íamos as praças, ao shopping, era muito diferente, muito diferente. (Pesquisa de Campo com Beth, 2019-2020).

Ao lembrar do seu passado Beth se percebe em meio às suas lembranças mais felizes e tenta resgatar os momentos que a levam à contemplação de uma época que não imaginou interromper. Assim como nos salientou Bosi (2003) a nostalgia revela sua outra face: a crítica da sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa que foi perdida.

Nós dois fazíamos tudo em casa, nós dois trabalhávamos e comprávamos juntos tudo da nossa casa, e tudo era bem e feliz, e tínhamos muitas coisas, porque nossa situação não era a mesma que agora, ele estava numa empresa muito boa, viajávamos, comprávamos e ainda sobrava dinheiro. (Pesquisa de Campo com Beth, 2019-2020).

A descrição feita por Beth elenca os buracos que foram deixados em sua vida cotidiana em função da situação político-econômica pela qual passava seu país e a decorrente migração, ou seja, pela necessidade de ter que abandonar seu lugar de origem, deixar para trás suas raízes, suas histórias, seus planos futuros, seu contexto social para buscar se reorganizar e estruturar outros planos.

Eu trabalhava, mas quando dei à luz a eles [filhos], eu parei de trabalhar, trabalhava cuidando de criança e vendendo coisas, e cuidando de meus filhos. Eu gosto muito de cozinhar, a minha cidade é turística. Venezuela é muito bela, em todas as partes têm um atrativo natural, aqui no Brasil também tem, mas é muito longe, lá é em todos os lugares. (Pesquisa de Campo com Ruth, 2019 – 2020).

Depois que nasceram seus filhos, Ruth tornou-se a típica mãe da família tradicional: se mantinha nos cuidados dos filhos, da casa e do marido. Mas é interessante notar que, ao falar de sua vida antes e depois de ter filhos, Ruth revelou certa dubiedade, pois por um lado salientou que parou de trabalhar, mas mencionou que trabalhava cuidando de criança e vendendo coisas. Não por acaso titubeou, pois, cuidar dos filhos e vender coisas são atividades não vistas como de trabalho. Trata-se daquilo que Esteves (2007) chamou de trabalho invisível, isso é, de trabalho que não é socialmente reconhecido como trabalho, apesar de gerar ganho econômico, seja porque não se gasta com a contratação de alguém para fazer aquela tarefa, seja porque possibilita o recebimento de algum dinheiro, mas de forma esporádica. Em todo caso, o que se percebe é que Ruth desemprenhava múltiplos papéis só que de maneira camuflada. Ela apresentou, também, o afeto carregado por seu país e a dor que está sentindo por ter sido obrigada a deixá-lo. Quando fala do prazer em cozinhar se recorda dos pratos típicos venezuelanos e por, alguns instantes, troca sentimentos doces com Beth. Esse tipo de recordação a deixa emotiva, o que nos remete a Bosi (2003), que escreveu que a fala emotiva e fragmentada é portadora de significados que nos aproximam da verdade da pessoa, complementamos com o misto de prazer e sofrimento que essas recordações trazem. O mesmo aconteceu com o choro de Beth quando recordou das comidas e se emocionou resgatando em suas memórias os sabores e cheiros daqueles momentos.

Mityali relatou que tinha dificuldade para sobreviver. Em suas palavras:

Eu vivia com minha mãe, tranquila, mas a questão é que com tudo isso eu não tinha trabalho, o que o pai do meu filho me mandava não dava para sobreviver, se eu comprava uma coisa, não conseguia comprar outra. Pelo que me lembro não me faltava nada [quando era pequena], mas para meu filho falta tudo. (Pesquisa de Campo com Mityali, 2019-2020).

Diferente de sua irmã Beth, Mityali não se recorda com a mesma paixão e isso nos remete a pensar que, por estar ainda construindo sua vida, os seus parâmetros de avaliação de sua vida, estejam correlacionados a outros vieses, como por exemplo, ser mãe solteira e estar ainda na dependência de sua mãe ou ainda uma carreira profissional como foi constituída por sua irmã Beth.

Quando questionada como era sua vida na Venezuela, Yexis relata que foi

Difícil, muito difícil, tínhamos que sair para o mercado para ver se conseguíamos sardinha, açúcar, para poder comer, às vezes comíamos quando tinha, mas o trabalho que minha mãe tinha não dava para comprar nada, tínhamos que fazer assim, Eu estudava, levantava todos os dias as seis da manhã, ajudava minha mãe, porque ela saía para trabalhar as seis e meia, acordava com ela, tomava café junto com ela, lhe acompanhava e depois ia para a escola. (Pesquisa de Campo com Yexis, 2019-2020).

A descrição do seu passado difere da descrição afetuosa relatada por Beth e Ruth, assim como Mityali, Yexis também não tinha uma vida estruturada e independente de sua mãe.

Para a compreensão desse contexto migratório é importante delinear o espaço geográfico onde ocorrem de fato tal processo. Podemos inicialmente compreender um pouco sobre as cidades fronteiras entre os dois países, Brasil e Venezuela, assim tornando real o percurso realizado por essas mulheres ao longo da sua trajetória de deslocamento.

Santa Elena tem por volta de 90 anos de fundação. Dessa forma, sua constituição atual conserva boa parte da composição originária liderada por famílias venezuelanas, com frequência vinculadas a oficiais militares, beneficiários das antigas concessões das minas, descendentes de funcionários

públicos que chegaram nos programas de povoamento do sul e, até garimpeiros brasileiros com residência permanente ou naturalizados. À margem desse perfil, encontram-se aqueles venezuelanos ou estrangeiros que - em um outro tempo - escolheram Santa Elena pela tranquilidade, a possibilidade de morar em contato com a natureza, empreender projetos econômicos independentes e um modo de “vida de vida” que poderia ser descrito como alternativo às atividades tradicionais e comuns no lugar. (RAMOS, 2019, p.128).

Como podemos perceber a condição da cidade de Santa Helena de Uairén como final de percurso migratório das (os) venezuelanas (os) mudou. Os caminhos percorridos pelas (os) migrantes ultrapassa a fronteira nacional e a forma como esse avançar acontece varia de acordo com as necessidades daqueles (as) que migram, por vezes chegam a pé, às vezes de carona, ônibus etc. Atravessam a fronteira Brasil/Venezuela pelas cidades de Santa Helena de Uiarén com Pacaraima, mas muitas vezes estão à procura de outros lugares, nos casos das entrevistadas, o destino delas era Boa Vista, mesmo que temporário. Ainda assim, tal percurso se faz necessário para adentrar ao país pela fronteira com a Venezuela. As entrevistadas descreveram sua chegada carregada de significados, demonstraram o quão dolorido foi deixar o seu país de origem e como muitas vezes foi sacrificante o deslocamento.

Nós já estamos há 3 meses aqui no Brasil, vim da Venezuela com meu coração apertado, porque amo meu país, amo muitíssimo meu país, não queria deixar meu país. Minha mãe já tinha um ano e meio aqui, mas eu não queria ficar aqui, pois como te disse anteriormente, amo muito meu país, minha vida que tinha em meu país, meus filhos nasceram em meu país, eu cresci como mãe em meu país, cresci profissionalmente em meu país, deixei meu trabalho lá. Viemos por nossos meios, pagando passagem para cá, de ônibus, nós custeamos toda nossa viagem até aqui.

Deixei minhas coisas lá, quando vim não vim alegre, não, eu vim muito triste, muito triste deixar a Venezuela, por isso que não gosto de ligar para lá, porque sempre choro, sim, choro, choro. (Pesquisa de Campo com Beth, 2019-2020).

Beth imprime em sua fala o sentimento de nacionalismo em referência ao seu país, já que veio para o Brasil sem desejar. A despeito de sua mãe já ter migrado para cá há um tempo significativo, Beth teve de abandonar o lugar que ama muitíssimo e que lhe proporcionou se transformar de filha em mãe e trabalhadora. Na Venezuela aprendeu,

gerou frutos e tornou-se a mulher que é. Está contida neste trecho desse seu depoimento parte das experiências de vida que pôde viver em seu país e dos vínculos que construiu durante sua vida.

Sobre a articulação entre sobrevivência e laços afetivos Beth sintetiza que, “além da falta de trabalho” um dos motivos principais da sua migração também foi o fato de seu filho estar doente e sem o trabalho não teria como manter-se lá e cuidar dele. “Devido ao processo de desmonte vivido na Venezuela, as condições de saúde pública e privada do país estão em depreciação” o que a impede de seguir com o tratamento da enfermidade do seu filho.

Mityali também se preocupa com seu filho, com a qualidade de vida a oferecer para ele e para ela própria. Veio porque há desemprego na Venezuela e porque sua mãe já estava no Brasil e quis se reaproximar dela.

Para buscar uma melhor condição de vida para meu filho e para mim, e por esse motivo (risos), lá na Venezuela está muito complicado, não conseguimos emprego, e se conseguimos o dinheiro que ganhamos já não dá para sobreviver. Vim porque minha mãe estava aqui, ela está em São Paulo e eu quero estar com ela (Pesquisa de Campo com Mityali, 2019 – 2020).

Conforme as trajetórias migratórias analisadas, nenhuma das mulheres migrou sozinha. Mityali e Beth, sendo irmãs, vieram em dupla e acompanhadas de suas famílias, incluindo irmão, marido e filhos. Ruth que veio com sua família nuclear e um irmão e Yexis que sempre contou com a companhia de uma irmã ou ainda de seu pai. Todas vieram apoiadas em seus laços familiares e de amizade. Entretanto, elas não dependem dos homens dos seus núcleos familiares ou afetivos nos processos migratórios.

O protagonismo revelado em suas atitudes e no cotidiano da luta pela sobrevivência demonstra que elas vão abrindo caminhos sozinhas, independentemente dos homens. Ao mesmo tempo, como ocorre com Yexis que migrou juntamente com sua irmã, muitas mulheres não dependem nem da decisão nem do controle dos homens para a tomada de decisão para o deslocamento migratório. Beth, Mityali e Ruth vieram para o Brasil porque já tinham parentes aqui. Esta dinâmica revela a existência das redes migratórias apresentadas por Assis que afirma que

“não é incomum mulheres migrarem para lugares nos quais já possuem receptores”. (ASSIS, 2004, p. 28).

Como filhas, mães e esposas nas falas dessas mulheres a preocupação com a qualidade de vida de suas famílias foi central na decisão de sair em busca de sobrevivência ou melhoria de vida. A responsabilidade de mães protetoras as impulsionou para o desafio a enfrentar e o que importava era conseguir alcançar o objetivo ou tentar fazer alguma coisa para mudar a difícil realidade que não estava de acordo com o que sonharam para suas famílias e, em especial, para seus filhos. No caso de Yexis, ainda tinha que cuidar dos seus pais. Esta é a realidade de muitas migrantes. De acordo com Oliveira (2016) uma média de 4 a 5 pessoas depende das remessas enviadas pela mulher que migra.

O envio das remessas representa a extensão das responsabilidades assumidas pelas trabalhadoras migrantes que deixam nas sociedades de origem parte da família que depende direta e indiretamente do trabalho destas mulheres. A obrigatoriedade do envio das remessas funciona também como uma forma de contenção da tensão permanente a que são submetidas as migrantes na condição de trabalhadoras internacionais inseridas no mercado formal e informal do trabalho. Mediante a eminência do retorno fracassado ou a oposição às condições de exploração da força trabalho a que são submetidas, as mulheres recordam-se da obrigatoriedade do envio permanente das remessas. Muitas migrantes sabem que do seu trabalho dependem muitas pessoas, especialmente os filhos em idade menor. Quando deixam os filhos ou os parentes dependentes nos países de origem, as trabalhadoras se veem mais “liberadas” para o trabalho, o que pode facilitar a submissão à exploração da sua força de trabalho no país estrangeiro. Quando os filhos estão na companhia da mãe no exterior, o desafio é conciliar o trabalho externo e as responsabilidades domésticas, o que faz com que se submetam, muitas vezes, a uma dupla e até mesmo tripla jornada de trabalho. Nessas condições de subemprego e de exploração do trabalho, as migrantes veem cair por terra a expectativa do pleno emprego. (OLIVEIRA, 2016, p. 163).

De modo geral, as pessoas dependentes da economia das remessas estão vinculadas ao núcleo familiar. As histórias de vida das mulheres desta pesquisa permitem compreender a importância da discussão de gênero no contexto migratório, assim como o debate sobre raça/etnia e classe. Biroli e Miguel afirmam que “gênero, raça e classe são conceitos utilizados para compreensão de desigualdades presentes nas sociedades contemporâneas, quais sejam: a opressão de gênero (sexismo), a

opressão étnico-racial (racismo) e a opressão de classe (classismo)” (BIROLI e MIGUEL, 2015, p. 28).

A intersecção entre raça, classe e gênero é pertinente para os debates sobre migração, mesmo porque, como definiu Sayad (1998), o contexto migratório é interdisciplinar ou, ainda, um fato social total, pressupondo que cada sujeito que migra deve ser analisado tendo como princípio motor o enlace entre diferentes aspectos. Neste caso, a intersecção gênero, raça/etnia, classe e migração representa formas múltiplas de opressão. Ser mulher, negra, pobre e migrante revela distintas faces de opressões diversas sobre o mesmo corpo.

As mulheres vêm migrando com maior intensidade com o passar dos anos e estão cada vez mais se reconhecendo como agentes do processo ao se perceberem capazes de tomar tal decisão e, sobretudo, de assumir a responsabilidade de migrar, sozinha ou acompanhada (ASSIS, 2007). Delinear esse caminho tendo como pano de fundo as modalidades de dominação, permite discorrer sobre a trajetória que foi e está sendo percorrida por essas mulheres. Conclui-se que se o sexismo perpetua privilégios materiais e simbólicos ao homem heterossexual e que sexismo, racismo, classicismo e xenofobia entrecruzados possibilitam dominação interseccionada às custas da exploração de mulheres migrantes, pobres e não brancas, perfil comum das mulheres venezuelanas em Boa Vista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Migrar, para essas mulheres, tem um sentido de precisar se desprender daquilo que idealizaram na sua vida e começar do zero, sem ter nada concreto, sem poder contar com aquela estrutura que fora construída, pois, em um contexto migratório, algumas pessoas conseguem sair do seu lugar de partida contando com alguns bens materiais. No caso dessas mulheres o que elas possuem é a força de vontade de recuperar a sua dignidade, pois estão submersas em um processo de humilhação constante.

Migrar também pode significar buscar outros caminhos de soluções para conflitos internos e familiares. São escolhas que nem sempre se percebe espontaneamente, mas que em um dado momento pode vir a desembocar em mudanças radicais. As transformações objetivas e

subjetivas irão ocorrer de forma que abrangerão o universo privado e público dessas mulheres, podendo fortalecer seus novos objetivos ou causando ainda mais receios na tomada das decisões, como por exemplo, uma possível separação entre casais, qual destino tomar, de que maneira lidar com a nova estrutura social. Entendendo sob a perspectiva de gênero o peso da mulher na sociedade é associado à estrutura familiar, ou seja, as decisões dela têm inicialmente que ser levada em consideração e mantida sob observação para sentir os efeitos que causarão no ambiente familiar e social.

Percebe-se que as quatro mulheres entrevistadas protagonizam suas histórias migratórias, pois dão a cara e a voz delas ao processo no qual estão inseridas: visibilizam-se ao demarcar seus desejos, anseios, indagações, ações e reinvenções. São elas que direcionam parte significativa das decisões ou, ainda, são elas que muitas vezes tomam a decisão sobre qual caminho devem seguir. Tal protagonismo vem reafirmar que a feminização da migração está em prática.

As mulheres carregam consigo a responsabilidade de reorganização da família, pois, em função do sexismo ou mais especificamente dos papéis de gênero, portanto, do lugar ideológico, essencialista e estereotipado atribuído a elas, toda e qualquer tomada de decisão vai acarretar reordenamento nas funções estruturais dessas famílias e da rede social em que estão inseridas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira (2004). **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. Campinas: Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

_____. (2007). Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 15, n° 3, pp. 745-772.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe (2015). Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das

desigualdades. Mediações – **Revista de Ciências Sociais**. v. 20, n. 2, pp. 27-55.

BORN, Claudia (2001). Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **Sociologias**, n.5. Porto Alegre. Jan/Jun. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222001000100011>. Acesso em: 18 set. 2019.

BOSI, Ecléa (2003). **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial.

CORREIA, Maria da Conceição Batista (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 30-36.

ESTEVES, Egeu (2007). As formas invisíveis do trabalho. In.: FAVARETO, Arilson; ESTEVES; MAGALHAES, Egeu Reginaldo. **Metodologia para um índice de desenvolvimento em empreendimentos solidários**. São Paulo: CUT, pp. 55-61.

IPEA (2019). **Atlas da Violência 2019**. Políticas públicas e retratos dos municípios brasileiros. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

OLIVEIRA, Márcia Maria de (2016). **Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea**. São Carlos: Editora Scienza.

PERROT, Michelle (1998). **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Trad: Denise Bottmann- Rio de Janeiro: Paz e Terra.

RAMOS, Morelia Morillo (2019). **Fronteiras inflamáveis**: migração e comercialização do combustível na cidade de Santa Elena do Uairén (Venezuela). Boa Vista: Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação Sociedade e Fronteiras, Universidade Federal de Roraima, 139 p.

SAYAD, A. (1998). **A imigração**. São Paulo: EDUSP.



Capítulo 8

Violências entrecruzada: apontamentos sobre migrantes LGBTI venezuelanos em Roraima

Welthon Leal
Caobe Rodrigues
Márcia Maria de Oliveira

VIOLÊNCIAS ENTRELAÇADAS: APONTAMENTOS SOBRE MIGRANTES LGBTI VENEZUELANOS EM RORAIMA

*INTERWINED VIOLENCE: NOTES ON VENEZUELAN
LGBTI MIGRANTS IN RORAIMA*

Wellthon Leal¹

Caobe Lucas Rodrigues de Sousa²

Márcia Maria de Oliveira³

RESUMO: O objetivo deste artigo é trazer algumas reflexões sobre aspectos da migração venezuelana no Brasil considerando especificidades dos/das migrantes LGBTI no estado de Roraima. A partir de levantamentos bibliográficos, entrevistas e observações realizadas em Boa Vista, capital de Roraima, evidencia-se que antes de serem expostos/as a situações de xenofobia na sociedade receptora, estas pessoas deparam-se com discriminações e violências por conta de suas identidades de gênero e orientações sexuais tanto pela sociedade brasileira quanto por outros migrantes venezuelanos. Constata-se, portanto, que as narrativas desta população são profundamente marcadas por processos de violências entrelaçados. Apesar de filiados a tendências políticas comumente tidas como opostas, discursos dos governantes de ambos os países sinalizam a omissão frente às violações de direitos humanos enfrentadas por migrantes venezuelanos LGBTI no Brasil.

Palavras-chave: LGBTI. Migrações. Direitos Humanos.

ABSTRACT: *The purpose of this article is to analyze the Venezuelan migration in Brazil considering the specificities of LGBTI migrants in the state of Roraima. From bibliographic surveys, interviews and observations carried out in Boa Vista,*

¹ Mestre em Sociologia pela UFPE e Assessor de Monitoramento da Cáritas Brasileira.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF/UFRR

³ Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia. Professora do Curso de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF da Universidade Federal de Roraima

capital of Roraima, it becomes evident that before being exposed to situations of xenophobia in the receiving society, these people face discrimination and violence due to their identities and sexual orientation both by Brazilian society and by other Venezuelan migrants. It appears, therefore, that the narratives of this population are deeply marked by processes of intertwined violence. Despite being affiliated with political tendencies commonly considered to be opposite, speeches by the governors of both countries represent the omission due the human rights violations that LGBTI people face.

Keywords: LGBTI. Migrations. Human Rights.

INTRODUÇÃO

A população da Venezuela tem migrado em deslocamentos intensos nos últimos anos para países fronteiriços como o Brasil. De acordo com a ONU (2020), quase cinco milhões de venezuelanos/as se deslocaram do país. Trata-se do maior deslocamento na história recente da América Latina. Este tem sido um acontecimento múltiplo e complexo, no que diz respeito às suas causas e aos seus efeitos, a ponto de tornar impossível caracterizá-lo por completo. O objetivo deste artigo é trazer algumas reflexões sobre questões envolvendo as pessoas LGBTI⁴ que se deslocaram da Venezuela para Roraima, estado brasileiro que faz fronteira com o país.

Conforme o Governo Federal, em uma informação publicada no dia 15 de junho de 2020, 264.865 venezuelanos/as solicitaram regularização migratória e 251.670 tiveram CPFs emitidos⁵. A principal resposta organizada para essa população é a Operação Acolhida, descrita como força-tarefa logística humanitária, que se inicia em 2018, liderada pelo Exército Brasileiro. A Operação é realizada somente no Estado de Roraima e suas ações ocorrem em parceria com outros atores

⁴ Utilizaremos a sigla LGBTI para nomear as identidades de gênero e orientações sexuais não normativas. A sigla vem de “lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e intersexuais”. Há outras nomenclaturas possíveis que incluem outras identidades, mas optamos por utilizar esta porque tem sido a mais recorrente nas literaturas consultadas, em parte porque é a sigla adotada pelas Nações Unidas.

⁵ Os dados e informações sobre a Operação que constam neste artigo foram obtidos no endereço online do Governo Federal. In: GOVERNO FEDERAL. Operação Acolhida. Disponível em: <https://www.gov.br/acolhida/historico/>. Acesso em: 19 de jun. 2020.

sociais. Os principais parceiros são as agências internacionais humanitárias não-governamentais, o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas), OIM (Organização Internacional de Migração), os três vinculados diretamente à ONU (Nações Unidas), dentre algumas outras dezenas de agências e também a sociedade civil (organizada ou não). Outros atores envolvidos nas respostas são os aparelhos da via executiva do estado brasileiro, no caso o Governo do Estado de Roraima e as prefeituras municipais, principalmente de Boa Vista e Pacaraima, as duas cidades com mais migrantes e refugiados/as.

A Operação se organiza em três eixos: *o ordenamento na fronteira*, o acolhimento, o que inclui os abrigamentos temporários distribuídos na capital e em Pacaraima, e a interiorização. Durante o momento da escrita deste artigo, havia treze abrigos em diferentes bairros, sendo dois deles específicos para pessoas indígenas. A interiorização tem ganhado cada vez mais força e sido priorizada pela Operação. O objetivo desta estratégia é levar esses/as migrantes para outros estados brasileiros, com o objetivo de incluí-los/las socioeconomicamente no país.

Uma das características desta conjuntura migratória, na cidade de Boa Vista, apontada por Iana Vasconcelos (2018). é que o alimento é um fator central para explicar as atividades dos venezuelanos/as na cidade. Com o objetivo de arrecadar dinheiro para que a família na Venezuela se alimente, veem-se obrigados/as a aceitarem relações de trabalho extremamente precárias e, em alguns casos, análogas à escravidão, em áreas como construção civil e fazendas nos interiores do Estado principalmente. Vasconcelos (2018) percebe que, entre brasileiros e venezuelanos, é comum que se instaure uma relação de suposta “amizade”, mas que na verdade há uma forte desigualdade.

De acordo com Simões et al. (2017), o perfil migratório, em 2017, era jovem e com alto nível de escolaridade, apesar de não conseguirem empregos em suas áreas de formação. Sobre isso, Vasconcelos (2018, pp. 142-143) aponta o seguinte:

Existem médicos vendendo pitombas nas esquinas da capital, arquitetos lavando pratos em restaurantes e advogados empacotando caixas em supermercados. Ainda que suas profissões sejam necessárias em Roraima, não é possível exercê-las no Brasil sem antes enfrentar um longo processo burocrático-acadêmico-político.

Apesar de alguns conseguirem trabalhos formais, de carteira assinada - o que é difícil, porque trata-se de uma cidade em que o funcionalismo público é a principal forma de geração de renda -, com o advento dos/as migrantes, há um crescimento visível de atividades como vendas ambulantes, panfletagens de supermercado, limpeza de para-brisas nos semáforos.

Percebem-se algumas reações negativas frente aos “estrangeiros”, principalmente por parte da sociedade roraimense. A violência contra o/a migrante pode ser simbolizada em eventos como um episódio que ocorreu em março de 2018, em que um grupo de brasileiros invadiu um prédio ocupado por venezuelanos/as em Mucajaí (município ao lado de Boa Vista), expulsou os migrantes e incendiou seus pertences⁶.

Assim como no contexto em questão, em diferentes contextos migratórios, a xenofobia tem sido uma marca presente nas relações entre a sociedade receptora e as pessoas migrantes. Para Zygmunt Bauman (2017, p. 10):

Refugiados da bestialidade das guerras, dos despotismos e da brutalidade de uma existência vazia e sem perspectivas têm batido à porta de outras pessoas desde o início dos tempos modernos. Para quem está por trás dessas portas, eles sempre foram – como o são agora – estranhos. Estranhos tendem a causar ansiedade por serem “diferentes” – e, assim, assustadoramente imprevisíveis, ao contrário das pessoas com as quais interagimos todos os dias e das quais acreditamos saber o que esperar.

O autor percebe que há, por parte da sociedade receptora, o que ele chama “pânico moral”, um sentimento coletivo de ansiedade e medo frente ao outro que se apresenta como desconhecido, o que levaria e “justificaria” agressões e violências contra os/as migrantes e o que explicaria o sucesso de discursos xenofóbicos, inclusive em cenários eleitorais.

Entretanto, é necessário considerar que parte dessa população migrante, mesmo antes de deixar seu país, já enfrentava adversidades que são impostas a quem possui identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes. Trata-se das pessoas que fazem parte da população comumente nomeada pela sigla LGBTI.

⁶ Essas informações estão no artigo escrito por Sérgio Ramalho publicado pelo portal Intercept. In: INTERCEPT. Virou rotina agredir e assassinar venezuelanos em Roraima. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/11/28/violencia-xenofobia-venezuelanos-roraima/>. Acesso em: 21 de jun. 2020.

METODOLOGIA

Para o objetivo pretendido no presente artigo, foram realizadas consultas bibliográficas em literaturas dos estudos migratórios, dos estudos sobre gênero e sexualidade e nas produções que entrecruzam às duas áreas. Trata-se de uma análise qualitativa de abordagem interdisciplinar. Para Stephen Castles (2010, p. 18), “o viés disciplinar tem geralmente significado uma abordagem reducionista, que foca aspectos limitados das experiências migratórias, bloqueando o conhecimento do processo migratório como um todo”.

Os dados trazidos foram levantados por meio dos instrumentos básicos de observações e entrevistas, que - como defende Minayo (2010) - são, dentre outras muitas formas e técnicas, os principais instrumentos para realizar o trabalho de campo em pesquisas sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Além das adversidades que fez a população LGBTI deixar seu país e das encontradas no traslado e no país receptor, esta deparou-se, também, com violências e discriminações, que classificaremos aqui como LGBTIfóbicas, como por exemplo injúrias, exclusões, abusos sexuais, violências físicas, humilhações e, em casos extremos, mas não impossíveis, tentativas de sequestros e assassinatos. Ações que podem ser cometidas tanto pelos brasileiros quanto pelos próprios venezuelanos.

Sobre o acolhimento desta população em Roraima, observa-se algumas estratégias promovidas pelas agências humanitárias que buscam criar um lugar de conforto e de respeito à diversidade, para que o/a migrante venezuelano/a possa expressar sua sexualidade/identidade de gênero dissidente, como por exemplo, a inserção de bandeiras LGBTI e cartazes com frases contra violência de gênero em espaços como o Centro de Referência para Refugiados e Migrantes, na Universidade Federal de Roraima e nos Postos de Interiorização e Triagem (PITRIG).

Miguel Santos (2019) fez um levantamento das ações e iniciativas que objetivam a proteção e a integração dos/as migrantes e refugiados/as LGBTI em Roraima. Como pontuado por ele, além de alguns eventos sobre o tema e projetos realizados colaborativamente que foram

pontuais, há uma instituição chamada Centro de Convivência e Atendimento Psicossocial, inaugurada no dia 14 de janeiro de 2019. Trata-se de uma organização do Exército da Salvação, em parceria com a UNFPA e o ACNUR, financiada pela União Europeia, que tem como um dos focos a população LGBTI. Essa talvez sendo, até o momento, a única política específica a essa população instituída sem um fim previsto.

Sobre abrigo, não há, até o momento desta escrita, nenhum abrigo voltado exclusivamente para pessoas LGBTI, em Roraima. Entretanto, considerando dificuldades de convivência e situações de violência e discriminação entre refugiados/as, percebe-se que um abrigo chamado Latife Salomão, no centro da cidade, é tido como referência para esta população, havendo a separação de um espaço só para migrantes LGBTI. Além deste segmento, o abrigo também recebe casais sem filhos, mulheres e homens solteiros.

Hariel Theodoro (2019) sugere uma divisão das migrações internacionais de pessoas LGBTI em dois tipos. Ele divide em: 1) migrações de caráter voluntário: que seriam os projetos de migração ligados a um plano de estudos, trabalho, família, ainda que, “de modo indireto, a questão da orientação sexual e/ou identidade de gênero também possa estar presente, operando como um princípio decisivo à migração” (THEODORO, 2019, p. 154). E também: 2) migrações relativas à categoria que abrange o condicionamento a um status de refúgio.

Neste segundo caso, entramos em um debate sobre esta modalidade do refúgio que, como aponta Isadora Lins França (2017), é uma categoria que emerge no encontro do Direito Internacional do Refúgio e dos Direitos Sexuais. Tem-se neste entrecruzamento um novo sujeito, o chamado “refugiado LGBTI”.

O ACNUR, órgão das Nações Unidas que administra a situação de refugiados/as e solicitantes de refúgio no mundo inteiro, do ponto de vista jurisprudencial, considera que ser LGBTI equivale a pertencer a categoria de “*grupo social*” que a Convenção de 1951 sobre o Estatuto das Pessoas Refugiadas e o Protocolo de 1967 definem como um motivo válido para fundado temor de perseguição, portanto, de solicitação de refúgio⁷.

⁷ Estas informações constam no endereço eletrônico do ACNUR sobre esta modalidade de refúgio. In: ACNUR. Refúgio LGBTI. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/refugiogbti/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

Quanto à dimensão social deste dispositivo jurídico, há inúmeras questões a serem apontadas. A partir dos casos trazidos por Vitor Andrade (2016), percebe-se que: 1) Os Estados-nações receptores, em alguns casos, acabam por violentar novamente as/os solicitantes de refúgio por meio de procedimentos de verificação vexatórios nas chamadas entrevistas de elegibilidade; 2) Há uma subnotificação, porque nem todos/as refugiados/as especificam que as perseguições que temem são perseguições LGBTIfóbicas; 3) Para algumas realidades culturais, ser LGBTI é algo indizível, de forma que os/as solicitantes não enunciam publicamente, apesar de terem saído dos países por conta disso.

Situações que denunciam contradições e ambiguidades, na forma que este dispositivo é aplicado em contextos práticos, remetem ao que Judith Butler (2013) argumenta a respeito das ambiguidades da lei. A autora afirma:

O poder jurídico “produz” inevitavelmente o que alega meramente representar; conseqüentemente, a política tem de se preocupar com essa função dual do poder: jurídica e produtiva. Com efeito, a lei produz e depois oculta a noção de “sujeito perante a lei”, de modo a invocar essa formação discursiva como premissa básica natural que legitima, subseqüentemente, a própria hegemonia reguladora da lei (BUTLER, 2013, p. 20).

É inevitável, portanto, considerar as relações de poder e as práticas reguladoras que envolvem as relações entre sujeito e os sistemas legais que o produzem, seja como vítimas, sujeitos de direitos ou criminosos.

Retornando ao contexto da migração venezuelana, há uma característica importante de ser considerada nas solicitações de status de refugiado por parte dos/as venezuelanos/as no Brasil. É que por conta da quantidade de solicitações (só em 2018, foram 61.681 solicitações de venezuelanos/as), desde junho de 2019, o CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados) reconheceu “grave e generalizada violação de direitos humanos” na Venezuela, assim como já tinha sido feito com a Síria⁸. Por conta desta decisão, provavelmente, perdem-se as

⁸ ACNUR. Governo e ACNUR lançam relatório refúgio em número e plataforma interativa sobre reconhecimento da condição de refugiado no Brasil. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/07/25/governo-e-acnur-lancam-relatorio-refugio-em-numeros-e-plataforma-interativa-sobre-reconhecimento-da-condicao-de-refugiado-no-brasil/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

informações quanto ao tipo de fundado temor que justifica a solicitação de refúgio.

No entanto, dados divulgados especificamente sobre o “refúgio LGBTI”, pelo Ministério da Justiça e pelo ACNUR, em 2018, em uma plataforma com informações sobre esta modalidade de refúgio de 2010 a 2018, mostram que haviam oito solicitações de venezuelanos/as com base no fundado temor de perseguição ligado a identidade de gênero e orientação sexual (ACNUR, 2020).

Oito solicitações é um número pouco representativo, considerando que, ainda de acordo com estes dados publicados, houveram 369 solicitações gerais de refúgio em que os/as solicitantes formalizaram que o temor de perseguição estava ligado à violência e discriminação LGBTIfóbica (ACNUR, 2018).

Como mencionado, o CONARE passou a analisar por bloco essas solicitações, considerando o quantitativo de solicitações e a necessidade de celeridade quanto à análise dos pedidos. O que dificulta informações que diferenciem as causas das solicitações.

Independentemente se a LGBTIfobia é tida como um fator central que leva os/as venezuelanos/as a deixarem seu país em suas narrativas e trajetórias de migração, percebemos que, no caso da migração venezuelana, os dados a respeito das solicitações de refúgio não são suficientes para compreendermos como a LGBTIfobia aparece na situação dos/as migrantes. Esta insuficiência estatística pode ser um dos fatores para a ausência de implementação de assistências estruturadas a esta população que Santos (2019) percebe em sua análise. Apesar da impossibilidade de “*numerificar*” todas as narrativas e histórias múltiplas e diversas, a falta de um instrumento que torne a migração de pessoas LGBTI mais inteligível pode afetar a visibilidade das demandas específicas desta população, no que diz respeito à implementação de políticas assistências e de integração.

Há algumas evidências que demarcam a LGBTIfobia na Venezuela, como um fator que pode provocar deslocamentos. Como pontuado por Oliver Stuenkel (2017), no artigo intitulado “*No socialismo do século 21 da Venezuela, a comunidade LGBT não tem vez*”. Nicolás Maduro disse: “*Eu, sim, tenho mulher. Escutaram? Eu gosto de mulheres*”. Essa fala foi dita em 2013, em uma campanha, e seria uma insinuação a respeito da

suposta homossexualidade de seu adversário Henrique Capriles. Como consta na publicação, no momento da provocação, Maduro beijou sua mulher para atestar seu argumento de que ao contrário de seu adversário, ele é heterossexual (STUENKEL, 2017).

Sobre as injúrias LGBTIfóbicas de Nicolás Maduro, já em 2013, pouco tempo depois da morte de Hugo Chávez, uma associação pró-Direitos LGBTI, chamada *La Red LGBTI*, denunciou a crescente LGBTIfobia governamental de Nicolás Maduro, que havia assumido a presidência. Afirmaram o seguinte:

Este nuevo episodio de homofobia de Estado nos lleva a recordar las tristemente conocidas declaraciones del entonces Fiscal General de la República, Isaías Rodríguez, acerca del caso Piñango (sacerdote asesinado en un hotel de Caracas), lo cual comprueba una vez más que el Estado venezolano actual en modo alguno tiene intención de cumplir con sus obligaciones internacionales y constitucionales frente a los derechos y a la dignidad humana de las personas LGBTI (ZIBELL, 2013)⁹.

Desta forma, constata-se denúncias de que o Estado venezuelano não tem protegido as pessoas LGBTI das discriminações e violências. Para a organização: “En definitiva, nos encontramos ante una pseudo revolución conservadora, homofóbica y excluyente de la diversidad sexual” (ZIBELL, 2013).

Os discursos LGBTIfóbicos, no cenário político da Venezuela, podem ser percebidos não apenas como um reflexo cultural “comum” em países com forte incidência do cristianismo, mas também, pela perspectiva política arraigada na gestão atual do país. As tradições políticas da esquerda tendem a ter visões divergentes sobre as pessoas LGBTI até à atualidade, quando pensamos nas duas grandes vertentes de cultura política da esquerda revolucionária, ou seja, esquerdas que pregam a ruptura do sistema capitalista para um sistema socialista. Temos, assim, duas possíveis divisões: a) stalinismo: que reivindica a experiências soviéticas e a liderança do Joseph Stálin na gestão da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas); e b) o trotskismo: que segue uma visão crítica ao stalinismo e experiência da URSS difundidas

⁹ Estas informações foram acessas no portal de notícias GGN. In: GGN. Maduro faz pouco caso do voto LGBT. Disponível em: <<https://jornalggm.com.br/noticia/maduro-faz-pouco-caso-do-voto-lgbt/>>. Acesso em: 18 de jun. 2020.

por Leon Trotsky (BENSAÏD, 2002). O processo reivindicado como revolucionário, na Venezuela, possui uma forte influência da tradição política considerada stalinista, enquanto concepção, gestão, cultura política e trato sobre questões de gênero e sexualidade.

A tradição stalinista por muito tempo perpetuou visões conservadoras sobre o gênero e a sexualidade, durante a gestão de Joseph Stálin, liberdades individuais que envolviam esses temas sofreram mudanças numa perspectiva conservadora e excludente. A movimentação política, dentro da URSS, contra as mulheres e as pessoas com identidades de gênero e orientações sexuais dissidentes foi uma cisão do que existia nos primeiros momentos da Revolução Russa. Se antes não se adequar as normas de gênero e sexualidade consideradas comuns ou “normais” era algo aceito e compreendido na URSS, com o advento da gestão stalinista, essas não-adequações começaram a ser criminalizadas. As mudanças em códigos penais que estabeleciam sanções às práticas, aos comportamentos e às posturas vistas como “homossexuais”, ou qualquer coisa que fugisse da heteronormatividade, estabeleciam penas, banimentos para as *Gulags* (campos de trabalho forçado no território da Sibéria) e, em alguns casos, perseguições e assassinatos (HEALEY, 2001).

O “modelo revolucionário soviético” foi reproduzido por outros países, durante as disputas no cenário internacional na Guerra Fria, e, conseqüentemente, as percepções acerca das pessoas com identidades de gênero e orientações sexuais não-normativas se expandiu e se enraizou. Os governantes venezuelanos que realizaram o processo de construção de um “socialismo do século XXI” parecem, entretanto, beber das tradições mais conservadoras no que tange, hoje, às chamadas de pautas LGBTI. Ainda que existam referências políticas trotskistas, ou seja, na tradição que critica o stalinismo, que perpetuem preconceitos à população LGBTI, a exemplo o argentino Nahuel Moreno, os trotskistas, ao redor do mundo, tendem a não propagar visões conservadoras nestes âmbitos.¹⁰

No entanto, essa caracterização dos representantes do “socialismo do século XXI”, na Venezuela, não significa que uma oposição política nesse país reivindique as bandeiras políticas das pessoas LGBTI na

¹⁰ Importa lembrar que muitos autores mudaram sua posição a respeito dessas questões, como o próprio Nahuel Moreno.

região. De acordo com relatos de migrantes LGBTI, nenhum espectro político do país age em sua defesa, ao ponto desses sujeitos políticos serem duplamente marginalizados, em uma primeira vez, no âmbito social/cultural e, pela segunda vez, no âmbito do debate político nacional.

Como já mencionado, no governo de Maduro, a homossexualidade é evocada em seu discurso para inferiorizar seu adversário político. “*Maricon*”, “*capriloco*”, “*senhorito*” diz o líder da Venezuela ao seu opositor. Do outro lado da fronteira: “*O Brasil não pode ser um país do mundo gay, de turismo gay. Temos famílias*”, diz Bolsonaro, o presidente do Brasil¹¹. Se inimigos do ponto de vista político, ou ideológico, talvez na injúria homofóbica eles se encontram. Os discursos dos presidentes são, talvez, um indicativo de que, na visão dos governantes, ser gay é ser inferior. Semelhanças no interior dos discursos dos governantes nos fazem pensar que a LGBTIfobia, legitimada pelos próprios governantes, é uma realidade presente nos dois países.

Trazemos um acontecimento muito importante que é a convergência dos dois fenômenos (xenofobia e LGBTIfobia) que nos faz pensar que talvez a narrativa de causalidade do “refúgio LGBTI” não se aplique na migração venezuelana justamente porque pessoas LGBTI não estão necessariamente protegidas no Estado brasileiro. Trata-se da morte da travesti venezuelana Stefany Tablante, de 27 anos. De acordo com o que foi reportado na mídia foram mais de 20 facadas. O possível responsável pelo assassinato, um servidor público brasileiro, alegou legítima defesa, ainda que o crime tenha requintes de crueldade¹².

Desta forma, talvez, o “*script*” jurídico do refúgio por orientação sexual/identidade de gênero não seja tão “identificável” na migração de LGBTI venezuelanos/as por dois fatores. O primeiro fator a ser considerado é que o Estado brasileiro não necessariamente demonstra estar empenhado em proteger as pessoas LGBTI. Há uma série de avanços pela via judicial, como a União Civil Homoafetiva e a mais recente criminalização do Supremo Tribunal de Justiça que equivale

¹¹ Trecho da fala de Bolsonaro, durante café da manhã com imprensa, no dia 25 de abril de 2019. A fala foi divulgada por veículos midiáticos nacionais, o que gerou bastante repercussão, principalmente, porque ele se manifestou favorável ao turismo sexual, desde que os estrangeiros venham para transar com as mulheres, como objetos sexuais.

¹² Este crime foi divulgado por uma série de portais de notícias e causou uma certa repercussão, principalmente, entre ativistas pró-direitos LGBTI na região.

LGBTIfobia ao racismo, porém pelo Executivo não há políticas de assistência próprias à esta população, nem legislações consistentes.

O segundo fator é que, ao virem ao Brasil, esta parcela da população é lançada a mais um marcador de discriminação e violência, que podemos entender como xenofobia. Portanto, ao invés de mais protegidos/as, talvez, sejam expostos/as a mais uma via de discriminações e violências.

Durante as pesquisas de Linha de Base do “Projeto Orinoco”, realizado pela Cáritas Brasileira, muitos relatos foram colhidos, no decorrer das entrevistas de campo. Dentre os relatos de violência, percebeu-se que a população LGBTI migrante se enquadra como a 4º população mais vulnerável às violências nas ruas de Boa Vista e Pacaraima. Os/As entrevistados/as relatam que a aversão às suas identidades sexuais e de gênero ocorre, principalmente, pelos compatriotas. Segundo depoimento de uma mulher transexual, de cerca de 30 anos, todos os/as migrantes LGBTI são proibidos de andar em algumas regiões da cidade de Boa Vista e, sobretudo, nas imediações da Rodoviária Internacional. A sanção é feita por uma espécie de facção de migrantes que tem abjeção às pessoas LGBTI. Essa proibição significa o veto de três condições básicas de sobrevivência: não poder comer no refeitório, não ter acesso aos banheiros para banho e não poder dormir.

As sanções para os/as migrantes LGBTI que transgridam a regra imposta por este grupo é a violência física e sexual. Ainda durante pesquisas da Linha de Base, foram vistas cicatrizes de facadas e hematomas de pedaços de paus, bem como percebidos relatos de estupros “vingativos”. Cita-se casos em que homens gays que dormiam em barracas, desobedecendo a “ordem” dos migrantes, eram estuprados como “vingança”. Para as vítimas, a violência e o ódio dos seus compatriotas são tão grandes e frequentes que eles tendem a classificar o Brasil como um lugar sem preconceito e sem LGBTIfobia em relatos ouvidos.

Uma saída para essa população que, muitas vezes, não consegue acolhimento em abrigos do ACNUR seria buscar algumas organizações de ajuda humanitária. Como se sabe, algumas dessas organizações estão ligadas às concepções religiosas, em sua maioria cristãs. Há relatos de que, durante o trabalho humanitário, essas concepções influenciam nos atendimentos a esta população, ocasionando em situações de preconceito

e constrangimentos. Isso significa que muitas pessoas LGBTI têm sido privadas de acesso às assistências disponibilizadas por algumas instituições. Casos de pessoas que não recebiam ajuda por serem LGBTI ou de jovens que, muitas vezes, eram levados a um processo de educação cristã para “normalizar” seu comportamento sexual e de gênero também foram relatados. Esses casos demarcam que esta população é lançada em mais um espaço de violação de direitos e negação de condições básicas de sobrevivência.

Além de ser migrante em um espaço social xenófobo, de ter o acesso às condições básicas negadas e a circulação em espaços coletivos restringidas por serem LGBTI, estas pessoas também encontram dificuldades no acesso a algumas instituições humanitárias de cunho religioso. Como disse uma das entrevistadas, “é melhor ficar na Avenida Ataíde Teive¹³, dormir na rua e tentar uns trocados. Pelo menos, lá não apanhamos ou precisamos implorar por ajuda”¹⁴. Essa mesma pessoa relatou uma discussão com uma representante religiosa que afirmou que ela “não era mulher de verdade e que deveria ir para fila dos homens”.

Os resultados da pesquisa apontam que as instituições religiosas que se vincularam às agências migratórias para assumir o atendimento aos migrantes em Boa Vista a partir de 2017, parecem não estar muito antenadas para as especificidades das categorias migratórias. De acordo com Decker (2017), no Brasil as instituições religiosas atuam no atendimento a migrantes desde início do século passado. De acordo com este autor, “no Brasil, a pastoral das migrações emerge na década de 1970, no bojo do processo das migrações internas e da urbanização, mesmo período em que se formaram as Comunidades Eclesiais de Base e diversas outras pastorais sociais” (DECKER, 2017, p. 156).

Em Boa Vista a Pastoral dos Migrantes começou a se estruturar a partir do ano 2000 com a criação do Centro de Migrações e Direitos Humanos (CMDH) vinculado à Diocese de Roraima. A partir de 2016 é que começaram aparecer instituições de diversas denominações religiosas para atuar com os migrantes na gestão de recursos das agências internacionais intensificado com a gestão dos abrigos e execução de projetos pontuais e atendimento emergencial.

¹³ Avenida General Ataíde Teive é uma das principais ruas da cidade de Boa Vista.

¹⁴ Fala de mulher transsexual venezuelana acessada durante entrevistas para o projeto “Orinoco”.

Os resultados da pesquisa apontam lacunas importantes na atuação de determinadas instituições religiosas também observadas por Decker (2017), em outras regiões do Brasil. A questão LGBTI ainda não está suficientemente posta em discussão, nem pelas agências internacionais, nem pelas instituições que atuam no atendimento direto aos migrantes. Tais lacunas são identificadas e confirmadas nesta pesquisa e precisam ser consideradas no planejamento institucional das agências e quando da destinação de recursos para o atendimento aos migrantes.

No campo das vulnerabilidades, a questão LGBTI novamente emerge como uma situação específica que tipifica mais uma fragilidade somada à situação social, política, econômica e cultural que os migrantes já carregam nos processos de deslocamento. Trata-se de uma situação que precisa ser considerada com respeito e acolhimento para não se transformar em mais uma forma de criminalização aos migrantes incorrendo na LGBTIfobia somada à xenofobia e tantas outras formas de desqualificação, preconceito e discriminação.

O papel das instituições pode incorrer num campo teórico que Theodoro (2020, p. 144) define como “os regimes de (in)visibilidade e suas implicações nas vivências de sujeitos LGBTIQ+ migrantes” observados nas práticas institucionais. O autor argumenta que,

Para refletir acerca das (in)visibilidades na (e também da) migração de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer e outras minorias sexuais e/ou de gênero, é preciso compreender primeiramente as normatizações que recaem sobre as formas como experienciamos nossos corpos, desejos, identidades de gênero e orientações sexuais. As teorias, estudos e autoras/es que versam a respeito da temática são bastante profícuas/os, permitindo abordagens em diferentes linhas teórico-epistemológicas (THEODORO, 2020, p. 151).

Nesta perspectiva, as teorias podem ser acionadas para sustentar um debate importante e necessário sobre papel das agências internacionais, especialmente aquelas vinculadas à ONU, e sobre a atuação direta das instituições sociais ou religiosas encarregadas de executar os projetos de atendimento aos migrantes. Considerar as especificidades LGBTIQ+ dos migrantes é também uma questão humanitária de grande relevância no enfrentamento a todas as formas de reprodução do preconceito, discriminação, intolerância, perseguição,

vitimização e precarização, que os migrantes já vêm sofrendo nos processos de deslocamento.

A pesquisa de campo aponta que os LGBTIQ+ migrantes continuam sofrendo diversas formas de violência, inclusive por parte das instituições encarregadas de proteger e defender os migrantes. O que revela que há um longo caminho a ser percorrido no exercício da acolhida, integração e promoção dos migrantes como sujeitos de direitos, independente de sua orientação sexual. Por outro lado, faltam políticas públicas que assegurem estes direitos para além do atendimento emergencial e pontual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste artigo não foi a de retratar o/a migrante LGBTI como um sujeito radicalmente imobilizado pelas discriminações e violências LGBTIfóbicas, sendo necessário considerar também as potencialidades de reagir a elas. Como pontua Stephen Castles (2010), existe um campo próprio dos/as migrantes em que se localiza fatores importantes no processo migratório, como autonomia, percepções, projetos, intenções, incluindo processos de resistência, que, por vezes, é desprezado nas análises e pesquisas sobre migrações internacionais. O que pode ser um grande equívoco, afinal, migrantes são sujeitos políticos e protagonistas de transformações sociais, como a História evidencia.

Ainda que as potencialidades desta população em reagir frente às adversidades e de agir, apesar de imobilizações que os/as interpelam sejam consideradas, os relatos de violências evidenciam que os atores sociais envolvidos na resposta humanitária necessitam revigorar o compromisso com os direitos humanos, reconhecendo as vulnerabilidades e especificidades da população LGBTI migrante que, neste caso, como vimos, advém de diferentes vias.

Conforme observado nos discursos dos governantes dos dois países envolvidos nesta dinâmica migratória, independentemente das tendências políticas e ideológicas, as identidades de gênero e orientações sexuais têm sido evocadas em sentidos estritamente aviltantes. Reitera-

se, diante deste contexto, como um marco importante no Direito Internacional para a população LGBTI, os Princípios de Yogyakarta, de 2006, que enfatizam que discriminação contra as pessoas que possuem identidades de gênero e orientações sexuais não-normativas também são violações de direitos humanos, portanto recomenda aos Estados-Nações proteção e não-discriminação a este grupo social (CLAM, 2020).

REFERÊNCIAS

ACNUR (entre 2017 a 2020). **Perfil das Solicitações de Refúgio relacionadas à Orientação Sexual e à Identidade de Gênero**. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/refugiogbti/>. Acesso em: 17 de jun. 2020.

ACNUR (2019). **Governo e ACNUR lançam relatório refúgio em número e plataforma interativa sobre reconhecimento da condição de refugiado no Brasil**. Brasília: ACNUR, 25 de julho. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2019/07/25/governo-e-acnur-lancam-relatorio-refugio-em-numeros-e-plataforma-interativa-sobre-reconhecimento-da-condicao-de-refugiado-no-brasil/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

ANDRADE, Vitor Lopes (2016). Refúgio por orientação sexual no Brasil: perfil das solicitações nas cidades de Brasília/DF e São Paulo/SP. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero & Direito (UFPB)**, v. 5, pp. 1-24.

BAUMAN, Zygmunt (2017). **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar.

BENSAÏD, Daniel (2008). **Trotskismos**. Lisboa: Edições Combate.

BRASIL (entre 2017 e 2020). **Operação Acolhida**. Brasília. Disponível em: <https://www.gov.br/acolhida/historico/>. Acesso em: 19 jun. 2020.

BUTLER, Judith (2013). **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 6ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CASTLES, Stephen (2010). Entendendo a imigração global – uma perspectiva desde a transformação social. **REMHU Revista Internacional de Mobilidade Humana**, 18 (35), pp. 11-43.

CLAM (2006). **Princípios de Yogyakarta**. Disponível em: http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf. Acesso em: 10 mar. 2020.

DECKER, Norberto. **Nessa terra somos todos migrantes: interfaces entre religião, acolhida humanitária e políticas de imigração no Brasil de ontem e de hoje**. Porto Alegre: Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2017

FRANÇA, Isadora Lins (2017). “Refugiados LGBTI?": direitos e narrativas entrecruzando gênero, sexualidade e violência. **Caderno Pagu Campinas**, n. 50, e17506.

HEALEY, Dan (2001). **Homosexual desire in revolutionary Russia: the regulation of sexual and gender dissent**. Chicago, Londres: University of Chicago Press.

MINAYO, Maria (2010). Trabalho de campo: contexto de observação e descoberta. In: MINAYO, Maria (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28ª Ed., Petrópolis: Vozes, pp. 61-79.

ONU (2020). **ONU quer “apoio urgente” para 5 milhões de venezuelanos que deixaram país**. Brasília: ONU News, 12 de maio. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/05/1713342>. Acesso em: 19 jun. 2020.

RAMALHO, Sergio (2019). Virou rotina agredir e assassinar venezuelanos em Roraima. **INTERCEPT**, Brasil, 28 de novembro. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/11/28/violencia-xenofobia-venezuelanos-roraima/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SANTOS, Miguel Alvarenga de Macedo (2019). **A atuação das organizações internacionais em Roraima no acolhimento aos migrantes e refugiados LGBTI da Venezuela**. Monografia. Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal de Roraima.

SIMÕES, Gustavo da Frota (Org) (2017). **Perfil Sociodemográfico e Laboral da imigração venezuelanana Brasil**. Curitiba: Editora CRV.

STUENKEL, Oliver (2017). Chavismo homofóbico. No socialismo do século 21 da Venezuela, a comunidade LGBT não tem vez. **El País**, Brasil, 10 de abril. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/10/opinion/1491860659_262989.html. Acesso em: 18 jun. 2020.

THEODORO, Hariel (2020). Paradoxos da (in)visibilidade na migração LGBTQI+. In: **Periódicus**. n. 12, v. 1, nov. 2019-abr. 2020. pp. 143-158.

VASCONCELOS, Iana dos Santos (2018). Receber, enviar e compartilhar comida: aspectos da migração venezuelana em Boa Vista, Brasil. 2018. REMHU, **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 26, n. 53, ago., pp. 135-151.

ZIBELL, Gunter (2013). Maduro faz pouco caso do voto LGBT. **GGN**, Brasil, 16 de março. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/maduro-faz-pouco-caso-do-voto-lgbt/>. Acesso em: 18 jun. 2020



EIXO II

Água, Saneamento e Higiene

II.1 Promoção de Higiene

II.2 Soluções em WASH



Capítulo 9

Contribuições da engenharia civil na resposta emergencial e ajuda humanitária

Raphael Macieira

AS CONTRIBUIÇÕES DA ENGENHARIA CIVIL NA RESPOSTA EMERGENCIAL E AJUDA HUMANITÁRIA

CONTRIBUTIONS OF CIVIL ENGINEERING IN EMERGENCY RESPONSE AND HUMANITARIAN AID

Raphael Douglas Macieira dos Santos¹

RESUMO: Com o passar dos anos, o mundo tem sofrido mais com fenômenos naturais intensos, que trazem consigo diversas consequências ambientais e sociais. Terremotos, desmoronamentos, tsunamis, secas, são alguns exemplos. Além disso, divergências ideológicas, sociais e econômicas, resultam, muitas vezes, em guerras, violência, fome, dentre outras coisas, obrigando muitas famílias a terem de se deslocar de seus países, em buscar de uma vida mais digna. Nesse contexto, a ajuda humanitária e a resposta emergencial surgem como pontos de alívio para auxílio às demandas que essas pessoas, em situação de vulnerabilidade, passam a ter. O objetivo deste relato é trazer à tona as contribuições da engenharia civil dentro da resposta emergência e ajuda humanitária, no que tange, principalmente, o setor de WASH. Realiza-se assim, uma reflexão do que é o serviço humanitário, da formação desta profissão, no Brasil, e de que forma o papel do/a Engenheiro/a Civil pode atender a demandas dentro desse setor.

PALAVRAS-CHAVE: Água, saneamento e promoção de higiene. WASH. Migração. Engenharia Civil. Emergência.

ABSTRACT: *Over the years, the world has suffered more from intense natural phenomena, which have several environmental and social consequences. Earthquakes, landslides, tsunamis, droughts, are some examples. In addition, ideological, social and economic divergences often result in wars, violence, hunger, among other things, forcing many families to move from their countries, in search of a more dignified life. In this context, humanitarian aid and emergency response appear as points of relief to help the demands that these people, in a situation of vulnerability, have. The*

¹ Engenheiro civil e Mestre em Recursos Naturais, pela Universidade Federal de Roraima. Coordenador Local de Emergências do Projeto Orinoco, da Cáritas Brasileira. E-mail: raphaeldmacieira@gmail.com.

purpose of this report is to bring to light the contributions of civil engineering within the emergency response and humanitarian aid, with regard mainly to the WASH sector. Thus, a reflection is made of what the humanitarian service is, of the formation of this profession, in Brazil, and how the role of the Civil Engineer can meet the demands within this sector.

Keywords: *Water, sanitation and hygiene promotion. WASH. Migration. Civil Engineering. Emergency.*

INTRODUÇÃO

O mundo em que vivemos, a cada dia, passa por mais fenômenos naturais ou antrópicos que resultam em catástrofes ambientais. O aquecimento global já é, cientificamente, uma realidade, e com ele diversas consequências e diversos fenômenos climáticos vêm ocorrendo ao longo do globo. Terremotos, ciclones, *El Niño*, *La Niña*, colapso de barragens, tudo isso – e mais – têm se tornado, infelizmente, cada vez mais presente no cotidiano, em nível mundial. Todas essas mudanças e inconseqüências humanas acabam prejudicando diversos grupos sociais.

Além de todas as demandas ambientais existentes, existem os conflitos sociopolíticos e a desigualdade social, que atinge a maior parte dos países. A travessia para o novo milênio, trouxe consigo resquícios do milênio passado no sentido das demandas sociais. Por mais que se lute, a desigualdade social ainda é uma infeliz realidade e que atinge milhões de pessoas. Conflitos militares armados, como os vividos no Oriente Médio, ou a crise social e econômica vivida pela Venezuela, são fatores eminentes dentro do cenário geopolítico internacional.

Entendendo esses processos socioeconômicos, os conflitos militares e as catástrofes ambientais, surgem as demandas de respostas às crises. Em um contexto mais global, as operações que buscam respostas às demandas dessas crises envolvem diversos atores civis e militares, podendo incluir serviços de apoio à paz, de estabilização e de ajuda humanitária (SIMÕES-MARQUES, NUNES, 2012). Nesse estágio, a resposta do Terceiro Setor possui fundamental importância.

Dentro do serviço de ajuda humanitária e respostas emergenciais à crise existem diversos setores. O Manual Esfera que é um dos principais

instrumentos que balizam e parametrizam as respostas ofertadas pelos governos, e as agências internacionais (OI) e organizações não governamentais (ONG), divide os setores em quatro principais, sendo eles: abastecimento de água, saneamento e promoção de higiene (WASH); segurança alimentar e nutrição; abrigo e assentamento e saúde (SPHERE, 2018).

No geral, os projetos de serviços humanitários devem ser formados por uma equipe multidisciplinar para garantir uma resposta assertiva. Alguns dos setores, descritos pelo Manual Esfera, acabam possuindo profissionais específicos para garantir determinados serviços. Dentro dos setores de WASH e de Abrigo e assentamento, entre diversos profissionais essenciais para responder às demandas, um profissional que pode desempenhar um papel ímpar no planejamento e na execução da resposta à demanda é o/a do/a engenheiro/a civil.

Entretanto, contextualizando ao processo de formação do/a engenheiro/a civil no Brasil, o trabalho humanitário é uma área almejada ou até mesmo conhecida entre os futuros profissionais? A partir dessa ótica, o objetivo deste relato é trazer à tona o papel do/a engenheiro/a civil dentro da resposta emergência e ajuda humanitária, no que tange, principalmente, o setor de WASH.

Este é um relato, a partir da experiência vivida no *Projeto Orinoco: águas que atravessam fronteiras*. Projeto realizado pela Cáritas Brasileira, em parceria com a Cáritas Diocesana de Roraima, e financiado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional – USAID. O objetivo do Projeto Orinoco foi fornecer água potável, estruturas com sanitários e chuveiros e lavanderia para pessoas em situação de rua, no Estado de Roraima, as quais, em sua maioria, eram migrantes venezuelanos/as.

O TRABALHO HUMANITÁRIO E A RESPOSTA EMERGENCIAL

Dentro da organização sistêmica do homem na sociedade, historicamente, a desigualdade é uma das bandeiras com a luta mais constante. Essa desigualdade traz consigo diversas consequências para

diversos povos. Conflitos armados como os que ocorrem na Síria, a crise econômica, política e social vivida pela Venezuela, que já forçou mais de 4,5 milhões de venezuelanos buscarem refúgio em outros países. Outro ponto seria a má distribuição de renda em diversos países, inclusive no Brasil, que possui uma das maiores concentrações de renda em nível mundial, de acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2019 da ONU (PNUD, 2019). Em todas essas situações, é latente a necessidade de intervenções que venham de alguma forma melhorar a situação. Esses são os casos em que a ajuda humanitária internacional (AHI), ou apenas serviço humanitário, e a resposta emergencial desempenham um papel de fundamental importância dentro desses processos reparativo e reconstrutivo.

Inicialmente, é importante ressaltar que o trabalho humanitário, e o conceito ligado a ele, apresenta certa heterogeneidade, tanto nas esferas nacionais, quanto internacionais. A exemplo dessa heterogeneidade, no Brasil, o Ministério de Relações Exteriores (MRE) entende a AHI como “toda e qualquer ação que contribua, de forma imediata e eficaz, para prevenir, proteger, preparar, evitar, reduzir, mitigar sofrimento e auxiliar outros países ou regiões que se encontrem, momentaneamente ou não, em situações de emergência, de calamidade pública, de risco iminente ou grave ameaça à vida, à saúde, à garantia dos direitos humanos ou humanitárias de sua população” (MRE, 2010). Por outro lado, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), que, desde 2019, foi incorporado ao Ministério da Cidadania, atende define a AHI a partir do olhar pessoal, como “a ajuda (logística, material, de recursos humanos ou financeiros, etc.) internacional que visa salvar vidas, aliviar o sofrimento e manter a dignidade humana” (MDS, 2010).

Apesar de soar definições similares, suas discordâncias trazem consigo posicionamentos diferentes quanto à delimitação das atividades, as quais são compostas a Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (CID). Enquanto que para o MDS/Ministério da Cidadania, a AHI não se encaixa dentro da atuação da CID devido à longevidade de se alcançar seus objetivos, entendendo as questões estruturais da sociedade e da Economia. Contudo, para o MRE, a AHI deve estar enquadrada na conceituação de CID, considerando-a, enquanto, a parte inicial da atuação do Brasil quanto ao desenvolvimento das nações (SCHIMITZ; LIMA; SOMAIO, 2010).

Transcendendo os impasses teóricos e conceituais, e partindo para o cotidiano, o serviço humanitário visa trazer, de alguma forma, o alívio, ainda que temporário, das demandas de sofrimento que determinado grupo vivencia. Essas ações acontecem pelas mais diferentes esferas, desde o poder público, privado, às ONG's, e, até mesmo, a sociedade civil.

Dentro do serviço humanitário, a gestão e resposta aos desastres é algo de fundamental importância. Até hoje é possível lembrar sobre o desmoronamento da barragem da cidade de Mariana, em Minas Gerais. Ou o impactante tsunami que devastou o Japão, em 2011. Não muito distante, do ciclone Iдай, em 2019, que deixou mais de 700 pessoas mortas, em Moçambique.

Quando desastres ambientais ou questões sociais, ambos citados anteriormente, acontecem, a ajuda humanitária e a resposta emergencial acabam ocupando um papel de protagonismo, quanto à resolutividade ou à amenização do sofrimento humano. Todo esse trabalho humanitário faz parte de um plano maior. Até 2030, todas as nações têm uma responsabilidade, que fora firmada em 2016, durante a primeira Cúpula Mundial Humanitária. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável tem como objetivo a erradicação da pobreza em todas as suas dimensões. O caminho é longo, e vários são os objetivos e as metas a serem alcançados até a concretização do objetivo principal.

Para que se obtenha logro para a Agenda 2030 e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, é fundamental que as ações sejam planejadas e executadas de forma a atender, universalmente, quem precisa. Nesse sentido, surge o Manual Esfera, um documento, fruto do movimento que se iniciou em 1997, constituído por diversos grupos de ONGs, cujo principal objetivo era melhorar a qualidade das respostas humanitárias. Sua primeira edição foi publicada em 1998, e, em 2020, já está em sua quarta versão, a qual foi lançada em 2018.

O Manual Esfera além de trazer informações quanto a Carta Humanitária, os Princípios de Proteção e a Norma Humanitária Essencial, traz consigo informações técnicas, acerca da resposta humanitária, divididas em setores. Os setores que estruturam a segunda parte do manual é composta por: Água, Saneamento e Higiene – conhecido como, dentre muitas outras siglas, WASH; Segurança Alimentar e Nutrição; Alojamento e Assentamento; e Saúde. Para fins

deste relato, será detalhado o primeiro setor, WASH, para assim contextualizar com a formação do/a engenheiro/a civil.

ÁGUA, SANEAMENTO E HIGIENE – WASH

De acordo com o sexto Objetivo do Desenvolvimento Sustentável - ODS, deve-se “garantir a disponibilidade e a gestão sustentável da água e do saneamento para todos”. Além disso, o terceiro ODS diz: deve-se “garantir vida saudável e promover o bem estar para todas e todos, em todas as idades” (ONU, 2016). A única forma de garantir o sucesso nesses dois ODS é com investimento no setor de WASH², sendo um dos setores fundamentais no trabalho humanitário.

Os três setores andam juntos, porque estão totalmente ligados. Garantir o acesso a esses serviços segue sendo um desafio importante em diversos locais ao longo do globo. Além das três áreas já citadas, o Manual Esfera inclui, ainda, dentro do WASH, o controle de vetores, a gestão de resíduos sólidos e WASH em surtos de doenças e em ambientes de Saúde. Este último, um tema bem atual, considerando a pandemia em nível mundial, causada pela COVID-19. O Manual afirma:

As normas mínimas do Esfera sobre abastecimento de água, saneamento e promoção de higiene (WASH, por suas siglas em inglês) são uma expressão prática do direito a ter acesso a água e ao saneamento em contextos humanitários. Estas normas estão baseadas nos princípios, convicções, direitos e obrigações, declarados na Carta Humanitária, que incluem o direito a viver com dignidade, o direito a proteção e a segurança, e o direito a receber assistência humanitária em função das necessidades (ASOCIACIÓN ESFERA, 2018, n.p).

Dentro das ações que estão associadas ao setor de WASH, temos: a promoção de boas práticas de higiene; garantia do consumo de água de qualidade (segurança hídrica); estabelecimento, por meio de construção e/ou revitalização de instalações sanitárias apropriadas, a redução de riscos à saúde pública e ambiental; garantia de condições que possam permitir que as comunidades vivam de modo saudável, com dignidade, conforto e segurança.

² WASH significa água, saneamento e higiene.

A priori, com respeito às garantias desses serviços, principalmente, se considerarmos as regiões urbanas, pode não ser um trabalho tão complexo. Com um pouco de empenho da efetivação de políticas públicas, uma região periférica pode ser abastecida com água advinda de uma Estação de Tratamento de Água – ETA, assim, como a implementação de uma rede de esgoto pode recolher as águas residuais das residências e levar até uma Estação de Tratamento de Esgoto – ETE. Tudo isso porque as cidades, em geral, já possuem redes dos dois sistemas, contudo, nem sempre chegam a essas regiões. Mesmo assim, é importante ter uma visão mais global da complexidade de se garantir esses serviços.

Uma cidade que já possua uma infraestrutura de serviços de água e saneamento possui menor dificuldade. Agora, imagine como é possível garantir água para um povoado que não possui energia na Savana africana, ou, não tão longe, na Caatinga nordestina que vive o processo de estresse hídrico? Como garantir a uma comunidade quilombola o acesso a instalações sanitárias que respeitem seus aspectos culturais, que lhe tragam dignidade e que, ao mesmo tempo, não gere prejuízos ao lençol freático ou ao solo? Como garantir que uma comunidade indígena, que vive a jusante de uma área urbana, consuma água potável, se sua principal fonte de água é um rio que possui sua nascente na cidade?

É inquestionável que a ciência tem feito diversos avanços em termos de técnicas de tratamento de água e de esgoto. Mas, para quem essas tecnologias estão disponíveis? Ao nos questionarmos sobre situações como essas, podemos construir um pensamento crítico mais assertivo sobre a problemática e entender a demanda de profissionais que entendam de questões técnicas, as quais são demandadas nas mais diversas situações. Estudo de solo, de lençol freático, aquíferos, chuva, aspectos construtivos, projetos sociais, economicamente acessíveis, de sanitários, entre outros, são fundamentais para responder às demandas técnicas de WASH. Todas essas demandas são áreas de atuação de um/a engenheiro/a civil, constituindo esse, um/a profissional fundamental no que diz respeito à resposta humanitária e/ou emergencial, dentro do setor de WASH.

A ENGENHARIA CIVIL E A FORMAÇÃO DE SEUS PROFISSIONAIS

Dependendo da forma que se opta conceituar a Engenharia, sua origem pode se confundir à origem da civilização. Quando o homem percebeu certas vantagens de se adotar técnicas, na execução de determinadas atividades, como o uso de um pedaço de madeira para prolongar o seu braço e, assim, arremessar algo contra um alvo, pode-se dizer que ali existia a Engenharia. Neste caso, poderíamos considerá-la como o emprego de métodos e técnicas empíricas para construir, transformar e/ou fabricar ferramentas. Contudo, se considerarmos a Engenharia como um conhecimento organizado e estruturado a partir de bases não mais empíricas, mas obtido a partir de bases científicas, ela é relativamente recente, ainda mais se considerada dentro do contexto da Educação Superior (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2010).

No contexto da Engenharia Civil, sua história data à Antiguidade, se considerada enquanto uma atividade construtiva. A Engenharia Civil pode ser vista como herdeira direta de cerca de 10.000 anos militares, dedicados ao exercício da arte de construir moradias, templos, estádios, aquedutos, portos. As obras mais antigas conhecidas datam de cerca de 8.000 (a.C). Dentro da linha cronológica e tecnológica da Engenharia Civil, podemos citar Mesopotâmia que, em 3.500 a.C., já utilizava tijolos de buraco cozido nas construções, técnica também utilizada, por volta de 3.000 a 2.500 a.C., no Egito. Exemplos da presença da Engenharia Civil na história não faltam, mas, sem dúvida, o aproveitamento hidráulico é um aspecto muito importante dentro desse contexto histórico (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2010).

Pode-se dizer que o desenvolvimento da Engenharia e do processo de Educação em Engenharia estão totalmente ligados aos avanços tecnológicos e científicos. Conforme a tecnologia se desenvolve, e vai se tornando mais complexa, a Engenharia também acompanha esse processo, na tentativa de solucionar os problemas gerados por tais complexidades. A primeira escola de ensino formal em Engenharia³ do mundo, em 1747, formava, basicamente, construtores, ou seja, a Engenharia Civil nasceu de fato, cientificamente, nesse momento (MACEDO, SAPUNARU, 2016).

³ Ecole Nationale des Ponts et Chaussées (ENPC) foi fundada em 1747, na França e é reconhecida como a primeira escola para ensino formal de engenharia.

A Engenharia Civil no Brasil, assim como no mundo, teve seus primeiros passos dados associados à Engenharia Militar, iniciando suas atividades, segundo Pardal (1985), em 1648, informalmente. Contudo, ao que tudo indica, o termo “Engenharia Civil” só foi utilizado no Brasil a partir de 1874, até então utilizava-se, genericamente, “Engenharia” (OLIVEIRA, ALMEIDA, 2010).

Ao longo desses mais de 370 anos, a Engenharia Civil foi se transformando conforme a tecnologia foi avançando. Novas ferramentas foram surgindo, o que facilitaria as análises, os cálculos e os projetos, antes feitos à mão. De forma geral, a atuação do/a engenheiro/a civil é muito ampla, podendo abranger diversas outras engenharias, entre elas: Engenharia Geotécnica, Engenharia Hidráulica, Engenharia Sanitária, Engenharia de Transportes, Engenharia de Segurança, dentre muitas outras.

É evidente que o/a engenheiro/a civil possui seus limites de atuação dentro de cada uma dessas engenharias citadas. Mas, sem dúvidas, essa pluralidade do conhecimento é um diferencial profissional para os mesmos e que pode ser muito bem aproveitado em setores como o ambiental e o da ajuda humanitária (especialmente no setor de WASH).

Contudo, toda essa histórica formação, pautada a partir do serviço militar, traz consequências até hoje para as escolas de Engenharia Civil. Desde escolas centenárias àquelas mais recentes, grande parte apresenta o problema advindo do pensamento positivista e da falta de multidisciplinaridade. Conhecidas como as “Escolas Tradicionais de Engenharia”, observa-se uma dificuldade de formar um profissional, para além do senso técnico, com um olhar mais social e humanizado sobre sua área de atuação.

Por um lado, os cursos de Engenharia Civil das universidades federais, muitas vezes, perdem-se na teoria, com professores, até certo ponto, obsoletos da vida profissional, e com alunos que se desgastam e utilizam a maior parte do seu conhecimento com provas, experimentos de laboratórios incansáveis e atividades avaliativas sem nenhum senso prático. Por outro, as faculdades particulares, com disciplinas emendadas e carga horária reduzida, focadas apenas no mercado de trabalho. Percebe-se que não há um equilíbrio entre ambos, porque, ao fim, restam as perguntas: para quem o/a engenheiro/a civil trabalha? Para que? Qual o seu propósito? Com um leque tão grande de atuação e

formação ímpar, por que, ainda assim, grande parte dos acadêmicos e das acadêmicas, quando se formam, sentem-se despreparados?

Segundo Padilha (2002), parte desse sentimento tem a ver com a relação estabelecida com professores destas escolas. No geral, apresentam manifestações de superioridade intelectual. O autor afirma que

em momento algum, durante a faculdade, o estudante de Engenharia é tratado como engenheiro, em momento algum, durante esses cinco anos, a escola propicia a percepção da mudança de condição de estudante para a condição de profissional (PADILHA, 2002, n.p).

Ao longo da formação do/a engenheiro/a civil, pouco, ou nenhum, contato se tem com as temáticas sociais. O Parecer do Conselho Nacional de Educação sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Engenharia – DCNs, inicialmente aprovada em 2001, é bem claro quanto à

preocupação com a valorização do ser humano e preservação do meio ambiente, integração social e política do profissional, possibilidade de articulação direta com a pós-graduação e forte vinculação entre teoria e prática [...], num programa de estudos coerentemente integrado (BRASIL, 2002, p. 32).

Contudo, ainda que as matrizes curriculares tenham sido adequadas, o nível de seriedade e comprometimento que essas disciplinas recebem não são as mesmas, se comparadas às de temática estrutural ou da construção civil.

A Sociedade Americana de Engenheiros Civis já reconhece a necessidade dessa mudança na formação dos profissionais da Engenharia Civil, para responder ao momento atual, em termos de globalização, de política e economia internacional, tornando-os aptos a enfrentar problemas relativos à sustentabilidade, visando a garantia da qualidade de vida e responsabilidade social (ASCE, 2008). Uma vez que as escolas de Engenharia alcancem esses objetivos, setores ligados ao meio ambiente, e até mesmo à ajuda humanitária, terão uma difusão de conhecimentos muito maior, pois, hoje, a visibilidade dada à atuação do/a engenheiro/a civil nessas áreas é mínima⁴.

⁴ Engenheiros Sem Fronteiras é, possivelmente, a ONG mais conhecida nesse sentido de atuação do engenheiro na ajuda humanitária, mas ainda pouco difundida ao longo do Brasil.

A ENGENHARIA CIVIL NA RESPOSTA EMERGENCIAL E AJUDA HUMANITÁRIA

Durante o processo de resposta humanitária, a partir de um evento extremo, dependendo da gravidade, diversos atores entram em ação para tentar trazer resolutividade o mais rápido possível. Dentro das prioridades de ações, um dos principais é o setor de WASH. Algumas respostas precisam ser dadas em tempo quase que imediato, como, por exemplo, a garantia de água potável e alimento para vítimas de um desmoronamento, terremoto ou evento climático extremo. O custo dessas respostas são, geralmente, os mais elevados, justamente, por conta do imediatismo. Mas para garantir água potável e estruturas sanitárias definitivas adequadas requer cuidado e planejamento. Para isso é fundamental um trabalho sistêmico e um olhar, além de técnico, social – por isso a importância de uma formação interdisciplinar para profissionais de áreas técnicas, como engenheiros civis.

A principal pergunta que qualquer profissional técnico deve se fazer, dentro de um projeto de ajuda humanitária de infraestrutura WASH, é esta: Para quem estou fazendo este projeto?

Alguns podem dizer que o projeto está sendo feito para a agência para qual trabalha. Outros dirão que é para atender aos indicadores propostos e que devem ser enviados ao órgão doador. De fato, as duas respostas apresentadas são legítimas, pois, como profissionais contratados, devemos prestar contas para as organizações em que trabalhamos, bem como precisamos atender aos objetivos e indicadores exigidos pelo financiador.

Mesmo que o profissional tenha que atender a certos requisitos institucionais, e ainda que soe um tanto quanto óbvio, qualquer projeto de ajuda humanitária deve ser pensado para o público que vai utilizar, os beneficiários. É importante ressaltar isso, pois profissionais com formações técnicas, muitas vezes, apresentam dificuldade de entender a dinâmica e a importância social da sua função, e como suas decisões técnicas devem levar em consideração todo o contexto em que vivem os beneficiários. A gênese dessa problemática, como já abordado anteriormente, está relacionada ao déficit em sua formação, na qual não é aprofundada a importância do aspecto social para sua função.

É importante que o profissional técnico de WASH seja aberto e entenda sua limitação e busque, a partir disso, incorporar em sua equipe, ou durante o processo de criação do projeto, a multidisciplinaridade, trazendo profissionais com outros olhares. Assim, poderão contribuir para o bom êxito do projeto. Nesse sentido, os profissionais que atuam na base do trabalho humanitário podem contribuir de forma ímpar, por conhecer a realidade do local e dos beneficiários. Uma infraestrutura não pode ser considerada apenas como uma meta de projeto. É importante vislumbrar a sua funcionalidade e o seu sentido. Desde a escolha do tipo de material até o layout em si. Tudo deve ser considerado e construído coletivamente. O papel do/a engenheiro/a civil, nesse sentido, é o de assimilar todas as demandas, e dentro do possível e real, considera-las.

Entender as relações de poder e de gênero locais sobre o público-alvo é outro fato importante para a concepção do projeto. Ao propor a construção de estruturas WASH, como banheiros, dentro do contexto humanitário, deve-se avaliar a disponibilidade dos beneficiários terem acesso comum aos locais, se estão dispostos a trabalhar coletivamente no mantimento, o estado emocional e os processos de sofrimentos que os mesmos podem estar passando, já que isso vai interferir diretamente no cuidado com as instalações.

Para além das dinâmicas sociais, é importante que o profissional WASH tenha um olhar local também sobre aquelas demandas mais específicas e que, também, influenciarão na infraestrutura. Cada local é um local, e o comportamento ambiental tende a apresentar suas características e particularidades. Então, esses fatores, também, devem ser levados em consideração na hora da tomada de decisão técnica.

Ao traçar um plano de abastecimento de água, é importante entender o cenário hídrico local. Sabe-se que muitos países apresentam um estresse hídrico⁵ elevado, e para além desse fenômeno, infelizmente, o acesso à água não é universal, muitas vezes, sendo utilizada como moeda de troca. Por isso, fazer um levantamento de quais as fontes de obtenção usadas pela população local é imprescindível. Paralelo a isso, é importante realizar o cálculo hídrico, para entender qual a demanda mínima de água necessária para atender o local que receberá a intervenção WASH.

5 Termo utilizado quando a procura de água por pessoa é maior que a disponibilidade do recurso e também a sua capacidade de renovação.

Além disso, conhecer a sazonalidade local e outras variáveis, também, ajuda na tomada de decisões: quais os períodos de estiagem e de chuva; se o local tem as quatro estações bem definidas;; níveis pluviométricos; altura de lençol freático; tipos de aquífero locais. Todas essas variáveis deverão ser levadas em consideração, para, assim, garantir a disponibilidade de água no projeto. O Manual Esfera determina que 25 litros é a quantidade mínima que um indivíduo precisa, diariamente, para atender todas as suas necessidades (banho, lavar mãos, lavar roupa, fazer comida). Porém, mais uma vez, retoma-se a importância de entender o contexto local. O mínimo e o ideal são duas coisas diferentes e não, necessariamente, a opção deve ser um dos dois (ASOCIACIÓN ESFERA, 2018).

Outro subsetor importante dentro do WASH, no sentido técnico, é o saneamento. Importante esclarecer: no Brasil, entende-se o saneamento como o setor composto por abastecimento de água, esgoto, resíduo sólido e drenagem. Já no setor humanitário, quando se fala sobre saneamento, refere-se, especificamente, ao esgoto e às questões relacionadas a ele, principalmente, a gestão de excretas.

Quando falamos de consumo de água e de ferramentas para o acesso a ela, não tem como desassociar o esgoto, pois, grande parte da água consumida pelas pessoas acaba se tornando esgoto. Dentro do subsetor do saneamento, o principal ponto a ser levado em consideração pelo técnico de WASH é o tratamento e a disposição final que será dada para o esgoto produzido, seja de água negra, seja de água cinza. É evidente que a diferença entre os dois tipos é considerável e cada uma requer técnicas específicas.

De modo geral, um dos pontos principais na escolha da técnica a ser utilizada para tratar e dispor o esgoto é uma avaliação ambiental local. Assim, como no contexto do abastecimento de água, é muito importante entender a dinâmica climática, os níveis pluviométricos, e, principalmente, a variação da altura do lençol freático ao longo do ano. Isso vai ditar quais as possibilidades de se construir, para tratamento do esgoto, um reator anaeróbico, uma fossa séptica biodigestor, ou até mesmo um banheiro seco – não recomendável. As técnicas de disposição, também, estão muito atrelada a isso, como o sumidouro, *wetland*, vala de infiltração, dentre outros.

Evidente que, transversal a todas as decisões técnicas, seja de construção, de reforma, de abastecimento de água, disposição sanitária ou até mesmo gestão de resíduos sólidos a disponibilidade de área para tais ações, mas principalmente a limitação do recurso. Por isso é muito importante pensar de forma prática, contextualizada e coerente com a realidade local e financeira.

Um ponto crucial, e transversal a todas as decisões técnicas, é a sustentabilidade ambiental, entendendo que o recurso está inerente à qualquer projeto. Seja construção, reforma, abastecimento de água, disposição sanitária ou até mesmo gestão de resíduos, a sustentabilidade deve ser sempre levada em consideração, no contexto de ajuda humanitária e emergência, principalmente, no setor do WASH. Não vamos adentrar nos conflitos teóricos, políticos e/ou até mesmo econômicos do termo “sustentabilidade”, pois não é essa a proposta para esse trabalho. Dessa forma, entendamos a sustentabilidade como a maneira em que devemos agir visando à mitigação do impacto ao sistema ambiental. Assim, todas as decisões tomadas pelo profissional de WASH devem levar em consideração as consequências ao ambiente a curto, médio e longo prazo.

Existem diversos pontos que poderiam ser abordados, ainda, sobre aspectos técnicos, baseando-se pelo Manual Esfera ou diversos outros manuais de apoio que são criados pelas mais diversas agências do mundo. Contudo, são demandas complexas para quem não tem formação na área. O objetivo deste relato era ressaltar a importância da relação social dos profissionais de WASH, fazendo um paralelo com questões técnicas, também, importantes e que devem ser levadas em consideração na atuação prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Engenharia Civil, assim como muitas outras profissões técnicas, já evoluiu muito quanto a necessidade de relacionar o campo teórico-prático ao sociopolítico e econômico. Mas, é fato que o caminho ainda é longo. No Brasil, ainda existem muitas escolas de Engenharia “clássicas” que estão muito mais preocupadas em fazer com que o

aluno se desgaste física e emocionalmente, tentando resolver questões e problemas que só existem no mundo teórico. Ao passo que existe todo um campo social que torna os profissionais despreparados para lidar com a vida como ela é, para lidar com pessoas e todos os problemas que as relações trazem consigo.

Para além do mundo da construção civil, ou das grandes obras de arte da Engenharia, existe uma lacuna de atuação social do/a engenheiro/a civil muito grande. A demanda por engenheiros e engenheiras que tenham um olhar mais social se faz presente em todos os países, principalmente, os de terceiro mundo, como o Brasil. Porém, para que tenhamos mais profissionais com esse perfil, faz-se necessário reforçar durante a sua formação acadêmica.

É fundamental que seja dito, ou para além disso, que seja legitimado a atuação do engenheiro e da engenheira no setor da ajuda humanitária, mas, não como um profissional rígido, e despreparado para lidar com as demanda dos beneficiários. Para atuar nesse setor, o profissional precisará transcender, entender e pôr em prática palavras como empatia, respeito, cuidado e sustentabilidade. Dessa forma, iniciar-se-á o caminho da construção de novos profissionais.

Dentro da ajuda humanitária e emergencial, incluindo o setor de WASH, não existe receita pronta. Cada caso sempre será um caso. No campo, sempre vamos nos deparar com questões novas, complexas e desafiadoras, tudo isso, trabalhando sob pressão constante, principalmente, quanto ao tempo. Mas, sem dúvidas, se o profissional conseguir transcender e sair da sua “caixinha” e se permitir usar sua visão periférica para todas as variáveis que estão no campo “gritando” para serem notadas, as coisas tenderão a se resolver de formas mais fluidas e definitivas.

O trabalho é árduo e intenso, mas, a sensação de poder contribuir para a redução do dano e do sofrimento de pessoas vulneráveis e a ideia de estar apoiando a (re)construção de um mundo melhor faz com que tudo faça sentido. Essa é a contribuição, não só do/a engenheiro/a civil, mas de todos os profissionais que atuam na ajuda humanitária!

REFERÊNCIAS

ASCE – American Society of Civil Engineers (2008). **Civil engineering body of knowledge for the 21st Century: preparing the Civil Engineer for the future.** Body of Knowledge Committee/Academic Prerequisites for Professional Practice. 2nd ed. Reston, USA.

BRASIL (2002). MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Engenharia.** Resolução CNE/CES 11/2002. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 32.

DuBois, M. (2020). **The new humanitarian basics.** Disponível em: <https://www.odi.org/sites/odi.org.uk/files/resource-documents/12201.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

EM-DAT (2009). **The Emergency Events Database - Universite catholique de Louvain (UCL) - CRED.** Disponível em: <http://www.emdat.be/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

ASOCIACIÓN ESFERA (2018). **Manual Esfera: Carta Humanitária y normas mínimas para la respuesta humanitária.** 4ª Ed., Ginebra. Disponível em: www.spherestandards.org/handbook. Acesso em: 20 jul. 2020.

FÁVERO, M. L. A. (1977). **A Universidade brasileira em busca de sua identidade.** Petrópolis: Vozes.

MACEDO, G. M.; SAPUNARU, R. A. (2016). Uma breve história da Engenharia e seu ensino no Brasil e no mundo: foco Minas Gerais. **REUCP**, Petrópolis, v.10, n.1, p. 39-52.

OLIVEIRA, V. F.; ALMEIDA, N. N. (2010). **Trajetória e estado da arte da formação em Engenharia, Arquitetura e Agronomia.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, Brasília, p. 304.

PADILHA, Ê. (2002). Por que é que a gente é assim? **Jornal do Conselho Federal de Engenharia Arquitetura e Agronomia**, Brasília - DF, v. 1, pp. 15-16.

PARDAL, P. (1985). **Brasil, 1792**: início do ensino da Engenharia Civil e da Escola de Engenharia da UFRJ. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD (2019). **Relatório do Desenvolvimento Humano 2019**. Genebra. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_pt.pdf. Acesso em: 29 jul. 2020.

SCHIMITZ; LIMA; SOMAIO (2010). **Assistência Humanitária Internacional**: uma análise da experiência brasileira recente (2007-2020). Boletim de Economia e Política Internacional, n. 4, dezembro.

SIMÕES-MARQUES, M.; NUNES, I. (2012). Gestão de Emergência. Desafios e Impactos do conceito Comprehensive Approach. In: **Riscos, Segurança e Sustentabilidade**. Edições Salamandra, pp. 203-220.

WORLD RESOURCES INSTITUTE (2019). **Aqueduct 3.0**: Updated decision-relevant global water risk indicators. Disponível em: https://files.wri.org/s3fs-public/aqueduct-30-updated-decision-relevant-global-water-risk-indicators_1.pdf. Acesso em: 29 jul. 2020.

Capítulo 10

Concepção de um projeto de infraestrutura de água, saneamento e higiene: Projeto Orinoco

Lucas Matheus Gomes Santiago



CONCEPÇÃO DE UM PROJETO DE INFRAESTRUTURA DE ÁGUA, SANEAMENTO E HIGIENE: PROJETO ORINOCO

THE CONCEIVING OF A WATER, SANITATION AND HYGIENE INFRASTRUCTURE PROJECT: ORINOCO PROJECT

Lucas Matheus Gomes Santiago¹

RESUMO: O presente relato de experiência vem descrever os fatores, considerações levantadas por todos os membros da equipe e escolhas construtivas utilizadas para definir os layouts das instalações WASH2 do Projeto Orinoco, situadas em terrenos pertencentes à Diocese de Roraima nos municípios de Boa Vista e Pacaraima, no Estado de Roraima-Brasil. Com a finalidade de proporcionar condições básicas e suficientes de acesso e acessibilidade à água, higiene e condições sanitárias a população em situação de rua, oriunda ou não do fenômeno de crise migratória corrente no Estado, bem como espaços para atividades de promoção de higiene aos beneficiários atendidos pela abrangência do projeto.

Palavras-chave: Wash. Migração. Ajuda humanitária. Acessibilidade.

ABSTRACT: *The present Experience Report comes to describe the factors, considerations that was brought up by the whole workgroup and the building choices used to define the layouts of the WASH facilities of the Orinoco Project, located on building sits that belong to Diocese de Roraima on the cities of Boa Vista and Pacaraima, in the state of Roraima-Brazil. For the purpose of providing basics and adequate conditions of access and accessibility of water, hygiene and sanitation for homeless population that comes from, or not, from the phenomenon of migratory crisis set current on the state. As well as activities spaces for hygiene promotion to the beneficiaries reached by the scope of the project.*

Keywords: *Wash. Migration. Humanitarian Assistance. Accessibility.*

¹ Engenheiro Civil, formado pela Universidade Federal de Roraima – UFRR. Assessor de Engenharia do Projeto Orinoco – Cáritas Brasileira. E-mail: lucassantiagorr@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Conflitos como guerras, crises sociais, econômicas e financeiras são eventos que configuram situações de emergência e afligem diversos povos pelo mundo. Frente a esse cenário é necessário um conjunto de ações chamadas de ajuda humanitária que possam garantir os direitos básicos às pessoas afetadas por tais situações. A ajuda humanitária é uma resposta às situações de emergência que podem ter as mais diferentes causas, dentre elas a intolerância religiosa, os conflitos armados com suas infundáveis justificativas, as crises financeiras com suas inumeráveis causas e as perseguições políticas com seus diferentes posicionamentos.

No meio desses acontecimentos infaustos está uma parcela da população que fica à mercê do desenrolar dos fatos e que precisa que tomar decisões para sobreviver às situações às quais está exposta. A migração acaba por se tornar uma alternativa às situações de emergência e criando outra que se configura em uma crise migratória, já que a saída de pessoas de um país para outro pode, em grandes proporções, culminar em situações como criminalidade, xenofobia e falta de acesso às condições básicas de moradia, alimentação, saúde e higiene. Para exemplificar essa situação, podemos citar a crise econômica venezuelana, que em função das condições de vida insatisfatórias, leva uma parcela da população a decidir migrar para os países vizinhos na América Latina, entre eles o Brasil e a Colômbia, em busca de melhores condições de vida que nem sempre são encontradas. Segundo dados do UNICEF (Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância) durante o período compreendido entre os anos de 2015 e 2019 o Brasil registrou mais de 178 mil solicitações de refúgio e residência temporária e segundo a ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) a Colômbia recebeu cerca de 1,3 milhões de venezuelanos.

Frente a esse cenário os organismos de ajuda humanitária atuam em diferentes eixos de assistência. O Projeto Orinoco é um projeto da Cáritas Brasileira em parceria com a Cáritas Diocesana de Roraima e o apoio do Escritório de Assistência BHA da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) que visa garantir o acesso à água potável e à higiene básica aos seus beneficiários

por meio das suas instalações WASH (*Water, Higiene and Sanitation*) em seus polos de atuação em Boa Vista e Pacaraima, no Estado de Roraima-Brasil.

O presente relato tem o objetivo de descrever as etapas, os parâmetros e os objetivos do projeto de construção das instalações WASH localizadas na Igreja Nossa Senhora da Consolata em Boa Vista e no Centro de Formação da Igreja Sagrado Coração de Jesus em Pacaraima, no Estado de Roraima – Brasil.

FATORES LEVADOS EM CONSIDERAÇÃO NA ELABORAÇÃO DO LAYOUT DAS INSTALAÇÕES

As instalações Orinoco foram construídas em terrenos de igrejas cedidos pela Diocese de Roraima, que é o conjunto de paróquias de Roraima. Essas instalações foram idealizadas de acordo com as atividades que seriam desenvolvidas ali em cada local. A infraestrutura básica necessária e a disponibilidade de espaço foram os ingredientes para uma receita do planejamento com o objetivo de assistir a população desfavorecida. A partir disso, foram definidos diferentes eixos para o desenvolvimento dos layouts de forma a se obter sucesso com as atividades planejadas: concepção, responsabilidade ambiental, sustentabilidade, acesso à higiene e acessibilidade.

CONCEPÇÃO

A concepção do *layout* das instalações Orinoco partiu da preocupação de uma equipe multidisciplinar em atender de forma mais humanizada aos beneficiários. Cada membro da equipe contribuiu com uma perspectiva diferente acerca para sanar alguma das carências às quais os beneficiários pudessem ter, já que o público alvo das instalações são pessoas em situação de rua com pouquíssimo ou nenhum acesso às condições mínimas água e higiene.

Assim, foi elaborado um documento chamado de CAP (Conhecimento, Atitudes e Práticas de Higiene) de WASH, que consistia

em um conjunto de perguntas com a finalidade de criar um panorama acerca da realidade dos beneficiários, para que ela realidade pudesse se transformar em números trabalháveis ajudando a compreender as suas necessidades e a desenvolver as instalações para alcançar os objetivos do projeto.

Após um estudo de monitoramento de campo, foi estimada a quantidade de pessoas a serem atendidas diariamente. Este número foi utilizado para dimensionar as instalações dentro das possibilidades de horário de atendimento, bem como o tempo de permanência das pessoas dentro das instalações para garantir de maneira satisfatória a higiene e o acesso do maior número possível de beneficiários. Devido à limitação de espaço para a construção das instalações e à demanda, observou-se que não seria possível atender às diretrizes do Manual Esfera para o número de pessoas por sanitário e duchas.

O projeto visa atender 2.700 pessoas, sendo 1.200 em Boa Vista e 1.500 em Pacaraima, todas oriundas do processo migratório existente nesses municípios.

RESPONSABILIDADE AMBIENTAL

Preocupado com os recursos naturais utilizados nas suas instalações e com o impacto ambiental gerado por qualquer empreendimento, o projeto contempla fontes de energia alternativas e a reutilização de recursos.

O projeto utiliza um sistema de energia solar que se aproveita da alta incidência de radiação solar, proporcionada pela localização geográfica do Estado de Roraima que, mesmo em seu período chuvoso, tem uma quantidade de exposição solar suficiente para geração de energia a ser utilizada nas instalações, mitigando os gastos e o consumo de energia da rede pública. Tal alternativa serve para não sobrecarregar o sistema público.

Outro ponto de responsabilidade ambiental do projeto é o sistema de reutilização de águas pluviais que capta a água da chuva que cai nos telhados das instalações através de um sistema de calhas que as encaminha para uma cisterna com capacidade de 7.500 litros. Essa água

é posteriormente utilizada para abastecer as descargas dos vasos sanitários das instalações de Boa Vista e Pacaraima.

Finalmente foi instalado um sistema de tratamento dado às águas cinzas e negras da instalação de Pacaraima, cidade que não possui rede de tratamento de esgoto. Esse sistema possibilita o tratamento dessas águas que são destinadas a um Wetland que absorve a carga poluente residual do efluente, além de trazer características estéticas à instalação.

SUSTENTABILIDADE

Dentro das informações de quantitativos de pessoas a serem beneficiadas e da disponibilidade de tempo de oferta do serviço, passou-se para a consideração do espaço e quais fatores eram mais críticos e emergentes não apenas para o funcionamento quanto para a posteridade. Logo, para garantir a sustentabilidade das instalações foram pensadas fontes alternativas da rede pública que poderia gerar custos posteriores para a Diocese e inviabilizar o pós-vida das instalações uma vez que o projeto se encerre.

Para superar essa questão foi perfurado um poço artesiano, regularizado junto à Agência Nacional de Águas (ANA), que pode fornecer até 6 m³ de água por dia e que abastece uma torre de reservatórios com duas caixas d'água com capacidade de armazenamento de 7.500 litros cada, com separação para a alimentação dos prédios da lavanderia e do complexo de banheiros públicos totalizando uma capacidade de 15.000 litros de água à disposição das instalações. O poço visa não apenas a economia com o gasto de água na rede pública, mas também a garantia de fornecimento de água sem comprometer a distribuição da rede local.

Já para a sustentabilidade de energia elétrica foi contratado um serviço de placas solares fotovoltaicas que além de ser uma fonte de energia alternativa limpa, tem grande capacidade geradora, uma vez que o Estado de Roraima, geograficamente falando, se situa em uma área de grande incidência solar. O sistema é equipado com inversores de frequência de 20kW, para uma demanda de projeto de 11,88kWp (quilo Watt-pico), a uma base de consumo de energia elétrica das instalações

de 5.570 kWh/mês (quilo watt-hora/mês), com geração estimada de 1281 kWh/mês (quilo Watt-hora/mês) proporcionada por trinta e seis módulos fotovoltaicos de 330w de potência.

ACESSO À HIGIENE E ACESSIBILIDADE

Chegando às instalações em si, destacamos que as mesmas são equipadas com conjuntos de banheiros com cabines de vasos sanitários com pias externas para lavagens de mãos, tanto para garantia das lavagens de mãos quanto para que os educadores sociais pudessem instruir os beneficiários a fazê-lo da forma correta, com disponibilidade de sabão líquido para lavagem e papel toalha para secagem.

A garantia de acesso das crianças é feita através de bancos para alteamento das mesmas sem que seja necessário serem içadas no colo para lavagem de mãos e os vasos sanitários possuem adaptadores para que as mesmas acessem acompanhadas por seu responsável e em segurança.

Ambas as instalações contam com banheiros destinados ao banho, separados em masculino e feminino, com cabines individuais contendo chuveiros com temporizador e acionamento por ficha, possibilitando até 10 minutos de banho e 3 minutos de água com possibilidade de pausa para ensaboamento e com vestiário equipado com espelho para a troca de roupas.

As instalações WASH do Projeto Orinoco também são equipadas com pias para higiene bucal e um fraldário, que permite que as mães possam tanto dar banho nas crianças quanto fazer a troca de fraldas de maneira higiênica e digna.

A configuração dos espaços físicos é um fator que dependeu da disponibilidade de área e das necessidades a serem atendidas, como citado anteriormente, além de proporcionar o direito ao acesso à higiene para os beneficiários o espaço.

Por premissa de projeto, deveria comportar atividades de promoção de higiene, as quais abrangem palestras instrutivas, rodas de conversa ou até mesmo falas pontuais sobre a importância e a forma correta de lavagem de mãos, banhos regulares, saúde bucal e higiene íntima. Para

atender a essas atividades as instalações dispõem de lugares como o “jardim do autocuidado”, que são os lugares mais acolhedores das instalações, providos de área verde com ventilação natural para que as atividades possam ocorrer de forma acolhedora e humanizada.

Por conta da área disponível existe uma diferença na conformação dos espaços de Boa Vista e Pacaraima. Uma vez que Boa Vista dispunha de uma área maior para a construção, as instalações possuem uma forma de “U” ou “H” se vista de cima, que permite um circuito de utilização interna em que, olhando de frente, dependendo da posição do observador, o lado direito é destinado ao acesso feminino e o lado esquerdo ao lado masculino e permite uma disposição de colaboradores com ampla visão dos beneficiários para que possam oferecer toda assistência necessária e garantir a integridade das instalações.

Já as instalações de Pacaraima possuem um circuito em forma de “O” em que os beneficiários adentram a unidade WASH por uma passarela e cruzam, ordenadamente, o fraldário, ambientes femininos e ambientes masculinos para depois sair.

Outro aspecto importante das instalações para o acesso às condições básicas de higiene, tendo em vista que o público alvo tem pouco acesso à água potável ou aos produtos de limpeza, é a existência das lavanderias que são equipadas com duas máquinas industriais de lavar roupa, com capacidade de lavagem e centrifugação de até 21 kg de roupa por ciclo e uma secadora, também industrial, com capacidade de secagem de até 50 kg de roupas lavadas a uma temperatura de 70° Celsius, responsáveis pela limpeza das roupas e eliminação de microrganismos que causam doenças de pele. As lavanderias dispõem de um layout que contempla 3 segmentos básicos de divisão, sendo uma “recepção” em que é feita pesagem das roupas e a separação em grupos de lavagem, de acordo com a capacidade das máquinas; uma “área suja” em que as lavadoras de roupa recebem a roupa triada que é lavada em ciclos de aproximadamente uma hora, com limpeza constante para garantia da higiene do espaço e uma “área limpa” em que a secadora de roupas faz a secagem em turnos de aproximadamente uma hora e, posteriormente, as roupas passam por uma bancada de separação em que são identificadas e separadas conforme a correspondência de seus respectivos donos e são preparadas para serem devolvidas.

Para garantir o fácil acesso de qualquer pessoa às instalações foram construídas rampas de acessibilidades em conformidade com a norma de acessibilidade NBR 9050 que prevê que as rampas devem ser suaves, de modo a exigir o mínimo de esforço de um cadeirante, por exemplo, transpor obstáculos de desnível no terreno com espaço suficiente para circulação de cadeira de rodas, ou seja, as rampas têm uma inclinação menor do que 3% em uma relação largura/altura, com largura de 1,20 metros. Dentro dessas disposições das unidades a acessibilidade é contemplada de forma que os banheiros e duchas adaptadas são sempre os primeiros, facilitando o seu acesso. As unidades possuem banheiros adaptados com vasos sanitários especiais e possuem barras de segurança, assim como a área mínima para circulação de cadeira de rodas com conforto para os utilizadores que possuem alguma deficiência ou dificuldade de locomoção.

RESULTADO

Como resultado dos esforços e determinação da equipe, o que antes eram espaços ociosos, como se pode ver na Figura 1, passaram por transformações construtivas, como na Figura 2 e se tornaram edificações capazes de proporcionar melhora na qualidade de vida de pessoas afligidas por mudanças bruscas nas suas realidades que as colocaram em situação de vulnerabilidade extrema, como na Figura 3.

Figura 1: Espaço Destinado às Instalações



Fonte: Assessoria de Comunicação do Projeto Orinoco, 2019.

Figura 2: Etapa de Construção das Instalações



Fonte: Assessoria de Comunicação do Projeto Orinoco, 2019.

Figura 3: Construção das Instalações Concluída



Fonte: Assessoria de Comunicação do Projeto Orinoco, 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sucesso do projeto depende do ponto de vista técnico e humano da equipe, que sempre propõe observações pertinentes quanto às disposições e utilização do espaço de forma a promover a dignidade merecida aos beneficiários dentro das possibilidades do escopo das atividades do Projeto Orinoco.

As instalações WASH do Projeto Orinoco são instrumentos de promoção de experiências e humanidade de quem as vivenciou, tanto do ponto de vista do assistido quanto do ponto de vista da assistência, que permite não apenas a promoção da higiene, como também a promoção da compaixão e humanidade.

REFERÊNCIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (2004). **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, p. 97.

ACNUR (2019). **Número de Refugiados e Migrantes da Venezuela Ultrapassa 4 Milhões, Segundo o ACNUR e a OIM**. Brasília: ACNUR. Disponível em: <http://acnur.org/portugues/2019/06/07/numero-de-refugiados-e-migrantes-da-venezuela-ultrapassa-4-milhoes-segundo-o-acnur-e-a-oim/#:~:text=Globalmente%2C%20os%20venezuelanos%20s%C3%A3o%20um,populacionais%20deslocados%20de%20seu%20pa%C3%ADs.&text=Os%20pa%C3%ADses%20latino-americanos%20est%C3%A3o,%2C%20a%20Argentina%2C%20130%20mil>. Acesso em: 22 jul. 2020.

BELLAMY, Alex J. (2014). Respostas internacionais às crises de proteção de pessoas: a responsabilidade de proteger e o surgimento de um novo regime de proteção. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 104, pp. 45-66, setembro. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-74352014000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 jul. 2020.

CÁRITAS BRASILEIRA (2019). **Relatório Analítico do CAP de WASH**. Boa Vista/Pacaraima. Disponível em: <http://caritas.org.br/storage/arquivo-de-biblioteca/July2020/btbvPpsQjHyMi6EPxB1w.pdf>. Acesso em: 22 de jul. 2020.

GUIZARDI, Menara Lube (2019). The Age of Migration Crisis. **Tempo**, Niterói, v. 25, n. 3, p. 577-598, Dezembro. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042019000300577&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 jul. 2020.

UNICEF BRASIL (2019). **Crise Migratória Venezuelana no Brasil**. Brasília: UNICEF. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil#:~:text=Entre%202015%20e%20maio%20de,ref%C3%BAgio%20e%20de%20resid%C3%A4ncia%20tempor%C3%A1ria.&text=Estim-a%2Dse%20que%2C%20at%C3%A9%20o,mil%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20vulnerabilidade>. Acesso em: 22 jul. 2020.

REFLEXÕES SOBRE A CONCEPÇÃO E A PRÁTICA DAS ATIVIDADES DE PROMOÇÃO DE HIGIENE DO PROJETO ORINOCO NAS INSTALAÇÕES DA IGREJA SANTO AGOSTINHO NA CIDADE DE BOA VISTA

REFLECTIONS ON THE CREATION AND PRACTICES OF HYGIENE PROMOTION ACTIVITIES IN THE ORINOCO PROJECT AT THE SANTO AGOSTINHO CHURCH, IN THE CITY OF BOA VISTA

Luana Soares de Albuquerque¹

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo relatar o processo criativo e prático das atividades de promoção de higiene, sob a perspectiva de uma das educadoras do Projeto ORINOCO. As atividades foram desenvolvidas no período de setembro de 2019 a fevereiro de 2020, nas instalações da Igreja Santo Agostinho, no município de Boa Vista, no estado de Roraima. Pretende-se, ainda, evidenciar as dificuldades que se apresentaram durante este processo e as estratégias adotadas. As atividades tinham como principal objetivo fomentar a prática de lavagem das mãos para combater doenças infecciosas, em especial a diarreia, e atenderam mulheres e crianças, ou migrantes da Venezuela que se encontravam em situação de rua.

Palavras-Chave: Higiene Pessoal. Lavagem das Mãos. Migração.

ABSTRACT: *This work aims to report the creative and practical process of hygiene promotion activities from the perspective of one of the educators of the ORINOCO Project. The activities were carried out from September 2019 to February 2020 on the premises of the Santo Agostinho Church, in the municipality of Boa Vista in the state of Roraima. It is also intended to present the difficulties that arose during this process, and the strategies adopted. The main objective of the activities was to promote the practice of hand washing to fight infectious diseases,*

¹ Pós-Graduanda do curso de Especialização em Ensino da Matemática, pelo Instituto Federal de Roraima. Boa Vista-RR. E-mail: luana@caritas.org.br.

especially diarrhea, and attended women and children, migrants from Venezuela, who were on the streets.

Keywords: *Personal Hygiene. Hand Washing. Migration.*

INTRODUÇÃO

O direito à água e ao saneamento são garantias básicas, mas para a maioria das pessoas que migram de seu país, quer seja em decorrência de um conflito armado, de uma catástrofe natural ou de uma crise econômica e social, a realidade é um aglomerado de barracas em assentamentos ou ocupações, com a presença de muito lixo, água empoçada ou esgoto escorrendo a céu aberto.

Segundo as Nações Unidas, o número total de venezuelanos registrados que deixaram o país recentemente é superior a 2,3 milhões. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), pelo menos 800 venezuelanos entram no Brasil todos os dias, se concentrando principalmente na cidade de Boa Vista, capital de Roraima.

Em uma situação de crise, como esta, as pessoas afetadas estão mais vulneráveis a enfermidades, podendo chegar à morte em decorrência de doenças infecciosas, como é o caso das diarreias.

O manual Esfera aborda com profundidade a questão da água e do saneamento. Esses temas estão incluídos no princípio WASH, abreviatura em inglês para “Abastecimento de Água, Saneamento e Promoção da Higiene”. O principal objetivo WASH é reduzir os riscos de saúde pública, criando barreiras para evitar as principais vias de contato: mãos, fluidos, água contaminada, fezes, alimentos e vetores como insetos e roedores. As barreiras que podem parar a transmissão de doenças são as primárias, quando se impede o contato inicial com as fezes, e as secundárias, quando se previne a ingestão. Nos dois casos, o acompanhamento é feito através de intervenção no controle da água, do saneamento e da higiene.

Diante do fenômeno migratório, cada vez mais presente em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, o manual Esfera elenca uma série de normas, baseadas em princípios, direitos e obrigações declaradas na

Carta Humanitária. As principais atividades WASH são: i) promover boas práticas de higiene; ii) fornecer água potável em quantidade adequada; iii) oferecer instalações sanitárias apropriadas; iv) reduzir riscos ambientais à saúde; v) garantir às pessoas condições para viver com boa saúde, dignidade, conforto e segurança.

No âmbito da promoção de higiene, o manual Esfera orienta: i) as pessoas devem conhecer os riscos à saúde relacionados à água, saneamento e higiene, e podem tomar medidas individuais e comunitárias para reduzi-los; ii) as pessoas precisam ter acesso aos artigos de higiene; iii) é preciso ter atenção à higiene menstrual e incontinências.

A importância da prática de bons hábitos de higiene, tanto corporal como do ambiente em que se vive, é indispensável para a prevenção de inúmeras doenças e na manutenção da saúde do indivíduo. Entretanto, mesmo diante de tais informações, esses esclarecimentos não estão suficientemente difusos e seu desconhecimento ainda provoca o surgimento frequente de doenças como verminoses, diarreias, doenças cutâneas, cárie dental, infecções alimentares dentre outras, recorrentes nas diversas regiões do Brasil (RUAS HMS, 2013).

A prática do autocuidado por meio da educação em saúde proporciona o conhecimento, propendendo à autonomia do indivíduo e constituindo um conjunto de práticas e saberes, voltado à promoção da transformação social dos sujeitos e da sua comunidade (ARAÚJO MG et al., 2013).

Nessa perspectiva, o setor de promoção de higiene do projeto ORINOCO, com atuação no município de Boa Vista, realizou atividades que tinham como principal objetivo fomentar a prática da lavagem das mãos, para prevenção de enfermidades.

Este trabalho pretende apresentar uma reflexão acerca do processo criativo e da prática das atividades de promoção de higiene na instalação da Igreja Santo Agostinho, por meio de um relato descritivo da experiência vivenciada pela educadora, no período de setembro de 2019 a fevereiro de 2020.

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A PROMOÇÃO DE HIGIENE NAS INSTALAÇÕES DA IGREJA SANTO AGOSTINHO

A primeira atividade realizada em campo foi um diagnóstico na Igreja, onde as Irmãs da Caridade atendiam migrantes e refugiados com a distribuição de alimentos. Na ocasião, observamos e conversamos com pessoas que frequentavam o local, com as irmãs e com voluntários que ajudavam as mesmas na gestão do espaço.

As quase oitocentas pessoas se amontoavam, muitas delas sentando-se no chão de terra, comendo com as mãos e com recipientes sujos. Tinha restos de comida no chão e moscas no local, os panelões não possuíam tampas e nem todos que manipulavam a comida utilizavam luvas e toucas. Havia, ainda, muitas crianças doentes em meio às que estavam saudáveis. Não havia bebedouro e as pessoas armazenavam água diretamente das torneiras em garrafas pet, sem qualquer tipo de higienização. Ao sair dos banheiros, não havia sabão para que as pessoas se lavassem as mãos. O tanque utilizado para lavar roupas também era utilizado para dar banho nos bebês, não sendo raro o entupimento por fezes. A sensação era que aquelas pessoas tinham tido sua dignidade cerceada.

Não bastassem os problemas de infraestrutura e logística, foi relatada pelos voluntários também a situação de migrantes em situação de rua, ameaçados de sofrerem violência física pelos beneficiários da igreja, tendo frequentes conflitos entre os beneficiários. Havia, ainda, pressão por parte dos vizinhos da igreja, que responsabilizavam os migrantes pelo lixo presente nas ruas, pelo barulho à noite e pelo arrombamento de portões.

Nos reunimos e logo tratamos de redigir um documento, apresentando os problemas e propondo soluções. Dentre elas, a construção de um fraldário, para que as mães pudessem higienizar os bebês com maior comodidade, e parcerias para a aquisição de mesas, cadeiras e utensílios (pratos, colheres e copos), para que as pessoas pudessem ter conforto e higiene no momento da refeição, bem como parcerias para jornadas médicas no local.

O processo de concepção das atividades de promoção de higiene e dos materiais que dariam suporte educativo às mesmas levou em

consideração o diagnóstico supracitado e os resultados da pesquisa CAP (Conhecimentos, Atitudes e Práticas), realizada pelo setor de monitoramento do projeto, que entrevistou migrantes e refugiados em situação de rua.

O CAP analisou os cinco momentos críticos para lavagem das mãos: antes de comer, antes de preparar os alimentos, antes de amamentar, depois de ir ao banheiro e depois de trocar a fralda de um bebê. Os momentos antes de comer e depois de ir ao banheiro eram comumente citados pelos entrevistados, enquanto os demais foram citados com menor frequência. Se considerássemos o gênero dos entrevistados, os homens mostraram desconsiderar três dos cinco momentos, pois estes são associados a tarefas realizadas pelas mulheres, fato que pode ser explicado pelo patriarcado muito presente nos países latinos. Diante do exposto, traçaram-se estratégias como criação de placas e rodas de conversa, para fomentar a participação dos pais no cuidado de bebês e crianças, bem como na divisão de tarefas domésticas.

O CAP mostrou, ainda, que um grande número dos entrevistados acreditava que a mudança na alimentação ocasionava a diarreia, sendo o feijão, presente nas marmitas a eles fornecidas, apontado como a principal causa. Notou-se que uma parcela significativa dos entrevistados, geralmente os que tiveram menos acesso à educação, desconheciam que a falta de higiene das mãos antes das refeições, a ingestão de água não potável e a não higienização dos recipientes utilizados para armazenar alimentos e água eram os verdadeiros causadores da diarreia. A partir destes resultados, buscaram-se estratégias: criação de materiais educativos, exibição de vídeos, mini palestras, dinâmicas, entre outros, para desmistificar essa concepção, promover a higiene dos recipientes, a lavagem das mãos e o consumo de água potável.

Outro dado relevante para a promoção de higiene, apontado pelo CAP, foi com relação à defecação a céu aberto, já que um número pequeno de entrevistados respondeu que realizava essa prática, mas inferimos que o número real seria maior. A estratégia traçada em resposta a este resultado foi a inclusão do tema nas minis palestras e rodas de conversa, onde se explicou um método para minimizar os impactos desta ação e evitar que se tornasse um problema de saúde pública. As pessoas foram orientadas a defecarem em sacolas plásticas e descartá-las em local apropriado. A orientação também foi estendida às fraldas descartáveis e aos absorventes femininos.

A etapa seguinte, na concepção das atividades de promoção de higiene e dos suportes educativos destas, foi a realização de pesquisas em sites educacionais e em sites com informações sobre saúde. A pesquisa gerou a criação da biblioteca de atividades, documento onde era registrada a descrição das atividades e dos materiais necessários à realização das mesmas, e do banco literário, documento onde histórias, vídeos e canções eram armazenados, para utilização durante as atividades. As atividades foram adaptadas à realidade e às necessidades do público alvo do projeto, e os materiais que serviriam de suporte educativo para estas foram validados pelos beneficiários, através de grupos focais.

Um dos principais indicadores do projeto era a lavagem das mãos nos cinco momentos críticos. Uma das estratégias utilizadas para atingir este indicador foi a criação de um protocolo pelas educadoras: i) molhe as mãos e passe sabão, ii) esfregue as palmas das mãos, iii) esfregue o dorso e entre os dedos, iv) esfregue as unhas e remova o sabão. O protocolo, pretendia simplificar e unificar o processo, além de garantir a eficaz higiene dessa região.

O passo seguinte foi a construção de manualidades, dentre elas: maquetes no formato de dentadura, jogos (quebra-cabeças, memória e trilha da higiene), cenários e fantoches; paralelamente à construção destes, deu-se a seleção de voluntários que ajudariam no processo. Foram selecionados voluntários de nacionalidade venezuelana com perfil artístico: músicos, artistas plásticos, radialistas, entre outros, bem como pessoas que tinham familiaridade com a confecção de manualidades e no trato com o público. Eles receberam uma formação ministrada pelas educadoras, explicando a dinâmica de trabalho e as estratégias para realização das atividades em campo. Os voluntários também foram orientados a viabilizar o acesso do público LGBT à instalação.

Antes de iniciarmos a prática das atividades de promoção de higiene, organizamos o fluxo de entrada das pessoas e a logística para lavagem das mãos e para a distribuição de alimentos. A fila de espera se concentrou na varanda lateral da igreja; de dez em dez, mulheres e crianças eram direcionadas para uma fila em frente a pias anexas ao refeitório, para que se lavassem as mãos; na sequência, eram direcionadas a mesas, onde recebiam os alimentos e orientadas a ocuparem as mesas e cadeiras distribuídas no refeitório.

O planejamento das atividades e a escala de colaboração dos voluntários foram realizados semanalmente pela educadora, ponto focal da instalação. As atividades foram desenvolvidas considerando o tipo de público (mulheres e/ou crianças), o espaço onde essas iriam ocorrer (pias, entrada dos banheiros, área das duchas, fraldário, bebedouro, fila de espera, refeitório) e as potencialidades dos voluntários.

Os voluntários eram acompanhados e supervisionados pela educadora e permaneciam em postos para atendimento ao público. Dois voluntários nas pias eram responsáveis por garantir que todas as mulheres e crianças lavassem as mãos corretamente, antes de receberem os alimentos. Neste processo, explicava-se o protocolo adotado para uma eficaz lavagem das mãos, o descarte adequado do papel toalha e o consumo consciente da água, sendo a fala o único recurso utilizado. Um voluntário permanecia na entrada dos dois banheiros e era responsável por garantir que as beneficiárias e crianças lavassem as mãos e, após o uso, descartassem corretamente o papel higiênico, o papel toalha e os absorventes, além de sensibilizar para o uso consciente da água. Como suporte educativo foi utilizado um banner.

Havia também um voluntário no fraldário, realizando orientação sobre o uso adequado do espaço, o descarte das fraldas e o uso consciente da água. Outro voluntário no bebedouro orientava as pessoas sobre o uso adequado do equipamento, sobre a importância da hidratação e a higiene do equipamento e dos recipientes utilizados para armazenar água. Placas eram utilizadas como suporte educativo. Um voluntário de sexo feminino permanecia na área das duchas, controlando o acesso ao local para garantir a segurança e a integridade das usuárias e crianças. Também, sensibilizava para a importância de manter a limpeza do local, explicar o funcionamento dos chuveiros elétricos e o descarte correto de absorventes; como suporte educativo eram utilizadas placas.

Na fila de espera e/ou no refeitório, voluntários e a educadora realizavam atividades por meio de jogos, dinâmicas, rodas de conversa, teatro de fantoches, apresentação musical e mini palestras, sobre os seguintes temas: Lavagem das Mãos, Higiene Bucal, Higiene Íntima, Cuidado com as Instalações, Água Segura, Enfermidades da Pele, Descarte de Resíduos Sólidos, Higiene Respiratória, Manipulação da Tosse e Doenças de Veiculação Hídrica. Os recursos didáticos utilizados

eram: banners, placas, datashow, tela-mapa, caixa de som, flip chart, pias-portáteis, cenários, fantoches, maquetes, entre outros. Ao final de cada atividade, eram reforçados os cinco momentos críticos para lavagem das mãos.

Ao iniciarmos a prática das atividades, verificou-se o conhecimento prévio das mulheres e crianças quanto à importância de uma boa higiene para promoção de saúde e prevenção de doenças. Também, percebeu-se que as crianças não permitiam que as mães participassem de forma tranquila e atenciosa; criou-se então um espaço para atender a estas crianças com dinâmicas, músicas, coreografias e brincadeiras. Posteriormente, as Irmãs da Caridade, com a ajuda de voluntários, criaram uma escolinha no local; todos os dias, educadora e voluntários realizavam atividades com temas de higiene e autocuidado.

Dentre as dificuldades encontradas durante o processo prático das atividades, destacam-se: i) insuficiência de espaço físico na igreja; ii) resistência por parte de algumas beneficiárias para lavar as mãos antes de comer; iii) diversificar as atividades com recursos limitados; iv) falta de assistência médico-hospitalar às mulheres e crianças que apresentavam urgências médicas e não tinham como se deslocar até uma unidade de saúde.

RESULTADOS

A reforma e a revitalização do espaço, aliada às atividades de promoção de higiene, possibilitaram que mulheres e crianças que frequentavam o local tivessem acesso à água potável e a ferramentas - estruturas físicas e itens de higiene - para realizar sua higiene pessoal, diminuindo assim a incidência de doenças de pele e diarreia.

A organização do fluxo de pessoas foi responsável pela diminuição de conflitos entre as beneficiárias, e o fomento ao descarte correto de resíduos sólidos causou a diminuição de vetores, bem como atritos com os vizinhos.

A sensibilização para o respeito e valorização do trabalho realizado pelos voluntários contribuiu para a diminuição dos conflitos. As crianças tornaram-se multiplicadoras das informações recebidas durante as atividades, além de serem guardiãs, contribuindo para a limpeza e o cuidado das instalações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades de promoção de higiene na instalação da igreja Santo Agostinho mostraram-se eficazes e proporcionaram uma melhoria na qualidade de vida das mulheres e crianças que frequentavam o espaço. A prática das atividades mostrou que o público alvo tinha maior interesse em participar quando havia a dimensão lúdica, com jogos, dinâmicas, teatro e apresentação musical.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M.G. et al. (2013). Educação em saúde no ensino infantil: metodologias ativas na abordagem da ação extensionista. **Rev enferm UFPE**, on line, 7(1), pp. 306-313.

RUAS, H. M. S. (2013). **Desafio master de higiene na adolescência**: um jogo didático para o ensino. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Minas Gerais, Belo Horizonte, 140f.

FUNDAÇÃO FHC (2020). **A Crise Humanitária na Venezuela**. Disponível em: https://fundacaofhc.org.br/imagens/68/57/arq_16857.pdf /. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

FRATERNIDADE (2020). **Manual Esfera: Água e Saneamento – Direitos Fundamentais do Homem**. FRATERNIDADE – Federação Humanitária Internacional. Disponível em: <https://www.fraterinternacional.org/agua-e-saneamento-direitos-fundamentais-do-homem/>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

Capítulo 12

*Escovódromo
– uma solução
concebida para
atender imigrantes
venezuelanos
sendo usada
para combate ao
covid-19*

Rodrigo Edson Castro Avila



ESCOVÓDROMO: UMA SOLUÇÃO CONCEBIDA PARA ATENDER IMIGRANTES VENEZUELANOS NO COMBATE À COVID-19

BRUSH: A CONSEBLE SOLUTION TO ATTEND VENEZUELAN IMMIGRANTS BEING USED TO COMBAT COVID-19

Rodrigo Edson Castro Ávila¹

RESUMO: O combate ao COVID-19 se tornou uma missão mundial, mas cabe a cada um de nós fazer nossa parte nessa batalha. Nossa maior arma é a informação e o isolamento, mas nem todos podem se isolar e alguns podem fazer algo mais, é o caso desse relato que mostra a preocupação e o processo construtivo de entidades afim de se implantar um sistema viável para ajuda no combate ao corona vírus e outras patologias, de forma a construir um sistema barato, acessível e que ao mesmo tempo permitisse sua implantação e replicação em locais de difícil acesso de forma a atender o máximo da população de baixa renda.

Palavras-chave: COVID-19. Coronavírus. Informação. Isolamento.

ABSTRACT: *Combating COVID-19 has become a worldwide mission, but it is up to each of us to do our part in this battle. Our greatest weapon is information and isolation, but not everyone can isolate themselves and some can do more, as is the case of this report that shows the concern and the constructive process of Entities in order to implement a viable system to help in the fight against Corona virus and other pathologies, in order to build a cheap, accessible system that at the same time would allow its implantation and replication in places of difficult access in order to serve the maximum of the low-income population.*

Key-words: COVID-19. Coronavirus. Information. Isolation.

¹ Engenheiros Sem Fronteiras – Núcleo Boa Vista. Cidade de Boa Vista, Roraima, <boavista@esf-brasil.org>.

INTRODUÇÃO

A crise que assola a Venezuela provocou o maior êxodo em massa da história das Américas. Um dos principais países que esse povo buscou refúgio foi o Brasil que, por meio da Operação Acolhida, promovida pelo Governo Federal e sobre a tutela de Organismos Internacionais e Nacionais, tem dado exemplo para o mundo, no recebimento e tratamento de imigrantes.

Diante dessa situação inédita para o Brasil, várias soluções precisaram ser implantadas, principalmente, no que tange a adaptação deste povo diante da nova realidade. Uma das soluções implantada foi o projeto de um espaço para ensinar aos indígenas venezuelanos como usar equipamentos sanitários, por meio de um lavatório comunitário.

Da experiência na elaboração e implantação de projetos voltados a essa comunidade, e com a chegada da pandemia COVID-19, que assolou o mundo, sentiu-se a necessidade de pensar em soluções para atender a higienização.

Nesse Relato de Experiência, discute-se todo o processo de busca e construção de sistema acessível para a ajuda no combate ao COVID-19.

CRISE VENEZUELANA: OPERAÇÃO ACOLHIDA

Diante da crise vivida pela Venezuela, houve um aumento de imigrantes, principalmente a partir de 2010, gerando uma crise no Brasil, em especial no estado de Roraima, tendo em vista ser a única fronteira seca entre esses países. O Governo Federal, por meio da Medida Provisória (MP) nº 820, de 15 de fevereiro de 2018, criou um comitê que decretou emergência social e criou medidas para assistência e acolhimento a esse público.

A partir desse momento, iniciaram-se todas diretrizes e composições com o emprego do Exército Brasileiro, a fim de se implantar a Força Tarefa Humanitária no Estado de Roraima, ou simplesmente Operação Acolhida.

Em 21 de fevereiro desse ano, a direção do Comitê identificou a necessidade de estabelecer estruturas de recebimento, triagem e criar

áreas de abrigo e acolhimento, além de reforçar as estruturas de saúde, alimentação, unindo reforços em todos os níveis, incluindo político, autoridades, instituições, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), ONGs de ajuda humanitária, órgãos de Saúde e Segurança (Kanaan, 2018).

COVID-19

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), a recém descoberta doença do vírus corona (COVID-19) é infecciosa, causando, na maioria das pessoas, leves e moderadas dificuldades respiratórias. A gravidade está naqueles mais idosos e com doenças pré-existentes como diabetes, cardiovasculares, câncer, entre outros.

Até o presente momento não há vacina e nem método ágil para detecção do COVID-19, o que fez com que, diante do sistema de deslocamentos e globalização, fosse rapidamente distribuída pelo mundo.

A melhor forma de combater o contágio é evitando contato com terceiros, a higienização das mãos, limpezas apropriadas dos ambientes.

NO MUNDO

Em 31 de dezembro de 2019, a OMS recebeu notificação de casos de “pneumonia viral” preocupante, em Wuhan, província da República Popular da China. A partir dessa informação, notou-se um crescente número de casos semelhantes, em proximidades da província.

Após vários estudos sobre o caso, em 05 de janeiro de 2020, foi publicado o primeiro relatório direcionado a comunidade científica sobre os surtos da doença. Poucos dias depois, autoridades chinesas determinaram que a causa do surto era um novo Corona vírus.

Em seguida, foi relatado o primeiro caso fora da China, no dia 13 de janeiro, sendo este na Tailândia. Nesse dia, a OMS publica o primeiro protocolo para diagnóstico do novo corona vírus.

Em 16 de janeiro, o governo Japonês informa a OMS ter identificado seu primeiro caso da doença. É publicado o primeiro alerta

epidemiológico alertando aos viajantes internacionais medidas de prevenção e controle de infecções.

Os EUA relatam o primeiro caso na região das Américas no dia 21 de janeiro. A França, em 24 de janeiro, relata 3 casos sendo os primeiros casos na União Europeia. Os Emirados Árabes Unidos relatam primeiros casos na região, em 29 de janeiro.

Entre 04 e 11 de fevereiro, a OMS organizou uma reunião, a fim que os Estados membros tomassem medidas para conter o vírus, tendo em vista que, até aquele momento, 99% dos casos estavam concentrados na China. No dia 11 de fevereiro, foi anunciado que o nome desse vírus era COVID-19, o nome foi assim escolhido para evitar imprecisões, preconceitos (em referência a localização, animal, grupos ou indivíduos).

No mês de março, a OMS fez apelo às indústrias e aos seus governos para que aumentassem a produção de equipamentos de proteção individual (EPI), para atender, principalmente, aos trabalhadores de saúde.

Ainda neste mês, a OMS, preocupada com o crescimento alarmante do vírus, considera que a COVID-19 poderia ser caracterizada como pandemia.

Até a presente data, uma série de ações tem sido tomada pela OMS e seus Estados parceiros, a fim de buscar soluções para evitar a disseminação, ter melhores protocolos e, também, a fabricação de uma vacina. No entanto, para entidade, a mais eficiente arma contra esta doença é a informação.

Tabela 1: Quantidade de Contaminados no Mundo de 10 de Março a 10 de Julho de 2020

Mês	Contaminados
10 de Março	175.601
10 de Abril	1.521.252
10 de Maio	3.917.366
10 de Junho	7.145.539
10 de Julho	12.102.328

Fonte: Organização Mundial da Saúde, 2020.

A OMS mantém um site que informa, diariamente, a evolução do vírus, bem como outras informações inerentes a este. A fim de termos

uma visão mais equitativa do avanço da disseminação deste, foi escolhida uma leitura mensal, a partir da data de 10 março de 2020, para analisar os números e compará-los com referencial local.

Portanto, em uma análise “crua” destes números, o crescimento médio do surto no mundo foi de 282%. Considerando que a ONU calcula a população mundial, em 2020, em 7,79 bilhões de pessoas, temos, na data de 10 de julho, um percentual de 0,16% da população mundial contaminada.

NO BRASIL

O Ministério de Saúde do Governo Federal criou um site em que apresenta, diariamente, a evolução da COVID-19 no Brasil. No entanto, essa informação depende de dados enviados por Municípios e Estados, o que pode comprometer uma real evolução do contágio. A título de comparação, os dados coletados foram da OMS, tendo em vista serem dados enviados pelo Governo para esta entidade.

Tabela 2: Quantidade de Contaminados no Brasil de 10 de março a 10 de julho de 2020

Mês	Contaminados
10 de Março	25
10 de Abril	15.927
10 de Maio	145.328
10 de Junho	707.412
10 de Julho	1.713.160

Fonte: Organização Mundial da Saúde, 2020.

Novamente, em uma análise “a grosso modo” destes números, o crescimento médio do surto no Brasil foi assustador, cerca 16.237%. Mas, se vê um decrescente contágio em percentual com o passar dos meses.

Considerando que o IBGE estima a população brasileira, em 2020, em 209 milhões de pessoas, temos, na data de 10 de julho, um percentual de 0,82% da população brasileira contaminada.

EM RORAIMA

Os dados coletados foram de sites do Governo do Estado de Roraima, tendo em vista a dificuldade de acesso a essa informação por sites oficiais do Governo Federal. A análise dos números, por si só, parece pequena, mas preocupante quando comparada com a população local.

Tabela 3: Quantidade de Contaminados em Roraima de 10 de março a 10 de julho de 2020

Mês	Contaminados
10 de Março	(sem dados)
10 de Abril	63
10 de Maio	1290
10 de Junho	6594
10 de Julho	21849

Fonte: Governo do Estado de Roraima, 2020.

O crescimento mensal (de forma bruta) foi na média de 863%; o índice de crescimento percentual foi menor que no resto do Brasil. No entanto, quando observamos que a estimativa do IBGE, para 2020, em Roraima, foi de uma população de 505.000, temos a impressionante contaminação de 4% da população do Estado, ou seja, um índice 5 vezes maior que aquele do Brasil, ou ao comparado com os dados de contaminação mundial.

O alto índice de pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza, que é de 33%, segundo dados do Governo do Estado de Roraima, é o item mais preocupante, tendo em vista a dificuldade de isolamento e condições de higiene dessa população.

Figura 1: Gráfico situação econômica da população Roraimense

Fonte: Governo do Estado de Roraima.

IMUNIDADE

Segundo Fernando Reinach, no jornal Estadão, Roraima, com seus altos índices de contaminação, pode ser o Estado mais próximo ao índice de imunidade em massa. Pelos estudos por ele apresentado, considerando que boa parte dos infectados foram assintomáticos ou que não tiveram acesso a testes e considerando que boa parte da população teve contato com pessoas contaminadas ou grupos contaminados, a imunidade de rebanho (segundo seus cálculos) cai de 60% (para a SARS-CoV-2) para 43%, sendo que a tendência é haver uma redução dos índices com o passar do tempo no Estado, caso isso aconteça.

COMBATE

A primeira ação orientada pelas autoridades foi: “se isole”. Mas como ficar parado diante de tantas necessidades, tanto da população em geral, quanto dos profissionais de Medicina?

Mas, o que fazer? Como fazer? Como garantir proteção e qualidade?

As notícias não eram boas. A cada dia, mais contaminados, mortos, também, a falta de leitos, colapso no sistema hospitalar; e não era direcionado a um país ou uma região, mas no mundo todo.

Um grupo foi formado por profissionais e estudantes, onde buscavam implantar pequenas soluções que pudessem colaborar com autoridades e profissionais que não tinham como se isolar, profissionais que estavam na linha de frente.

Várias pequenas ações foram iniciadas, mas seguindo orientação da OMS, uma das principais ações não havia um movimento concreto, a lavagem de mãos com água e sabão ou álcool em gel.

Foi implantado um sistema de automatização de aplicação em álcool em gel em alguns pontos da cidade de Boa Vista, mas, o produto se tornou escasso e não estava disponível a toda população, não sendo um sistema viável ou replicável.

INSPIRAÇÃO

Ao andar pela cidade de Boa Vista, notou-se a implantação de lavatórios em pontos comerciais, colocando obrigatoriedade de acesso, desde que se usasse este e máscaras.

Mas o sistema de abertura e fechamento das torneiras era mecânico, ou seja, precisava de alguém o manuseasse, podendo assim se contaminar na abertura ou fechamento da torneira, dando apenas uma sensação de limpeza, não sendo eficiente.

Foto 1: Solução adotada por comerciantes locais



Fonte: O autor, 2020.

Iniciou-se, então, uma busca por um sistema que fosse automatizado, no qual não necessitasse do toque da mão, sendo usado cotovelo, joelho ou até mesmo o pé na abertura e fechamento do sistema de lavagem. O sistema já existe, mas o valor atual das soluções inviabilizaria na sua replicação de forma a atender população carente ou em grande escala.

PROJETOS

Uma solicitação do Secretário de Agricultura ao vice-diretor dos Engenheiros Sem Fronteiras – Núcleo Boa Vista motivou a elaboração dos projetos a este fim. O secretário queria implantar sistema autônomo, acessível à população usuária das feiras do Estado, de forma a gerar higiene e combater a contaminação por COVID-19 e outras patologias.

Iniciou-se o projeto. O sistema tinha que permitir autonomia, ser móvel, fácil execução, replicável, mas, ao mesmo tempo, proporcionasse segurança e higiene aos usuários.

Outras diretrizes do projeto era a de manter distância recomendada entre os usuários; permitir a implantação de uma caixa d'água, com o

objetivo de se usar em locais sem abastecimento; e que fosse possível a reutilização da água para outros fins.

Em reunião com a Habitat (departamento da ONU), foi recomendado que os projetos tivessem uma certa durabilidade (evitasse uso de bambu por exemplo) e que as pias e os utensílios fossem de plástico, para evitar acidentes com os usuários.

O projeto inicial para 6 pessoas atendidas, ao mesmo tempo, ficou acima do valor previsto (custo em torno de R\$ 5.000,00), mas refazendo os cálculos, chegou-se a uma estrutura que poderia atender a 4 pessoas, ao mesmo tempo.

A dificuldade, agora, era achar solução para abertura automática ou indireta da torneira; já torneiras existentes em mercado pediam fontes de energia e custavam em torno de R\$ 150,00.

Em pesquisa nas lojas, viu-se que caixas de descarga de plástico tinham um custo baixo (em torno de R\$ 40,00), com o uso de sistema de pedal com mola tornava o sistema viável, segundo diretrizes acima descritas.

Foto 2: Sistema gerado em Impressora 3D



Fonte: O autor, 2020.

Figura 2: Imagem renderizada do Sistema



Fonte: O autor, 2020.

Foto 3: Pedal – em madeira



Fonte: O autor, 2020.

Foto 4: Vista Estrutura concluída



Fonte: O autor, 2020.

O modelo atual chegou ao valor de R\$ 1.800,00 (Hum mil e oitocentos reais), atendendo diretrizes repassadas em reuniões com HABITAT, sendo perfeitamente aplicável em outras localidades nacionais e internacionais.

Tabela 5: Orçamento da unidade Completa

Descrição	Valor Total
Material Hidráulico	736,08
Material Sanitário	162,77
Estrutura	395,00
Mão de Obra	500,00
TOTAL	1.793,85

Fonte: O autor, 2020.

Atualmente, esta sendo implantado na Feira do Produtor de Roraima, atendendo, diariamente, 2000 pessoas, mas já se planeja sua implantação em vários outros pontos públicos da cidade de Boa Vista e interior do Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

COVID-19 mostrou a população mundial que não existe mais fronteiras. Algo que aconteceu do outro lado do planeta foi capaz de causar uma série de consequências a nível global.

Nisso, observamos que a importância e responsabilidade que a informação deve ser transmitida às autoridades e população, para que eles estejam preparados, seja qual for a crise a ser enfrentada.

Mesmo com a descoberta futura de uma vacina, o mundo não voltará a ser como antes. Estamos diante de um “novo normal”, no qual precisamos gerar hábitos de responsabilidade e respeito, se quisermos continuar a viver em sociedade.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (2002). **NBR 6023**: informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro.

_____. (2011). **NBR 14724**: informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro.

BRASIL (2020). **Secretaria de Vigilância à Saúde (SVS)**: Guia de vigilância Epidemiológica. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 14 jul. 2020.

Cel KANAAN; Maj TÁSSIO; 2º Tem SIDMAR (2018). **As ações do Exército brasileiro na ajuda humanitária aos imigrantes venezuelanos**. Migrações Venezuelanas. 1ª. ed. São Paulo: Ed. UNICAMP, pp. 68-71.

IBGE (2020). **Estatísticas**. Brasília. Disponível em: www.ibge.gov.br/estatisticas/. Acesso em: 14 jul. 2020.

Organização Mundial da Saúde (2020). **Coronavirus**. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1. Acesso em: 14 jul. 2020.

REINACH, Fernando. A imunidade no horizonte. **Estadão**, São Paulo, Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,a-imunidade-no-horizonte,70003360635> Acessado em 11 de julho de 2020.

EIXO III

*Monitoramento, avaliação,
responsabilidades e
aprendizados*

III.1 Indicadores

III.2 Mudanças de cenário

*III. Metodologias de
Feedbacks*



Capítulo 13

Dimensão participativa e sociotransformadora dos migrantes em Boa Vista

Márcia Maria de Oliveira
Joel Valerio



DIMENSÃO PARTICIPATIVA E SOCIOTRANSFORMADORA DOS MIGRANTES EM BOA VISTA

PARTICIPATIVE AND SOCIOTRANSFORMER DIMENSION OF MIGRANTS IN BOA VISTA

Márcia Maria de Oliveira¹

Joel Valerio²

RESUMO: Com a nova Lei de Migrações (Lei nº. 13.445/2017), o Brasil passa por um processo de reconhecimento dos migrantes como sujeitos de direitos. Esta é uma condição primordial para o exercício pleno da cidadania, que confere aos migrantes, dentre outros, o direito à livre associação e auto-organização social e política. Estas prerrogativas foram analisadas nesta pesquisa de cunho qualitativo, com a participação de 357 migrantes venezuelanos, cubanos, colombianos, peruanos e haitianos, na cidade de Boa Vista. Foi possível identificar algumas características destes grupos que podem contribuir para a elaboração do perfil migratório e para compreender melhor a dimensão participativa dos migrantes nos diversos segmentos organizativos. A pesquisa confirma que as migrações em Roraima abrem novos debates em torno do papel que a Amazônia ocupa na nova conjuntura internacional (OLIVEIRA & DIAS, 2020) e indica a existência de dinâmicas internas de organização social e participação política dos migrantes. Com destaque especial para a participação dos venezuelanos nas “ocupações espontâneas”, foram identificadas 41 redes migratórias formais ou informais, reconhecidas e legitimadas por instituições que atuam com os migrantes em Boa Vista. Concluiu-se que através das redes migratórias os grupos se unem em torno de objetivos comuns, definem estratégias de pertencimento social e engajamento político sociotransformador

¹ Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia; Professora da Universidade Federal de Roraima; Pesquisadora do Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras – GEIFRON do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF/UFRR.

² Pesquisador do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC/UFRR; Bacharelado do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Roraima.

nos mais diversos espaços de participação, num exercício contínuo de cidadania e de trocas culturais, sociais e políticas entre as diversas nacionalidades de migrantes e com os brasileiros.

Palavras-chave: Redes Migratórias. Auto-organização. Cidadania. Participação. Transformação.

ABSTRACT: *With the new Migration Law (Law No. 13,445 / 2017), Brazil is going through a process of recognition of migrants as subjects of rights. This is a fundamental condition for the full exercise of citizenship, that gives migrants, among others, the right to free association and social and political self-organization. These prerogatives were analyzed in this qualitative research, with the participation of 357 Venezuelan, Cuban, Colombian, Peruvian and Haitian migrants, in the city of Boa Vista. It was possible to identify some characteristics of these groups that can contribute to the elaboration of the migratory profile and to better understand the participatory dimension of migrants in the different organizational segments. The research confirms that the migrations in Roraima opened new debates around the role that the Amazon plays in the new international conjuncture (OLIVEIRA & DIAS, 2020) and indicates the existence of internal dynamics of social organization and political participation of migrants. With special emphasis on the participation of Venezuelans in “spontaneous occupations”, 41 formal or informal migratory networks were identified and recognized by institutions that work with migrants in Boa Vista. It was concluded that through the migratory networks the groups unite around common objectives, define strategies of social belonging and socio-transformative political engagement in the most diverse spaces of participation, in a continuous exercise of citizenship and cultural, social and political exchanges between the different nationalities of migrants and with Brazilians.*

Keywords: *Migration Networks. Self-organization. Citizenship. Participation. Transformation.*

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos alguns fragmentos dos resultados da pesquisa intitulada *Perfil Migratório e a dimensão participativa e sociotransformadora dos migrantes internacionais em Roraima*, realizada em parceria com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica

– PIBIC da Universidade Federal de Roraima – UFRR, no curso de Ciências Sociais, sob a orientação da Professora Doutora Márcia Maria de Oliveira.

A pesquisa, vinculada ao Projeto Fronteiras e Mobilidades na Amazônia: Deslocamentos, Violência e Direitos Humanos, coordenado pela Professora Doutora Francilene dos Santos Rodrigues, faz parte do conjunto de pesquisas realizadas no Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras: Processos Sociais e Simbólicos - GEIFRON, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – PPGSOF/UFRR.

O estudo se desenvolveu num contexto marcado pelas migrações que fazem parte de um panorama internacional das “novas rotas migratórias sul-sul” (BAENINGER, 2018). Em 17 de setembro de 2019, a Organização das Nações Unidas (ONU), através da Divisão de População do Departamento de Economia e Assuntos Sociais (DESA/ONU), divulgou o Inventário de Migração Internacional 2019³, com estimativas migratórias mundiais que revelam que a quantidade de pessoas deslocadas ao redor do mundo é a maior de todos os tempos. De acordo com este inventário, atualmente, existem mais migrantes circulando pelo mundo do que nos períodos das grandes guerras mundiais.

Os dados oficiais das agências internacionais ligadas à ONU que atuam com migrantes e refugiados em Roraima, especialmente o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a Organização Internacional para as Migrações (OIM) e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), informam que, entre janeiro de 2015 e maio de 2019, foram registradas oficialmente 254.769 entradas de venezuelanos no Brasil. Destes, mais de 178 mil pessoas realizaram solicitações de refúgio e de residência temporária⁴. Dada a proximidade entre os dois países e o histórico de relações transfronteiriças

³ Estudo da ONU aponta aumento da população de migrantes internacionais. O Inventário de Migração Internacional 2019, é um conjunto de dados divulgados pela Divisão de População do Departamento de Economia e Assuntos Sociais (DESA) da ONU, fornece as últimas estimativas sobre o número de migrantes internacionais por idade, sexo e origem, para todos os países em todas as áreas do mundo. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/estudo-da-onu-aponta-aumento-da-populacao-de-migrantes-internacionais/>. Acesso em: 15 mai. 2020.

⁴ Dados informados na página oficial da UNICEF no Brasil. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>. Acesso em: 15 mai. 2020.

(RODRIGUES, 2014), a maioria dos migrantes venezuelanos entram no País por Roraima e se concentram nos municípios de Pacaraima e Boa Vista, capital do Estado. Na cidade de Boa Vista, concentram-se as ações de documentação e acolhimento aos migrantes e solicitantes de refúgio e de residência temporária⁵.

Atualmente, Boa Vista conta com 11 abrigos oficiais para acolhimento temporário a 6,3 mil migrantes e refugiados, de acordo com os dados institucionais. Estima-se que uma média de 32 mil venezuelanos estejam residindo em Boa Vista, muitos vivendo em aluguéis coletivos, e aproximadamente 1,5 mil pessoas morando em situação de rua na capital⁶. Estas cifras revelam que a Amazônia se encontra profundamente marcada pela Mobilidade Humana e tem sido desafiada a acolher, compartilhar, cuidar e integrar os migrantes e refugiados, que atualmente alcançam cifras inimagináveis e “representam um lixo humano” de difícil reciclagem (BAUMAN, 2017, p. 47).

Esta pesquisa teve como **objetivo geral** estudar as principais dinâmicas migratórias observadas na Amazônia contemporânea, observando a sua importância para a compreensão dos processos de mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais nesta região fronteiriça, tendo como referência o contexto migratório da capital roraimense. Os **objetivos específicos** versaram em torno de três grandes desafios: estudar as principais dinâmicas de mobilidade humana e os processos econômicos, políticos, sociais e culturais próprios da zona transfronteiriça da Amazônia brasileira; observar as diversas formas de inserção dos migrantes, regionais, intrarregionais, interacionais, e seu engajamento na política, nos movimentos e grupos sociais, associações, cooperativas, agremiações, e outras modalidades de pertencimento social, nos seus mais variados estágios migratórios, na capital roraimense; contribuir com elementos para elaboração do Perfil Migratório na Amazônia, identificando as características que definem o pertencimento social e engajamento político sociotransformador dos migrantes internacionais que vivem na capital roraimense, somando com outros estudos de iniciação científica com a mesma finalidade.

⁵ Definição apresentada na página oficial da Operação Acolhida no site do Governo Federal disponível em: <https://www.gov.br/acolhida/historico/>. Acesso em: 15 mai. 2020.

⁶ Informes atualizados da UNICEF no Brasil. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>. Acesso em: 15 mai. 2020.

METODOLOGIA

Fundamentada na metodologia qualitativa (GIL, 2012), a pesquisa traçou alguns elementos que contribuem para a elaboração do perfil migratório (OLIVEIRA, 2016) no contexto de Roraima. No segundo semestre de 2019, foi realizado um breve levantamento das diversas coletividades de migrantes no Estado de Roraima, tendo como referencial as redes migratórias formadas especialmente por venezuelanos, cubanos, colombianos, peruanos e haitianos.

Este levantamento permitiu mapear as principais redes migratórias concentradas na cidade de Boa Vista⁷, que ofereceram informações relacionadas ao engajamento político dos migrantes. Entendemos, aqui, a participação política na sua dimensão sociológica em uma definição conceitual, passando pelos condicionantes do engajamento político, chegando às tipologias classificatórias das definições de participação política (PASQUINO, 2010) nos movimentos e grupos sociais, associações, cooperativas, agremiações e outras modalidades de pertencimento social.

As referências foram as redes migratórias e os grupos de migrantes venezuelanos foram predominantes. Os contatos foram realizados por intermédio de redes de articulações institucionais ligadas ao Centro de Referência para Refugiados e Migrantes em Roraima⁸, ao Comitê para Migrações de Roraima – COMIRR⁹, ao Serviço Pastoral dos Migrantes – SPM, ao Instituto de Migrações e Direitos Humanos – IMDH e à Fundação Fé e Alegria¹⁰.

A partir das informações recolhidas com as referidas instituições, foi possível mapear as principais redes migratórias em Boa Vista e iniciar um processo de aproximação, convite às lideranças para participação na pesquisa, realização de entrevistas, rodas de conversa, oficinas de formação e atividades pedagógicas com crianças migrantes.

⁷ Não foram identificadas redes migratórias nos demais municípios do Estado de Roraima. A capital parece concentrar todas as redes que se articulam com outros estados ou países da América Latina.

⁸ Espaço dirigido pelas agências da ONU (especialmente ACNUR, OIM e UNFPA) que funciona no campus da UFRR e presta serviços de orientação, proteção e integração aos migrantes.

⁹ O COMIRR é uma rede de instituições da sociedade civil que trabalham na assistência aos migrantes.

¹⁰ Organização da sociedade civil vinculada à Federação Internacional de Fé e Alegria, mantida pela Ordem religiosa da Companhia de Jesus - jesuítas (<https://fealegria.org.br/>).

O contato com as redes migratórias ocorreu entre o final de setembro de 2019 e o início de março de 2020, quando a pesquisa de campo foi interrompida por causa da emergência humanitária da pandemia do novo coronavírus – Covid-19. A partir de então, seguiram-se alguns contatos com os participantes da pesquisa mediados por tecnologia (especialmente telefone, WhatsApp e correio eletrônico – e-mail). A partir de março, demos início à sistematização e ao tratamento dos dados da pesquisa, incluindo a interpretação dos resultados e o aprofundamento teórico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa confirma que “as migrações em Roraima abriram novos debates em torno do papel que a Amazônia ocupa na nova conjuntura internacional” (OLIVEIRA & DIAS, 2020, p. 61). Por suas dimensões transcontinentais e por sua condição transfronteiriça, a Amazônia representa uma região em si, cobiçada por seus recursos naturais, buscada como refúgio, ou como região de passagem e interligação para outras regiões.

Nesta pesquisa, realizada com migrantes venezuelanos, cubanos, colombianos, peruanos e haitianos na cidade de Boa Vista, foi possível identificar algumas características destes grupos que podem contribuir para a elaboração do perfil migratório e para compreender melhor a dimensão participativa dos migrantes nos diversos segmentos organizativos.

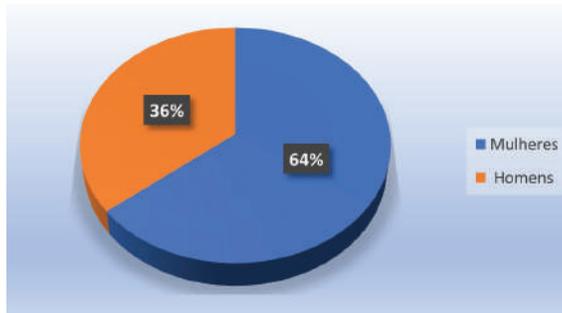
A metodologia envolveu pesquisa de campo com amostra de 357 pessoas, superando a proposta inicial, que era de 100 pessoas. Diversas atividades foram desenvolvidas simultaneamente durante os cinco meses de duração da pesquisa, dentre as quais se destacam as oficinas pedagógicas e a formação permanente, desenvolvidas pela Fundação Fé e Alegria com os migrantes. A participação nas oficinas permitiu a realização de registros de campo, com descrições das atividades e dos participantes e entrevista com os migrantes que aceitaram participar da pesquisa. Estas atividades foram um ponto de partida para identificar o perfil dos migrantes e suas redes migratórias.

O PERFIL MIGRATÓRIO

Das 357 pessoas que participaram da pesquisa nas entrevistas, rodas de conversa e oficinas pedagógicas, um quantitativo muito expressivo é constituído de mulheres. Elas se fazem muito presentes na organização coletiva das redes migratórias. Conforme a figura 01, elas são maioria e exercem com grande protagonismo as suas funções e responsabilidades.

De acordo com as observações de campo, nas reuniões das redes migratórias são elas que convocam para as reuniões e organizam a participação; além disso, visitam e acompanham a saúde das famílias e, de modo especial, das crianças. Elas coordenam reuniões, atividades coletivas e eventos que envolvem convidados externos, como as oficinas pedagógicas, as celebrações religiosas e as festas culturais dos migrantes¹¹.

Figura 01: Perfil de gênero



Fonte: Pesquisa de Campo PIBIC/2019-2020. Arquivo de pesquisa Joel Valério.

O perfil laboral dos participantes da pesquisa apresenta um quadro preocupante com relação às dificuldades de inserção no mercado formal de trabalho. De acordo com a figura 02, que sistematiza a situação laboral dos migrantes, poucas pessoas conseguiram inserção no mercado de trabalho com contratação.

Nas entrevistas, muitos reclamaram das dificuldades para a revalidação dos diplomas de outros países. Mesmo tendo formação de nível superior, muitos migrantes trabalham na informalidade, ou em funções inferiores ao seu grau de formação, porque não conseguem o

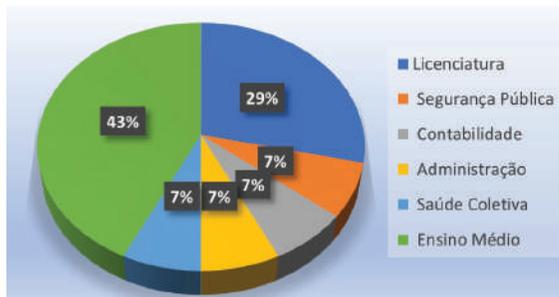
¹¹ Especialmente as atividades celebrativas, culturais e de formação desenvolvidas em parceria com o SPM e pela Fundação Fé e Alegria.

reconhecimento formal dos seus estudos, incorrendo num processo de perda de direitos e cidadania (SASSEN, 2016).

Dada a dificuldade de revalidação dos diplomas, as pessoas que possuem ensino superior e não conseguiram trabalho nas suas áreas de formação acabam no subemprego. Por exemplo, entrevistamos uma moça com graduação em saúde pública que está trabalhando como assistente em uma clínica dermatológica com contrato temporário.

Algo muito parecido ocorre no caso de Sebastián García Jimenez, venezuelano de 40 anos, formado em engenharia mecânica. De acordo com ele, “uma das maiores dificuldades que encontrou aqui foi a fome e a falta de um abrigo; quando conseguia trabalho, era explorado na maioria das vezes por pessoas que enganavam na hora do pagamento: às vezes não pagam e ainda ameaçam com violência e dizem que aqui você não tem direito” (Entrevista n.º. 05, Pesquisa de Campo: 12/08/2019).

Figura 02: Escolaridade



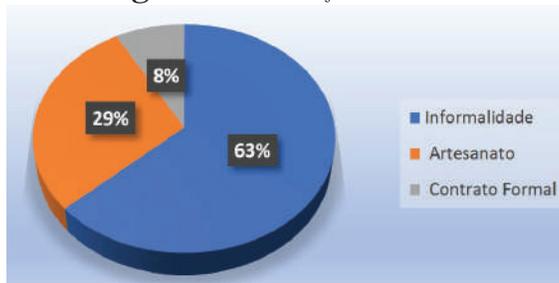
Fonte: Pesquisa de Campo PIBIC/2019-2020. Arquivo de pesquisa Joel Valério.

Os participantes da pesquisa contaram que “muitos migrantes preferem realizar novamente os cursos, porque os valores para revalidar os diplomas são altos e estudar tudo de novo pode ser mais barato e menos burocrático” (Entrevista n.º. 16, Pesquisa de Campo: 30/09/2019). Isso acontece até mesmo em áreas consideradas nobres nas carreiras acadêmicas como medicina, biomedicina, odontologia, enfermagem, direito e arquitetura, dentre outros. “Para quem não está conseguindo dinheiro nem para se alimentar, fica muito difícil pagar despesas com documentação”, afirma Hector Juarez, 32 anos (Entrevista n.º. 216, Pesquisa de Campo: 03/11/2019).

Sem conseguir reconhecimento profissional, muitos migrantes com formação superior trabalham no que aparece. É o caso de Sebastián, citado acima, que trabalha numa oficina mecânica sem nenhum tipo de contrato. Praticamente, trabalha pela alimentação. Para ele, o “importante é não perder a dignidade”. De forma digna está ganhando seu sustento em várias funções que não fazem jus à sua formação. Nessa mesma situação, encontramos médicos e médicas que trabalham na qualidade de operadores/as de “caixa” em supermercados, garçons, motoristas, diaristas (Pesquisa de Campo, 2019).

Neste breve levantamento do perfil migratório, percebe-se que uma característica é o nível de formação profissional de muitos migrantes submetidos ao subemprego ou à condição de mendicância nas ruas de Boa Vista para garantir sua sobrevivência. Para muitos, o objetivo é conseguir reunir recursos para seguir para outras regiões do Brasil, ou para outros países, sempre na esperança de conseguir uma “vida melhor”.

Figura 03: Situação Laboral



Fonte: Pesquisa de Campo PIBIC/2019-2020. Arquivo de pesquisa Joel Valério.

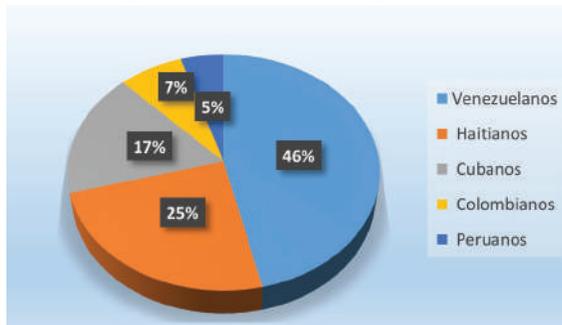
No caso dos migrantes venezuelanos, maioria entre as redes migratórias, as pesquisas de campo revelaram enormes dificuldades enfrentadas na sociedade de destino, no que se refere a alimentação, moradia, inserção no mercado de trabalho, educação, idioma e barreiras culturais. Essas mesmas dificuldades são compartilhadas por migrantes no mundo inteiro, que a cada dia enfrentam novas restrições migratórias por parte dos países mais ricos, que no passado precisaram dos migrantes para seus projetos capitalistas. São países que cresceram economicamente graças às migrações e agora erguem muros para impedir seu ingresso (BAUMAN, 2017).

A média de idade dos participantes da pesquisa gira em torno de 25 a 35 anos. Isto demonstra que a migração está muito vinculada à demanda por trabalho, confirmando a teoria de Sayad (1998, p. 131) ao afirmar que “a busca por trabalho define o migrante”. Das 357 pessoas entrevistadas, 29 informaram estar trabalhando com contrato de trabalho, todas no setor de prestação de serviços (supermercados, mecânicas de automóveis, jardinagem, clínicas particulares, cooperativas, salão de beleza e outros setores). As demais trabalham com confecção e venda de artesanato, ou se oferecem para diárias avulsas nas ruas da cidade.

AS REDES MIGRATÓRIAS E A DIMENSÃO PARTICIPATIVA E SOCIOTRANSFORMADORA DOS MIGRANTES INTERNACIONAIS EM RORAIMA

A dimensão participativa e sociotransformadora dos migrantes internacionais em Roraima pode ser observada em diversas formas organizativas. Entretanto, a pesquisa identificou que as redes migratórias representam o segmento mais importante para esta modalidade de participação.

Figura 04: Redes Migratórias



Fonte: Pesquisa de Campo PIBIC/2019-2020. Arquivo de pesquisa Joel Valério.

De modo geral, observou-se na pesquisa que as redes migratórias são formadas a partir de vínculos familiares ou de amizades. Mas, também, podem se formar a partir da organização de grupos que se

aproximam por interesses afins, como aqueles que buscam alternativas econômicas para sobrevivência. Pinho (2015, p. 83) afirma que “as redes que se associam à migração constituem-se de relações familiares e de amizade, bem como “amigos de amigos”, e têm um desempenho muito influente no desenvolvimento das migrações. Nestas podem ou não se encontrar atividades de lucro associadas à ajuda ao movimento”.

Conforme a figura 04, os resultados da pesquisa indicam a existência de dinâmicas internas de organização social e participação política dos migrantes venezuelanos, cubanos, colombianos, peruanos e haitianos em diversas redes migratórias, com predominância dos venezuelanos, por causa da atual dinâmica migratória.

Ao todo, foram identificadas 41 redes migratórias formais ou informais. Identificamos algumas com registros formalizados em cartório; outras, a grande maioria, são legitimadas pelas instituições de apoio como o Serviço Pastoral dos Migrantes – SPM, vinculado à Diocese de Roraima, a Cáritas, a Fundação Fé e Alegria, o Instituto Migrações e Direitos Humanos – IMDH e o Centro de Referência dos Migrantes. Estas instituições reconhecem e legitimam diversos grupos que formam redes migratórias com iniciativas vinculadas às alternativas econômicas, tais como pequenos grupos de economia solidária e atividades culturais, ou voltadas para a articulação, apoio e orientação entre migrantes.

No caso das redes vinculadas ao SPM, a maioria é formada por mulheres que exercem atividades coletivas na área da costura, artesanato, culinária e prestação de serviços. Também existem grupos identificados por vínculos culturais, como o Grupo Cultural Tambores de San Juan. A este respeito, Perani (2009, p. 233) afirma que:

Quando se fala em “movimentos sociais”, geralmente se entende por isso as iniciativas, lutas e organizações mais informais dos setores populares: o que não é institucionalizado nem se deixa facilmente institucionalizar. Em sentido mais amplo, porém, os movimentos sociais incluem também formas mais institucionalizadas de organização: entidades dos movimentos populares urbanos (conselhos de bairro, associações diversas), movimentos e entidades ecológicas, de mulheres, de negros, de sem-terra, organizações sindicais, organizações partidárias, etc. Ora, uma das questões que a pastoral popular vem colocando com mais insistência nos últimos tempos é exatamente a da sua relação com essas organizações mais institucionalizadas dos movimentos sociais.

Na perspectiva de Perani (2009), as redes migratórias são legítimas organizações dos migrantes e representam o protagonismo destas pessoas organizadas em pequenos grupos de resistência e luta por direitos coletivos. São espaços de participação, de organização social, de decisão. Tudo isso, de acordo com o autor, são formas “legítimas de participação política e espaços de transformação social”.

Em Boa Vista, a maior predominância das redes migratórias é formada por venezuelanos. Ao todo foram identificadas 19 redes de migrantes venezuelanos nesta pesquisa. De acordo com as informações dos migrantes, pode haver muitas outras, que não foram acompanhadas por esta pesquisa. Um elemento importante, no caso das organizações dos venezuelanos, ocorre nas chamadas ocupações espontâneas, presentes em diversos pontos da cidade. Muitas estão em prédios públicos abandonados, ou terrenos baldios espalhados pela cidade. Nas ocupações, é visível o protagonismo dos migrantes, de modo especial das mulheres, que assumem a liderança do espaço e das tomadas de decisões, confirmando o que afirma Oliveira (2016, p. 171): “à luz dos estudos de gênero, identificamos o protagonismo das mulheres nas migrações na Amazônia”.

A segunda maior incidência de formação de redes migratórias está ligada aos haitianos, que começaram uma migração relativamente intensa na Amazônia a partir de 2010. Foram identificadas 10 redes migratórias haitianas vinculadas a diversas modalidades de organização social deste coletivo, com predominância para atividades de comunicação e iniciativas econômicas como a organização da revenda de alho, realizada majoritariamente por mulheres.

A terceira incidência de redes migratórias é formada pelos cubanos, que estão presentes em Boa Vista desde a década de 1990. São as redes migratórias formais mais antigas (SILVA; ARAÚJO, 2017, p. 25). A pesquisa identificou 07 coletivos de médicos, professores e outros profissionais, vinculados a segmentos da saúde e do direito. No geral, estão relacionados às iniciativas de monitoramento dos intercâmbios de migrações cubanas, direcionadas para a saúde ou educação. Atuam no sentido de orientar quem chega e os integrar nos segmentos sociais da cidade. Em quarto lugar, com 03 grupos de redes migratórias, estão os colombianos. De acordo com a pesquisa, trata-se de redes mais voltadas para a dimensão da participação cultural dos migrantes.

Por último, identificou-se entre os peruanos a existência de 02 redes formais, voltadas para a organização destes migrantes no comércio local. Entretanto, os participantes da pesquisa informam a existências de outras redes que não foi possível acompanhar, confirmando as investigações realizadas por Santos (2018, p. 21), que afirma que se trata de “uma migração antiga em Boa Vista, com importante nível de organização em diversas redes migratórias”.

A rede migratória mais expressiva em termos quantitativos e participativos foi identificada na ocupação espontânea, espaço ocupado para moradia, denominada pelos migrantes de Ka-ubanoko (“Lugar de repouso”, na língua Warao). O Ka-ubanoko foi iniciativa das lideranças do Povo Warao, que foi acolhendo outras etnias, como os Yñepá, Kariña, Piaroa e Pemon, todos grupos indígenas de territórios próximos ao Delta do Orinoco, ou do oeste do Suapure, no Estado Bolívar. Mas, muitos migrantes não-indígenas somaram-se aos Warao na organização do Ka-ubanoko, convertendo esta experiência na maior rede migratória identificada em Boa Vista, com mais de 600 adultos envolvidos nos diversos processos de participação e pertencimento social, político e cultural.

A partir da experiência do Ka-ubanoko, iniciaram-se novas ocupações nas periferias da área urbana de Boa Vista. Em todas elas, foi possível identificar o protagonismo dos migrantes nas iniciativas espontâneas de organização do espaço de moradia, bem como outras iniciativas que indicam a dimensão participativa e sociotransformadora dos migrantes em Boa Vista.

Esta multiplicação de lideranças, motivada pelas redes migratórias, com atuação em outros espaços de moradia entendida como direito, encontra-se fundamentada no protagonismo sociotransformador dos migrantes, que vão criando alternativas para não ficarem refém do autoritarismo dos militares.

As redes migratórias protagonizadas pelos venezuelanos priorizam direitos básicos como a alimentação e o envio de remessas, a maioria na forma de alimentos, para os parentes que ficaram em território venezuelano. Desta forma, os migrantes assumem o desafio de defender interesses coletivos para além das necessidades pessoais, que são inúmeras. E são estas necessidades que motivam a criação das redes migratórias.

As redes migratórias tentam assegurar o direito a alimentação e moradia, independentemente de qualquer contrapartida. No caso dos venezuelanos, trata-se de um direito negado no país de origem e, ao mesmo tempo, negado no Brasil. Muitos venezuelanos¹² vivem nas ruas de Boa Vista e acionam o direito à moradia. Por isso, as ocupações espontâneas, a maioria em prédios públicos abandonados, é uma ação legítima e não é crime. O direito à moradia é um direito primordial para sobrevivência. Equivalente ao direito à lenha defendido por Marx (2017, p, 40) em “os despossuídos”, como “direito à vida e como bem coletivo”.

Em 1842, Marx criticava a aprovação de uma lei que buscava punir, severamente, quem se dirigisse para as matas e bosques privados para coletar galhos e gravetos do chão, por ser uma prática que se constituía num costume praticado pelos pobres europeus das regiões rurais para aliviar o frio no rigor do inverno, ou mesmo como lenha para cozinhar alimentos. Este costume milenar começou a ser negado às pessoas porque a lei da propriedade privada começou a ser colocada acima da vida dos mais pobres. “Se o Estado não for suficientemente humano, rico e generoso, pelo menos é seu dever incondicional não transformar em crime o que foi convertido em contravenção unicamente por circunstâncias”, dizia Marx (2017, p. 91). Isso vale para os migrantes em busca de moradia. É um direito que não pode ser confundido com crime.

No contexto atual, os migrantes não podem ser criminalizados quando se organizam para garantir moradia e alimentação aos seus familiares. Nesta perspectiva, as redes migratórias vêm atuando para garantir que estes direitos sejam respeitados, entendendo que, se os prédios públicos estão abandonados, sem nenhuma serventia para a sociedade, é um direito de quem não tem casa ocupá-los. Mas a justiça do estado não entende assim.

No final desta pesquisa de campo, no início do mês de março, muitas destas ocupações espontâneas estavam sendo desapropriadas e os migrantes caminhavam errantes pelas ruas de Boa Vista. Esta situação complicou-se com o início da emergência da pandemia de Covid-19. Ao invés de reconhecer o protagonismo dos migrantes e a iniciativa por moradia como elemento positivo, as autoridades locais,

¹² No final desta pesquisa as instituições internacionais que atuam em Boa Vista falavam de quase dois mil venezuelanos vivendo nas ruas de Boa Vista.

em muitos casos, criminalizaram os migrantes, negando-lhes o direito à moradia e à livre organização. Sem moradia e sem trabalho para comprar alimento, muitos migrantes retornaram para Venezuela por caminhos irregulares¹³, uma vez que a fronteira estava fechada por causa da pandemia.

Em pleno pico da pandemia, dia 30 de abril de 2020, a Defensoria Pública da União, o grupo Conectas Direitos Humanos, o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados e o Centro de Migrações e Direitos Humanos ajuizaram uma Ação Civil Pública contra o estado de Roraima, contra o município de Boa Vista e a União, por desocuparem um acampamento de venezuelanos sem ordem judicial no dia 27 de abril, no bairro Treze de Setembro. O grupo, de umas 40 pessoas, estava morando num antigo prédio abandonado da Secretaria de Educação. A desapropriação foi realizada pela Guarda Civil Metropolitana, sob ordem da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Boa Vista.

De acordo com o documento da Ação Civil Pública,

Não houve comunicação formal prévia, não houve oportunidade do exercício do contraditório e da ampla defesa, não houve qualquer amparo assistencial, de intérprete ou de agentes de saúde. Houve, por outro lado, emprego de força bruta através da Guarda Civil Metropolitana que, por sua vez, sequer é adequada para esse tipo de função¹⁴.

Por fim, muitos outros aspectos poderiam ser aprofundados nesta temática das redes migratórias, confirmando as diversas formas de participação social e política dos migrantes como forma de exercerem sua cidadania e se firmarem como “sujeitos de direitos que encontram na migração uma alternativa de sobrevivência e uma saída possível da miséria e do endividamento (OLIVEIRA, 2016, p. 270).

¹³ Pelas famosas “trochas” - caminhos improvisados por onde cruzaram centenas de pessoas, incluindo idosos, doentes, crianças e bebês de colo, que precisaram voltar à Venezuela em meio à pandemia com medo da contaminação. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/03/08/na-clandestinidade-venezuelanos-enfrentam-horas-de-caminhada-e-extorsao-ao-cruzar-para-o-brasil.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2020.

¹⁴ Risco de Contaminação - Sem ordem judicial, Guarda Civil retira venezuelanos de ocupação em Boa Vista. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-mai-02/guarda-civil-retira-venezuelanos-ocupacao-boa-vista>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a pesquisa, percebemos que a responsabilidade coletiva é um exercício constante de cidadania dos migrantes, que comprova que os deslocamentos não retiram do grupo sua identidade e capacidade auto organizativa. Observamos que, a seu modo, os migrantes vão recriando seus modelos anteriores de organização social e política e aprendendo novas modalidades de participação e transformação social e política.

Desta forma, foi possível observar elementos que colaboram para elaboração do perfil migratório, dimensão importante para o exercício de cidadania dos migrantes na e para a elaboração de políticas públicas migratórias. Também, identificamos diversos aspectos da dimensão participativa e sociotransformadora dos migrantes, que contribuem para processos de mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais nesta região fronteiriça.

O mapeamento e o acompanhamento das redes migratórias identificadas na pesquisa de campo permitiram identificar as principais dinâmicas de mobilidade humana e os processos econômicos, políticos, sociais e culturais, neste contexto migratório específico.

O estudo das redes migratórias permitiu compreender que existem diversas formas de inserção dos migrantes, regionais, intrarregionais e internacionais, na política, nos movimentos e grupos sociais, associações, cooperativas, agremiações e outras modalidades de pertencimento social.

A participação das mulheres é digna de destaque na formação de praticamente todas as redes migratórias. Não somente porque elas são maioria e exercem com grande protagonismo as suas funções e responsabilidades, mas porque elas acenam para a feminização das migrações como uma nova característica dos processos migratórios. Isso exige novos olhares e novas perspectivas de análise por parte dos estudos migratórios.

Por fim, compreendemos que através das redes migratórias os grupos se unem em torno de objetivos comuns, definem estratégias de pertencimento social e engajamento político sociotransformador nos mais diversos espaços de participação, num exercício contínuo de cidadania e de trocas culturais, sociais e políticas entre as diversas nacionalidades de migrantes e com os brasileiros.

REFERÊNCIAS

BAENINGER, Rosana et al. (2018). **Migrações Sul-Sul**. 2ª edição. Campinas, SP: Nepo/ Unicamp.

BAUMAN, Zygmunt (2017). **Estranhos à nossa Porta**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GIL, Antônio Carlos (2012). **Metodologia do ensino superior**. 4.ed. São Paulo: Atlas.

MARX, Karl (2017). **Os despossuídos**: Debates sobre a lei referente ao furto de madeira. Trad. N. Schneider. 1ª ed. São Paulo: Boitempo.

OLIVEIRA, Márcia Maria de (2016). **Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea**. São Carlos: Editora Scienza.

OLIVEIRA, Márcia Maria de; DIAS, Maria das Graças Santos (2020). **Interfaces da mobilidade humana contemporânea na fronteira amazônica**. Boa Vista: Editora da UFRR.

PASQUINO, G. (2010). **Curso de Ciência Política**. 2º ed. Lisboa: Princípia.

PERANI, Cláudio (2009). Pastoral Popular e Movimentos Sociais. **Cadernos CEAS**, Salvador, n. 233, pp. 221-245.

PINHO, Filipa (2015). Redes sociais no recrutamento de imigrantes: teóricos de uma proposta de explicação Sociologia, **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXIX, pp. 81-103.

RODRIGUES, Francilene dos Santos (2014). **Nacionalidade no Pensamento Social brasileiro e venezuelano e o lugar Guayana**. Manaus: EDUA.

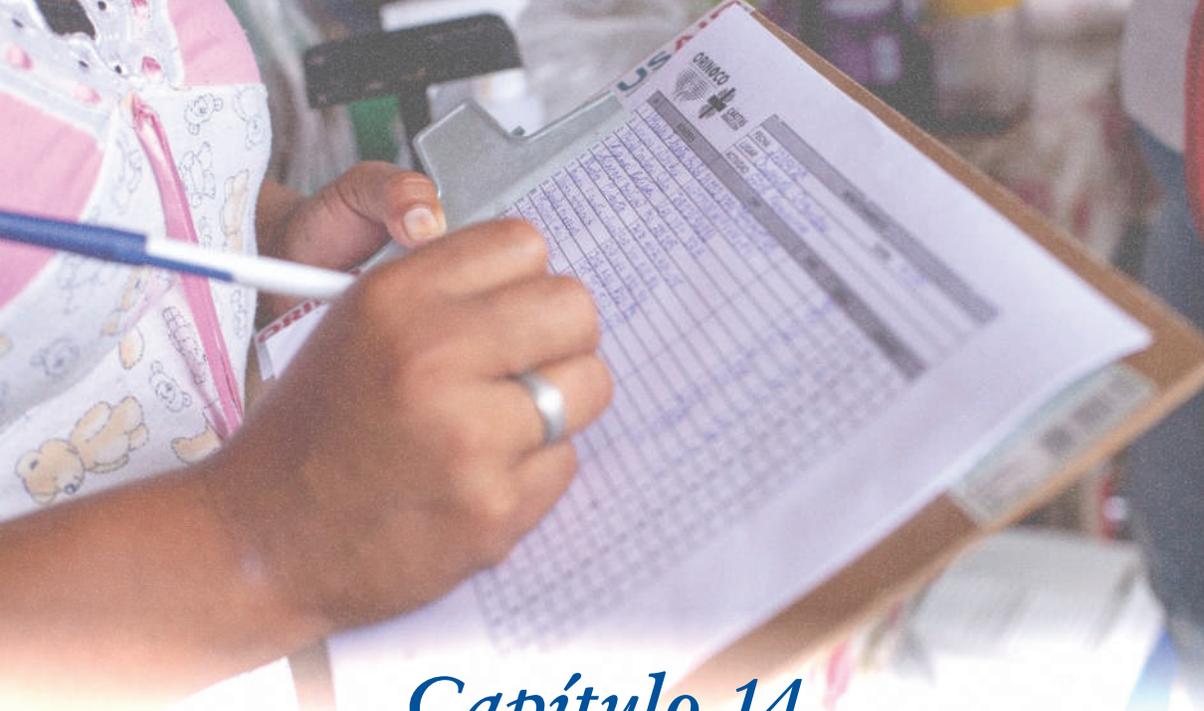
SANTOS, Alessandra Rufino (2018). **Interação social e estigma na fronteira Brasil/Venezuela**: um olhar sociológico sobre a migração de brasileiros e venezuelanos. Porto Alegre, UFRGS –

Tese de Doutorado - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,
Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

SASSEN, S. (2016). **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. São Paulo: Paz e Terra.

SAYAD, A. (1998). **A imigração**. São Paulo: EDUSP.

SILVA, Rennerys Siqueira; ARAÚJO, Adriele Nayara do Nascimento (2017). Diferentes trajetórias para a cidade de Boa Vista na década de 1990: uma indígena e um cubano. **Anais da IX Semana de História Semana Acadêmica de História da Universidade Federal de Roraima** (9.: 2017: Boa Vista, RR). Caderno de resumo: políticas educacionais na fronteira setentrional –Boa Vista: Editora da UFRR, p. 25.



Capítulo 14

Perfil sociodemográfico e acompanhamento gestacional das puérperas migrantes venezuelanas em condições de abrigamento na cidade de Boa Vista-RR

Jhully Sales Pena de Sousa

Ana Beatriz Oliveira Costa

Tárcia Millene de Almeida Costa Barreto

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E ACOMPANHAMENTO GESTACIONAL DAS PUÉRPERAS MIGRANTES VENEZUELANAS EM CONDIÇÕES DE ABRIGAMENTO NA CIDADE DE BOA VISTA

SOCIODEMOGRAPHIC PROFILE AND GESTATIONAL
FOLLOW-UP OF THE VENEZUANAN MIGRANT
PASTURALS IN SHELTER CONDITIONS IN THE CITY
OF BOA VISTA

Ana Beatriz Oliveira Costa¹

Jbully Sales Pena de Sousa²

Tárcia Millene de Almeida Costa Barreto³

RESUMO: A população migrante é, comumente, um grupo vulnerável no âmbito da saúde, e, ao seu interno, tem-se a gestante, a qual necessita de assistência contínua. Este estudo tem abordagem quantitativa, de corte transversal, do tipo descritiva e foi realizado com 65 participantes. Abordou o acompanhamento gestacional das migrantes venezuelanas que residem em abrigos, no município de Boa Vista (RR), no período de junho a agosto de 2019. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, usando um questionário traduzido para o espanhol. A idade média das participantes foi de 28 anos; 36% das entrevistadas autodeclararam-se em união estável; 43% possuem, em sua maioria, 2 filhos; 46% informaram que estar desempregadas; 67,7% das participantes fizeram o acompanhamento do pré-natal; e 61,5% realizaram suplementação de sulfato ferroso e ácido fólico; os testes rápidos foram realizados por 98,5% das migrantes. Por meio desse estudo, pôde-se perceber que a maioria das migrantes venezuelanas realizaram alguma consulta enquanto gestantes, no entanto, com uma

¹ Enfermeira - Mestranda em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Roraima.

² Enfermeira - Mestranda em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Roraima.

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais (PRONAT/UFRR); Professora da Universidade Federal de Roraima.

frequência muito baixa. Logo, sugere-se que as Unidades Básicas de Saúde tenham um trabalho interdisciplinar com os profissionais de saúde dos abrigos, para uma assistência integral à migrante durante o período gravídico.

Palavras-chave: Saúde da mulher; Migração Venezuelana; Abrigos.

ABSTRACT: *The migrant population is commonly a vulnerable group in the area of health, and inserted in this population is the pregnant woman, who needs continuous assistance. This study has a quantitative, cross-sectional, descriptive approach, carried out with 65 participants, which addressed the gestational follow-up of Venezuelan migrants residing in shelters in the municipality of Boa Vista-RR, from June to August 2019. Data were collected through semi-structured interviews, using a questionnaire translated into Spanish. The average age of the participants was 28 years. 36% (n = 25) of the interviewees declared themselves in a stable relationship 36% (n = 25), having mostly 2 children 43% (n = 28), with 46% (n = 30) unemployed. 67.7% (n = 44) of the participants underwent prenatal care, and 61.5% (n = 40) supplemented with ferrous sulfate and folic acid, rapid tests were performed by 98.5% (n = 64) of migrants. Through this study it was possible to perceive that the majority of Venezuelan migrants had some consultation while pregnant, however with a very low frequency, therefore, it is suggested that the Basic Health Units have an interdisciplinary work with the health professionals of the shelters, aiming at a comprehensive assistance to the migrant during the pregnancy period.*

Keywords: *Women's Health; Venezuelan Migration; Shelter.*

INTRODUÇÃO

Ao considerar a saúde como um direito indispensável para o ser humano, a Organização Mundial da Saúde (1986) indica critérios para que tal direito seja alcançado. São eles: a alimentação, a habitação, a Educação, os meios econômicos adequados, o ecossistema estável, os recursos sustentáveis, a justiça social e a equidade; sendo assim, o resultado de uma complexa combinação de fatores cruciais que exprimem a relação entre o ser e o meio em que está inserido (ROCHA et al., 2012).

Levando tal conceito em consideração, de que uma rede de fatores determina a saúde, é considerável ressaltar que a mobilidade das populações promove impactos diretos e indiretos na saúde dos migrantes, devido à combinação de determinantes de saúde associados às condições encontradas no país de acolhimento, além de características intrínsecas de quem migra, e de onde e para onde se migra (ROCHA et al., 2012; TOPA et al., 2013).

As condições de vida e a entrada nos serviços de saúde tendem a diminuir os obstáculos na comunicação, no idioma e na ambientação do lugar de recebimento. Pois, muitos são os desafios: a luta contra o preconceito, o estereótipo e a rejeição; a concordância em trabalhos pesados com baixa remuneração e sem reconhecimento social; a carência de apoio social formal ou informal, isto é, retraimento, fracas redes sociais e impedimento para obter o conhecimento e o ingresso nos serviços, especificamente de saúde (GRANADA et al., 2017).

A dificuldade de adaptação e os eventos que são enfrentados durante todo esse processo migratório são de forma mais nociva para as mulheres. Elas são mais frágeis quando expostas a discriminação. Isso, quando se compara ao homem migrante, e, indo mais a fundo sobre essa temática, nota-se que algumas são mais vulneráveis do que outras (TOPA et al., 2010).

Diversos países oferecem uma regulamentação que gera a oportunidade de melhoria da saúde dos migrantes, entretanto, continua uma falha entre as políticas e a execução. Logo, foi realizada a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, o que caracterizou um exemplo para a tomada de decisões que incluía a saúde sexual e reprodutiva e do seu direito, evidenciando o direito dos indivíduos a obterem um alto padrão de saúde sexual e reprodutiva (ROCHA et al., 2012).

Rocha et al. (2012) afirma que os povos migrantes são os mais suscetíveis a serem acometidos por doenças mentais, principalmente, esquizofrenia e estresse pós-traumático, devido aos eventos que sofrem durante todo o procedimento de migração. Esses eventos refletem durante a gravidez, provocando fragilidades: problemas psicológicos durante a gestação e o puerpério – depressão pós-parto, psicose e depressão –, intensificados com estressores vinculados durante a

migração. Logo, a saúde materna e infantil deve receber uma atenção especial por meio do cuidado (ALMEIDA; CALDAS, 2012).

No Brasil, o Ministério da Saúde lançou, em 1984, o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), no qual foi introduzida a proposta de abordagem da mulher como um ser humano que precisa ser percebido e assistido em sua singularidade e peculiaridade, rompendo com conceitos que antes norteavam a política de saúde da mulher, num contexto limitado, no que diz respeito à gravidez e parto, e que agora, incluem ações com enfoque biológico, social, econômico, histórico, político e cultural (BRASIL, 2004; ANDRADE et al., 2015). O PAISM inclui, ainda, ações educativas, de prevenção, diagnóstico, tratamento e recuperação, abrangendo a assistência especializada à mulher: ginecológica, pré-natal, parto e puerpério, climatério, planejamento familiar, IST, câncer de colo de útero e de mama, dentre outras necessidades levantadas de acordo com o perfil da população (BRASIL, 2004).

O programa é baseado no direito que a mulher tem na assistência, durante o período gravídico, como dispor da Rede Cegonha, organizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), com o objetivo de assegurar o benefício das mulheres e crianças. Ainda no mesmo pensamento de atendimento de qualidade, o Ministério da Saúde, em união com as Secretarias Estaduais, Municipais e do Distrito Federal, criou a Caderneta da Gestante, composta com informações necessárias para as grávidas, durante toda essa nova etapa (BRASIL, 2014).

Quanto à gestação, a mesma é um momento marcado por várias modificações que ocorrem, aproximadamente, no decorrer de quarenta semanas, o que corresponde em torno de duzentos e oitenta dias. O diagnóstico clínico é realizado por meio das manifestações clínicas, mas existem outros meios para constatar a gravidez, como, por exemplo, os exames hormonais e ultrassonográfico. Ao longo da gravidez, o corpo da mulher passa por várias modificações fisiológicas, na busca pelas adaptações necessárias para o desenvolvimento da vida que está sendo gerada. As alterações anatômicas e bioquímicas, geralmente, acontecem devido às carências do produto de concepção, da sobrecarga dos hormônios durante a gravidez ou do mecanismo provocado pelo útero com o conceito (ARAÚJO; REIS, 2012).

Assim, a assistência ao pré-natal presume uma avaliação abrangente de situações de risco, de problemas de saúde, de forma a proporcionar um resultado, o mais favorável possível, no desfecho da gestação. Sendo a ausência do acompanhamento do pré-natal uma situação que pode intensificar fatores de risco, é importante ressaltar que uma gestação que está transcorrendo de forma saudável pode se tornar de risco, se não houver o devido acompanhamento, o controle e as orientações (BRASIL, 2012a).

O pré-natal deve ser iniciado o mais cedo possível por um médico ou enfermeiro. Necessita ter caráter acolhedor para a gestante e o acompanhante, onde seja esclarecido as dúvidas, os anseios e as queixas, proporcionando a criação de um elo entre os profissionais e a paciente. Deste modo, garantir o retorno da mesma ao serviço de saúde para o acompanhamento da gestação, pois o mesmo precisa ser contínuo. e de forma programada, com base nos períodos gestacionais que indicam maior risco para a mãe e para o feto (CALIFE et al., 2010).

Deve iniciar no primeiro mês com, pelo menos, seis consultas no decorrer da gestação, número mínimo preconizado pelo Ministério da Saúde, mas que não exclui um acréscimo, considerando que a gestante possa apresentar alguma intercorrência e deve ser atendida sempre que necessário, além de retornos para resultados de exames, vacinas ou o que ocorrer (CALIFE et al., 2010). Além dessas orientações, é recomendado, ainda, uma visita domiciliar para gestantes que descontinuaram o pré-natal, para aquelas com intercorrências e para todas as puérperas, na primeira semana pós-parto (CALIFE et al., 2010; MONTENEGRO, 2014).

O acompanhamento realizado no pré-natal tem como finalidade assistir todo o período gestacional, identificando, antecipadamente, quaisquer acontecimentos que geram ameaças e que são capazes de serem modificadas, e decidir ações que promovam a saúde e previnam complicações para garantir uma boa evolução da gestação, assegurando boas condições de saúde materna e o nascimento de um saudável recém-nascido (OLIVEIRA, 2016).

No pré-natal, podem ser identificados fatores de risco e complicações gestacional, que, com as devidas medidas, podem ser minimizados, controlados ou excluídos, desde que haja um acompanhamento

adequado. Por isso a importância de ações educativas para esclarecer essas questões às mulheres, de forma a maximizar os resultados esperados do pré-natal e contribuindo para a adesão às medidas propostas ou aos possíveis tratamentos (CALIFE et al., 2010; BRASIL, 2012a).

A fim de contribuir para o conhecimento de parte da população feminina migrante venezuelana, este estudo teve como objetivos: a) traçar o perfil sociodemográfico das puérperas migrantes venezuelanas, residentes nos abrigos temporários de Boa Vista (RR); b) verificar a prevalência do acompanhamento gestacional e da realização de pré-natal por essas mulheres.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de análise descritiva, de natureza quantitativa, delineada para investigar o perfil sociodemográfico das puérperas migrantes venezuelanas, em condição de abrigo, no município de Boa Vista.

A pesquisa foi desenvolvida nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), localizadas próximas aos abrigos temporários de Boa Vista, destinados a migrantes venezuelanos. São elas: UBS do Cambará, pela proximidade com o Abrigo Nova Canaã; Centro de Saúde 13 de Setembro, próximo ao Abrigo Rondon I; Casa de Saúde da Família do Jardim Floresta, próxima ao Abrigo Jardim Floresta; e Centro de Saúde São Vicente, que fica próximo ao Abrigo São Vicente. Salienta-se que estes eram os abrigos existentes em Boa Vista, em setembro de 2018, período em que se iniciou este estudo.

A população do estudo foi composta por venezuelanas migrantes, puérperas, com até 42 dias após o parto, residentes em algum dos quatro abrigos temporários e que buscaram atendimento nas Unidades Básicas de Saúde, mencionadas anteriormente.

O cálculo amostral foi possível por meio das informações contidas no relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR, indexadas à plataforma da REACH – Informing more effective humanitarian action, publicada em setembro de 2018 (REACH,

2018). Somou-se o número de gestantes residentes nos abrigos, considerando que todas são potenciais participantes da pesquisa, a depender da data de coleta, chegando a um total de 77 gestantes. Estes dados foram somados e transferidos para o programa estatístico EPI info 7.0, onde foi calculado a amostra da população, tendo com nível de confiança 95% e erro amostral de 5% chegando-se a uma amostra de 65 indivíduos. Essa amostra foi dividida, proporcionalmente, entre os abrigos, a depender do número de gestantes em cada abrigo.

Após o aceite das voluntárias em fazer parte da pesquisa, foi entregue duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Anexo I) para as participantes assinarem. No termo, havia informações referentes à pesquisa, redigido no idioma da participante, ficando uma das vias em sua posse.

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão: pacientes puérperas que estão no puerpério mediato e tardio, sendo migrantes venezuelanas, maiores de 18 anos, não indígenas e alfabetizadas. Os critérios de exclusão foram: pacientes puérperas no período imediato, remoto e de natimorto, que tenham sofrido aborto e com impossibilidade psíquica de participar da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada no período de junho a agosto de 2019, por meio de entrevista semiestruturada, com auxílio de um questionário composto de perguntas abertas e fechadas e alternativas de respostas diretas. O questionário utilizado para coleta de dados foi traduzido para língua espanhola, para possibilitar a melhor comunicação com as participantes. O questionário caracteriza o perfil sociodemográfico das entrevistadas, contendo perguntas a respeito do abrigo residente, da escolaridade, do estado civil, da idade, da ocupação, do número de filhos, do agregamento familiar e se a mesma recebia algum auxílio financeiro.

Os dados foram organizados em planilhas do programa Microsoft Excel® 2019, para posterior análise descritiva. Após tabulação, os dados foram codificados e analisados no programa IBM SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 24.0.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos foram expressos em dois eixos, dados sociodemográficos e acompanhamento gestacional.

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Este eixo pretende descrever e traçar o perfil sociodemográfico das migrantes venezuelanas que residem nos abrigos temporários.

A Tabela 1 apresenta a distribuição das entrevistadas, de acordo com a sua habitação nos abrigos, diretamente ligados às Unidades Básicas de Saúde em que essas mulheres são atendidas, devido à localização geográfica dos mesmos, sendo as unidades de referência de cada bairro.

Tabela 1: Habitação das entrevistadas por abrigo, relacionado diretamente com as unidades básicas de saúde em que são atendidas. Boa vista – Roraima, 2019 (n=65)

Abrigos	UNIDADE DE SAÚDE	N	%
Abrigo Rondon I	Centro de Saúde 13 de Setembro	27	41,5
Abrigo Jardim Floresta	Casa de Saúde da Família do Jardim Floresta	19	29,2
Abrigo Nova Canaã	Unidade Básica de Saúde Cambará	14	21,5
Abrigo São Vicente	Centro de Saúde São Vicente	5	7,7
Total		65	100

Fonte: Próprio autor, 2020.

Participaram da pesquisa 27 mulheres (41,5%) do Centro de Saúde 13 de Setembro, residentes no abrigo Rondon I. Já na Casa Saúde da Família do Jardim Floresta, foram entrevistadas 19 migrantes (29,2%), provenientes do abrigo Jardim Floresta. Quanto a UBS do Cambará, participaram da pesquisa 14 mulheres (21,5%) que moravam no abrigo Nova Canaã. Para concluir, no Centro de Saúde São Vicente, tivemos, como voluntárias para o estudo, 5 migrantes (7,7%), moradoras do abrigo São Vicente.

Verificou-se a predominância do atendimento de mulheres puérperas provenientes do abrigo Rondon I, considerando que a Força Tarefa

anunciou que este abrigo é o maior no Estado de Roraima, bem como é o pioneiro no que se refere ao modelo de unidades habitacionais para migrantes em situação de refúgio. Elas permitem a vivência de até seis moradores, possuindo quatro janelas e energia solar. O ACNUR, durante a triagem, optou, para Rondon I, por famílias e indivíduos em situação de risco, como gestantes, idosas e portadores de necessidades especiais (CHAVES; COSTA, 2018; FARIA, 2018).

Quanto ao perfil sociodemográfico das migrantes entrevistadas, percebeu-se que a faixa etária variou entre idade mínima de 18 anos e idade máxima de 41 anos. A idade média foi de 28,37 anos, com desvio padrão de $\pm 6,35$ anos. Quanto ao grau de escolaridade, percebeu-se que a maioria das mulheres possui o Ensino Médio completo, 53,8% (n=35); e 3,1% (n=2) não concluíram nem o Ensino Fundamental (Tabela 2).

Tabela 2: Percentual e representatividade do perfil sociodemográfico das migrantes venezuelanas entrevistadas (n=65)

VARIÁVEL	N	Média (desvio padrão)	%
Escolaridade			
Ensino Fundamental Completo	10		15,4
Ensino Fundamental Incompleto	2		3,1
Ensino Médio Completo	35		53,8
Ensino Médio Incompleto	10		15,3
Ensino Superior Completo	3		4,6
Ensino Superior Incompleto	5		7,7
Total	65		100
Estado civil			
União estável	25		38,5
Casada	24		36,9
Solteira	14		21,5
Viúva	2		3,1
Total	65		100
Número de filhos		2,37 (1,069)	
1 filho	13		20,0
2 filhos	28		43,1
3 filhos	14		21,5
4 filhos	7		10,8
5 filhos ou mais	3		4,6
Total	65		100

Agregado familiar		
Com o companheiro e com outros familiares	39	60,0
Sem o companheiro e com filhos	20	30,8
Só com o companheiro	6	9,2
Total	65	100
Ocupação		
Desempregada	30	46,2
Ambulante	19	29,2
Babá	4	6,2
Diarista	4	6,2
Doméstica	4	6,2
Cuidadora	2	3,1
Designer gráfica	1	1,5
Manicure	1	1,5
Total	65	100
Auxílio Financeiro		
Não	63	96,9
Sim, Bolsa família	1	1,5
Sim, cesta básica e roupas de igreja	1	1,5
Total	65	100

Fonte: Próprio autor, 2020.

Corroborando com a pesquisa realizada por Simões (2017), verificou-se que o evento migratório da população venezuelana é, predominantemente, composta por adulto jovem, com idade entre 20 e 39 anos. Desta forma, encontram-se no período laboral tanto a população masculina, quanto a feminina.

Embora a população público-alvo deste estudo se apresenta um pouco mais jovem, os resultados obtidos se assemelham aos encontrados na pesquisa de Oliveira (2017), no qual cerca de 50% da sua amostra possui entre 25 e 40 anos de idade, e destes, 90% são ativos no quesito laboral, sendo uma faixa etária particularmente reprodutiva.

Em concordância com tais resultados, a pesquisa de Braga et al. (2017), que trata do perfil do migrante venezuelano que vive em Boa Vista, investigou migrantes que vieram no início da crise venezuelana, desde o ano em que chegaram, a partir de 2014, até os primeiros meses de 2017. A pesquisa constatou, também, maior representatividade masculina (71%), e jovens com idade inferior a 30 anos (65%). Propondo

que, a princípio, os homens migravam em busca de trabalho para suprir as necessidades da família que permanecia na Venezuela, para, posteriormente, trazer as famílias para o Brasil.

A mesma tabela mostra, ainda, que grande parte das entrevistadas são autodeclaradas como em união estável, 38,5% (n=25); seguido das casadas, com 36,9% (n=24); possuindo, em sua maioria, dois filhos, 43,1% (n=28); e moram com o seu companheiro e outros familiares, 60% (n=39), em residências multifamiliares; as mesmas não possuem ocupação, 46,2% (n=30); e não recebem auxílio financeiro, 96,9% (n=63).

Em relação ao grau de escolaridade, a pesquisa de Simões (2017) difere do que atualmente se constatou. Segundo dados da pesquisa, os migrantes de origem venezuelana, que estão no município de Boa Vista, possuem um elevado nível de educação escolarizada. Inicialmente, o público migrante possuía características sociais e econômicas diferentes do que se tem vivenciado no momento atual.

Tratando-se da feminização da migração, Dornelas e Santos (2018), em seu trabalho intitulado “*Migração e trabalho: feminização, interseccionalidades e o papel do Estado*”, abordam sobre a desigualdade no mercado de trabalho, em que as mulheres têm dificuldades para adentrar e permanecer no mercado e os salários são inferiores. Segundo Dutra e Brasil (2017), algumas dificuldades para se inserir e se manter no mercado de trabalho são a discriminação por ser mulher, mãe, e a associação ao papel de cuidadora. Dessa forma, as oportunidades de trabalho se concentram nas atividades como cuidadoras e domésticas. Tal fato pode ser percebido, no presente estudo, ao observar as tarefas desenvolvidas relacionadas ao cuidado ou a espaços domésticos.

Quanto ao estado civil, foi observado que a maioria das migrantes declararam união estável e ser casada; seguido das solteiras. Dados que concordam com o encontrado por Cavalcanti et al. (2015), em que 50,2% são casadas, seguido de solteiras (28,1%). Dados que sugerem que as mulheres têm migrado, principalmente, com seus maridos e/ou companheiros. No entanto, contrastando com esses resultados, no estudo Oliveira (2017), os solteiros têm maior representatividade com 61,0%, enquanto os casados somam 33,7%, o que pode estar relacionado às motivações que os levaram a migrar, se a trabalho ou a estudo, e, até mesmo, para fugir das condições de vida de seu país de origem.

Com relação ao número de filhos, Yazaki (2014), em seu estudo sobre saúde reprodutiva e mortalidade de bolivianos que moram em São Paulo, observou que 42% eram primípara, 32% eram mães do segundo filho, 16,5% do terceiro. Dados que não corroboram ao encontrado no presente estudo. Tal fato pode estar relacionado com nível de instrução ou situação socioeconômica, variáveis que não foram descritas nesse estudo.

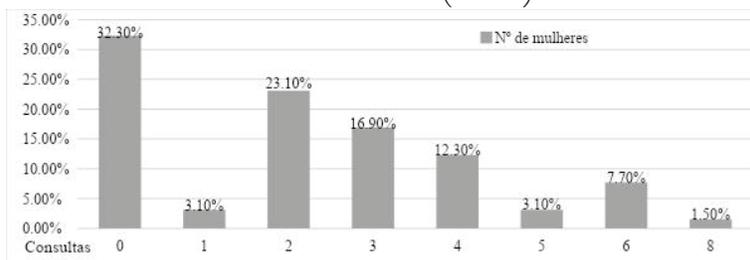
Neste eixo, podemos concluir que o perfil sociodemográfico das migrantes é predominantemente composto por mulheres casadas ou em união estável, com nível médio de instrução, com média de 2,37 filhos e, majoritariamente, desempregadas.

ACOMPANHAMENTO GRAVÍDICO

Neste eixo, buscou-se verificar a prevalência do acompanhamento gestacional e da realização de pré-natal pelas migrantes venezuelanas.

Ao investigar sobre aspectos relacionados à gestação e ao acompanhamento gestacional, constatou-se que 67,7% (n=44) das entrevistadas fizeram o acompanhamento do pré-natal e 32,3% (n=21) não realizaram. Quanto ao número de consultas de pré-natal realizadas, no Gráfico 1 podemos observar uma prevalência de 32,3% (n=21) daquelas que não realizaram nenhuma consulta de pré-natal e o decréscimo na relação número de mulher por quantidade de consultas, sendo que 23,1% (n=15) realizaram 2 consultas e apenas 1,5% (n=1) realizaram 8 consultas.

Gráfico 1: Distribuição percentual do número de consultas de pré-natal realizadas (n=65)



Fonte: Próprio autor, 2020.

O número médio de consultas de pré-natal realizadas pelas mulheres do presente estudo foi de 2,23 com desvio padrão de $\pm 4,05$, sendo que o Ministério da Saúde recomenda um mínimo de 6 consultas durante a gestação (BRASIL, 2012b). A OMS lançou, também, novas recomendações sobre cuidados pré-natais que orientam a realização de oito consultas de pré-natal no mínimo, devendo iniciá-las o mais precocemente possível pela enorme relevância, para um cuidado adequado, sendo recomendado que a realização da primeira consulta seja até o terceiro mês de gestação (WHO, 2016).

Indicadores atuais afirmam que uma maior periodicidade de consultas no pré-natal de mulheres e adolescentes, nas unidades de saúde, está relacionada a uma baixa possibilidade de natimortos (OPAS, 2016).

Com relação à realização do pré-natal, no estudo de Coutinho et al. (2014), que trata dos cuidados à saúde de mulheres gestantes imigrantes e nativas em Portugal, com dados comparativos entre imigrantes e portuguesas que constituíram sua amostra, observa-se que 90,9% das portuguesas realizaram o acompanhamento, enquanto, somente 68,3% das mulheres imigrantes realizaram acompanhamento gestacional. Os autores retratam que alguns fatores podem dificultar o acesso aos cuidados de saúde, como situações relacionadas a gestante, à falta de recursos das instituições de saúde, políticas de saúde e qualidade do cuidado.

Sobre esses fatores determinantes do acesso aos cuidados na gestação, Esposti et al. (2015), em seu estudo sobre representação social do acesso aos cuidados pré-natais no SUS, identificaram diferentes situações relatadas pelas participantes, dentre elas a localização geográfica, o sistema de marcação de consultas e os serviços ofertados que não supriam as necessidades apresentadas.

Foi percebido, entre as participantes do estudo, um quantitativo considerável de busca pelos serviços de saúde prestados pelas unidades, apesar da frequência está abaixo do preconizado pelo Ministério da Saúde, restando os questionamentos: será que as mesmas sabiam, realmente, da importância que esse acompanhamento poderia repercutir na sua saúde e na de seu filho? Ou elas já chegaram no estágio da gravidez avançada, não tendo realizado o acompanhamento no país de origem?

Tratando-se de ações desenvolvidas durante o acompanhamento gestacional, identificou-se a realização do pré-natal envolvendo a suplementação de sulfato ferroso e ácido fólico e a realização dos testes rápidos para IST, durante a gestação, no qual das 67,7% (n=44) que realizaram consultas de pré-natal, 61,5% (n=40) cumpriram com a suplementação, e 98,5% (n=64) fizeram os testes rápidos.

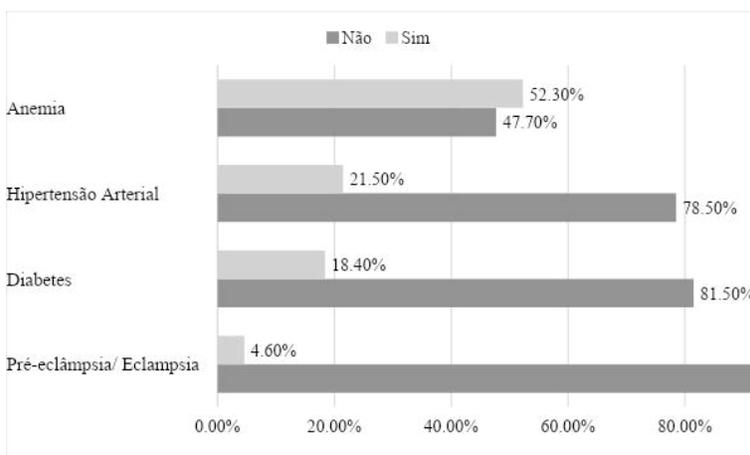
Quanto ao período em que iniciaram a suplementação, observamos predominância daquelas que não realizaram a suplementação, totalizando 38,5% (n=25); as que iniciaram no 1º trimestre totalizam 10,8% (n=7); aquelas que iniciaram no 2º trimestre foram 27,7% (n=18) e, por último, as que iniciaram no 3º trimestre, 23,1% (n=15). Com relação ao número de vezes que foram feitos os testes rápidos, 67,7% (n=44) dos casos realizaram uma vez apenas; 27,7% (n=18) foram duas vezes; 3,1% (n=3) fizeram três vezes; e 1,5% (n=1), nenhuma vez.

Segundo a WHO (2016), as gestantes devem fazer suplementação de ácido fólico e ferro com intuito de prevenir anemia materna, infecções pós-parto, baixo peso ao nascer e prematuridade, o que não foi realidade no presente estudo. Todavia, os resultados obtidos, neste estudo, corroboram com os de Linhares e Cesar (2017), sobre suplementação com ácido fólico na gestação e fatores associados, tendo em vista que a prevalência de suplementação de ácido fólico durante a gestação foi de 54,2% em seu estudo. Além disso, os autores identificaram que a prevalência da suplementação estava entre mulheres que moravam com o companheiro, com maior escolaridade, que iniciaram o pré-natal no primeiro trimestre e que tiveram maior número de consultas, propondo que a harmonia entre grau de instrução e apoio familiar resulta em melhor cuidado à saúde.

Com relação aos testes rápidos para IST, de acordo com o Ministério da Saúde, devem ser realizados, de rotina, no 1º trimestre ou primeira consulta, e no 3º trimestre da gestação (BRASIL, 2012b). Percebemos, nos dados deste estudo, uma disparidade com relação ao número de mulheres que realizaram o pré-natal (n=44) comparado com às que fizeram os testes rápidos (n=64). O que sugere que estas mulheres fizeram os testes apenas, no hospital materno, ao dar entrada para o parto, podendo esse fato ser explicado por uma baixa busca pelo pré-natal ou por terem chegado à cidade há pouco tempo e com a gestação próxima do termo.

Sobre os agravos à saúde gestacional, no Gráfico 2, temos a representação daqueles referidos pelas entrevistadas, nos quais há predominância de 52,3% (n=34) dos casos de anemia; seguido de hipertensão arterial, com 21,5% (n=14); e diabetes, com 18,4% (n=12) dos eventos. Resultados que corroboram com os encontrados por Varela et al. (2017), em estudo sobre intercorrências na gravidez, no qual 24,4% das mulheres apresentaram anemia durante a gestação; 8,5% tiveram diabetes gestacional; 19,5% apresentaram doença hipertensiva exclusiva da gestação (DHEG).

Gráfico 2: Distribuição percentual da ocorrência de agravos à saúde gestacional (n=65)



Fonte: Próprio autor, 2020.

De acordo com dados disponibilizados pela Organização Mundial de Saúde, a prevalência de anemia em mulheres grávidas, entre a faixa etária de 15 a 49 anos, em 2011, foi de 40 a 59,9%.O que se assemelha aos dados encontrados neste estudo. E a anemia, ao longo da gravidez, pode estar relacionada a uma chance elevada de baixo peso ao nascer, parto prematuro e morte prematura (WHO, 2015; BRASIL, 2012b). Quanto às disfunções hipertensivas, elas relacionam-se a alta morbimortalidade materna, fetal e neonatal, sendo causadoras de 1/3 da mortalidade materna, fora as mortes perinatais, trabalho de partos prematuros e baixo peso ao nascer, nos países com renda baixa e média (SÃO PAULO, 2018).

Já a diabetes é o motivo de altos índices de morbimortalidade perinatal, em particular, a malformações fetais e macrosomia fetal (BRASIL, 2012b). Por fim, segundo o Ministério da Saúde, agravos à saúde gestacional devem ser identificados e controlados da forma mais adequada e precoce possível (BRASIL, 2012b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo verificou que a maioria das migrantes venezuelanas realizou alguma consulta, enquanto gestantes. No entanto, com uma frequência muito baixa, caracterizando uma deficiência do acompanhamento do pré-natal, comprometendo, assim, a realização de suplementação, de testes rápidos entre outros cuidados. Tal fato pode estar relacionado ao tempo de chegada dessas mulheres na cidade, pois poderiam ter chegado com a gestação próxima à data do parto.

Acredita-se que as Unidades Básicas de Saúde necessitem desempenhar um trabalho interdisciplinar com os profissionais de saúde dos abrigos, podendo identificar e encaminhar a puérpera para a UBS, de acordo com a necessidade. Assim, a unidade pode adotar ações em saúde dentro dos abrigos, como Educação em Saúde ou visita domiciliar após o parto, dando uma assistência integral a migrante no período gravídico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.M.; CALDAS, J.P. (2013). Migration and maternal health: experiences of brazilian women in Portugal. **Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil**, Recife, vol.13, nº 4, pp. 309-316.

ANDRADE, R.D. et al. (2015). Fatores relacionados à saúde da mulher no puerpério e repercussões na saúde da criança. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, vol.19, nº 1, Jan./Mar., pp. 181-186.

ARAÚJO, L. de A; REIS, A. T. (2012). **Enfermagem na prática materno-neonatal**. Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

BRAGA, E.O.; JESUS, G.F.; LACERDA, E.G. (2017). **Perfil do imigrante venezuelano residente em Boa Vista-RR**. São Paulo: Blucher, pp. 24-38.

BRASIL (2004). **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes**. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas.. Brasília: Ministério da Saúde, 82p.

_____. (2012a). **Gestação de alto risco: manual técnico**. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. 5ª Ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 302p.

_____. (2012b). **Atenção ao pré-natal de baixo risco**. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 318p.

_____. (2014). **Caderneta da Gestante**. Ministério da Saúde. Edição eletrônica, Brasília.

CALIFE, K.; LAGO, T.; LAVRAS, C. (Org) (2010). **Atenção à gestante e à puérpera no SUS – SP: manual técnico do pré-natal e puerpério**. São Paulo: SES/SP, p. 234.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A.T.; TONHATI, T. (Org) (2015). **A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro**. Cadernos OBMigra. Brasília: Edição especial.

CHAVES, A.; COSTA, E. (2018). **10º abrigo para venezuelanos é aberto em RR e imigrantes são retirados das ruas**. G1.globo.com/Roraima, Roraima, 20 jul. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/07/20/10o-abrigo-para-venezuelanos-e-aberto-em-rr-e-imigrantes-sao-retirados-das-ruas.ghhtml>. Acesso em: 22 set. 2019.

COUTINHO, E.C. et al. (2014). Cuidados de saúde a gestantes imigrantes e portuguesas em Portugal. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. n° 48(Esp2), pp. 09-16.

DORNELAS, P.D.; SANTOS, K.C. (2018). Migração e trabalho: feminização, interseccionalidades e o papel do Estado. In: 42° **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 22 a 26 de outubro de 2018, Caxambu.

DUTRA, D.; BRASIL, E. (2017). Mulheres migrantes no Brasil. A movimentação no mercado formal de trabalho. In: Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Araujo, D., Tonhati, T. - **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Relatório Anual 2017. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra.

ESPOSTI, C.D.D et al. (2015). Representações sociais sobre o acesso e o cuidado pré-natal no Sistema Único de Saúde da Região Metropolitana da Grande Vitória, Espírito Santo. **Saúde Soc**. São Paulo, v.24, n.3, p.765-779.

FARIA, F. (2018). Com unidades habitacionais inovadoras, novo abrigo temporário para venezuelanos é inaugurado em Boa Vista. **ACNUR**, jul. 2018. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2018/07/24/com-unidades-habitacionais-inovadoras-novo-abrigo-temporario-para-venezuelanos-e-inaugurado-em-boa-vista/>. Acesso em: 22 set. 2019.

GRANADA, D. et al. (2017). **Discutir saúde e imigração no contexto atual de intensa mobilidade humana**. Interface. Botucatu: pp. 285-296.

LINHARES, A.O.; CESAR, J.A. (2017). Suplementação com ácido fólico entre gestantes no extremo Sul do Brasil: prevalência e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, 22(2), pp. 535-542.

OLIVEIRA, A. T. R. (2017). Características da imigração regular no Brasil: um olhar através dos registros administrativos. In: Cavalcanti,

L; Oliveira, T.; Araujo, D., Tonhati, T. - **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Relatório Anual 2017. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra.

OPAS (2016). **Mulheres grávidas devem ter acesso aos cuidados adequados no momento certo, afirma OMS**. Organização Pan-Americana da Saúde. Brasil. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5288:mulheres-gravidas-devem-ter-acesso-aos-cuidados-adequados-no-momento-certo-afirma-oms&Itemid=820. Acesso em: 21 set. 2019.

REACH (2018). **Perfil de abrigos. Boa Vista e Pacaraima, Roraima, Brasil**. Informing More Effective Humanitarian Action. Set. 2018. Disponível em: http://www.reachresourcecentre.info/system/files/resource-documents/reach_bra_factsheet_roraima_state_site_profiling_september_2018_pt.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

ROCHA, C.M.F. et al. (2012). Migração internacional e vulnerabilidade em saúde: tópicos sobre as políticas de saúde e de saúde sexual e reprodutividade em Portugal. **Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, pp. 190-200, dezembro.

SÃO PAULO (2018). **Linha de cuidado gestante e puérpera: manual técnico do pré-natal, parto e puerpério**. LAVRAS, Carmen Cecília de Campos (Org.). Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. São Paulo: SES/SP.

SIMÕES, G. da F (Org.) (2017). **Perfil sociodemográfico e laboral da imigração venezuelana no Brasil**. Curitiba: Editora CRV, pp. 112.

TOPA, J.; NEVES, S.; NOGUEIRA, C. (2013). Imigração e saúde: a (in)acessibilidade das mulheres imigrantes aos cuidados de saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.22, n.2. pp.328-341.

TOPA, J. B.; NOGUEIRA, C.; NEVES, A. S. A. (2010). Inclusão/exclusão das mulheres imigrantes nos cuidados de saúde em Portugal:

Reflexão à luz do feminismo crítico. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 41, n. 3, jul./set. p. 366-373.

VARELA, P.L.R. et al. (2017). Intercorrências na gravidez em puérperas brasileiras atendidas nos sistemas público e privado de saúde. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**.

WHO - World Health Organization (2015). **The global prevalence of anaemia in 2011**. Geneva: World Health Organization.

_____. (2016). **WHO recommendations on antenatal care for a positive pregnancy experience**. Geneva: World Health Organization.

YAZAKI, L.M. et al. (2014). Indicadores de saúde reprodutiva e mortalidade dos bolivianos residentes na cidade de São Paulo. In: **XIX ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, ABEP, São Pedro/SP, de 24 a 28 de novembro de 2014.



Capítulo 15

Reflexões de campo com migrantes no Brasil: uma perspectiva metodológica nas pesquisas sociais

Maria Patrícia Contreras
Welthon Leal

REFLEXÕES DE CAMPO COM MIGRANTES NO BRASIL: UMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA NAS PESQUISAS SOCIAIS

*FIELD REFLECTIONS WITH MIGRANTS IN BRAZIL:
A METHODOLOGICAL PERSPECTIVE IN SOCIAL
RESEARCH*

*Maria Patricia Molina Contreras¹
Wellthon Leaf²*

RESUMO: Iniciar o Projeto Orinoco sabendo que éramos uma das primeiras equipes humanitárias, no Brasil, e uma das primeiras a exercer a função de monitoramento de dados foi sem dúvida um desafio. Aferir e mensurar o impacto do Projeto Orinoco era nosso objetivo principal e, para isso, era necessário não apenas a compreensão de processos metodológicos de pesquisas sociais, mas o manejo qualificado de ferramentas novas para toda equipe: Bartender, Commcare e PowerBI. Os resultados obtidos mostram que o Projeto Orinoco atendeu às expectativas dos beneficiários.

Palavra-chave: Monitoramento. Ferramentas. Pesquisas.

ABSTRACT: *Starting the Orinoco Project knowing that we were one of the first humanitarian teams in Brazil and one of the first to perform the data monitoring function was undoubtedly a challenge. Measuring and measuring the impact of the Orinoco Project was our main objective and for that it was necessary not only the understanding of methodological processes of social research, but the qualified management of new tools for the entire team: Bartender, Commcare and PowerBI. The results obtained show that the Orinoco Project meets the expectations of the beneficiaries.*

Keywords: *Monitoring. Tools. Researches.*

¹ Licenciada em Administração pela Universidad Nacional Experimental Romulo Gallegos/ Venezuela e agente da Cáritas Brasileira, no projeto Orinoco.

² Mestre em Sociologia pela UFPE e Assessor de Monitoramento da Cáritas Brasileira.

INTRODUÇÃO

Iniciar o Projeto Orinoco, sabendo que éramos uma das primeiras equipes humanitárias, no Brasil, e uma das primeiras a exercer a função de monitoramento de dados, foi, sem dúvida, um desafio. Nos primeiros momentos de acomodação da equipe, pensamos que desistir seria uma solução, as coisas a serem feitas pareciam impossíveis, e não existia sequer qualquer outra equipe ou pessoa na instituição especialista na área. Por vezes, percebíamos que apenas assessores internacionais entendiam, de fato, qual era nossa função no projeto.

Esse estranhamento não era anormal, o Brasil estava começando a ter seus primeiros profissionais em projetos emergenciais humanitário de grande porte apenas agora. Além disso, outros projetos costumavam contratar equipes externas para manejar o monitoramento e avaliação dos projetos, ou seja, muitos projetos tinham uma equipe situada em países mais “centrais” ou considerados “desenvolvidos”, distante das realidades locais dos projetos. Reforçando um pressuposto de que o manejo de dados, a análise ou gestão de algumas atividades de pesquisas mais quantitativas seriam algo neutro, portanto, não seriam afetadas pela distância geográfica.

Sendo assim, era comum que equipes remotas trabalhassem com avaliações de projetos sem estarem vivenciando o cotidiano do projeto, colhendo apenas números enviados via internet. Dessa vez, achavam que os números digitados e enviados para outro país não bastavam para garantir uma qualidade de um projeto. O Projeto Orinoco viu então a necessidade de garantir uma equipe qualificada e, praticamente, pioneira em gestão de MEAL³, na Cáritas Brasileira. Se tratava de uma excelente oportunidade para construir algo sólido para as experiências de ajuda humanitária no Brasil.

Para um de nós, foi a primeira vez, num espaço de 3 anos, como migrante no Brasil, que existia uma oportunidade de um trabalho formal. Para o outro, o projeto significava uma saída do espaço acadêmico, voltada a uma intensa produtividade de *papers*⁴ e aulas para uma lógica de respostas científicas que envolviam, diretamente, a vida

³ **MEAL**: acrônimos em inglês que significam Monitoramento, Avaliação, Responsabilização Ética e Aprendizagens.

⁴ **Papers**: Ensaio, dissertação, estudo para comunicação destinada a congressos ou simpósios e/ou para publicação nos anais de seminários, reuniões dedicadas a uma especialidade, ou escrito para publicação em periódicos especializados.

das pessoas em condição de vulnerabilidade social. Apesar dos desafios profissionais instigarem, foi a paixão pela ajuda ao próximo que se tornou um fator preponderante para dar continuidade a nossa participação no projeto.

O Projeto Orinoco propôs atuar com uma população pouco assistida, pessoas que viviam nas ruas, sem acesso as condições básicas de higiene, sem poder usar um banheiro ou se quer lavar as mãos. Nosso objetivo era fazer com que algo tão básico e comum em nossas vidas fosse aplicado da melhor forma possível e com a mensuração adequada para certificar o sucesso do projeto.

O monitoramento, basicamente, consistiu em observar ao longo do projeto se as condições das instalações e se o trabalho realizado pela equipe estaria dentro dos padrões planejados. Ou seja, garantir o cumprimento dos indicadores exigidos pela financiadora e a eficácia do trabalho em equipe. Garantir todo esse processo, significava realizar pesquisas sociais, sobretudo, as com enfoque quantitativo, durante o projeto. A equipe MEAL ficou responsável em realizar uma série de pesquisas, sendo estas: (1) Cadastros; (2) Pesquisa: conhecimentos, atitudes e práticas de *WASH*⁵; (3) Pesquisa: linha de base; e (4) Monitoramento em geral. Todas elas são descritas com mais detalhes neste artigo.

Aferir e mensurar o impacto do Projeto Orinoco era nosso objetivo principal e, para isso, era necessário não apenas a compreensão de processos metodológicos de pesquisas sociais, mas o manejo qualificado de ferramentas novas para toda equipe: *Bartender*⁶, *Commcare*⁷ e *PowerBI*⁸.

Com o uso do *Commcare*, foi realizado a formulação dos questionários em 3 línguas (espanhol, português e inglês), e, por meio de tablets e celulares, utilizamos o software para responder as perguntas dos

⁵ **WASH:** do inglês *Water, Sanitation and Hygiene* palavra usada para designar acesso ou direito à água, saneamento e higiene. O acesso às necessidades básicas, sobretudo água e saneamento, continua a representar um desafio importante em muitos países. O programa WASH consiste, essencialmente, no acesso a água limpa, banheiro, privadas, boas práticas de higiene, todas elas essenciais para o desenvolvimento humano.

⁶ **Bartender:** software que transforma informação para etiquetas (códigos de barra).

⁷ **Commcare:** é o portal da internet que facilita a criação e o lançamento de aplicativos, a exibição e análises de dados, a implementação e a comunicação com os usuários.

⁸ **Power BI:** é uma coleção de serviços de software, aplicativos e conectores que trabalham juntos para transformar as fontes de dados não relacionadas em informações coerentes, visualmente envolventes e interativas.

entrevistados e enviar todas as respostas para uma nuvem digital. Com o uso desse sistema, conseguíamos sincronizar os envios de repostas, perceber erros e adaptar questões nas pesquisas de modo rápido.

Utilizamos o *PoweBI* na construção de índices, cálculos e gráficos para servir como base de análise dos dados colhidos nas atividades de campo. O programa garantia uma boa precisão a pluralidade de gráficos que ajudou a equipe a interpretar os dados.

CADASTROS

Por meio do *Bartender*, criamos códigos de leitura, *QRcode*⁹, para registrar as famílias em um cartão. Portanto, cada família tinha um *QRcode* que continham suas informações básicas, para contabilizar os dados necessários ao projeto, mas também para garantir a segurança dos beneficiários. O manejo desses cadastros pela equipe poderia evitar casos de sequestros e tráfico de pessoas, sobretudo crianças.

Além disso, permitiria a equipe realizar qualquer pesquisa avaliativa, relacionada com níveis de satisfação, sendo este a identificação do beneficiário dentro do projeto. Os cadastros foram feitos nas igrejas existentes em Boa Vista (Nossa Senhora da Consolata e Santo Agostinho) e Pacaraima (Centro de Formação). O formulário de registro ajudou a entender os dados demográficos dos beneficiários do projeto, incluindo:

- Diversidade étnica;
- Vulnerabilidades e especificidades - incluindo grávidas, lactantes, deficientes, doentes crônicos;
- Vulnerabilidades associadas ao status migratório;
- Composição Familiar- agregados familiares, chefia da família, presença de mulheres, homens, idosos, crianças pequenas;
- Formação educacional;
- Condições de vida.

⁹ **QR Code:** são etiquetas de código rápido que dão acesso a conteúdo e páginas por meio de sua leitura

Figura 01: Cartão Orinoco 2019-2020



Fonte: Autora, 2020.

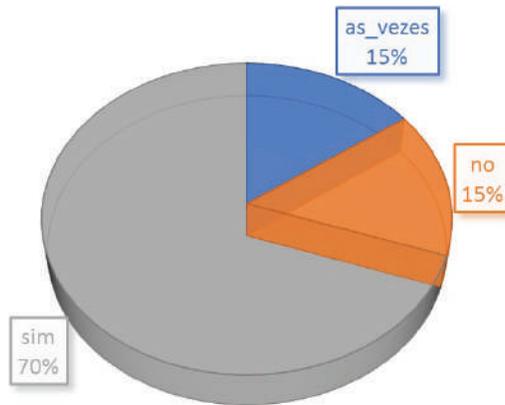
PESQUISA: CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICAS DE WASH

C.A.P: Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas, pesquisa realizada com migrantes em situação de vulnerabilidade, moradores de rua na sua maioria. O objetivo foi conhecer as necessidades básicas de água, saneamento e higiene, para a equipe ir construindo e desenvolvendo estratégias que permitam ensinar boas práticas de higiene, e fornecer um bom serviço de saneamento e acesso a água.

Esta pesquisa foi realizada antes da inauguração das nossas instalações, com um percentual pequeno de pessoas, porém suficiente para os dados que precisávamos coletar. Amostra estatisticamente significativa de 93 domicílios que vivem, atualmente, nas ruas (95% de confiança e 10% de margem de erro - com uma população estimada em 3.000 dentro da área alvo), demonstraram para equipe a necessidade de garantir itens de higiene pessoal (como absorventes e fraldas), dentro das instalações, calcular o número de peças aos quilos de roupa que as pessoas precisam lavar, os pontos que deveriam ser reforçados nas promoções de higiene, entre outros dados (CAP, 2019).

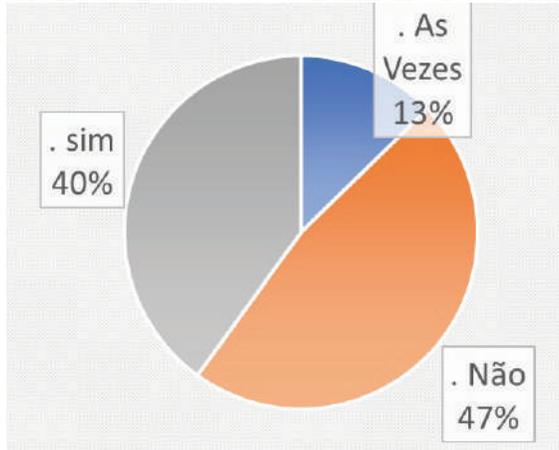
Apresentamos alguns gráficos, produtos da pesquisa, que foram relevantes para evidenciar a importância da implementação do Projeto Orinoco no contexto migratório de Roraima.

Gráfico 01: Acesso ao Banheiro Boa Vista



Fonte: CAP, 2019.

Gráfico 02: Acesso ao Banheiro Pacaraima



Fonte: CAP, 2019.

PESQUISA: LINHA DE BASE

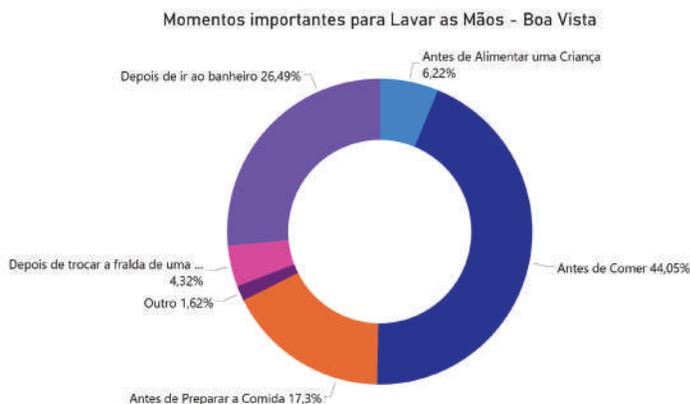
No decorrer do primeiro mês de registro, a equipe utilizou uma ferramenta digital (formulário) para conduzir uma pesquisa de base, com uma amostra estatisticamente significativa de 339 beneficiários do

projeto, durante o registro do beneficiário (95% de confiança, margem de erro de 5%), aconteceu, aleatoriamente, a cada 03 cadastros. Nesta pesquisa, consideramos também pessoas moradoras de ocupações espontâneas ao redor das instalações. Obtivemos 140 entrevistas em Boa Vista e 199 em Pacaraima.

A linha de base é importante, pois, ao final do Projeto Orinoco, servirá como comparação dos resultados antes e depois das nossas instalações estarem funcionando. Um ponto-chave da linha de base é identificar se os beneficiários que conhecem os 5 momentos críticos da lavagem das mãos. O conhecimento desses momentos críticos da lavagem das mãos previne o contágio de enfermidades, a higiene das mãos salva vidas, previne infecções e é menos custosa de que o tratamento depois de adoecer.

Então, a linha de base nos ajudou a saber o grau dos conhecimentos dos beneficiários, para elaborar estratégias que sirvam para promover a correta higienização das mãos.

Gráfico 03: Momentos importantes para lavar as Mãos Boa Vista



Fonte: Linha de Base, 2019.

Gráfico 04: Momentos importantes para lavar as Mãos Pacaraima



Fonte: Linha de Base, 2020.

Existe também a Linha Final, uma pesquisa para avaliar os objetivos alcançados com o Projeto Orinoco, a fim de saber nosso alcance com as ações e qualidade do que foi implementado. Uma fase difícil, pois acontece justamente no meio da pandemia da Covid-19.

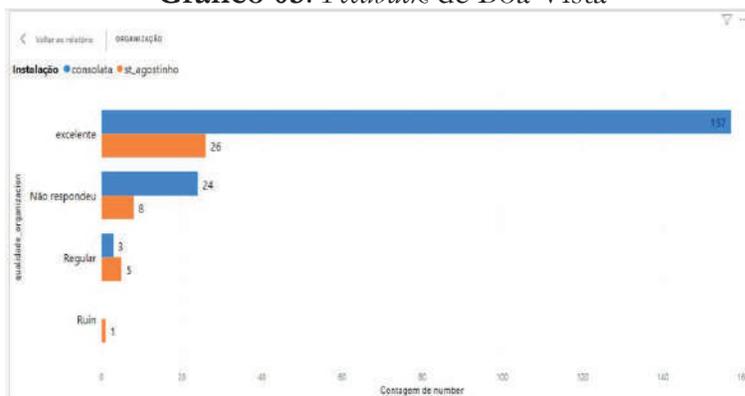
MONITORAMENTO EM GERAL

- **Monitoramento das instalações:** realizada pela equipe, uma vez pela semana, revisando as condições dos banheiros e chuveiros, assim como o fraldário e as áreas externas das instalações, para garantir o bom funcionamento para os beneficiários.
- **Monitoramento da água:** revisando com o medidor de cloro, a quantidade de cloro na água, para assegurar água limpa e segura para os beneficiários, feito semanalmente.
- **Monitoramento de entrada:** contabilizar, dia a dia, o número de pessoas que utilizam nossas instalações, conseguindo atender mais de 500 pessoas por dia (dados antes da pandemia); também, contabilizamos o acesso aos chuveiros para saber quantas pessoas tomavam banho por dia.

- **Monitoramento de *feedback***¹⁰: foi planejado um sistema de feedback com 04 métodos de coleta: pelo telefone, pelo formulário de feedback (folhas impressas e colocadas nas instalações, para os beneficiários preencher e inserir na caixa de sugestões e reclamações), escuta direta com os assessores de monitoramento, 01 vez por semana, e formulários de sugestões e reclamações no sistema de Commcare, que poderia ser preenchido pelos educadores sociais. Em seguida, era feita a coleta e unificados para ser analisados e avaliar o trabalho, obtendo sugestões para melhorar.

O *feedback* faz parte de inúmeras áreas do projeto como: cuidado das instalações, funcionamento das instalações, promoção de higiene, atendimento da equipe, atendimento da organização. Apresentaremos uns dos gráficos de feedback, no qual tivemos um resultado positivo, as pessoas relatando um excelente atendimento por parte da organização.

Gráfico 05: *Feedback* de Boa Vista



Fonte: Autora, 2020.

- **Monitoramento de Promoção de Higiene:** contabilizar e registrar as pessoas que participaram das palestras e atividades de promoção de higiene, acompanhando e observando o trabalho da equipe de educadoras. No total, tivemos 3.769 pessoas que

¹⁰ **Feedback:** palavra originária da língua inglesa, significa opinião, retorno, avaliação ou comentário. Na prática, é também um termo incorporado ao idioma português, sendo empregado justamente para expressar um ponto de vista. É uma forma de avaliar e opinar sobre a realização de uma tarefa, por exemplo.

receberam promoção de higiene, de setembro de 2019 a março de 2020.

- **Monitoramento da lavanderia:** registrar e contabilizar os beneficiários que utilizavam o serviço da lavanderia, controlando, assim, o número de peças e os quilos lavados por dia.
- **Lavanderia *Delivery***¹¹: receber e entregar roupas na Rodoviária, em Boa Vista, (espaço adequado pela Operação Acolhida para abrigar aos migrantes moradores de rua). Todo um desafio na época de pandemia. Desafio que assumiu a equipe de monitoramento e que tem sido um sucesso, alcançando lavar entre 180 e 300 quilos por dia. Com o horário de funcionamento de segunda à sexta-feira. Em Pacaraima, o sistema atende 06 Ocupações informais, também de segunda a sexta-feira, com uma média de 120 quilos por dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas, mencionadas anteriormente, contribuíram no sucesso de nosso trabalho que, com muito esforço, conseguimos como equipe, porque sim, somos uma equipe. Descrevemos apenas uma parte do trabalho, Orinoco vai muito mais além disso: cada pessoa que compôs a equipe fez um trabalho maravilhoso, fez com que tudo fosse com amor e paixão pelo próximo.

Até o momento, tivemos 3.974 beneficiários do projeto, dos quais 3.769 passaram, pelo menos, por uma palestra de promoção de higiene. No começo do Projeto, recebemos uma meta de alcançar 2.900 pessoas, parecia assustador. Por fim, superamos essa meta. Com certeza, nosso projeto tem coração e compromisso para atender a muitas pessoas, se a circunstâncias nos brindarem a oportunidade. Ficamos muito felizes em perceber que, em sua grande maioria, as pessoas estão satisfeitas com o Projeto Orinoco e com nosso trabalho.

Nosso agradecimento à Cáritas pela oportunidade e à USAID¹² pela disposição de apoiar o contexto migratório em Roraima.

¹¹ **Delivery:** é a palavra em inglês que significa entrega, distribuição ou remessa. Esta palavra é um substantivo que tem origem no verbo deliver, que remete para o ato de entregar, transmitir ou distribuir.

¹² **USAID:** Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional é um órgão do governo dos Estados Unidos encarregado de distribuir a maior parte da ajuda externa de caráter civil.

REFERÊNCIAS

CÁRITAS BRASILEIRA (2019). **Relatório Analítico do CAP de Wash Agosto/2019 – Boa Vista/Pacaraima**. Boa Vista: Projeto Orinoco, 79 páginas. Disponível em: <http://caritas.org.br/storage/arquivo-de-biblioteca/July2020/btbvPpsQjHyMi6EPxB1w.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2020.

CÁRITAS BRASILEIRA (2020). **Relatório Analítico Linha de Base do Projeto Orinoco – Águas que atravessam fronteiras**. Boa Vista: Projeto Orinoco, 23 páginas. Disponível em: <http://caritas.org.br/storage/arquivo-de-biblioteca/June2020/t55yd8Qx0Cwvl212rkug.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2020.

Capítulo 16

Migrantes e Refugiados surdos venezuelanos em Roraima

Thaisy Bentes
Beatriz Teófilo
Anderson dos Santos Paiva



MIGRANTES E REFUGIADOS SURDOS VENEZUELANOS EM RORAIMA

VENEZUELAN DEAF MIGRANTS AND REFUGEES IN RORAIMA

Thaisy Bentes¹

Beatriz Teófilo²

Anderson dos Santos Paiva³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo descrever as experiências de trabalho com surdos migrantes e refugiados venezuelanos em Boa Vista-RR, por meio do projeto de extensão “Rede de colaboradores: acessibilidade à comunidade surda em tempos de pandemia”, em parceria com a Pastoral do Surdo de Boa Vista e a Associação de Surdos de Roraima. Trata-se de uma ação colaborativa interinstitucional que busca diminuir as barreiras linguísticas e dar acesso ao trabalho, a cidadania, direitos humanos e inclusão social. O público do projeto compreende cerca de cem pessoas que compõe a comunidade surda venezuelana, com presença de crianças, gestantes e idosos em situação de vulnerabilidade social e com sérios problemas para acessar os programas e políticas públicas no Brasil. A maioria deles residem no país há mais de dois anos e tem como L1 ou materna a Língua de Sinais

¹ Mestra em Estudos de Tradução/UnB. Professora Assistente do Curso Letras Libras Bacharelado da Universidade Federal de Roraima. Vice-Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Tradução e Interpretação Intermodal-TradIn. Coordenadora MiSordo: programa interinstitucional de apoio à migrantes e refugiados surdos no Brasil/UFRR. E-mail: thaisy.bentes@ufr.br.

² Discente do Curso Letras Libras Bacharelado da Universidade Federal de Roraima. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Tradução e Interpretação Intermodal-TradIn. Coordenadora de Articulação Social do MiSordo: programa interinstitucional de apoio à migrantes e refugiados surdos no Brasil/UFRR. E-mail: beatrizteofilo11@hotmail.com.

³ Doutorando em Arte Contemporânea pela Universidade de Coimbra e Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia. Professor Adjunto do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Roraima, líder do Artefacto - Laboratório de Pesquisa em Arte e Tecnologia Interativas e do LARSyS - Laboratório de Robótica e Sistemas de Engenharia do Instituto de Tecnologias Interativas (Portugal). Coordenador do ProLunes - Projeto de Apoio ao Trabalhador Migrante Surdo que integra o Programa de Extensão MiSordo/PRAE/UFRR. E-mail: anderson.paiva@ufr.br.

Venezuelana (LSV) e o espanhol na modalidade escrita. O projeto trouxe à tona a realidade desta comunidade através da produção de um diagnóstico à medida que foram feitos atendimentos de apoio à tradução e interpretação com vistas à solução de demandas emergenciais. Além deste levantamento são destacadas as políticas para os migrantes e refugiados no extremo norte, com destaque para ações da Diocese de Roraima e do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Também se demonstra a importância das ações para ensino da Libras como língua de acolhimento e LSV como língua de fronteira e a real situação desta comunidade surda frente às necessidades de instalação no Brasil.

Palavras-chaves: Migração. Acessibilidade. Surdos.

ABSTRACT: *This article aims to describe the work experiences with deaf migrants and Venezuelan refugees in Boa Vista-RR, through the extension project “Network of collaborators: accessibility to the deaf community in times of pandemic”, in partnership with Pastoral do Surdo de Boa Vista and the Associação dos Surdos de Roraima. It is an interinstitutional collaborative action that seeks to reduce language barriers and provide access to work, citizenship, human rights and social inclusion. The project’s public comprises approximately one hundred people who make up the Venezuelan deaf community, with the presence of children, pregnant women and the elderly in a situation of social vulnerability and with serious problems in accessing public programs and policies in Brazil. Most of them have lived in the country for more than two years and their L1 or Venezuelan Sign Language (LSV) and Spanish in written form are their mother tongue. The project brought to light the reality of this community through the production of a diagnosis as assistance was given to support translation and interpretation with a view to solving emergency demands. In addition to this survey, policies for migrants and refugees in the far north are highlighted, with emphasis on the actions of the Diocese de Roraima and the United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR). It also demonstrates the importance of actions for teaching Libras and LSV in the border context and the real situation of this deaf community in the face of its needs for installation in Brazil.*

Keywords: *Migration. Accessibility. Deaf.*

INTRODUÇÃO

Atualmente, com o aumento do fluxo migratório originado pela crise política e econômica na Venezuela, Roraima tem recebido um contingente expressivo de surdos venezuelanos trazendo consigo sua língua e cultura para enriquecer ainda mais a pluralidade linguística-cultural do estado (ARAÚJO e BENTES, 2017; CRUZ e ALEIXO, 2020). Os surdos migrantes e refugiados fazem parte de um grupo que, assim como os surdos do Brasil, enfrentam dificuldades diárias, principalmente, a de comunicação e falta de acesso às informações. Contudo, estes são ainda mais vulneráveis que os surdos brasileiros e demais migrantes (ouvintes) por não dominarem nem a Língua Brasileira de Sinais - Libras nem a Língua portuguesa, línguas usadas no país.

Os surdos no Brasil sofrem com a falta de acessibilidade linguística nos mais variados âmbitos, desde o acesso à informação para uma consulta médica, até documentos necessários para locação de um imóvel. Levando em conta a situação atual de pandemia provocada pela Covid-19, a acessibilidade para esse público se tornou ainda mais necessária, uma vez que novas demandas e situações que exigem atenção emergencial surgem diariamente.

Diante desse contexto, apresentamos o relato das experiências do projeto de extensão “Rede de colaboradores: acessibilidade à comunidade surda em tempos de pandemia”. O referido projeto integra o Programa de Extensão “UFRR no enfrentamento a pandemia do coronavírus”, da Universidade Federal de Roraima – UFRR, lançado em junho de 2020. O objetivo inicial do projeto era promover à acessibilidade comunicacional visando amenizar os impactos negativos à vida de migrantes e refugiados durante o período da pandemia do coronavírus, porém as demandas solicitadas extrapolaram os objetivos inicialmente propostos fazendo com que houvesse uma modificação tanto das metas quanto das atividades e metodologia. A necessidade de aprender mais as línguas de sinais e ter conhecimentos mais profundos sobre migração, refúgio e políticas públicas remodelaram os fazeres dos bolsistas e voluntários, ocasionando a criação de um programa específico para atender as novas demandas desta comunidade, trata-se do programa “*MiSordo: migrantes surdos no Brasil*”, no âmbito do Curso de Letras Libras da UFRR.

Assim, neste trabalho apresentaremos as principais ações e desdobramentos através de um breve panorama da situação dos surdos migrantes venezuelanos no estado de Roraima e no Brasil, ressaltando os resultados parciais e a construção de parcerias com as instituições de apoio ao migrante, sem deixar de falar em questões que atravessam os limites das fronteiras das línguas de sinais entre estes dois países.

A COMUNIDADE SURDA VENZUELANA EM RORAIMA E NO BRASIL

A Venezuela enfrenta uma crise humanitária, política e social que se intensificou em 2015, provocando o deslocamento de milhares de pessoas, principalmente para os países vizinhos na América do Sul. O Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE, registrou 44.984 solicitações de refúgio para o Brasil no período de janeiro de 2017 a janeiro de 2020, tendo 37.160 obtido reconhecimento, com 33.311 destas solicitações sendo para o estado de Roraima (CONARE, 2020). Através do cadastro inicial feito pelo projeto e levantamento dos dados da Pastoral do Surdo pode-se estimar que mais de cem pessoas integram a comunidade surda que reside em Boa Vista. No total foram identificadas 27 famílias morando na capital, porém, esse número pode ser bem maior, pois o cadastro foi feito principalmente com aqueles que frequentavam a Pastoral do Surdo e foi identificada também a existência de surdos moradores de rua na condição de pedintes na região central da cidade. Há também grupos de surdos venezuelanos em outros lugares do Brasil, como um grupo de cerca de dez pessoas em Porto Alegre, que foram acolhidos pelas irmãs Franciscanas de Aparecida por meio do projeto “Caminhos de Solidariedade” da Diocese de Roraima em parceria com o exército brasileiro. Alguns destes trabalham com vendas de pão caseiro, “faz-tudo” e outros na escola especial para surdos Frei Pacífico sob a direção das irmãs⁴. Além destes há uma família morando na zona norte do Rio de Janeiro

⁴ Matéria pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=eG9HQqsV6iU&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0wCx8MXIRN33F8DWpMShp6tWEJKHAAV_NwWYlpAOcq7x8_xOq_lT3Lzk>.

vendendo arepas⁵ e alguns que foram acolhidos pela Prefeitura de São Paulo com a ajuda de uma intérprete de LSV atualmente refugiada no estado⁶.

Em relação ao perfil da comunidade, com base em nosso cadastramento preliminar, podemos afirmar que a maioria está há mais de dois anos no Brasil. Das cem pessoas cadastradas, cinquenta são surdos adultos, duas crianças surdas, um bebê de seis meses e uma grávida. A faixa etária varia entre 0 e 70 anos, a maioria é do sexo masculino e 99% possui grau de surdez profunda ou severa. Uma situação que devemos ressaltar é que as comunidades surdas são compostas por surdos e ouvintes, sendo estes últimos, na maioria, filhos ou companheiros que habitam a mesma residência, demais membros da família ou ainda intérpretes e amigos.

Sobre as questões laborais têm-se os seguintes dados: 40% têm o ensino básico e formação profissional, 40% possui ensino médio completo, 30% não possui carteira de trabalho, 95% não possui carteira de motorista (os que tinham na Venezuela não possuem condições financeiras para obter a licença no Brasil), 90% não têm emprego formal, não possui passe livre, laudo médico, exame de audiometria, nem benefício do Instituto Nacional de Seguro Social - INSS. Neste grupo 20% recebem apoio do Governo Federal através do programa Bolsa Família, 35% não possui conta bancária, nem celular, 5% trabalham com carteira assinada, 99% habitam em casas alugadas com valor entre R\$ 300,00 a R\$ 700,00 - muitos moram com familiares em grupos de 10 ou 15 em uma mesma residência, possuem um ou mais filhos, dentre eles surdos e ouvintes - e somente 1% tem interesse na interiorização.

Em relação às línguas por eles utilizadas, 99% têm como primeira língua a Língua de Sinais Venezuelana e o espanhol na modalidade escrita. Foram ainda verificados também questões sobre religião, identificando que 90% declaram-se católicos apesar de 30% informarem não possuir o sacramento do batismo.

⁵ Matéria completa em: <https://www.youtube.com/watch?v=E_OeNneVCiE>.

⁶ Matérias disponíveis em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/pessoa_com_deficiencia/noticias/?p=300537> e <<https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/venezuelanos-surdos-saoacolhidos-em-sao-paulo/>>.

Quanto a aquisição da Libras não se tem, até o momento, a informação de quantos são fluentes como também não se sabe quantos tem a LSV como L1 ou materna ou ainda quantos sabem o espanhol escrito.

Juntam-se a esses dados, o número de alunos surdos venezuelanos matriculados nas escolas da capital, sendo sete nas escolas do município e cinco nas escolas do estado (informações cedidas pela secretaria de educação do município e Centro de Atendimento ao Surdo - CAS).

A REDE DE COLABORADORES

A Rede de Colaboradores surgiu através da parceria do Curso Letras Libras da UFRR com a Pastoral do Surdo a partir da disciplina de Estágio Supervisionado em que os discentes colaboravam com as interpretações das missas, da catequese e dos projetos da Igreja Católica onde os surdos participavam. A Pastoral, após as missas realizadas aos domingos, fazia uma espécie de escuta em que os surdos falavam sobre as suas necessidades mais urgentes. Alguns surdos frequentavam as missas somente para serem ouvidos ou tentarem atendimento de alguma das demandas que apresentavam. Um dos auxílios prestados era a contribuição para o transporte e o exame de audiometria marcado por uma colaborada da Pastoral que trabalha na prefeitura.

Na formalização das parcerias o projeto acabou por se estender também à Associação de Surdos que realizava algumas ações pontuais em prol dos surdos venezuelanos. Dessa maneira foi se criando uma rede de colaboração com ações pautadas em atividades de acessibilidade linguísticas, mediação e encaminhamento do migrante ao trabalho e parceria entre diversas instituições de ensino superior. Também foram feitas parcerias diretas com os setores de apoio à migração, como o ACNUR e Organização Internacional para as Migrações - OIM, por ser tratar de um projeto pioneiro e ser um laboratório de experiências poderá obter resultados imensuráveis para as comunidades surdas de migrantes e refugiados residentes no estado e no Brasil e também para pesquisadores da área.

A metodologia utilizada pelo projeto constituiu-se por meio da criação de uma rede de serviços de tradução e interpretação de língua

de sinais para a comunidade surda residente no estado e no estímulo à prática de interpretação da Libras/português, da LSV/português ou ainda Libras/LSV e Libras/espanhol pelas pessoas envolvidas. A equipe executora do trabalho foi formada por estudantes bolsistas do Curso Letras Libras e colaboradores internos e externos à UFRR. Estes eram responsáveis pelos atendimentos eram realizados com horário marcado, por vídeochamadas utilizando aplicativos de celular como Messenger e WhatsApp (FIGURA 01) e/ou presencialmente, somente em casos muitos específicos, tendo em vista a pandemia do coronavírus.

Figura1: Bolsista do projeto em atendimento pelo aparelho de celular



Fonte: Acervo do projeto, 2020.

O projeto teve início com a publicação de uma chamada nos meios de comunicação em busca de apoiadores e voluntários, em seguida promovemos uma breve capacitação e diversas reuniões para produção de vídeos de divulgação. Um membro da equipe ficou responsável por informes e agendamento da demanda e foi criado um grupo de trabalho no WhatsApp como ferramenta principal de trabalho (FIGURA 02).

Figura 2: Colaboradora do projeto fazendo atendimento pelo celular



Fonte: Acervo do projeto, 2020.

Os atendimentos presenciais, durante a pandemia do coronavírus, ficaram condicionados as recomendações da Organização Mundial da Saúde - OMS somente em casos muitos necessários. As ações realizadas foram pensadas com base no conjunto de demandas da própria comunidade surda, e envolveram, principalmente, a emissão de Cadastro de Pessoa Física – CPF; encaminhamento ao Posto de Triagem – PTRIG, da operação Acolhida, para retirada do Registro Nacional Migratório – RNM; auxílio para o cadastro em benefícios do INSS e Auxílio emergencial. Outras ações desenvolvidas foram captação e entrega de cestas básicas, escuta sensível sobre as dificuldades, produção de curriculum vitae, produção de vídeos sobre eventos, programas, informações sobre saúde, educação e trabalho e esclarecimentos sobre o Covid-19.

Como resultado parcial o projeto encaminhou, no período de maio a julho de 2020, quatro trabalhadores surdos venezuelanos para preenchimento de vagas disponíveis para emprego na cidade de Boa Vista. Este atendimento resultou em três surdos contratados e o único candidato não conseguiu preencher a vaga pelo fato de apresentar pendência nos documentos. Através da Rede de Colaboradores foram feitos outros atendimentos como 49 surdos encaminhados o exame de

audiometria e 10 para emissão de laudo médico em uma ação da Pastoral Universitária junto ao PTRIG; 38 surdos encaminhados para passe livre, também com apoio da Pastoral Universitária; entrega de 60 cestas básicas para famílias cadastradas; emissão de 7 carteiras de trabalho digital, 6 CPF Online; um atendimento no INSS para receber o BPC e 4 para o auxílio emergencial.

A rede contribuiu também com o Projeto *Embarazadas*, promovido pela Pastoral do Migrante, oferecendo tradução e interpretação em língua de sinais (presencialmente). Promoveu a oferta de Curso de Libras (à distância) para as instituições parceiras, colaborou com a interpretação de vídeos sobre Covid-19 do projeto do Curso de Medicina (remoto), tradução e produção de currículo para encaminhamento às empresas (remoto); interpretação de receitas médicas (remoto), interpretação de entrevista de emprego (presencial); tradução de documentos gerais (remoto).

Apesar do conjunto de ações presenciais e remotas no apoio o projeto enfrentou muitos desafios, sendo os mais latentes aqueles relacionados às línguas utilizadas. A falta de fluência ou comunicação básica em LSV limitou de certa forma os diálogos entre equipe de trabalho e público atendido, contudo, os surdos venezuelanos sempre se mostraram dispostos em ensinar sua língua. A dificuldade também se estendia ao português, uma outra língua nova para eles, apesar disto eles faziam um esforço para entender a escrita com o suporte dos bolsistas e voluntários. Os bolsistas e voluntários, apesar da maioria ser aluno do Curso Letras Libras, também tiveram dificuldades, pois a LSV e o espanhol não são línguas do currículo do Curso. Como forma de contornar esta situação o projeto promoveu a oferta de um Curso de Libras para às instituições da rede de articulação, organizou formação pontual aos colaboradores sobre os temas migração e refúgio, além de propor a aprendizagem da LSV com a criação de um curso para equipe e parceiros.

ARTICULAÇÃO DE SERVIÇOS AOS MIGRANTES EM RORAIMA

Através das ações do projeto com esta comunidade se percebeu como o cenário dos migrantes surdos venezuelanos é complexo e o quanto este público está desassistido pelo estado, apesar do trabalho realizado pelas instituições religiosas que tentam suprir algumas necessidades mais emergenciais. Uma delas é a Pastoral do Surdo que vem desde 2017 desenvolvendo ações diversas de integração e auxílio na garantia dos direitos básicos e essenciais deste público. Em maio de 2019, a Diocese de Roraima criou uma rede de articulação com o objetivo de refletir e cruzar dados entre as entidades religiosas católicas que oferecem serviços aos migrantes.

A Pastoral do Surdo, que também compõe esta rede, tem acolhido os migrantes principalmente em sua igreja-sede, a Catedral, que contou com uma intérprete de LSV no período de 2017 a 2020. Entre os serviços oferecidos para os surdos venezuelanos estão o cadastro básico para encaminhamentos, catequese com disposição de intérpretes de Libras, interpretação de *lives*, disposição de voluntários, escuta sensível, assistência espiritual e informações sobre sacramentos.

A Pastoral do Migrante, outro grupo bem atuante, se instalou em Boa Vista em 2017. Ofertam serviços que contemplam desde o acolhimento e escuta dos mais vulneráveis à auxílios com documentação básica, auxílio aluguel nos três primeiros meses de instalação na cidade, auxílio alimentação, cursos de português, encontro de mulheres grávidas, formação de lideranças, apoio para empreendimentos, celebração de missas em espanhol e apoio às ações culturais, além do apoio para integração local com empregos e empreendimentos.

A assistência no âmbito da Igreja Católica também tem sido prestada pelo Serviço Jesuíta para Migrantes e Refugiados – SJMR através da doação de cestas básicas, assistência farmacêutica para compra de remédios daqueles que já tem a receita e está em situação de maior vulnerabilidade social, dentre outras ações com diversos parceiros no estado. Há ainda a Pastoral Universitária, por meio do Núcleo Inter-religioso de Ação Coletiva, com suas ações voltadas para assistência com documentação, doações de cestas básicas e, por vezes, também

com auxílio no pagamento de contas de luz e aluguel de algumas famílias.

Fora do âmbito católico, a organização internacional Visão Mundial (*World Vision*), em parceria com a rede, está oferecendo curso de Libras por meio do Serviço Internacional de aprendizagem Comercial - SENAC, totalmente gratuito e voltado para os surdos venezuelanos, uma iniciativa pioneira, onde a Libras será ensinada como língua de acolhimento. A Igreja da Paz também conta com a participação de surdos venezuelanos em cultos com interpretação em Libras e realizam cursos e assistência as necessidades mais urgentes como doações de cestas básicas. Outra instituição que não está na rede, mas que faz alguns serviços voltados aos surdos migrantes é a Associação de Surdos de Roraima, com doação de cestas básicas, apoio logístico e interpretação e tradução de vídeos informativos.

Em relação às parcerias internas na universidade tem-se a Coordenação do Curso de Letras Libras que tem contribuído na disponibilização de infraestrutura física para o cadastramento presencial e a articulação com os discentes bolsistas e voluntários. O Curso de Medicina que tem realizado projetos de divulgação e informação sobre o Covid-19 oferecendo contrapartidas com assistência informativa sobre receitas médicas, remédios, prontuários e encaminhamento aos setores do SUS e, a Seção Sindical dos Docentes da UFRR - SESDUFRR – realizou a doação de álcool 70° para as famílias atendidas pelo projeto. Ainda integram a relação de instituições parceiras a *Universidad de Los Andes-ULA*, através da professora Carla Pacheco e da intérprete de LSV, Neide Carolina Zambrano Guillén, que fazem assessoria linguística e colaboram na produção de vídeos informativos e avisos em LSV repassados pela equipe.

CONSIDERAÇÕES E PERSPECTIVAS

O fluxo migratório de surdos venezuelanos ao Brasil tem proporcionado o enriquecendo da pluralidade linguística e cultural do estado, entre outras, a saber: para os surdos e ouvintes, a oportunidade de aprender uma língua de sinais estrangeira; para os tradutores e

intérpretes, a oportunidade de aprender uma língua de sinais estrangeira e a possibilidade de atuar na interpretação intramodal Libras/LSV e intermodal Libras/espanhol ou ainda LSV/português; para professores e pesquisadores, a possibilidade de investigação e estudos sobre fenômenos linguísticos de línguas em contato, aspectos linguísticos e intramodalidade, língua de sinais estrangeira, língua de sinais de fronteira, Libras como língua de acolhimento entre outros diversos fenômenos que a presença desta comunidade surda oportuniza.

O projeto contribuiu ainda com o acesso à informação, comunicação e auxílio em suas necessidades mais urgentes geradas pela conjuntura de migração e pandemia. As orientações oferecidas abrangeram desde informações básicas a respeito da prevenção e sintomas da Covid-19 - o que muitas vezes se torna difícil à compreensão da necessidade de isolamento, do fechamento dos estabelecimentos e da necessidade de uma nova organização da vida para aqueles cujas informações midiáticas não chegam da mesma forma - até orientações sobre preenchimento de cadastros sociais para obtenção de benefícios e tradução de receitas médicas e informações sobre remédios. Dessa forma, a rede de colaboradores se faz essencial para esta comunidade que no momento não possui suporte de outra natureza dentre as políticas públicas disponibilizadas para os migrantes e refugiados.

Por fim, o projeto favoreceu o encaminhamento aos serviços essenciais e instiga o surgimento de futuras ações para ampliação do acesso da comunidade surda em todos os âmbitos e novas localidades, como a expansão da rede para outras cidades que tem surdos migrantes venezuelanos, como é o caso de Manaus, que também tem convivido com o fluxo migratório vindo da Venezuela. Este projeto está, portanto, em pleno desenvolvimento e vem se desdobrando em muitas outras possibilidades de ação e articulação com parceiros locais, nacionais e internacionais. Com a etapa seguinte, assumindo o formato do programa *MiSordo*, a expectativa é de atender maior número de demandas e se firmar como rede de articulação entre surdos brasileiros e venezuelanos para melhoria das condições de vida e inserção social e cultural.

AGRADECIMENTOS

A rede de colaboradores é fruto de esforços coletivos com o objetivo comum de integrar e auxiliar os migrantes surdos venezuelanos com vistas a sua acessibilidade e autonomia, assim, agradecemos imensamente aos bolsistas, voluntários e as instituições parceiras que trabalham para o bem das pessoas em situação de migração e refúgio. Agradecemos também o empenho das instituições religiosas, universitárias e demais apoiadores que têm colaborado com o projeto e com a comunidade surda em Roraima.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. J. P.; BENTES, T. Contatos linguísticos e bilinguismo uni e bimodal entre a Libras e a LSV em Roraima. **Letra Magna**, v. 14, p. 585-597, 2018.

ARAÚJO, P. J. P. **Línguas de sinais de fronteiras**: o caso da LSV no Brasil. Manuscrito, 2020.

CRUZ, A. ALEIXO, F. As fronteiras que nos unem: A reconstrução linguístico-identitária de imigrantes surdos venezuelanos residentes em Boa Vista-RR. In: **Roraima entre Línguas**: Contato linguístico no universo da tríplice fronteira no extremo-norte do Brasil. Editora da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2020.

CONARE. **Decisões Plenária Conare**, 2020. Disponível em <<https://app.powerbi.com/w?r=eyJrIjoiNTQ4MTU0NGItYzNkMi00M2MwLWFhZWVjMTY5IiwidCIU1YzM3OTgxLTY2NjQtNDEzNC04YTJjLTY1NDNkMmFmODBiZSIsImMiOjh9>>. Acesso em: 14/07/20.

PASTORAL DO SURDO. **Pastoral dos surdos rompe desafios e abraça os sinais do Reino na Igreja do Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SIMÕES, Gustavo da Frota (Org.) **Perfil Sociodemográfico e Laboral da imigração venezuelana no Brasil**. Curitiba: CRV, 2017. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/publicacoes/Perfil_Sociodemografico_e_laboral_venezuelanos_Brasil.pdf>. Acesso em: 14/07/20.



EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS



EXPERIENCIA MIGRATORIA COMPARTIDA I

Diego Pineda

(Maracaibo, nordeste del país)

Acesse a Entrevista: <https://youtu.be/utzhcP2x5KI>

Llegué a Boa Vista hace, aproximadamente, un año y seis meses tenía otro plan y otro punto de vista con respecto a la migración. Nosotros venezolanos no teníamos un punto de encuentro específico ni teníamos un punto de acogimiento.

Con el pasar del tiempo he sido testigo de toda la evolución desde aquella incierta migración hasta la ayuda de la mano de la Operación Acogida. Cuando llegó la Operación Acogida muchos venezolanos fueron acogidos desde la plaza Simón Bolívar ella fue reformada, estaba en un estado muy deteriorado y abandonada.

Con el pasar del tiempo fueron creándose abrigos y programas sociales como Cáritas entrando en programas sociales 'Revolviendo la Olla' que mantenía a los venezolanos en situación de calle, luego 'Operación Acogida' se extendió y creó programas como abrigos. Empezaron con los abrigos en Tancredo Neves, Santa Teresa, luego los Rondones, que son actualmente los más repletos, los más llenos.

Gracias a Dios yo nunca necesité un abrigo, ya que cuando yo llegué, fui uno de los primeros venezolanos en llegar a Boa Vista. Vine solo. Salí primero a Colombia, de Colombia vine hacia acá. Aquí me fue mejor, yo soy soltero, no tengo hijos, tengo 30 años. El mayor desafío cuando llegas a cualquier país del mundo no importa el país, cuando llegamos a Brasil, Colombia, Uruguay, cualquier país, es no tener un sitio domiciliar. Es no tener un lugar, un hogar. Esa es la mayor dificultad que tenemos nosotros.

El único país que ha extendido su mano más allá de lo posible es Brasil que ha sido un país muy bien acogedor con nosotros los venezolanos. Cosa de agradecer como venezolano este tipo de programas que ayuda a aquellas personas que de verdad lo necesitan como siempre, lo recalco la mano de Dios, que siempre ha traído ese tipo de proyectos como el de ahora, el Orinoco que es un proyecto creado a través de Cáritas para dar un refuerzo en la lavandería de las

personas. Porque muchas personas no tienen cómo sustentablemente, económicamente hablando, no tienen cómo lavar sus ropas y es un espacio específico para lavarlas. Ellos se lo ofrecen, gratuitamente. Llevan y traen al día siguiente la ropa bien lavada y perfumada a las personas. Ya conocí las instalaciones de baños y la lavandería.

Me gusta Roraima. Lo que me da aliento es saber que desde aquí yo puedo ayudar a mis familiares. Yo como soy uno de tantos venezolanos que quizá Dios escogió para esa misión llegar a este punto y aprovecharlo de buena manera. Tomarlo desde el punto de vista más positivo posible y saber que la misión es esa de ayudar a nuestras familias que no pudieron salir de allá. Y nosotros ser el punto de apoyo para ellos.

Trabajar, esforzarnos y dividir nuestros salarios con ellos. En un futuro aquí en Brasil, quisiera empezar una carrera como empresario ya montar mi propio negocio, aquí en Brasil y quizá tener mi propio hogar, crear mi familia aquí. Son planes, ya tengo el material de cómo hacerlo.

El mensaje para cerrar es este, sigue hacia los mismos venezolanos: demostremos lo mejor, tratemos de dar la mejor imagen de un venezolano en el mundo y no manchemos nuestra bandera. Cada ciudadano representa una bandera de Venezuela. Cada ciudadano debe aportar un grano de arena para hacerlo mejor aquí afuera.

¡Yo soy Venezuela! ¡Tu eres Venezuela! Entonces, demos lo mejor y representemos a Venezuela como Dios Manda.

Cheguei a Boa Vista aproximadamente há um ano e seis meses tinha outro plano e outro ponto de vista com respeito a migração. Nós venezuelanos não tínhamos um ponto de encontro específico, nem tínhamos um ponto de acolhimento.

Com o passar do tempo, eu testemunhei toda a evolução dessa incerta migração até a ajuda da Operação Acolhida. Quando chegou a Operação Acolhida, muitos venezuelanos foram recebidos na Praça Simón Bolívar; ela foi reformada, estava em um estado muito deteriorado e abandonada.

Com o passar do tempo, foram criados abrigos e programas sociais, como a Cáritas, entrando em programas sociais “Mexendo a Panela”, que sustentava os venezuelanos em situação de rua; logo, a Operação Acolhida se ampliou e criou programas como os abrigos. Eles começaram com os abrigos em Tancredo Neves,

Santa Teresa, os Rondones, que são atualmente os mais lotados, os mais cheios.

Graças a Deus, eu nunca precisei de um abrigo, pois quando eu cheguei fui um dos primeiros venezuelanos a chegar em Boa Vista. Vim sozinho. Saí primeiro para Colômbia, da Colômbia vim para cá. Aqui foi melhor para mim, eu sou solteiro, não tenho filhos, tenho trinta anos. O maior desafio quando se chega a qualquer país do mundo, não importa o país, quando chegamos ao Brasil, Colômbia, Uruguai, qualquer país, é não ter um domicílio, é não ter um lugar, uma casa, essa é a maior dificuldade que nós temos.

O único país que estendeu a mão além do possível, Brasil, tem sido um país muito bom, muito acolhedor conosco, os venezuelanos. É para agradecer, como venezuelano, esse tipo de programas que ajudam aquelas pessoas que necessitam de verdade. Como sempre insisto, a mão de Deus, que sempre tem trazido esses tipos de projetos como o de agora, o Orinoco, que é um projeto criado através da Cáritas para dar um reforço na lavanderia das pessoas, que muitas pessoas não têm como - sustentavelmente, economicamente falando - não têm como lavar suas roupas, e é um espaço específico para lavá-las, eles oferecem gratuitamente, levam e trazem no dia seguinte a roupa bem lavada e perfumada para as pessoas. Já conheci as instalações sanitárias e a lavanderia.

Eu gosto de Roraima, o que me dá alento é saber que aqui eu posso ajudar os meus familiares. Eu sou um de tantos venezuelanos que Deus, quem sabe, escolheu para essa missão... chegar a esse ponto e aproveitar de uma maneira boa Tomar tudo do ponto de vista mais positivo possível e saber que a missão é essa: ajudar as nossas famílias que não puderam sair de lá e nós sermos o ponto de apoio para eles.

Trabalhar, nos esforçar e dividir nossos salários com eles. No futuro, aqui no Brasil, eu gostaria de começar uma carreira como empresário e montar meu próprio negócio, aqui no Brasil, e talvez ter minha própria casa criar minha família aqui... São planos, eu tenho o material para fazê-lo. A mensagem para encerrar é essa, para os próprios venezuelanos: demonstremos o melhor tratemos de dar a melhor imagem de um venezuelano no mundo e não manchemos nossa bandeira. Cada cidadão representa uma bandeira da Venezuela, cada cidadão deve trazer um grão de areia para fazer melhor, aqui fora.

Eu sou Venezuela! Você é Venezuela! Então, demos o melhor e representemos Venezuela como Deus manda.

EXPERIENCIA MIGRATORIA COMPARTIDA II

Gregorio Noriega

(Ciudad Guayana, sudeste do país)

Acesse a Entrevista: <https://youtu.be/yXhxbSMG5uU>

Me vine solo. Después vino mi familia. Yo volví a Venezuela y regresé el año pasado. Siempre quería volver, no me quería quedar. Pero, debido a la situación me tuve que quedar. El año pasado volví y vi que todo había cambiado. Todo fue tan diferente como las carpas, el proyecto Orinoco, la Iglesia Consolata. Todo fue tan diferente. La comida mejoró, todo ha mejorado, durante ese tiempo.

Brasil es el único país en todo el mundo que nos ayuda a nosotros los migrantes. ¡Nos ayuda con todo, gracias a Dios! Lo que es comida, ropa, higiene, estadía así sea temporaria, mientras se resuelve algo mejor. Yo pienso que Brasil sería un buen país para progresar en la vida.

Toda mi familia está en Brasil. Me gustaría viajar, pero no solo aquí en Brasil si no hacia otros países. Conocer, culturizarme, todo. Tener nuevos conocimientos sobre la cultura de otros países. No solo de Brasil sino de Argentina, Uruguay, Chile, Méjico, Estados Unidos, podría ser.

El proyecto Orinoco lo conocí en la Iglesia Santo Agostino. Antes, cuando atendían mujeres y niños con el lavado de manos, baños, lavamanos, pañales y otros servicios. La lavandería es una gran ayuda para nosotros que íbamos a lavar hacia el río y ahora es, más o menos, pero me dijeron que van a mejorar, mayormente las prendas tienden a desaparecer, a veces llegan con malos olores, con otros colores.

El proyecto Orinoco, la lavandería, debería proseguir para mantener higienizada nuestra ropa

y nosotros no somos los únicos que debemos disfrutar de este proyecto. A los venezolanos les digo que tendrían que venir con metas claras, no llegar a Brasil y desviarse de sus metas, deberían pensar más sus hechos y consecuencias y no solo su bienestar. Pensar en los demás, eso ayudaría mucho al venezolano.

Eu vim sozinho, depois veio minha família. Eu voltei para a Venezuela e retornei no ano passado. Sempre quis voltar, não queria ficar mas, devido à situação, eu tive que ficar. No ano passado voltei e vi que tudo havia mudado, tudo foi tão diferente, com as tendas, o Projeto Orinoco, a Igreja Consolata. Foi tudo foi tão diferente. A comida melhorou, tudo melhorou, durante esse tempo.

Brasil é o único país em todo mundo que nos ajuda, a nós, os migrantes, nos ajuda com tudo, graças a Deus: comida, roupa, higiene, estadia, mesmo que seja temporária, enquanto não se encontra algo melhor. Eu penso que o Brasil seria um bom país onde melhorar nossas condições de vida. Toda minha família está no Brasil. Eu gostaria de viajar, porém não só aqui no Brasil, mas também para outros países. Conhecer, aumentar minha cultura, tudo. Ter novos conhecimentos sobre a cultura de outros países. Não só do Brasil, mas também de Argentina, Uruguay, Chile, México, Estados Unidos, poderia ser.

O projeto Orinoco o conheci na Igreja Santo Agostinho. Antes, quando atendiam mulheres e crianças com a lavagem de mãos, banheiros, pias, fraldas e outros serviços. A lavanderia é uma grande ajuda para nós que íamos lavar no rio. Agora está mais ou menos, mas me disseram que vão melhorar, sobretudo, acontece que as roupas desaparecem, às vezes chegam com mal cheiro, com outras cores.

O projeto Orinoco, a lavanderia, deveria continuar para manter nossas roupas higienizadas e nós não somos os únicos que devemos desfrutar desse projeto. Para os venezuelanos, digo que eles teriam que vir com metas claras, não chegar ao Brasil e desviar das suas metas. Deveriam pensar mais em seus atos e consequências e não só no seu bem-estar. Pensar nos demais, isso ajudaria muito ao venezuelano.

EXPERIENCIA MIGRATORIA COMPARTIDA III

Neiber Pérez

(Caracas, capital del país - centro norte)

Accese a Entrevista: <https://youtu.be/zrJ1Raznsng>

Mi nombre es Neiber Pérez. Vengo de Venezuela, Caracas. Tengo ya un año aquí y estoy con mis dos hijos y mi yerno. la economía inestable, la moneda muy devaluada y sencillamente trabajar no te da para vivir. Con mucha agilidad, me vine directamente de Caracas para acá. Costee el pasaje con mi dinero y aquí estoy esperando una nueva perspectiva de vida, para ir hacia adelante y lograr lo que en Venezuela, temporalmente, no se puede.

Estoy esperando por cupo de empleo. Es un poco difícil, pero nada es imposible. Todavía, en la espera. Soy voluntaria de la iglesia Santo Agostino. De los que traemos el desayuno en el terminal de autobús, a los migrantes en la mañana.

Con proyecto Orinoco yo estoy muy contenta con el trabajo de todos. De verdad, me gustaría que continuara porque he disfrutado de las instalaciones del baño. Ahorita estoy disfrutando de las instalaciones de la lavandería. Ha sido bastante beneficioso para todos los venezolanos que no tenemos en donde lavar. Y de verdad que me gustaría que se expandiera, porque ha sido un proyecto con mucha gente que sabe hacer lo que está haciendo: su trabajo.

Sobre todo USAID que nos ha dado una mano amiga. Todos los beneficios que han llegado, humildemente, para ayudarnos, como el jabón, todos los productos, todos los proyectos, como el del cine para que los niños se entretengan, que es en los jueves, no sé qué película iremos a ver hoy. Yo me siento muy complacida al igual que muchos venezolanos a los que se les ha tendido la mano tanto en la lavandería como con entrega de ropa a la gente que no tiene.

Por mi parte muy agradecida. El Proyecto Orinoco nos ha tendido la mano a nosotros los emigrantes que prácticamente de parte de la ONU y otras instancias es más retrasado. Nosotros los hemos visto, al proyecto Orinoco, de verdad, de una manera bastante rápida, bastante agilizado y nos hemos beneficiado de muchas maneras y la ayuda ha sido muy muy buena.

Me gustaría dejar el mensaje para todos los migrantes que supiéramos aprovechar de todos los beneficios que está dando el Proyecto Orinoco, que de verdad se acerquen y cumplan con todos los requisitos que ellos exigen porque es una ayuda para ambos. Y al proyecto Orinoco muchas gracias de verdad porque me siento muy agradecida yo y mi familia por todo lo que han hecho por nosotros y muchas gracias a este país que nos ha recibido con mucho cariño.

Meu nome é Neiber Pérez. Venho da Venezuela, Caracas. Tenho já um ano aqui e estou com meus dois filhos e meu genro. A economia está instável, a moeda muito desvalorizada, e simplesmente trabalhar não dá para viver. Com muito agilidade, eu vim diretamente de Caracas para cá. Custeei a passagem com meu dinheiro e estou aqui esperando uma nova perspectiva de vida, ir em frente e conseguir algo que na Venezuela, por enquanto, não se consegue.

Estou esperando uma vaga de emprego, é um pouco difícil, mas nada é impossível. Enquanto espero. Sou voluntária da Igreja Santo Agostinho. Nós levamos o café da manhã na Rodoviária, para os migrantes, na parte da manhã.

Com o Projeto Orinoco, eu estou muito satisfeita com o trabalho de todos. De verdade, eu gostaria que continuasse, porque eu tenho aproveitado as instalações sanitárias. Agora estou aproveitando as instalações da lavanderia. Tem sido bastante benéfico para todos nós venezuelanos, que não temos onde lavar. E, de verdade, eu gostaria que se expandisse, porque tem sido um projeto com muita gente que sabe fazer o que está fazendo: seu trabalho.

Sobretudo o USAID que nos ajudou amiga. Todos os benefícios que chegaram, humildemente, para nos ajudar, como o sabão, todos os produtos, todos os projetos, como o cinema, para as crianças se entreterem, que é nas quintas, não sei que filme iremos ver hoje. Eu me sinto muito satisfeita. Assim, como muitos venezuelanos, aqueles a quem foi estendida a mão, tanto na lavanderia, como com a entrega de roupa, para as pessoas que não têm.

Da minha parte, estou muito agradecida. O Projeto Orinoco estendeu-nos a mão, a nós, os migrantes, que praticamente de parte da ONU e de outras instâncias é mais demorado. Nós vimos isso, (o Projeto Orinoco) de verdade, de uma maneira bastante rápida, bastante agilizada, e nos tem beneficiado de muitas maneiras e a ajuda tem sido muito, muito boa.

Eu gostaria de deixar uma mensagem para todos os migrantes: que saibamos aproveitar de todos os benefícios que o Projeto Orinoco nos está dando, que de verdade se aproximem e cumpram todos os requisitos que eles exigem porque é uma ajuda para ambos. E ao Projeto Orinoco muito obrigada, de verdade, porque me sinto muito agradecida, eu e minha família, por tudo que eles têm feito por nós. E muito obrigada a este país que nos tem recebido com muito carinho.

EXPERIENCIA MIGRATORIA COMPARTIDA IV

Glimer Alcalá

(Ciudad Guyana, sureste do país)

Acesse a Entrevista: <https://youtu.be/vInWzjEZsJo>

Estoy desde diciembre, aquí en la parte de la Rodoviaria tengo un mes. Vine solo. Lo que me hizo venir de Venezuela es que yo me sentía, muy maltratado porque trabajaba y el dinero no me alcanzaba para comprar las cosas. No me daba para comprar la alimentación, se me hacía difícil todo lo que me ganaba no me daba.

Tengo la esperanza de poder trabajar y ayudar a mi familia que se encuentra en Venezuela. Tengo a mi mamá que tiene 78 años allá. Y tengo 5 hijos allá, también.

La parte de los papeles y la ayuda del estado brasileño, la siento bien, muy profesional. Me han ayudado de gran manera, verdad que sí. Ahora me estoy quedando en las carpas, en el terminal de autobuses. Primero estaba en un barrio llamado Tancredo Neves. Entonces me vine a las carpas del terminal para tratar de estar, más cerca de los trámites de interiorización. Quisiera interiorizarme porque me dicen que hay más oportunidades de empleo y ahí si pudiera empezar a trabajar para poder ayudar a mi familia.

El proyecto Orinoco lo estoy recién conociendo porque, como les dije, tengo un mes que vine del barrio, llegué aquí y conocí el Proyecto Orinoco porque pregunté cómo hacía para lavar, y entonces me dijeron: “ahí está el proyecto Orinoco, tú puedes llegar y puedes lavar tu ropa”.

Cuando a mí me dijeron eso yo dije: “oye hasta la ropa se la lavan a uno, ¡que cosa tan buena!

Traje la ropa y ese día me dijeron que podía traer 20 piezas o 15, traje las que tenía y ese día me las lavaron y me las entregaron al día siguiente. Eso fue una gran ayuda de verdad, de corazón se lo digo.

Nosotros realmente venimos de Venezuela maltratados de alguna manera. Venimos maltratados física, psicológicamente, en fin, maltratados. Llegamos aquí y me he dado cuenta que, por ejemplo, las mujeres con niños se les hace muy difícil porque no tienen donde lavar. Entonces las preocupaciones que tenemos, como en mi caso, que tengo

que ayudar a mi familia, que no les he podido mandar dinero. Entonces este proyecto es muy positivo porque nos ayuda a que la carga sea más liviana.

La dificultad más grande para mí ha sido conseguir empleo aquí en Boa Vista. Pero yo comprendo también que somos muchos y hay poco empleo. Como ellos dicen: 'aquí pocas vagas'. Lo que me ha dado aliento es que yo veo que aquí se respetan más las leyes. Es más organizado, más limpio. Entonces eso me alienta porque ya no veo solo la imagen de Venezuela, donde todo está un desastre, sino que veo que si se puede. Si se puede.

Mi experiencia de verdad ha sido muy positiva con el proyecto Orinoco. Yo le doy gracias a las personas que organizan esto. La parte de la atención, los jóvenes que atienden, es bueno. Pero, es bueno también que ellos puedan prepararse mejor para atender al público. Es normal en ellos y en toda organización prepararse para eso.

Eu estou aqui desde dezembro, aqui na região da Rodoviária, eu tenho um mês. Eu vim sozinho. O que me fez vir da Venezuela é que me sentia muito maltratado, porque eu trabalhava e o dinheiro não era suficiente para comprar as coisas. Eu não podia comprar comida, tudo estava difícil para mim, o que ganhava não dava. Espero poder trabalhar e ajudar minha família que está na Venezuela. Eu tenho minha mãe lá, que tem 78 anos, e eu tenho 5 filhos lá também.

A parte dos documentos e a ajuda do estado brasileiro me parece bem, feita de maneira muito profissional. Eles me ajudaram bastante, realmente. Agora eu estou ficando nas tendas, na Rodoviária. Inicialmente, eu estava em um bairro chamado Tancredo Neves. Depois, vim para as tendas da Rodoviária, para tentar estar mais perto dos procedimentos de interiorização. Eu gostaria de ir para o interior do País, porque eles me dizem que há mais oportunidades de emprego, assim que eu possa começar a trabalhar, a fim de ajudar minha família.

O Projeto Orinoco estou começando a conhecê-lo, porque, como lhes disse, faz um mês que eu vim do bairro, cheguei aqui e conheci o Projeto Orinoco porque perguntei como fazer para lavar roupa, e então eles me disseram: "existe o Projeto Orinoco, você pode ir e lavar suas roupas".

Quando eles me disseram isso, eu pensei: "olhe, até lavam suas roupas, que coisa boa!" Eu trouxe as roupas e naquele dia eles disseram que eu poderia trazer 20

peças, ou 15. Eu trouxe as que eu tinha, e naquele dia elas foram lavadas, e entregues para mim no dia seguinte. Essa foi realmente uma grande ajuda, digo de coração.

Nós realmente viemos da Venezuela maltratados de alguma forma. Fomos maltratados fisicamente, psicologicamente, enfim, maltratados. Chegamos aqui e notei que, por exemplo, para as mulheres com filhos fica muito difícil, porque elas não têm onde lavar as roupas. Então as preocupações que temos, como no meu caso, que eu tenho que ajudar minha família, que eu não tenho conseguido enviar dinheiro a eles. Portanto, este projeto é muito positivo, porque nos ajuda a tornar a carga mais leve.

A maior dificuldade para mim foi conseguir um emprego aqui em Boa Vista. Mas também entendo que somos muitos e há pouco emprego. Como costumam dizer: “tem poucas vagas, aqui”. O que me incentivou é que vejo que aqui as leis são mais respeitadas, está tudo mais organizado, mais limpo, então isso me incentiva porque não vejo mais apenas a imagem da Venezuela, onde tudo está um desastre, mas vejo que sim, é possível. Sim, é possível.

Minha experiência foi realmente muito positiva com o Projeto Orinoco. Agradeço às pessoas que organizam isso. A parte do cuidado, os jovens que se voluntariam, é bom. Mas, é bom que eles possam se preparar melhor para servir o público. É normal em toda organização se preparar para isso.

EXPERIENCIA MIGRATORIA COMPARTIDA V

Andry Guerra

(Miranda, centro norte del país)

Acesse a Entrevista: <https://youtu.be/g1boW5sZN2M>

Estoy aquí con mis hijos, sola. Esto ha sido una experiencia que no voy a olvidar nunca. Porque he estado en altas y en bajas también.

Y con respecto a la lavandería, la he usado dos veces y no me puedo quejar de ella. Lavan muy bien y me ahorran lavar aquí, porque a veces llueve y se me hace difícil secar la ropa.

Le doy gracias a todos los que me han ayudado aquí. Y a todos los que ayudan a mi gente. La ayuda que le dan a mi hijo también. Verdaderamente, no me puedo quejar.

Yo vengo de Mato Grosso. Me toco de volverme, pero no fue por mala experiencia. Sino porque tengo muchas cosas que mandar para Venezuela y aquí se me hace más fácil. Con el favor de Dios vuelvo a ir, si Dios quiere.

En Mato Grosso me ayudaron bastante en todo. Pero aquí somos más venezolanos y nos ayudan bastante también, en todo: la comida, los baños, la lavandería, las carpas. En estos días casi nos expulsan de las carpas, pero nos ayudan mucho, también.

Si dejaron un familiar en Venezuela acuérdense de ellos. Porque aquí tenemos las tres comidas. No sabemos lo que nuestros familiares están comiendo allá. Y por nuestros hijos, `echarle piernas` por nuestros hijos, que por ellos fue que salimos de nuestro país.

La mayor dificultad es que secuestren a los niños. Hay que estar muy pendientes de ellos. Mi niño sale para la calle y tú me ves corriendo. Si sale al comedor o al baño, yo tengo que salir corriendo a buscarlo. Gracias a Dios nunca le ha pasado nada.

Mi sueño es terminar de construir mi casa en Venezuela. Y mi apartamento ponerlo más bonito de lo que está.

Estou aqui com meus filhos, sozinha. Foi uma experiência que não vou esquecer nunca, porque eu estive em altas e baixas também.

E a respeito da lavanderia, eu já usei duas vezes e não posso me queixar dela. Lavam muito bem e economizo lavando aqui, porque às vezes chove e fica difícil secar a roupa. Dou graças a todos os que têm me ajudado aqui e a todos que ajudam minha gente. A ajuda que deram ao meu filho também. Realmente, não posso me queixar.

Eu venho do Mato Grosso, tive que voltar, mas não foi por uma experiência ruim. Foi porque tenho muitas coisas para enviar à Venezuela e aqui fica mais fácil para mim. Com a graça de Deus retornarei, se Deus quiser.

Em Mato Grosso me ajudaram bastante, em tudo. Mas aqui tem mais venezuelanos e nos ajudam bastante também, em tudo: a comida, os banheiros, a lavanderia, as tendas. Nestes dias quase nos expulsam das tendas, mas nos ajudam muito também.

Se deixaram um familiar na Venezuela, lembrem-se deles, porque aqui temos as três comidas, não sabemos o que nossos familiares estão comendo lá. E por nossos filhos “fazer todas as correrias” por nossos filhos, pois foi por eles que saímos do nosso país.

A maior dificuldade é que sequestram as crianças. Você tem que estar muito atentos a elas. Minha criança sai para a rua e você me vê correndo. Se sai ao refeitório ou ao banheiro, eu tenho que sair correndo e buscá-lo. Graças a Deus, nunca lhe aconteceu nada.

Meu sonho é terminar de construir minha casa na Venezuela e tornar meu apartamento mais bonito do que está.

EXPERIENCIA MIGRATORIA COMPARTIDA VI

Gregoria Varela

(Ciudad Guayana, sureste do país)

Acesse a Entrevista: <https://youtu.be/NOzCtIIMkI8>

Lamentablemente la situación económica de Venezuela me hizo llegar hasta Boa Vista, la entrada de Brasil, y actualmente ya tengo dos años aquí en Boa Vista. Gracias a Dios me tengo, como voluntaria de Caritas, en el Proyecto Orinoco, casi dos años. Desde que llegué aquí he sido voluntaria, desde noviembre de 2018. He observado, he vivido y he ayudado lo mejor posible a todo venezolano que ha llegado porque ese es el objetivo de Caritas Brasileira, y ahora del Proyecto Orinoco. Gracias a este proyecto hemos ayudado a muchas personas, porque cuando yo veía a esos niñitos pobrecitos, flaquitos, sucios, me daba tanto dolor y gracias a Dios que Caritas ha ayudado bastante aquí.

El proyecto Orinoco empieza porque muchas personas aquí en Boa Vista no tienen donde bañarse, no tienen donde cepillarse, no tienen donde hacer su higiene. El uso del baño, la limpieza, el lavado de manos. Mucha gente iba a alimentarse y no tenía ni como lavarse las manos, ni un jabón. Y eso le provocaba enfermedades, principalmente diarrea, parásitos, los niños se ponían más flaquitos. ¿Cómo esas personas van a comprar para lavarse las manos si ni siquiera tienen para comer?

Gracias a Dios cuando empezó el proyecto Orinoco en el mes de noviembre, o poco antes hemos tratado de crear conciencia en los adultos venezolanos y hábitos en los niños del lavado de manos. Y actualmente con esta cuestión del coronavirus, de la gripe, del uso del tapabocas, también eso se adicionó a lo que fue la promoción de higiene, que es el objetivo de Caritas ahora, del proyecto Orinoco. Gracias a Dios, no he escuchado por parte de los venezolanos que duermen en la calle o están en este espacio del terminal de autobuses, no he escuchado de casos de diarrea ni ninguna otra enfermedad. ¡Gracias a Dios!

Gracias al proyecto que se inició en noviembre, las personas han adquirido ese hábito de lavarse las manos. Los niños están gorditos, están rosaditos. Aquí hay unos cuantos gorditos, ¡gracias a Dios! Y en verdad yo quiero, deseo continuar con esta contribución a través del

proyecto de Cáritas Brasileira juntamente con el proyecto Orinoco, USAID, que los está patrocinando y seguir trabajando y ayudando a las personas que vienen de Venezuela por la situación económica que hay.

No quisiera que el proyecto se terminara porque hay mucha gente que lo necesita. La edad y el idioma porque yo te digo que tengo dos años aquí y se me hace difícil, se me hace difícil el portugués, ¿será mi oído? Y hay personas que lo entienden, pero no lo saben hablar. Tantas cosas con que lidiar principalmente el idioma, los estudios y la edad. Gracias a Dios hay venezolanos que tratamos en lo posible de ayudar a esas personas para que nosotros que no tenemos la posibilidad de tener un trabajo fijo y los jóvenes que no tienen edad suficiente para conseguir un trabajo, a través de este proyecto tengan la esperanza de que va a haber un sitio para ellos aquí en Brasil, donde van a poder dormir, donde van a poder, conseguir un trabajo, porque lo que hay es que tener paciencia. Y gracias a dios que tenemos esta ayuda.

Esto impulsa a la gente porque el simple hecho de que tu tengas un sitio donde dormir, donde poder comer, donde poder asearte, yo creo que lo que hay es que esperar el momento, el momento justo para empezar donde Dios permita.

El objetivo ahora del proyecto Orinoco es la promoción de la salud a través del lavado de manos y el uso, lamentable, del tapabocas ahora. Gracias a Dios ya los adultos han tomado conciencia del lavado de manos y los niños están creando sus hábitos, poco a poco, pero se está logrando, gracias a Dios.

La instalación de los baños para que ellos se pudieran bañarse es excelente. Las personas nos daban las gracias: “ay menos mal que aquí tenemos para bañarnos”. Le proporcionamos el champú, el jabón porque no tenían. En verdad las personas que necesitan de este proyecto nos han dado las gracias como tu no tienes una idea. Las mujeres se iban a lavar el cabello, tenían tiempo sin lavarse el cabello. Ayudamos hasta con el desodorante muchas veces, ¡gracias a Dios!

Gracias a eso yo he visto, que tanto el proyecto como las personas, que han tenido la necesidad de utilizar esto, se han beneficiado bastante. Y gracias a esto no se han devuelto para Venezuela.

¿Cómo me siento? La primera vez que llegué me sentí como extraña fuera de lugar. Pero, gracias a Dios después he visto sentido a esto a

través de este proyecto lo que es Caritas Brasileira y el Proyecto Orinoco. Por qué ayudarnos a nosotros es lo que hace la diferencia. Y el otro se dice a sí mismo: “este me está ayudando, que es mi amigo venezolano”. Y piensa: “si me están ayudando, yo tengo que salir adelante”.

Nosotros ayudando a las personas impulsamos el deseo de ellos de salir a adelante. Siempre tratemos de que esa persona no pierda la esperanza de que va a conseguir algo bueno para él mismo y para su familia en Venezuela. Porque muchas personas dejan a su familia en Venezuela. Me siento excelente de ayudar a mis amigos, a mis panas, que he hecho aquí en Brasil.

Yo en Venezuela trabajaba como enfermera y el simple hecho de ayudar a un ser humano a salir del peligro a la vida, de salir de la muerte, es más que satisfactorio. Y aquí yo siento que yo ayudo a través de mis palabras y con este proyecto. En ningún otro país he escuchado que exista esta ayuda.

Infelizmente, a situação econômica na Venezuela me fez chegar a Boa Vista, a entrada do Brasil, e atualmente tenho dois anos aqui em Boa Vista. Graças a Deus, faz quase dois anos que estou como voluntária da Cáritas, no Projeto Orinoco. Desde que cheguei aqui, fui voluntária, em novembro de 2018. Tenho observado, vivido e ajudado da melhor maneira possível a todo venezuelano que tem chegado porque esse é o objetivo da Cáritas Brasileira, e agora do Projeto Orinoco. Graças a este projeto, ajudamos muitas pessoas, porque quando eu via aquelas criancinhas pobresinhas, magras, desnutridas, sujas, causava muita dor e, graças a Deus, a Cáritas ajudou muito aqui.

O projeto Orinoco começou porque muitas pessoas aqui em Boa Vista não têm onde tomar banho, não têm onde escovar os dentes, não têm onde cuidar de sua higiene. O uso do banheiro, a limpeza, a lavagem das mãos. Muitas pessoas estavam indo para se alimentar e não tinham nem como lavar as mãos, nem um sabão. E isso lhes causava doenças, principalmente diarreia, verminoses, as crianças ficavam mais magras. Como podem essas pessoas comprar (sabão) para lavar as mãos, se elas nem têm nem para comer?

Graças a Deus, quando o Projeto Orinoco começou em novembro, ou pouco antes, tentamos conscientizar os adultos venezuelanos e criar hábitos nas crianças

para que lavassem as mãos. E atualmente, com esta questão do coronavírus, da gripe, do uso da máscara também, isso foi adicionado ao que era a promoção da higiene, que é o objetivo da Cáritas e agora, do Projeto Orinoco. Graças a Deus, não tenho notícias de venezuelanos, que dormem na rua ou estão neste espaço da Rodoviária, não ouvi casos de diarreia ou qualquer outra doença, graças a Deus!

Graças ao projeto, iniciado em novembro, as pessoas adquiriram o hábito de lavar as mãos, as crianças estão mais fortes, sua cor está mais saudável. Aqui estão alguns gordinhos, graças a Deus! E eu realmente quero, desejo continuar com esta contribuição através do projeto de Cáritas Brasileira, em conjunto com o Projeto Orinoco, USAID, quem os está patrocinando, e continuar trabalhando e ajudando as pessoas que vêm da Venezuela, devido à situação econômica de lá.

Eu não queria que o projeto terminasse, porque tem muita gente que precisa dele. A idade e o idioma, porque eu digo que tenho dois anos aqui, e é difícil para mim, o Português é difícil para mim, será meu ouvido? Há pessoas que entendem, mas não conseguem falar. Temos tantas coisas para enfrentar, principalmente a língua, os estudos e a idade. Graças a Deus, temos venezuelanos que tentam, na medida do possível, ajudar essas pessoas de modo que nós, que não temos a possibilidade de ter um emprego permanente e os jovens que não têm idade suficiente para conseguir um emprego através deste projeto, têm a esperança que haverá um lugar para eles aqui no Brasil, onde eles poderão dormir, onde eles poderão conseguir um emprego, porque há que se ter paciência. E graças a Deus temos essa ajuda.

Isso incentiva as pessoas a continuarem, porque o simples fato de você ter um lugar para dormir, onde comer, onde se limpar, eu acho que o que você precisa fazer é esperar o momento, o momento certo para começar, onde Deus permitir.

O objetivo agora do projeto Orinoco é a promoção da saúde, através da lavagem das mãos e do uso da máscara facial, infelizmente. Graças a Deus, agora os adultos se conscientizaram sobre a importância de lavar as mãos, e as crianças estão criando seus hábitos, pouco a pouco, mas estamos conseguindo, graças a Deus, a construção dos banheiros, para eles tomarem banho, é excelente. As pessoas nos agradeciam: “Que bom que aqui temos um lugar para tomar banho!”

Nós fornecemos o shampoo, o sabão, porque eles não tinham. Verdadeiramente, as pessoas que precisam deste projeto nos agradeceram, você não tem ideia de quanto. As mulheres iam lavar o cabelo, havia tempo que não lavavam o cabelo. Até ajudamos com o desodorante muitas vezes, graças a Deus! Graças a isso, vi que tanto o projeto, quanto as pessoas que tiveram a necessidade de usar isso, se beneficiaram muito. E, graças a isso, eles não voltaram à Venezuela.

Como me sinto? Na primeira vez que cheguei, me senti como uma estranha, fora do lugar. Mas graças a Deus mais tarde vi que tudo isso tinha um sentido, através deste projeto, que é Caritas Brasileira e o Projeto Orinoco, porque nos ajudar é o que faz a diferença e o outro diz para si mesmo: “ele está me ajudando, ele que é meu amigo venezuelano”. E pensa: “se eles estão me ajudando, eu tenho que seguir adiante”.

Ajudando as pessoas, estimulamos nelas o desejo de seguir adiante. Tratemos sempre que essa pessoa não perca a esperança de que vai conseguir algo de bom para si e sua família na Venezuela. Porque muitas pessoas deixam sua família na Venezuela. Me sinto ótima em ajudar meus amigos, aos meus “chegados”, foi o que fiz aqui no Brasil.

Eu, na Venezuela trabalhava como enfermeira, e o simples fato de ajudar um ser humano a sair do perigo de vida, sair da morte, é mais do que satisfatório. Aqui, sinto que ajudo através das minhas palavras e com este projeto. Em nenhum outro país eu ouvi que existe esse tipo de ajuda.

ISBN 978-688606258-5



9 786886 062585